

**esec**

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO  
DE COIMBRA

Departamento de Educação

Mestrado em Educação de Adultos e Desenvolvimento Local

## Jovens e Idosos Promotores de Desenvolvimento Local

Sandra Sofia de Oliveira Rodrigues

Coimbra, 2014



**esec**

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO  
DE COIMBRA

Sandra Sofia de Oliveira Rodrigues

## Jovens e Idosos Promotores de Desenvolvimento Local

Dissertação de Mestrado em Educação de Adultos e Desenvolvimento Local  
apresentada ao Departamento de Educação da Escola Superior de Educação de  
Coimbra para obtenção do grau de Mestre

Constituição do júri

Presidente: Prof. Doutor(a) Maria de Fátima Neves

Arguente: Prof. Doutor Nuno Carvalho

Orientador: Prof. Doutor(a) Lucília Salgado

Data da realização da Prova Pública: 27, novembro de 2014

Classificação: 18 Valores



## **AGRADECIMENTOS**

Quero agradecer em especial à Professora Doutora Lucília Salgado pelo interesse evidenciado pelo meu estudo, pela exigência e rigor, pela disponibilidade, atenção e dedicação demonstrada.

Aos alunos da Turma TAP11, por terem sempre mostrado interesse, disponibilidade e cuidado na realização do estudo e pela sua envolvimento e interação com os idosos.

Aos pais que acompanharam os alunos e participaram no processo de pesquisa de informação no terreno, bem como o apoio que prestaram aos seus filhos na organização da informação.

Aos idosos que participaram no estudo.

Por fim, à minha família, em especial ao meu marido e ao meu filho, amigos e colegas de trabalho, pelo apoio que me deram.

A todos vós, obrigada!

Sofia Rodrigues



## RESUMO

### **Jovens e Idosos Promotores de Desenvolvimento Local**

Resumo: Os idosos são um grupo cada vez mais presente na nossa sociedade, tornando-se importante perceber qual o contributo que eles podem ter nas comunidades, entender como podem promover o Desenvolvimento Local das suas localidades e saber quem os pode ajudar nesse processo. Os jovens, por seu lado, representam um número cada vez menor, no entanto, são eles que dão vida às suas comunidades, uma vez que participam ativamente nas várias atividades aí existentes, integram e desenvolvem projetos associativos promovendo, assim, o Desenvolvimento Local.

Nas escolas pode promover-se uma maior aproximação dos jovens em relação aos idosos; pode mostrar-se o quanto os idosos são uteis à sociedade e o que os jovens podem aprender com eles. Os jovens em colaboração com os seus professores podem desenvolver projetos com a população idosa, que visem o Desenvolvimento Local das suas localidades. Esses projetos podem envolver os seus familiares, designadamente pais, avós, irmãos e restantes familiares, bem como outros agentes da comunidade.

Percebe-se, então, que os jovens, na sua formação escolar, e os idosos, em conjunto, desempenham um papel muito importante no desenvolvimento das localidades.

O presente estudo de Investigação-Ação teve como objetivo perceber como os jovens podem tornar-se promotores de Desenvolvimento Local, através da relação com o Património Cultural Imaterial dos idosos da sua comunidade e pela formação recebida numa Escola Profissional. Foi realizado por dezanove alunos, do curso de Técnico de Apoio Psicossocial, na disciplina de Comunidade e Intervenção Social, no módulo “Terceira Idade e Velhice”.

Consistiu em fazer o levantamento das representações dos alunos em relação aos idosos, antes de procederem à realização da pesquisa no terreno. Depois de efetuado esse levantamento, os alunos realizaram a recolha de informação, nas suas localidades de residência, junto de idosos, acerca dos diferentes domínios dos saberes que

integram o Património Cultural e Imaterial. As informações recolhidas foram registadas e documentadas em diários de bordo, elaborados pelos alunos.

Seguidamente, realizaram-se quatro sessões de *Focus Group*, duas com cada grupo, para perceber as principais mudanças de representações ocorridas nos alunos, durante e após a realização do trabalho; debater e refletir sobre as principais aprendizagens adquiridas; promover a partilha de experiências e os diferentes conhecimentos assimilados e observar os sentimentos e as emoções, resultantes, da concretização da pesquisa.

**Palavras-chave:** Idosos, Jovens, Desenvolvimento Local, Escola, Património Cultural Imaterial.



## ABSTRACT

### **Young and elder people as promoters of local development**

**Abstract:** The senior population is a group of people who are becoming more and more present in our society and so we must understand their effective contribution to Local Development as well as perceive who is more able to help them in the process. The number of young people keeps decreasing although they are those who give joy to local villages when participating in their local activities, creating and promoting new associative works that lead to Local Development.

School can help to promote interaction between young and senior people. It is possible to show how the elders can be a surplus value to young people and how much they could teach them. At school, students along with their teachers can have activities of interaction with the older population that would contribute to Local Development. These projects can involve interaction among parents, grandparents, brothers and/or others, as well as other community members.

It's then easy to understand that young people while students can play a very important role as far as Local Development is concerned.

The present research work had as its central goal to know how young people can become promoters of Local Development, through their relationship with the cultural intangible heritage of the senior population in their communities and their classes in a Professional School. It was accomplished by nineteen students, from the Psychosocial Support Technician Course, at the subject of Community and Social Interference, concerning Module "Old people and Age".

It consisted of a study about the ideas that students had concerning senior population before they start their effective work with them. The students gathered information at their villages where they have talked to old people about the different types of knowledge that refer to Cultural Intangible Heritage. The students created a "log-book" where they have registered the gathered information.

Later on, four *Focus Group* sessions took place, two with each group, to understand the main changes of ideas concerning old people while and after doing their “jobs”, debate and think about the most important knowledge acquired during the process, promoting sharing of experiences and observe feelings and emotions when it comes into an end.

**Keywords:** Senior citizens, young people, Local Development, School, Cultural Intangible Heritage.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	1
Introdução .....	3
1ª PARTE REFERÊNCIAS TEÓRICAS E CONCEPTUAIS .....	7
1. Cultura .....	9
1.1. Conceito de Cultura.....	9
1.2. Culturas Locais.....	11
2. Património Cultural Imaterial .....	15
2.1. Origem e Evolução do Património .....	15
2.2. Património Cultural Imaterial em Portugal .....	20
3. Desenvolvimento Local .....	25
3.1. Conceito de Desenvolvimento .....	25
3.2. Conceito de Desenvolvimento Local .....	27
4. Terceira Idade e Velhice .....	31
4.1. Envelhecimento Demográfico .....	31
4.2. Conceito de Envelhecimento.....	36
4.3. Interpretações acerca do Envelhecimento .....	38
5. Ensino Profissional .....	45
5.1. Jovens no Ensino Profissional.....	45
5.2. O que são Escolas Profissionais .....	46
5.3. Criação das Escolas Profissionais .....	47
5.4. Políticas Inerentes ao Ensino Profissional .....	48
5.5. Estrutura Modular das Escolas Profissionais .....	51
5.6. Fatores de Sucesso do Ensino Profissional .....	53

2ª PARTE FUNDAMENTOS E PROCEDIMENTOS DA INVESTIGAÇÃO .....	57
1. Objetivos da Investigação .....	59
1.1. Objetivo Geral .....	59
1.1.1. Objetivos Específicos .....	59
2. Questão de Partida .....	60
2.1. Questões Orientadoras .....	60
3. Investigação- Ação.....	61
3.1. Estudo de Investigação-Ação .....	61
4. Contexto de Intervenção .....	65
4.1. Tondela .....	65
4.1. Escola Profissional de Tondela .....	72
4.2. Curso de Técnico de Apoio Psicossocial.....	73
4.3. Comunidade e Intervenção Social .....	74
4.4. Terceira Idade e Velhice.....	74
5. Estratégias de Intervenção .....	76
5.1. Etapas da Intervenção.....	76
6. Instrumentos de Recolha de Dados .....	78
6.1. Pesquisa Documental.....	78
6.2. Pesquisa Bibliográfica .....	79
6.3. Diário de Bordo .....	79
6.4. Focus Group .....	80
6.5. Observação Direta da Investigadora.....	81
7. Instrumentos de Análise de Dados.....	83
7.1. Análise de Conteúdo - Focus Group .....	83

3ª PARTE ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS .....	87
1. Representações dos Jovens à Partida .....	89
1.1. Em relação aos Idosos .....	89
1.2. Em relação aos outros Jovens.....	91
1.3. Em relação ao que os alunos consideram que os idosos pensam dos jovens .	94
1.4. Em relação à Sociedade e Comunidade .....	95
1.5. Em relação ao Património Cultural Imaterial.....	96
2. Mudanças sentidas pelos alunos com a realização do trabalho .....	96
2.1. No que respeita aos Idosos (Durante a realização).....	96
2.2. No que respeita ao Património Cultural Imaterial (Durante a realização) .....	98
2.3. No que respeita aos Idosos (Após a realização).....	99
2.4. No que respeita aos Jovens.....	100
2.5. No que respeita aos seus familiares.....	101
2.6. No que respeita ao Património Cultural Imaterial.....	102
3. Os Saberes.....	103
3.1. Construção do Saber.....	103
3.2. Marcas de Entusiasmo e Interesse.....	104
3.2.1. No Início da Pesquisa.....	104
3.3. Tipos de Aprendizagens – Património Cultural Imaterial.....	107
3.3.1. Tradições e Expressões Orais .....	107
3.3.2. Artes do Espetáculo.....	108
3.3.3. Práticas Sociais, Rituais e Eventos Festivos .....	109
3.3.4. Conhecimentos e usos relacionados com a Natureza e o Universo ...	110
3.3.5. Técnicas Artesanais Tradicionais.....	110

3.4. Importância atribuída aos saberes dos idosos.....	111
3.4.1. Importância conferida pelos alunos.....	111
3.4.2. Importância atribuída pelos jovens e pela sociedade .....	112
3.4.3. Importância dada pelos Idosos .....	113
3.4.4. Sugestões para Preservar o Património Cultural Imaterial.....	113
4. Desenvolvimento Local .....	114
4.1. Saberes dos Idosos e Desenvolvimento Local.....	114
4.1.1. Jovens e Idosos promotores de Desenvolvimento Local nas suas Localidades .....	116
4.2. Património Cultural Imaterial e Desenvolvimento local .....	117
4.3. Perspetivas de Futuro.....	118
4.3.1. Património Cultural Imaterial e Saberes dos Idosos .....	119
4.3.2. Sugestões para a sua Continuidade .....	121
4.3.3. Património Cultural Imaterial nas Escolas .....	122
5. Processo de Intervenção Pedagógica .....	124
5.1. Abordagem aos conceitos de Património Cultural Imaterial e Desenvolvimento Local .....	124
5.2. Levantamento das Representações à Partida.....	124
5.3. Construção de um Guião de Entrevista .....	124
5.4. Pesquisa realizada pelos Alunos.....	124
5.4.1. Desafio à Realização – Levantamento dos Dados nas Localidades...	125
5.4.2. Acompanhamento aos Alunos nos Registos .....	125
5.5. Sessões de Focus Group .....	125
Conclusões e Recomendações.....	127
Referências Bibliográficas .....	137

APÊNDICES.....	147
Apêndice I – Guião do <i>Focus Group</i> .....	149
Apêndice II – Transcrições <i>Focus Group</i> .....	155

## **ABREVIATURAS**

CL – Culturas Locais

PC – Património Cultural

PCI – Património Cultural Imaterial

PCN – Património Cultural Natural

DL – Desenvolvimento Local

PI – Património Imaterial

EPT – Escola Profissional de Tondela

EP – Ensino Profissional

LBSE – Lei de Bases do Sistema Educativo

GETAP - Gabinete de Educação Tecnológica, Artística e Profissional

CP – Cursos Profissionais

NACEM - Núcleo de Apoio à Concretização da Estrutura Modular

EM – Estrutura Modular

IA – Investigação - Ação

ADERETON – Associação de Desenvolvimento da Região de Tondela.

FG – Focus Group

PT & CMT – Pensar Território e Câmara Municipal de Tondela



## **GRÁFICOS**

Gráfico nº 1 – Evolução do Índice de Envelhecimento em Portugal, 1970 a 2013... 31	31
Gráfico nº 2 – Evolução do Índice de Longevidade, 1970 a 2013..... 32	32
Gráfico nº 3 – Evolução da Taxa de Natalidade, 1992 a 2013..... 33	33
Gráfico nº 4 - Evolução da Taxa de Fecundidade, 1975 a 2013..... 33	33
Gráfico nº 5 – Esperança de vida à nascença. .... 34	34
Gráfico nº 6 – Esperança de vida aos 65 anos..... 34	34
Gráfico nº 7 – População Residente em Tondela, 2001 a 2013. .... 67	67
Gráfico nº 8 – População Residente _2001 a 2013. .... 67	67
Gráfico nº 9 – Índice de envelhecimento, 1991 a 2013. .... 68	68

## **IMAGENS**

Imagem nº 1 – Concelho de Tondela ..... 65	65
Imagem nº 2 – Atuais Freguesias do Concelho de Tondela..... 66	66

## **QUADROS**

Quadro nº 1 – Processo de Investigação-Ação ..... 64	64
Quadro nº 2 – População Ativa e Ramos de Atividade ..... 70	70
Quadro nº 3 – Principais Práticas de Lazer e Turismo no Concelho de Tondela ..... 71	71
Quadro nº 4 – Equipamentos Sociais existentes no Concelho de Tondela ..... 71	71
Quadro nº 5 - Matriz de Redução de Dados..... 85	85



## **INTRODUÇÃO**



## INTRODUÇÃO

O presente estudo de investigação-ação intitulado *Jovens e idosos portadores de desenvolvimento local* surge no âmbito da dissertação de Mestrado em Educação de Adultos e Desenvolvimento Local, na Escola Superior de Educação de Coimbra. Realizou-se na Escola Profissional de Tondela, com os alunos do Curso de Técnico de Apoio Psicossocial, na disciplina de Comunidade e Intervenção Social, no módulo “Terceira Idade e Velhice”. O estudo consistiu em os alunos realizarem uma pesquisa e recolha de informação, junto da população idosa, acerca dos diferentes domínios dos saberes que integram o Património Cultural Imaterial (PCI). As localidades que foram alvo do estudo foram as áreas de residência dos alunos.

A pertinência do estudo consistiu em saber quais as representações dos jovens em relação aos saberes tácitos e experienciais dos idosos e do PCI e de que modo esses saberes contribuem para o Desenvolvimento Local (DL) das Comunidades. Tem como objetivo perceber como é que os jovens podem ser promotores de DL através da relação com o PCI dos idosos da sua comunidade e pela formação recebida numa Escola Profissional.

O DL de uma comunidade implica que todos os elementos dessa mesma comunidade participem, tenham um papel ativo, possam exercer o seu direito de cidadania. Ao contrário do que habitualmente tem vindo a acontecer, o grupo dos idosos deveria exercer um papel mais determinante no que respeita ao DL da sua comunidade bem como desempenhar um papel mais preponderante, uma vez que ainda possui capacidades cognitivas e físicas para tal.

Constituem um grupo cada vez mais significativo na nossa sociedade que não deve ser ignorado, tornando-se crucial apostar cada vez mais nos saberes de que são detentores para os transmitir às gerações mais novas, para que elas, também lhes atribuam maior significado e importância.

Em contexto de formação escolar, os jovens ao terem a possibilidade de contactar diretamente com os diferentes grupos existentes nas comunidades permite-lhes observarem as suas realidades, de realizarem estudos e intervenções junto das mesmas, tal como sucedeu neste estudo, com o grupo de idosos. É uma forma de os jovens se

darem a conhecer aos idosos e vice-versa, de dialogarem e interagirem, de promoverem a participação, de estreitarem relações, de conhecerem em primeira mão as suas histórias de vida, experiências, marcos importantes de suas vidas.

Conseguindo que os jovens mostrem interesse pelos saberes dos idosos e os idosos em transmitir esses mesmos saberes aos jovens, podem, em conjunto, ser um elemento importante na promoção do desenvolvimento da sua comunidade, sendo que a escola desempenha aqui um papel muito importante.

Como documento escrito, este estudo apresenta-se estruturado em três partes:

A primeira parte intitula-se Referências Teóricas e Conceptuais. No tema que diz respeito à Cultura, é abordado o conceito de cultura e percebido a importância das culturas locais; no que respeita ao tema do PCI faz-se referência à origem e evolução do Património e do PCI em Portugal; no tema dedicado ao DL é analisado o conceito de Desenvolvimento e de DL; quanto ao tema da Terceira idade e Velhice é analisada a situação do envelhecimento demográfico em Portugal; entende-se o conceito de envelhecimento e ilustram-se algumas interpretações acerca do envelhecimento; por último, no que designa ao tema do Ensino Profissional (EP), analisa-se a importância dos jovens no EP, define-se o que são Escolas Profissionais, apresenta-se o seu processo de criação, são abordadas as políticas evolutivas inerentes ao EP, é dada a conhecer a Estrutura Modular (EM) das Escolas Profissionais e são evidenciados os fatores de sucesso do EP.

A segunda parte denomina-se Fundamentos e Procedimentos de Investigação. Nela integram-se os objetivos gerais e específicos da investigação, a questão de partida e as questões orientadoras; as razões de ser um estudo de Investigação-Ação (IA); descreve-se o contexto de intervenção onde se desenvolveu: Tondela, a escola, o curso e a turma, a disciplina e o módulo; elencam-se as estratégias de intervenção; apresentam-se os diferentes instrumentos de recolha de dados e os instrumentos de análise de dados.

A terceira parte designa-se Análise e Discussão de Dados. Aí, estão contemplados os resultados provenientes do estudo realizado, procurando, assim, dar resposta às ques-

tões orientadoras e à pergunta de partida. São ainda apresentadas pistas para a ocorrência de DL.

Por fim, nas Conclusões e Recomendações, são explanadas as principais conclusões da IA. Procura-se responder aos diferentes objetivos específicos que a IA definiu estudar. São, igualmente, apontadas algumas recomendações daquilo que se poderá fazer, para promover o PCI das localidades, os saberes dos idosos e potenciar o DL.





**1ª PARTE**  
**REFERÊNCIAS TEÓRICAS**  
**E CONCEPTUAIS**



## 1. Cultura

O primeiro grande tema a ser abordado no presente estudo compreende os conceitos de “Cultura” e de “Culturas Locais (CL)”<sup>1</sup>. Entendemos que a partir da sua análise, conseguiremos perceber melhor a importância que a cultura desempenha numa determinada comunidade, e em que medida poderá contribuir para o seu desenvolvimento.

### 1.1. Conceito de Cultura

Quando se fala em cultura vem-nos à memória o nosso passado, nomeadamente tudo o que os nossos pais e as pessoas onde residíamos nos ensinaram e que nós fomos assimilando ao longo dos anos. Para melhor perceber este conceito, Giddens (1997, p.47) refere-nos que a cultura diz respeito

“aos modos de vida dos membros de uma sociedade, ou de grupos dessa sociedade. Inclui a forma como se vestem, os costumes de casamento e de vida familiar, as formas de trabalho, as cerimónias religiosas e as ocupações dos tempos livres. Abrange também os bens que criam e que se tornam portadores de sentido para eles”.

Para si, o que está relacionado com as vivências e práticas de um grupo de pessoas que vive numa determinada comunidade pode ser interpretado como fazendo parte da cultura. Da cultura, fazem parte as práticas e os comportamentos sociais tidos por um grupo<sup>2</sup> e que são transmitidos pelas gerações ao grupo social, os elementos espirituais<sup>3</sup> e materiais<sup>4</sup> (Pité, 1997).

Na perspectiva de Rocher (1982, p.198) cultura é

“um conjunto ligado de maneiras de pensar, de sentir e de agir mais ou menos formalizadas que, sendo apreendidas e partilhadas por uma pluralidade de pessoas, servem, duma maneira simultaneamente objectiva e simbólica, para organizar essas pessoas numa colectividade particular e distinta”.

Podemos assim dizer que a cultura está associada aos pensamentos, sentimentos e ações que são apreendidas e partilhadas pelas pessoas de uma dada comunidade, que

---

<sup>1</sup> Daqui em diante passa a ser denominado pela sigla CL.

<sup>2</sup> Língua, ritos, cultos, tradição mitológica, vestuário, habitat e artesanato.

<sup>3</sup> Expressões ideológicas, religiosas e literárias.

<sup>4</sup> Obras da sociedade, técnicas, tecnologias, artes, entre outros.

são diferentes dos pensamentos, sentimentos e ações das outras comunidades. Portanto, cada comunidade é singular, particular e distinta das demais, mas todas são possuidoras da sua própria cultura, uma vez que não há nenhuma sociedade humana capaz de existir sem cultura (Giddens, 1997; & Titiev, 2002) e não há nenhuma cultura capaz de existir sem uma sociedade (Giddens, 1997) e, é o único ser capacitado a criar e a manter sistemas de cultura (Titiev, 2002).

Para Giddens (1997, p.46) a cultura

“consiste nos valores de um dado grupo de pessoas, nas normas que seguem e nos bens materiais que criam”.

Como refere o autor, os valores são direcionados a um grupo específico de pessoas, que os aceita e partilha, pois fazem parte do seu sistema de valores. A partir dos valores, surgem as normas, ou seja, as regras que o grupo define e considera que devem ser instituídas para garantir que tudo funcione dentro da normalidade. Os bens materiais são os elementos que fazem parte da história do grupo que foram criados por si e pelos seus antecedentes.

A forma como a cultura é apreendida difere de sociedade para sociedade, uma vez que o seu sistema de valores é, igualmente, diferente. Para Titiev (2002) cada uma delas determina as formas, que culturalmente são próprias e impróprias. A aprendizagem dos valores e das normas varia de cultura para cultura, reflexo da grande diversidade de cultura humana existente (Giddens, 1997; & Worsley, 1983), das múltiplas «naturezas humanas» que são distintas de sociedade para sociedade Worsley (1983) e da maneira idiossincrática como cada pessoa assimila essa cultura (Rocher, 1982).

Assim, é possível verificar que cada pessoa assimila e entende a cultura de maneira diferente. Conquanto, a cultura também se acumula e sofre acrescentos, não possuindo somente a finalidade de herdar e receber (Worsley, 1983). O ser humano possui a capacidade de ensinar e transmitir as suas experiências aos mais novos. Essa transmissão da cultura é feita a partir de uma codificação, classificação e concentração da experiência numa determinada forma de linguagem (Worsley, 1983). É

“um produto social e uma propriedade social, transmitida através do ensino de geração em geração, de modo que, como indivíduos, podemos começar onde a última e mais avançada geração parou” (Worsley, 1983, p.29).

A cultura é assim assimilada de diferentes maneiras pelos indivíduos, não sendo só herdada e recebida, mas, também, acumulada e modificada, mediante o contexto de aprendizagem. Só o ser humano é capaz de ensinar aos outros as suas aprendizagens, deixando a sua marca e a forma como o faz, que nem sempre será a mesma.

Sendo a cultura transmitida por um indivíduo a outro indivíduo, essa cultura é proveniente das aprendizagens que o primeiro adquiriu dos seus antecessores e das vivências adquiridas no presente e que ainda pratica na comunidade com os seus semelhantes. A cultura é praticada nas comunidades, pois, é lá que residem as pessoas, daí que seja em nosso parecer importante entender a importância das CL.

## **1.2. Culturas Locais**

A cultura desempenha um papel muito importante na comunidade e na vida das pessoas que a ela pertencem. É a cultura que distingue uma comunidade de outra, pela maneira como está organizada e estruturada, pelos valores, normas, modos de vida, costumes, manifestações de convivialidade, pelas economias locais existentes, pela sua história e por todo o Património Cultural Imaterial (PCI)<sup>5</sup> de que é detentora.

Em muito tem contribuído o trabalho da etnografia<sup>6</sup>, da etnologia<sup>7</sup> e da antropologia<sup>8</sup> que ao estudarem os comportamentos do ser humano, ao estudarem as diferentes comunidades, as suas relações de convivialidade, a sua cultura, nos fornecem elementos novos que nos ajudam a conhecer e a compreender as características inerentes a cada sociedade.

As CL das comunidades, em nosso entender, representam a história de um povo de agora, mas também de um povo que já partiu, contudo, deixou registos da sua obra e dos seus saberes às pessoas que ali vivem. As comunidades comportam as mudanças ocorridas ao longo dos tempos - histórica, política, cultural, social, entre outras, dife-

---

<sup>5</sup> Daqui em diante passa a ser denominado pela sigla PCI.

<sup>6</sup> Segundo Guerreiro (1997) é a ciência da cultura, significa descrição de um povo ou povos, ou seja, dos seus costumes.

<sup>7</sup> De acordo com Tischner (1972), é a ciência da cultura humana, a qual procura conhecer em pormenor as comunidades e entender quais as práticas de cada uma delas.

<sup>8</sup> Na perspectiva de Gonçalves (1992) é a ciência que estuda o homem na sua identidade e alteridade.

rente da de agora, mas que é importante conhecer. Constituem a identidade de um povo, traduzem um sentimento de pertença, e são uma fonte de Património Cultural (PC)<sup>9</sup>. Enquanto PC, segundo (Gonçalves, 1992, p.118), a cultura

“identifica-se com os modelos de comportamento e com a produção da sociedade, constituindo a herança tradicional que caracteriza o indivíduo e a sociedade, bem como os seus modos particulares de viver, de pensar e de agir”.

Consideramos que as pessoas têm a capacidade de revitalizar a história, a cultura, o património de que são portadores e detentores, promovendo o Desenvolvimento Local (DL)<sup>10</sup> da sua localidade. Esse trabalho poderá ser feito primeiro dentro da própria comunidade, pois, muitas vezes quem nela reside é desconhecadora do que possui e não o valoriza.

Se as crianças, desde pequenas, forem conhecendo a cultura, a história e tudo o que está relacionado com a identidade da sua comunidade; se os seus pais e familiares, apresentarem e partilharem esses conhecimentos com as elas, e, se em conjunto, participarem nas diversas atividades culturais, sociais, recreativas que se realizam na comunidade poderão desenvolver um sentimento de pertença mais forte e uma ligação mais próxima com a sua localidade.

Se as escolas e as entidades locais, por sua vez, trabalharem com as crianças estas temáticas estarão a fazer com que se identifiquem mais com os elementos da sua terra e a aprender a dar-lhe mais valor.

Se os jovens, na sua formação escolar, tiverem a oportunidade de realizar trabalhos de pesquisa, nas suas comunidades acerca do PCI, a escola estará a fomentar junto dos alunos, a aquisição de novos saberes e a proporcionar uma mudança de mentalidades e a dar uma nova perspetiva do que existe nas localidades.

Se as famílias partilharem entre si e na comunidade as aprendizagens provenientes dos diferentes contextos em que foram apreendidos (contexto formal e não formal), estarão a transmitir novos valores aos seus filhos, acerca do PCI, estarão a promover o diálogo nas famílias e na comunidade, estarão a promover as CL e o Património que nelas existe.

---

<sup>9</sup> Daqui em diante passa a ser denominado pela sigla PC.

<sup>10</sup> Daqui em diante passa a ser denominado pela sigla DL.

A pesquisa/descoberta do Património, na perspetiva de Salgado (2009, p.201)

“é a primeira fase de qualquer processo de Desenvolvimento Local”.

Ao falarmos de Cultura, falamos de Património. No caso concreto do presente estudo, centramo-nos nos cinco domínios que o PCI integra e que os idosos são detentores e que podem transmitir às gerações mais novas, principalmente às crianças e aos jovens das suas comunidades, estando, assim, a participar na educação dos mais jovens.

O tema que a seguir se apresenta é dedicado à análise da evolução do PCI, são conhecidos os domínios em que este pode ocorrer, bem como o que cada um deles pode incorporar. Para finalizar, neste tema é abordada a importância conferida ao PCI em Portugal.





## **2. Património Cultural Imaterial**

Dado que o estudo vai incidir nos vários domínios que o PCI integra, importa precisar o conceito de Património e ter uma noção mais abrangente de tudo o que foi feito por parte da UNESCO<sup>11</sup> para que o Património continuasse a ser assegurado e salvaguardado. Ao estudar a evolução do Património, verificamos que em 2003 surge a Convenção para a salvaguarda do PCI, tornando-se um elemento muito importante de análise. Para finalizar, é percebida a situação do PCI no nosso país.

### **2.1. Origem e Evolução do Património**

A categoria de Património Imaterial (PI) foi marcada por dois grandes momentos. O primeiro ocorreu no início da década de 70, fruto da reação, dos países em vias de desenvolvimento, à Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural e do impedimento de poderem inscrever na lista do Património Mundial, definida pela Convenção, as expressões predominantes em muitas das suas sociedades, dado que a Convenção visava somente a proteção do património de carácter monumental. O segundo, verificado entre 1982 e 1989, em 1982 foi desenvolvido e criada no interior da UNESCO a Secção de Património Não-Material, e em 1989, a Recomendação para a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular (Costa, 2009).

Na década de 90, a UNESCO criou alguns programas para proteger a cultura tradicional e popular, salientando-se a Proclamação das Obras-Primas do Património Oral e Imaterial da Humanidade<sup>12</sup>, que levou ao aparecimento, em 2003, da Convenção para a Salvaguarda do PCI (Costa, 2009). Esta Convenção veio ressaltar o PCI e sensibilizar para a importância que as comunidades e indivíduos de cada nação desempenham no zelo e proteção pelo que de melhor têm e de o transmitir às gerações seguintes, como se poderá comprovar mais à frente. Tal facto, também se reporta ao

---

<sup>11</sup> UNESCO é a sigla para Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.

<sup>12</sup> Ocorrido em 1997/1998. Por sua vez, em 1999, a UNESCO criou uma distinção internacional denominada “Proclamação das Obras-Primas do Património Oral e Imaterial da Humanidade”, para distinguir os exemplos mais notáveis de espaços culturais ou formas de expressão popular e tradicional. Na totalidade foram realizadas três edições de Proclamações.

contexto nacional, principalmente a partir do momento em que entrou em vigor. Com efeito, para uma melhor clarividência e entendimento dos marcos evolutivos inerentes ao PCI, bem como da sua importância, à escala global, vão ser apresentadas em seguida, as conquistas que foram feitas, até então, neste domínio.

Para iniciar, convém precisar o conceito de Património. Na perspetiva de Ballart (1997) o património começa no momento em que um indivíduo ou um grupo de indivíduos identifica como próprios um objeto ou um conjunto de objetos. Partindo desta definição, podemos dizer que Património é um conjunto de bens, de valor indeterminado, deixado por uma geração (grupo, comunidade e ou indivíduo) num determinado momento, contexto e situação, a outra e assim sucessivamente. Indubitavelmente, cada geração terá o dever de salvaguardar, proteger e valorizar o que lhe foi transmitido, não permitindo a sua destruição em detrimento da transformação social, e, na medida do possível, acrescentando novos elementos.

Para assegurar a continuidade do Património foram criadas várias Convenções por parte da UNESCO. Neste sentido, a primeira a emergir foi a da Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural<sup>13</sup>, uma vez que existiam indicadores de que o Património Cultural e Natural (PCN)<sup>14</sup> estavam ameaçados de destruição, e como consequência o mesmo poderia deixar de existir, contribuindo, assim, para o empobrecimento de todos os povos. O aparecimento desta convenção veio reforçar a ideia de que o PCN é revestido de extrema importância e por esse motivo, deve ser preservado e salvaguardado.

No seu artigo 1º<sup>15</sup> indica-se que fazem parte do PC, os monumentos, os conjuntos e os locais de interesse. No artigo 2º, pode considerar-se Património Natural os monumentos naturais, as formações geológicas e fisiográficas e os locais de interesse naturais ou zonas naturais estritamente delimitadas.

---

<sup>13</sup> Também designada por Convenção do Património Mundial. Adotada na 17ª Sessão da Conferência Geral da UNESCO, em Paris, a 16 de novembro de 1972.

<sup>14</sup> Daqui em diante passa a ser denominado pela sigla PCN.

<sup>15</sup> Da Convenção da Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural.

Em 1989 foi adotada a recomendação para a salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular<sup>16</sup>. Ao considerar o folclore parte do património universal da humanidade e do património cultural e cultura viva, apresenta-se como um veículo eficaz na aproximação dos povos e grupos sociais e na afirmação da sua identidade. Comumente, sabendo da fragilidade envolta das formas tradicionais do folclore, principalmente, as que estão ligadas à tradição oral e o risco de se puderem perder, os países foram sensibilizados a reconhecer o papel que este desempenha e aos perigos que está sujeito, assim, os governos foram incentivados a zelar pela sua salvaguarda.

A Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural<sup>17</sup> reflete sobre algumas questões, entre elas, a importância que a divulgação da cultura e educação da humanidade para a justiça, liberdade e paz desempenham, na dignidade do homem, e constituem um dever que todos os países terão de cumprir, com responsabilidade e espírito de colaboração. Considera a cultura como o conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e abrange além das artes e das letras, os modos de vida, as maneiras de viver juntos, os sistemas de valores, as tradições e as crenças. Procura uma maior solidariedade baseada no reconhecimento da diversidade cultural, na consciência da unidade da pessoa humana e no desenvolvimento das relações culturais.

Podemos confirmar que a cultura é composta por diferentes elementos característicos e distintos de sociedade para sociedade e conforme o exposto no artigo 1º<sup>18</sup> a cultura possui diversas formas no tempo e no espaço, sendo manifestada pela multiplicidade de identidades respeitantes aos grupos e às sociedades.

No ano seguinte, foi aprovada a Declaração de Istambul<sup>19</sup>. Em conformidade com o documento, o PCI refere-se a um conjunto de práticas vivas e recriadas, conhecimentos e representações disponibilizados aos indivíduos e comunidades, para expressarem a sua conceção do mundo, por meio de sistemas de valores e padrões éticos. To-

---

<sup>16</sup> Ou do Folclore. Adotada na 24ª Reunião da Conferência Geral da Unesco, em Paris, a 15 de novembro de 1989.

<sup>17</sup> Adotada durante a 31ª Sessão da Conferência Geral da UNESCO, em Paris, a 2 de novembro de 2001.

<sup>18</sup> Da Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural.

<sup>19</sup> Adotada na Terceira Mesa Redonda de Ministros da Cultura a declaração intitulada “*Intangible Cultural Heritage, mirror of cultural diversity*”, em Istambul, Turquia, a 16-17 de setembro de 2002.

dos estes elementos traduzem o que de melhor uma comunidade produz e possui, conferindo-lhe significado e importância e refletindo maior união e sentimento de pertença entre as suas gentes. Constatamos que o PCI contribui para a construção da identidade social das comunidades, nas relações que estas estabelecem entre si, e na aproximação e interajuda que o mesmo possibilita.

Dada a preocupação crescente por parte da UNESCO com a salvaguarda do PCI, foi criada em 2003 a Convenção para salvaguarda do PCI<sup>20</sup>. Através do seu artigo 1º, denotamos que esta tem como objetivo a salvaguarda do PCI; o respeito do PCI das comunidades, grupos e indivíduos envolvidos; a sensibilização a nível local, nacional e internacional da importância do PCI, a sua apreciação recíproca, a cooperação e a assistência internacionais.

As principais razões de ser desta Convenção estão relacionadas com a interdependência entre o PCI e o património material, cultural e natural; a busca de instrumentos multilaterais com carácter vinculativo que visem a salvaguarda do PC; a luta contra a intolerância e as ameaças de degradação, desaparecimento e destruição do PCI, em resultado dos processos de globalização e de transformação social; com a vontade universal e preocupação comum em salvaguardar o PCI da humanidade, uma vez que é fator constitutivo de aproximação, intercâmbio e entendimento entre as pessoas.

Em contrapartida, será necessário consciencializar todas as gerações, principalmente as mais novas, para a importância e salvaguarda do PCI. Se o fizerem, estarão certamente a desempenhar um papel importante na sua produção, salvaguarda, manutenção e recriação do PCI, além de contribuírem para o enriquecimento da diversidade cultural e da criatividade humana.

No entendimento de Costa (2009), esta Convenção reporta-se a uma lógica de conservacionismo cultural, devendo constituir-se como instrumento de sensibilização em todo o mundo, para o perigo crescente do desaparecimento de modos tradicionais de comunidades.

---

<sup>20</sup> Adotada na 32ª Sessão da Conferência Geral da UNESCO, em Paris, a 17 de outubro de 2003.

De acordo com o artigo 2º/ nº1<sup>21</sup>, o PCI refere-se às práticas, representações, expressões, conhecimentos, competências, instrumentos, objetos e espaços culturais reconhecidos como fazendo parte do património cultural das comunidades, grupos e indivíduos. Transmite-se de geração em geração estando constantemente a ser recriado pelas comunidades e grupos. No seu artigo 2º/ nº2 e atendendo ao exposto no artigo 2º/ nº1, o PCI, ocorre em cinco domínios, a saber: tradições e expressões orais; artes do espetáculo; práticas sociais, rituais e atos festivos; conhecimentos e usos relacionados com a natureza e o universo e técnicas artesanais tradicionais.

Na perspetiva de Cabral (2009) no domínio das tradições e expressões orais integram-se os provérbios, adivinhas, histórias, rimas de embalar, lendas, mitos, canções, poemas épicos, encantamentos, rezas, cânticos, canções, desempenhos dramáticos, entre outros; no domínio das artes do espetáculo incluem-se a música, a dança, o teatro, a pantomima, versos cantados e certas formas de contar histórias; no domínio das práticas sociais, rituais e atos festivos encontram-se as atividades diárias das vidas das comunidades e dos grupos, relacionadas com o ciclo de vida dos indivíduos e dos grupos, como o calendário agrícola, a sucessão das estações ou outros sistemas temporais, os quais se realizam em público ou em privado; no domínio dos conhecimentos e usos relacionados com a natureza e o universo está o conhecimento, o saber-fazer, as competências, as práticas e representações desenvolvidas e transmitidas pelas comunidades, que podem ser expressas através da língua, das tradições orais, de memórias, da espiritualidade, entre outras; no domínio das técnicas artesanais tradicionais contemplam-se as roupas, jóias, trajes, objetos, artes decorativas, objetos e instrumentos musicais, utensílios domésticos, brinquedos, ferramentas.

Consideramos que a emergência das Convenções e Declarações abordadas visam a salvaguarda dos diferentes tipos de Património existente em todo o mundo, em particular em cada Estado-Nação, pois, é impulsionador de desenvolvimento, de reconhecimento e de união entre as pessoas. Faz parte da matriz cultural de cada um e da comunidade, adquirindo, assim, um significado e importâncias extremas para todos os que a ela pertencem, trata-se de um fator que demarca uma comunidade de outra.

---

<sup>21</sup> Da Convenção para a salvaguarda do PCI.

Cada comunidade é caracterizada pelas suas especificidades, pelos seus saberes, conhecimentos, competências, é portadora de património, parecendo ser urgente, preservá-lo e salvaguardá-lo, pois representa a história e a vida de um povo que um dia será veiculado às gerações futuras, mas só será possível, se estiver assegurada a sua transmissão.

## **2.2. Património Cultural Imaterial em Portugal**

Em Portugal, a importância atribuída ao Património começou a notar-se mais com a criação da Lei de Bases do Património Cultural Português (LBPCP)<sup>22</sup>. Com esta Lei, o Governo ficou incumbido de apresentar um relatório sobre o estado do PC em Portugal, na Assembleia da República<sup>23</sup>. Em parte, a Lei alude aos bens imateriais<sup>24</sup>, considerando que o PC contempla as realidades que representam testemunhos etnográficos ou antropológicos com valor de civilização ou de cultura com significado para a identidade e memórias coletiva. As expressões orais de transmissão cultural e os modos tradicionais de fazer devem ser especialmente protegidos, ao tratar-se de realidades que não possuam suporte material, deve promover-se o respetivo registo gráfico, sonoro, audiovisual ou outro para efeitos de conhecimento, preservação e valorização, através da constituição programada de coletâneas que viabilizem a sua salvaguarda e fruição.

O artigo 2.º/ nº 4 e 6 refere que o PC integra os bens imateriais que constituam parcelas estruturantes da identidade e memórias coletivas portuguesas, bem como os contextos que, pela sua importância e representação de valor de testemunho, compreendam com aqueles uma relação interpretativa e informativa.

---

<sup>22</sup> Lei nº107/2001. Aprovada em 17 de julho de 2001. Emergiu da necessidade de estabelecer as bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural. Daqui em diante designado pela sigla LBPCP.

<sup>23</sup> De acordo com o artigo 113.º/ nº 5.

<sup>24</sup> Através do artigo 91.º/ nº 1, 2, 3, 4 e 5.

Desde a ratificação<sup>25</sup> da Convenção para a salvaguarda do PCI que esta se encontra em vigor em Portugal, desde Agosto de 2008. Todavia, com o Decreto Lei n.º 139/2009<sup>26</sup> torna-se perceptível o reconhecimento da importância do PCI, no envolvimento e ligação com outras políticas setoriais, na internacionalização da cultura portuguesa e na criação de um sistema de inventariação por via de uma base de dados de acesso público, que possibilita a participação das comunidades, dos grupos e indivíduos na defesa e valorização do PCI, nomeadamente do património que criam, mantêm e transmitem.

É, igualmente, valorizado o papel que a vivência e reconhecimento do PCI desempenha na sedimentação das identidades coletiva, a nível local e nacional. Em paralelo constrói-se um espaço privilegiado de diálogo, conhecimento e compreensão mútuos entre diferentes tradições. O seu regime jurídico consiste no reconhecimento da importância e diversidade do PCI, enquanto fator essencial para a preservação da identidade e memória coletivas das comunidades e grupos, assim como da relevância do papel desempenhado pelas comunidades e grupos nos processos de representação e transmissão do conhecimento. Prevê a participação das autarquias locais, uma vez que estas desempenham um papel de extrema importância, na promoção e apoio para o conhecimento, defesa e valorização das manifestações do PCI mais representativas das respetivas comunidades, incluindo as minorias étnicas.

Constitui cinco domínios de PCI, os quais se encontram no artigo 2.º/nº 2<sup>27</sup>, sendo eles: as tradições e expressões orais, incluindo a língua como vetor do PCI; as expressões artísticas e manifestações de carácter performativo; as práticas sociais, rituais e eventos festivos; os conhecimentos e práticas relacionadas com a natureza e o universo; as competências no âmbito de processos e técnicas tradicionais.

<sup>25</sup> Decreto do Presidente da República n.º 28/2008, de 26 de março. Diário da República nº 60/08 - Iª Série. Aprovada para ratificação, pela resolução da Assembleia da República n.º 12/2008, em 24 de janeiro de 2008.

<sup>26</sup> Decreto-Lei n.º 139/2009, de 15 de junho. Diário da República nº 113/09 - 1ª Série. Estabeleceu o regime jurídico de salvaguarda do PCI, em desenvolvimento do disposto na Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro, que estabeleceu as bases da política e do regime de proteção e valorização do PC, de harmonia com o direito internacional, nomeadamente com a Convenção para a Salvaguarda do PCI, de 2003, aprovada pela Resolução da Assembleia da República n.º 12/2008, de 24 de janeiro, e ratificada pelo Decreto do Presidente da República n.º 28/2008, de 26 de março.

<sup>27</sup> Surge no desenvolvimento do regime jurídico estabelecido pela Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro, e nos termos da alínea c) do n.º 1 do artigo 198.º da Constituição.

Em termos de aplicação do Decreto<sup>28</sup>, é de realçar que somente considera como PCI aquele que se considere compatível com as disposições nacionais e internacionais, que vinculem o Estado Português em matéria de direitos humanos, tal como as exigências de respeito mútuo entre comunidades, grupos e indivíduos.

Atendendo às novas competências orgânicas, resultantes do Programa de Reestruturação da Administração Central do Estado, o Decreto Lei n.º 139/2009 refere que a responsabilidade de coordenar as diversas atividades relacionadas com a salvaguarda do PCI recai sobre o Instituto dos Museus e da Conservação, I.P., ao qual compete articular esforços para potenciar sinergias na salvaguarda do património.

Com a criação do Decreto Lei n.º 115/2012, de 25 de maio, podemos verificar que a Direção-Geral do Património Cultural passou a ter a missão<sup>29</sup> de assegurar a gestão, salvaguarda, valorização, conservação e restauro dos bens que fazem parte do património cultural imóvel, móvel e imaterial do país. Passou também a ter como atribuições<sup>30</sup> o cumprimento das obrigações do Estado no domínio do estudo, valorização e divulgação do Património Imaterial.

A categoria de PCI no entendimento de Costa (2009) configura um campo de atuação no limite entre a cultura e as ciências sociais, tendo como objeto as culturas tradicionais populares e que corresponde ao domínio do Património Etnológico. Reportando este assunto para o contexto Nacional, é possível verificar que existe expressamente uma coincidência entre PCI e Património Etnológico, presente na LBPCP.

Pensamos que o PCI de uma comunidade deverá ser reconhecido por todos os seus elementos, principalmente pelos mais novos (crianças e jovens). A transmissão deverá ser feita pelos vários agentes locais, designadamente, pais, familiares, escola, instituições locais e pelas pessoas com mais experiência – os idosos. As crianças e os jovens ao estarem a assimilar conhecimentos, considerando que dele fazem parte todos os tipos de saberes, desde os mais eruditos aos mais populares (Salgado, 2009), entendemos que esses conhecimentos, não ficarão esquecidos, podendo ser utilizados mais tarde pela geração que agora os está a assimilar.

---

<sup>28</sup> Decreto-Lei n.º 139/2009, de 15 de junho, no seu artigo 1.º/n.º 3.

<sup>29</sup> Através do artigo 2.º, n.º1.

<sup>30</sup> Através do artigo 2.º, n.º 2, alínea a).



Através do conhecimento do que existe nas comunidades por parte dos mais novos, poderá verificar-se a ocorrência de DL dentro dessas mesmas comunidades. Os mais novos ao estabelecerem relações com as pessoas mais experientes das suas localidades, estarão a envolver-se e a inteirar-se das rotinas e práticas locais, estarão a mostrar interessar-se pelas pessoas das suas localidades e a ajudá-las a ter um papel mais interventivo nas suas localidades. No pensamento de (Salgado, 2009, p.205)

“um projeto de DL, a partir do património das comunidade, parece ter de passar pelos seus jovens e as suas crianças, em ligação com a geração intermédia”.

Ao conhecer-se o PCI existente na comunidade e os saberes dos idosos, poderá existir numa comunidade, DL, a partir da transmissão por parte dos idosos e dos jovens, desses mesmos saberes a toda a sua comunidade. Para tal, urge que jovens e idosos estabeleçam uma relação mais próxima, no sentido de trocarem saberes e, em conjunto, criarem ações/programas educativos que impliquem o envolvimento e a participação da comunidade local.

Uma vez que os jovens e os idosos podem promover o DL, através do PCI local, analisa-se a seguir o conceito de Desenvolvimento e de DL e entende-se o que ele pretende alcançar nas localidades.



### **3. Desenvolvimento Local**

O tema que vamos retratar a seguir é o conceito de Desenvolvimento e DL, pelo que iremos debater as diferentes dimensões que o desenvolvimento deve ter em consideração, de modo a conseguir proporcionar qualidade de vida às pessoas. Referir como o DL consegue promover a melhoria da qualidade de vida, a partir do empoderamento, da participação, dos recursos existentes, do voluntariado, entre outros fatores.

#### **3.1. Conceito de Desenvolvimento**

O conceito de desenvolvimento emergiu a partir da segunda guerra mundial com o preceito de assegurar o bem-estar, o progresso e a realização pessoal. Apareceu essencialmente associado ao crescimento económico, a indicadores quantitativos de produção e de consumo. Gadotti (2005) refere que o conceito foi utilizado numa perspetiva colonizadora, durante muitos anos, onde os países estavam divididos entre “desenvolvidos”, “em desenvolvimento” e “subdesenvolvidos”, assumindo um padrão de industrialização e de consumo. Esteve assente nos índices de crescimento económico e era considerado o grande impulsionador de desenvolvimento das sociedades, vigorando firmemente até ao fim da década de sessenta. Todavia, no início da década de setenta, este modelo de desenvolvimento foi colocado em causa por não assegurar o bem-estar e a qualidade de vida do indivíduo e das sociedades e por não se interessar pelas necessidades dos mais frágeis. Neste preâmbulo, Ruivo (2002, p.54) argumenta que

“o desenvolvimento ao contrário do crescimento meramente económico, é afinal um processo global e plurifacetado de mudança tendo em vista a qualidade de vida, animado pela procura e solidariedade e justiça social e alimentado pela participação coletiva enquanto força de expressão comunitária e individual”.

A procura da qualidade de vida, solidariedade, justiça social, participação, levou a que o conceito de desenvolvimento tivesse de ser repensado, dado que o setor económico não estava a atingir os objetivos que o desenvolvimento delineara. Deste modo, passou-se a considerar um conjunto mais vasto de setores, entre eles: educativo, participação dos cidadãos, saúde, ambiente, cultura e qualidade de vida, visto serem estes os que mais afetavam a comunidade no seu todo. Veiga (2005) acrescen-

ta que desde o seu aparecimento, na década de 1950, que o desenvolvimento tem vindo a ser alvo de debates, que deram origem a novas dimensões e aplicações. Da insatisfação aos modelos anteriores relativos ao desenvolvimento, na década de 80 apareceram abordagens complementares e alternativas, novos conceitos e novas dimensões do mesmo conceito, que previram que o desenvolvimento devia partir dos recursos específicos, humanos, naturais, culturais de um determinado território (Veiga, 2005).

De acordo com Nunes (2005) nos últimos trinta anos, o desenvolvimento passa a incluir, explicitamente, preocupações como a coesão social, a sustentabilidade da vida na terra e a diversidade cultural, nas diferentes expressões. O desenvolvimento é hoje um conceito multidimensional e pluridisciplinar (Veiga, 2005) e pode ser interpretado como

“um binómio entre o social e o ambiental, ligando os direitos humanos e a qualidade de vida com a preservação da natureza, de acordo com o expresso no relatório de Brundtland que entende desenvolvimento como o suprimento das necessidades do presente estando associado à preservação das condições de vida das futuras gerações”(Nunes, 2005, p.42).

O desenvolvimento tornara-se num modelo de referência que todos os povos e nações devem seguir, dado que se preocupa com a vida e a qualidade de vida dos cidadãos. No entanto, os cidadãos também têm de procurar criar um desenvolvimento articulado e participado, justo e equitativo em todas as suas dimensões. Pires (1995) acrescenta que o desenvolvimento não pode estar ligado a processos de limitação, dependência, quer a nível micro como macro social, pois o bem-estar geral será somático do bem-estar de cada um, e a miséria dos outros será sempre a miséria de todos. Refere ainda que a dinâmica do desenvolvimento tem forçosamente de passar por um processo de cooperação alargado homem/estrutura/natureza, com bases sólidas na realidade local e difusão das boas práticas a todos os potenciais utilizadores.

Entendido o conceito de desenvolvimento, aborda-se, a seguir, o conceito de DL que prevê o desenvolvimento local das localidades, por meio dos seus agentes locais, nas suas várias dimensões.

### 3.2. Conceito de Desenvolvimento Local

O DL procura promover a melhoria da qualidade de vida das suas populações, assegurando o seu bem-estar e progresso. Neste sentido, promoverá as capacidades, as potencialidades existentes nas suas comunidades, isto é, os recursos existentes, designadamente humanos, indústrias, serviços, associações locais, entre outros, para que autonomamente se consigam sustentar. Para tal, será necessário que todos os elementos das suas comunidades participem voluntariamente nesse processo. Ao fazê-lo, estarão a contribuir para desenvolvimento das suas comunidades nos mais diversos setores, estarão a produzir riqueza interna, a criar mais trabalho e mais oportunidades. Reis (1998) corrobora ao referir que a raiz do DL se caracteriza por um impulso de caráter local e endógeno, assente na mobilização voluntária, que tem por objetivo originar ações com as quais se produzem sinergias entre agentes, tendo em vista qualificar os meios de vida e assegurar o bem-estar social.

Na perspetiva de Melo (1988) o DL pode ser considerado uma vontade comum de melhorar o quotidiano, reforçando que é necessário ter confiança nos recursos próprios e na capacidade de os combinar de forma racional para a construção de um futuro melhor. Quando um grupo pretende ver melhorada a sua vida, a sua situação, terá de canalizar os seus esforços e trabalhar de forma participada e articulada de modo a conseguir alcançar a mudança que tanto pretende.

O DL, enquanto processo, tira proveito do melhor que as suas localidades têm e produzem (recursos endógenos) sem terem de recorrer ao exterior (recursos exógenos), uma vez que os têm e/ou podem produzir, somente se necessário é que se devem socorrer do exterior. Importa acreditar e apostar nas pessoas e nas suas capacidades, para que isso seja possível. Tal como refere Carvalho (2014) o DL é um processo endógeno, normalmente assente em pequenas unidades territoriais e agrupamentos humanos, capazes de promover o dinamismo económico e a melhoria da qualidade de vida das populações.

Nesse sentido, o processo de DL tem determinantemente de ser endógeno, construir-se a partir das várias dimensões (económica, social, cultural, ambiental e política), dado que só nesta interdependência é que se conseguirá alcançar o bem-estar, a qua-

lidade de vida desejável e o crescimento esperado. Neste sentido, Pires (1995, p.5) alude que

“o processo de desenvolvimento local afirma a sua validade intrínseca e dissemina os efeitos positivos sobre o global, na medida em que se verifica a sua adaptabilidade a outras situações”.

Gaspar (2008) entende que o verdadeiro desenvolvimento, aquele que é efetuado a partir do local e projetado posteriormente para uma dimensão global e abrangente, tem surgido da descoberta e valorização dos recursos endógenos, daquilo que faz a diferença e que pode tornar-se a referência de um local ou região. Entenda-se que em sua opinião, os saberes tradicionais são tesouros, que bem guardados ou quase perdidos, incluem-se no património herdado de gerações, e uma vez recuperado e renovado tem contribuído para revitalizar as comunidades e afirmado no mercado produções que se pensavam condenadas à extinção.

Numa perspetiva mais dinâmica, o DL também pode ser definido como sendo um

“processo de mudança, centrado numa comunidade, partindo da existência de necessidades não satisfeitas a que se procura responder através das capacidades locais, articulando-as com os recursos exógenos, numa perspetiva de fertilização mútua, assumindo uma lógica integrada e de trabalho em parceria com impacto tendencial em toda a comunidade, e segundo uma grande diversidade de caminhos”(Amaro, 2001, p. 156).

Torna-se necessário que a partir das necessidades não satisfeitas de uma comunidade, se procure por intermédio das capacidades locais e dos recursos endógenos e exógenos responder e satisfazê-las. Continuando, o mesmo autor adita ainda que o DL

“é um terreno privilegiado de relações próximas e diretas entre a comunidade e os seus problemas, entre a população e o seu habitat, entre os atores locais, entre os agentes dos diferentes serviços e organismos presentes localmente, entre as necessidades e as capacidades locais, entre as capacidades autonómicas e os constrangimentos heteronómicos, entre as dimensões individual, social e ambiental do desenvolvimento, entre as diferentes dimensões (económica, social, cultural do desenvolvimento)”(Amaro, 1993, p.21).

Mais uma vez, verificamos que o DL é a capacidade que as coletividades locais têm em utilizar os seus recursos endógenos, trata-se de estratégias políticas que se implementam, tendo em vista a curto e longo prazo a valorização das potencialidades locais, a mobilização da comunidade para a mudança e a possibilidade de melhores oportunidades e condições de vida. É um processo dinâmico, em constante mudança, que tem como objetivo intervir junto da comunidade, dos atores locais e com a comunidade, na tomada de decisões, procurando que todos sem exceção contribuam

para a diminuição das assimetrias e rácios regionais e que promovam o bem-estar das suas comunidades.

Roque Amaro (1993, p.21), salienta que o nível local de desenvolvimento

“ [desempenha um papel importante na articulação entre as dimensões económica, social e cultural dos projetos de desenvolvimento; na melhor identificação das necessidades e problemas locais; ... na estimulação de capacidades de iniciativa, na resposta mais adequada às situações e aos grupos mais marginalizados, na efetiva mobilização e aproveitamento das capacidades e recursos locais; ... na resposta a situações concretas de reestruturação e reconversão produtiva; na mobilização e sensibilização das populações para os problemas ambientais e para a sua resolução; na experimentação de formas integradas de inovação; na articulação entre as dimensões quantitativa e qualitativa do desenvolvimento; no reforço e diversificação dos processos de regulação dos conflitos; na aproximação a novas formas de democracia mais participada e de exercício de cidadania e na consideração do respeito pela diferença] ”.

Todas estas características associadas ao DL são o âmagio para que os territórios se desenvolvam eficaz e eficientemente, atendendo às especificidades que os caracterizam. Em nosso entendimento, estes fatores concorrem fortemente para o sadio e equitativo DL das localidades. Procura-se que todas as comunidades desenvolvam ações com os seus agentes locais, promovendo, assim, a sua participação voluntária através do exercício de cidadania, para conseguir produzir sinergias e assegurar o bem-estar. É esta dinâmica que faz do DL um propulsor de “desenvolvimentos”.

Todavia, Melo (1988) argumenta que o DL que interessa é aquele conjunto de processos e de iniciativas que leva o cidadão, individualmente e em grupo, a realizar os seus direitos e os seus deveres de participação social, tomando parte ativa na construção do presente e do futuro da comunidade onde vive e trabalha, enquanto que o espaço de investimento - pessoal e profissional - é, e continuará a ser, a Sociedade Civil, toda aquela vasta área de vida social que se situa para lá da lógica do poder político do Estado e da lógica do lucro monetário das empresas, onde domina um outro tipo de lógica, a da solidariedade.

Todos os cidadãos podem exercer o seu direito de cidadania na comunidade, independentemente da sua idade, género, condição social. Para que exista um bom DL nas diferentes áreas de atuação, torna-se importante a participação de todos os intervenientes nesse processo, não ficando ninguém à margem. Assim interpretado, importa referir que no que ao grupo dos idosos diz respeito, estes podem e devem desempenhar um papel mais ativo na sociedade, sendo para isso necessário que as ge-

rações mais novas, nomeadamente a população adulta, tenha a capacidade de criar iniciativas, projetos, que visem a sua participação, possibilitando, assim, uma maior envolvimento com as gerações mais novas. O grupo dos idosos poderá, também, desempenhar um papel de maior responsabilidade ao nível da organização de projetos de DL. Eles são as pessoas que melhor conhecem as suas comunidades, são os mais experientes e, por isso, podem dar uma nova visão e contribuir mais decisivamente nos processos de DL.

Consideramos que todos estes aspetos poderão concorrer significativamente para o DL das comunidades, uma vez que os idosos foram as pessoas que construíram a identidade das suas comunidades e são eles quem se identificam mais com ela. São eles quem mais património possui, mais sabedoria tem, fruto da idade e das experiências vividas.

Seguindo esta linha de pensamento, e de modo a reaproveitar melhor o tempo livre dos idosos, Rodrigues (2009) ao apresentar a sua proposta de intervenção, considera que o seu tempo livre deve ser recriado, através da realização de atividades de estimulação - afetiva, motora, social e cognitiva, para que possam sentir-se úteis e realizados; devem ter uma maior participação nas associações de carácter recreativo e cultural e nas instituições onde habitualmente convivem; continuarem a trabalhar se assim o entenderem; e elaborar programas de educação intergeracional, visando que os idosos divulguem as tradições, contribuindo na educação das novas gerações indo às escolas ensinar os jogos tradicionais, contos populares e sua experiência de vida.

Compreender a evolução do envelhecimento demográfico, o conceito de envelhecimento e algumas questões relacionadas são os aspetos a analisar e a interpretar no capítulo que se segue.



## 4. Terceira Idade e Velhice

Para conhecer melhor a dimensão e proporção que o envelhecimento está a tomar na nossa sociedade, trazemos, para este estudo, alguns indicadores expressivos dessa mesma realidade.

### 4.1. Envelhecimento Demográfico

O envelhecimento e o aumento da população idosa têm vindo a acentuar-se e a tornar-se cada vez mais patentes entre nós, como ilustra o gráfico nº1, referente ao índice de envelhecimento em Portugal, mais especificamente, de 1970 a 2013.



Gráfico nº 1  
Evolução do Índice de Envelhecimento em Portugal, 1970 a 2013.  
Fonte: INE (2014)

Este mostra-nos uma nítida tendência de subida no número de idosos, desde 1970 (33,97 idosos por cada 100 jovens) até 2013 (136,00 idosos por cada 100 jovens). Em 1990, por cada 100 jovens havia 68 idosos, uma década volvida, constatamos que por cada 100 jovens havia 100,60 idosos, passando a estar os idosos em maioria; conquanto, no ano de 2010, tínhamos 123,90 idosos, por cada 100 jovens e em 2013, o número subiu para os 136,00 idosos. A interpretação feita ao gráfico vai no sentido de que na década de 90, ainda se registava um maior número de jovens em relação ao número de idosos, contudo, os sinais de inquietude e preocupação com este fenómeno

no eram já evidentes; em 2000, inverteu-se a situação, ou seja, o número de idosos passou a ser superior ao número de jovens (0 aos 14 anos), portanto, os jovens foram suplantados pelos idosos. No ano de 2010, percebeu-se que o rácio era cada vez mais acentuado, não mostrando sinais de reversão. Em 2013, por cada 100 jovens tínhamos 136,00 idosos. Constatamos que, nas últimas décadas, houve uma subida muito rápida nos níveis de envelhecimento. Não obstante, temos de ter em consideração outros fatores que contribuíram para o aumento acentuado do envelhecimento, entre eles, o aumento da longevidade, a diminuição da taxa natalidade e da taxa de fecundidade, o aumento da esperança média de vida e o aumento da esperança de vida aos 65 anos. Vejamos cada um deles, respetivamente, através dos gráficos (2), (3), (4), (5) e (6).



Gráfico nº 2  
Evolução do Índice de Longevidade, 1970 a 2013.  
Fonte: INE (2014)

O gráfico mostra que o índice de longevidade tem vindo a aumentar consideravelmente desde 1970 a 2013 (de 32,76 para 49,00, respetivamente). Entre estes dois momentos, registou-se um aumento significativo do índice de longevidade, cerca de 16,24%. Além disso, é visível observar uma nítida tendência de aumento na idade de vida, especialmente, a partir de 2000.

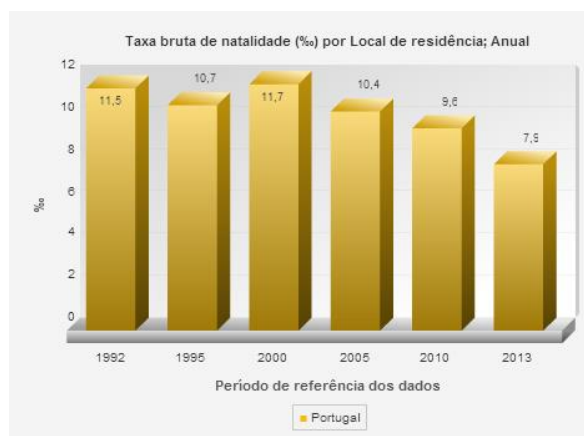


Gráfico nº 3  
Evolução da Taxa de Natalidade, 1992 a 2013.  
Fonte: INE (2014)

No que concerne à taxa de natalidade, ela tem vindo a apresentar uma descida desde 1992 até 2013 (de 11,5 para 7,9). Porém, no ano 2000, verifica-se um aumento em relação a 1992, mas a partir dessa data, a descida é notória.



Gráfico nº 4  
Evolução da Taxa de Fecundidade, 1975 a 2013.  
Fonte: INE (2014)

Os baixos níveis de fecundidade são indicadores da situação que espelha o nosso país. Pela análise, podemos constatar que em 1975, a taxa de fecundidade era elevada (cerca de 80,02 por mil), e no ano de 2013 a taxa é significativamente mais baixa (33,94 por mil). O declínio da natalidade registada em Portugal, não permite a reposição de população necessária para inverter esta situação, contribuindo, deste modo, para o aumento cada vez mais significativo da população envelhecida.

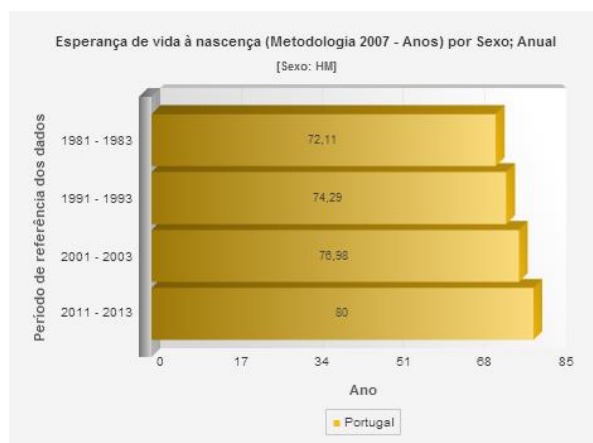


Gráfico nº5  
Esperança de vida à nascença.  
Fonte: INE (2014)

De acordo com os períodos de referência [1981-1983 a 2011-2013], verificamos que ao longo destes trinta anos a esperança de vida à nascença aumentou cerca de 7,89. De 1981-1983, o valor era de 72,11 e em 2011-2013, esse valor passou para 80. Verificámos, também que a esperança de vida é mais expressiva no sexo feminino (82,79), em relação ao sexo masculino (76,91).

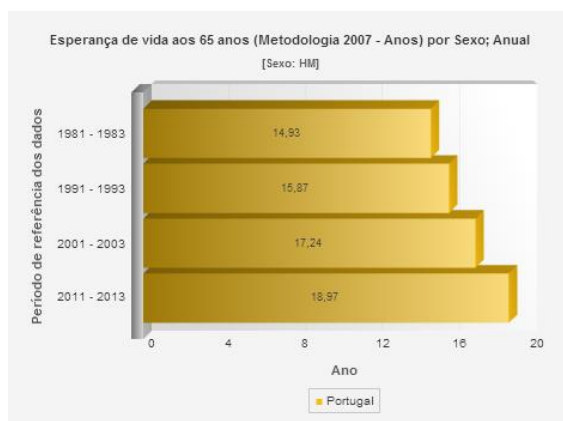


Gráfico nº 6  
Esperança de vida aos 65 anos.  
Fonte: INE (2014)

A partir dos períodos de referência [1981-1983 a 2011-2013], percebemos que a esperança de vida aos 65 anos, neste intervalo de tempo, aumentou cerca de (4,04), tendo passado de 14,93 para 18,97. A manter esta tendência de subida, os idosos irão ver prolongadas as suas vidas por mais anos. A esperança de vida aos 65 anos é mais

evidente no sexo feminino, cerca de 20,40, relativamente ao sexo masculino, cerca de 17,07.

Pelo exposto, percebemos melhor os motivos decorrentes do aumento demográfico exponencial do envelhecimento nas últimas décadas em Portugal. Além destes que foram apresentados, Pimentel (2005) enumera um outro fator que contribuiu para o envelhecimento da população portuguesa, a saber: o surto emigratório nas décadas de sessenta e setenta, essencialmente de jovens, e o seu retorno, muitos deles já como idosos, nos anos mais recentes.

Consideramos que também contribuíram a melhoria significativa das condições de vida, de habitação, dos serviços de saúde, de higiene, mais facilidade de acesso aos mesmos, entre outros. Em resultado destas alterações, as pessoas começaram a ver prolongadas por mais tempo as suas vidas, vivendo, assim, de forma mais saudável e com maior qualidade de vida. Neste contexto, Ander-Egg (2009, considera que o desenvolvimento económico e o processo social têm permitido melhores condições de vida e de higiene, e os avanços da medicina têm permitido o desacelerar do ritmo de destruição devido ao envelhecimento, assegurando-lhes uma velhice mais ativa e sã. Acrescenta que, com os avanços da medicina e a melhoria das condições de vida e higiene, registou-se uma diminuição da taxa de natalidade e um aumento da esperança média de vida em, todas as idades. Rey (2009) acrescenta que os avanços obtidos pela medicina e pelo aumento da esperança média de vida têm contribuído bastante para o aumento da população idosa.

No entanto, este aumento que surge de forma acelerada é interpretado por Ander-Egg (2009) como um problema. Está-se perante um envelhecimento da população e consequentemente das sociedades e, pela primeira vez, na história da humanidade, a população dos idosos tem alcançado uma proporção e volume que abrange este grupo com significado e protagonismo inéditos, sem precedentes (Ander-Egg, 2009, & Amor, 2008).

Este grupo tende de dia para dia a subir e os dados provam isso mesmo. A sociedade atual nunca se deparou com um número tão elevado de idosos em detrimento do número de jovens, não conseguindo, assim, renovar as suas gerações. Trata-se de uma

nova realidade social nunca antes vivenciada, neste sentido, entendemos que em resultado do acentuado número de idosos em Portugal e do seu esperado aumento nos próximos anos, a sociedade tem de aceitar esse facto com naturalidade, devendo procurar incluir e atribuir a esta população um papel mais ativo, de maior relevo, nas comunidades onde residem, isto é, permitir que possam dar a sua opinião, participar mais ativamente nas atividades desenvolvidas na comunidade, exercer o seu direito de cidadania, interagir com as gerações mais novas.

Os idosos deverão ser integrados na sociedade o maior tempo possível e não relegados para segundo plano, como seres improdutivos e insignificantes. Quanto mais tarde perderem as suas faculdades mentais e físicas, melhor.

O aumento do envelhecimento populacional traz consigo outras implicações e necessidades sociais, às quais a sociedade tem de dar resposta. Amor (2008) refere que já se começou a refletir e a discutir pública e politicamente acerca da sustentabilidade dos sistemas de segurança e de proteção social, e em termos sociais, da importância do setor social promover as respostas e necessidades sociais. Acrescenta que o envelhecimento demográfico deve repensar as suas políticas sociais ao nível dos seus objetivos e pressupostos, mormente, no que designa à promoção e ou reforço dos mecanismos de inclusão social. Admite que será igualmente importante, conhecer e perceber as trajetórias das pessoas num determinado período do seu ciclo de vida, as suas motivações e expectativas, os seus constrangimentos e recursos, os seus objetivos e projetos de vida.

#### **4.2. Conceito de Envelhecimento**

No entender de Feio (2005) a vida é uma viagem repleta de incertezas, acontecimentos e circunstâncias imprevisíveis, que se desenrolam ao sabor da sorte, das paixões e do conhecimento. Para conseguir ultrapassar as adversidades que nos são colocadas na vida, procura-se olhar para os mais velhos, uma vez que eles já percorreram esse trilho, para adaptarmos os seus ensinamentos às vicissitudes da vida, do nosso destino e da nossa cultura, assim, consegue-se evolução a partir das grandes referências, isto é, dos idosos. Existe, portanto, um modelo de referência pertencente a uma gera-

ção, da qual se tiram ensinamentos, se cria um próprio trilha, assente em convicções, ideias, pensamentos e valores.

Todavia, chega-se a um momento em que se sente que se começa a aproximar o fim do percurso, devido a inúmeros fatores. Por conseguinte, as constantes vicissitudes da vida, vão dando lugar a um *deficit* ao nível da capacidade de adaptação a essas mesmas adversidades. As pessoas tornam-se mais lentas, menos atentas e mais frágeis, o mundo torna-se mais complexo, mais rápido, mais imprevisível e mais agressivo, ficando a sensação de isolamento e de insuficiência que ao ser da própria pessoa se torna difícil de relativizar (Feio, 2005). Neste preâmbulo, (Amor, 2008, p.10) considera o envelhecimento como

“um processo bio-fisiológico inexorável, uma fase do ciclo de vida, especialmente, caracterizada por fatores de rutura que tendem a remeter para momentos de transição e de recomposição do quotidiano e dos projetos de vida (reconfiguração da inserção no mercado de trabalho, reconfiguração do agregado familiar e das redes de relações de amizade, modos de vida, etc)”.

Na perspetiva de Galinha (2009, p. 97), o envelhecimento

“é um processo diferencial, pois ninguém envelhece do mesmo modo. O sucesso para uma idade avançada está correlacionado com a longevidade, a saúde global, a conservação da autonomia e o bem-estar, contudo, cada pessoa constitui três idades diferentes, a saber: biológica, social e psicológica. Também o sucesso do envelhecimento se prende com três condições: a primeira, com a redução das causas da perda de autonomia, a segunda, com a manutenção possível dum nível funcional dos planos físicos e cognitivos e para finalizar, com o bem-estar subjetivo”.

O idoso, enquanto ser humano, é segundo García (2009) marcado por valores, capacidades e limitações da velhice características, não podendo ser encarado simplesmente como um processo irreversível de empobrecimento físico. Na perspetiva de Palmeirão (2009) cada pessoa desempenha um papel importante no que respeita à organização e desenvolvimento das estruturas humanas e civis, portanto, os idosos desempenham e continuam a desempenhar o seu papel (de desenvolvimento das estruturas humanas e civis até ao fim das suas vidas), embora com uma outra expressão e significado.

Tal como afirma García (2009), em todas as etapas da sua vida, o homem continua a ser membro da comunidade humana e familiar com os quais foi criando durante a sua vida vínculos tais como afetivos, culturais, materiais, etc. Seguindo a perspetiva do envelhecimento, Afonso (2009) infere que uma sociedade de todas as idades deve ser aquela que entende o envelhecimento como algo de todos os cidadãos, não devendo

haver barreiras impeditivas de o indivíduo se envolver plenamente nas atividades da sua sociedade, facultando-lhe dessa forma, uma vivência melhor. O envelhecimento é um processo pelo qual os indivíduos passam, sendo importante compreender

“os modos como, na nossa matriz cultural, são construídas as representações sociais da velhice, os significados e os significantes que lhes são atribuídos, bem como as expectativas normativas que lhe estão associadas”(Amor, 2008, p. 8).

### **4.3. Interpretações acerca do Envelhecimento**

Após a análise de algumas perspetivas inerentes ao conceito de envelhecimento, vamos retratar alguns aspetos inerentes ao idoso em relação à sociedade contemporânea. Começamos por trazer à tona (Santos & Encarnação, 1998) para nos dizer que o idoso nasceu numa sociedade marcada por elevados traços tradicionais, onde a experiência de vida não é entendida como um problema e onde se sente pertencente ao meio onde está inserido.

Ainda não vai muito longe o tempo em que uma grande parte da população dependia da agricultura, não existiam problemas com a reforma e à medida que as pessoas iam deixando o trabalho, passavam a ajudar os filhos (Bize & Vallier, 1985). Da mesma opinião perfilha Townsend (1997, citado por Costa, 1998) ao explicar que o envelhecimento deveria ser considerado como a passagem de um papel predominantemente profissional a um papel familiar, onde o idoso desenvolveria mais uma função de ajuda e cooperação, e não tanto a função tradicional de transmitir o seu saber e experiência às gerações mais novas. Isto reflete que, apesar de o idoso ter tido mais significado e importância nesta altura, limitava-se na prestação de apoio aos familiares, não lhes sendo, por isso, atribuída grande importância na transmissão de saberes, o que evidencia ainda alguma relutância por parte dos primeiros, em querer que os saberes dos seus idosos sejam transmitidos e assimilados pelos mais novos.

Não obstante, na aldeia e retomando as palavras de Bize & Vallier (1985) o idoso era considerado um sábio, que se consultava para problemas difíceis, era quem conhecia todas as pessoas da região e aquando da sua partida, a tristeza era evidente em todos. Estaríamos perante um tempo em que a idade da velhice não acarretava problemas, o idoso era considerado uma pessoa com valor, com significado, respeitada, dentro dos



parâmetros atrás assinalados e a quem se recorria em situações mais delicadas, logo, chegar à velhice era um bom sinal.

Por sua vez, as redes de interação, no entender de Pimentel (2005), eram suficientemente fortes para garantir um apoio efetivo àquelas que dela necessitavam. Um outro dado importante associado à valorização do idoso desta altura, o qual consideramos importante sublinhar, prende-se com a esperança de vida, que na opinião de Bize & Vallier (1985) era curta, raramente se ultrapassava os sessenta anos. Os que ultrapassavam eram considerados seres excecionais e inspiravam respeito pelos poderes e conhecimentos ocultos que lhes atribuíam, e talvez por esse facto, não traziam problemas à sociedade. Contudo, a situação foi-se invertendo de forma gradual e progressiva até aos dias de hoje.

A sociedade do momento veio romper com a do passado de uma forma nunca antes vista e no que respeita ao idoso Santos & Encarnação (1998) ela é mais instável, frágil, incerta e sem significado. O idoso que viveu numa sociedade mais tradicional, era entendido segundo Salgado, Panão & Silva (2009) como detentor de vários tipos de saberes, resultantes dos diversos contextos que vivenciou, agora, vê-se confrontado, com uma sociedade contemporânea, onde predomina a razão, o materialismo, o consumismo e onde as relações sociais e as ligações familiares deixaram de ser tão fortes. Trata-se de uma sociedade que não já não é a sua, mas na qual tem de permanecer, muitas das vezes só.

Assim sendo, na perspectiva de Bize & Vallier (1985) constitui um problema, ao invés do que acontecia na sociedade tradicional. Compartilhando a mesma opinião, García (2009) refere que a sociedade ocidental é marcada pelo êxito material, mais concretamente pelo consumo, valorização do jovem, paralelamente, os idosos nem sempre são alvo de estima.

Nesta sociedade, o pensamento de Santos & Encarnação (1998) é o de que a juventude é considerada como o modelo de vida típico, a idade perde o seu valor original, a vida da pessoa assume o valor do instante empírico, caracterizada por um tempo e duração momentânea e não como uma construção feita ao longo da vida. Ainda segundo os mesmos autores, no momento em que se deixa de ser jovem, ativo e produ-

tivo, passa a ser-se considerado sem valor, inferiorizado e colocado à margem da vida social quotidiana.

Segundo Braga (2009, p.4), a sociedade pós-moderna e a cultura ocidental

“transformou em passes de mágica falaciosa, os idosos em seniores, como se a velhice fosse coisa sem sentido, não arrastasse consigo algumas moléstias, a dependência, o desamparo e a solidão, ou não suprimisse progressivamente os prazeres que a vida realmente vivida proporciona”.

Não bastando as alterações que o ser humano vai sofrendo no decurso da sua vida e que se acentuam com o avançar da idade, a sociedade em si mostra-se indiferente, pouco sensível, garante-lhes pouca creditação, fá-los sentir a todo o momento, frágeis, inseguros e impotentes, reforçando o seguinte pensamento: “A velhice todos a buscam alcançar, mas quando a alcançam, deploram-na (Cícero, s.d., como referido em Braga, 2009). A sociedade perceciona o idoso como alguém que não tem utilidade, corroborando o pensamento (Salgado et al., 2009, p.293) ao referirem que os idosos passaram a ser desconsiderados como se de um fardo se tratassem e vai ao encontro do que Braga (2009) entende por envelhecimento: uma inquietação e não uma oportunidade de utilizar os saberes adquiridos ao longo da vida; configurando-se os idosos como um fardo e esquecendo-se que muitas vezes alguns deles ainda podem prestar apoio à família e à sociedade.

Portanto, o autor realça que caiu por terra a ideia que se tinha de que por cada velho que morre, morre também uma biblioteca, ao contrário do que se passa noutras sociedades, como em países africanos e asiáticos, onde os idosos são vistos como pessoas que adquiriram sabedoria. Também não se manifesta a mesma atitude e medida da velhice em todos os lugares, senão, veja-se o que acontece quando se verifica a morte de um jovem em Transcaucasia: lá considera-se jovem, todo aquele que não cumprira ainda os 90 anos (García, 2009).

Todas as transformações que têm vindo a ocorrer na sociedade vieram contribuir para o aumento e distanciamento entre o conhecimento das pessoas mais velhos em relação aos dos mais novos. As pessoas mais velhas têm dificuldades em adaptar-se e os mais novos desvalorizam os saberes tradicionais que eram reproduzidos e transmitidos pelos idosos (Pimentel, 2005). Rocher (1981) perfilha que são os idosos quem sofre uma degradação maior do estatuto social, por terem deixado de beneficiar do

prestígio e da autoridade que tinham na sociedade tradicional, acabando por ter de viver num mundo ao qual não se conseguem adaptar.

O que nos parece é que não vale de nada o facto de se ser mais velho, todos os ensinamentos e experiências de uma vida resumem-se a muito pouco, na sociedade em que eles, hoje, se encontram. Simplesmente, de um dia para o outro, no entendimento de (Salgado et al., 2009, p. 293)

“os idosos ao deixarem de produzir, deixam de ter valor social”.

Contudo, Rocher (1979, p. 14) perante a perda de estatuto e de funções, refere que

“se deve insistir na «arte de saber envelhecer» para evitar que se sofra com isso e que se faça sofrer outros; o que afinal não é mais do que a socialização a um novo papel, aquele que a sociedade dita às pessoas idosas”.

A interpretação de Pimentel (2005) sobre este assunto relaciona-se com as condições desfavoráveis de emprego, as quais levam ao aparecimento de uma ideologia que deixa de considerar o idoso como um trabalhador com experiência e conhecimento acrescido, com capacidade de transmitir esse conhecimento, e que passa a vê-lo como incapaz, lento na execução e portador de faculdades diminuídas. Adita que esta situação contribuirá para o acentuar das incompatibilidades entre gerações. Além disso, o conflito de gerações que opõe três gerações

“pode tornar-se muito agudo na família e no conjunto da sociedade”(Rocher, 1981, p. 129).

No sentido de se conseguir suportar mais facilmente o envelhecimento, urge devolver a vez e a voz aos idosos (Braga, 2009). Paralelamente, numa sociedade marcada pela evolução tecnológica e científica, pelo conhecimento e em constante transformação, retomando as palavras de Pimentel (2005), os saberes dos idosos podem ser preciosos numa sociedade em transformação. Salgado et al., (2009) defendem que é necessário que se verifique a revalorização do papel do idoso na sociedade, para tal, deverão ser criadas oportunidades concretas de participação ativa nas comunidades onde os idosos estão inseridos, assim, poderão estar a contribuir para o desenvolvimento das mesmas.

Porém, importa aqui frisar que ao contrário do que se poderá pensar, hoje, não vivemos na configuração social que pior trata os idosos, existem evidências de que em outros contextos sociais e em outras épocas históricas, os idosos eram alvo de práti-

cas de conduta, algumas delas institucionalizadas, ficando, assim, afastados daquilo que naqueles outros contextos, constituíam os domínios de inclusão social (Amor, 2008).

Continuando, a autora, explana que o que distingue as formações sociais atuais das de outrora, é, por um lado, a incidência e a dimensão com que a problemática se manifesta presentemente, por outro, o modo como a velhice ou a terceira idade colidem com referências sociais estruturantes, senão vejamos que o processo de envelhecimento e a velhice em si mesma tendem a ser vistos

“como algo que colide com valores e elementos estruturantes das sociedades modernas que exacerbam fatores como autonomia e a mobilidade, a produtividade, a celeridade, ideais de beleza (associados, maioritariamente, a um corpo jovem, são, ágil e sexualizado), etc” (Amor, 2008, p.8).

O nosso parecer vai no sentido de os idosos passarem a assumir um papel mais ativo na sociedade e nas comunidades aonde pertencem, as relações entre as diferentes gerações devem ser sedimentadas. As pessoas devem reconhecer que os idosos são detentores de muitos conhecimentos, resultantes das experiências feitas ao longo da sua vida nos diferentes contextos de aprendizagem. As comunidades podem beneficiar com os conhecimentos dos idosos, mais especificamente, através da realização de pesquisas acerca do PCI dos idosos das suas comunidades, de lembrar que quando se fala em PI dos habitantes, fala-se na população mais idosa, já que são eles os portadores do passado e quem mais os pratica no presente (Lopes & Salgado, 2014).

\_\_\_\_\_ //

O tema que a seguir se apresenta refere-se aos jovens que frequentam os estabelecimentos do EP e à caracterização das Escolas Profissionais, quer ao nível da sua organização, quer ao nível de funcionamento. Iremos explicar o que distingue os jovens do EP dos alunos que frequentam estabelecimentos de ensino secundário, mostrar que os jovens do EP, em contexto de formação/aprendizagem, podem desenvolver um trabalho mais próximo com as comunidades locais, logo contribuem para o desenvolvimento local e para o bem-estar das pessoas.

Procuramos explicar o que são Escolas Profissionais, mostrar por que razão foram criadas, entender os marcos evolutivos e verificar a importância que continuam a ter no tecido empresarial/organizacional das suas regiões.



## **5. Ensino Profissional**

Neste tema vamos procurar perceber qual a importância dos jovens no Ensino Profissional (EP) e na relação com a comunidade, iremos descrever o que são Escolas Profissionais, perceber como ocorreu o seu processo de criação, analisar as principais alterações no EP, verificar a importância da estrutura modular das Escolas Profissionais, e entender quais os fatores de sucesso do EP, volvidos vinte e cinco anos após a sua criação.

### **5.1. Jovens no Ensino Profissional**

Os jovens, enquanto grupo social, de acordo com Vieira (2009), distinguem-se dos outros pela identificação etária e por um conjunto variado de atributos de natureza psicológica, cultural, simbólica e política. Além destas distinções, podemos dizer que os jovens do EP também se distinguem dos outros alunos que frequentam o ensino regular, isto é, o ensino público. Desde logo, porque frequentam um outro tipo de estabelecimento de ensino, as chamadas Escolas Profissionais. Estas surgiram da necessidade de responder às necessidades locais e ao tecido empresarial/institucional, daí que os cursos profissionais existentes nas Escolas Profissionais sejam diferentes de região para região. Por outro lado, os cursos vão alternando consoante as necessidades locais que vão emergindo. Existe uma preocupação por parte das Escolas Profissionais em formar quadros intermédios altamente qualificados, capazes de dar resposta às necessidades que as empresas/instituições sentem no momento.

Geralmente, os alunos, depois de terminarem os seus percursos escolares, conseguem obter logo trabalho em empresas/instituições locais. Outros há, que pelo bom desempenho prestado e pelo profissionalismo, ficam a trabalhar nas empresas/instituições, onde realizaram a sua Formação em Contexto de Trabalho.

Os alunos são preparados para a vida ativa, para colaborar/dinamizar o tecido empresarial/institucional, daí que as suas disciplinas e os seus programas sejam diferentes, verifica-se a existência de uma componente mais prática à maioria das disciplinas mas em particular, às disciplinas da componente técnica. Os alunos ao longo dos três

anos de formação, realizam Formação em Contexto de Trabalho em empresas/instituições. A avaliação é modular para ajudar os alunos no seu processo ensino-aprendizagem, existindo um acompanhamento permanente ao aluno durante o seu processo de formação. Depois de concluído o seu processo de formação, continua a verificar-se o acompanhamento contínuo, embora de forma menos intensiva.

Por estas razões, pensamos que os jovens dos estabelecimentos de EP, nos seus contextos escolares, em particular os alunos da EPT, conseguem mais facilmente promover a sua inserção na comunidade, comparativamente aos jovens que frequentam o ensino regular/ secundário, uma vez que desenvolvem um trabalho mais direcionado para e com a comunidade e com as instituições locais. Amiudadamente, contactam de perto com as suas populações, instituições, permitindo-lhes assim conhecer e perceber a realidade local, as suas necessidades e potencialidades. Esta proximidade dos jovens com a comunidade local, pode ser entendida como fator de desenvolvimento local, uma vez que os jovens ao deslocarem-se ao terreno para conhecer a sua realidade atual, fazem-no no sentido, de posteriormente, realizarem intervenções com a finalidade de melhorar e dar mais qualidade de vida às pessoas bem como dar mais dinamismo à comunidade e possibilitar uma maior participação das pessoas nos eventos por eles organizados. Os jovens do EP podem ser a “ponte” de ligação entre as comunidades, entre as empresas e as instituições e podem, igualmente, ser agentes de desenvolvimento das suas localidades.

## 5.2. O que são Escolas Profissionais

As Escolas Profissionais são estabelecimentos de ensino que foram criados em 1989<sup>31</sup>, como uma alternativa ao ensino secundário, para os alunos que terminavam o 9º ano de escolaridade. A sua criação resulta do esforço conjunto de promotores, que ao conhecerem bem a realidade local, poderiam criar cursos que dessem respostas às verdadeiras necessidades da região (Martins, 1993). A autora considera ainda que se pretendia descentralizar o ensino com estas escolas e proporcionar às várias regiões

---

<sup>31</sup> Adiante será abordado.



do país a gestão dos recursos disponíveis. Atualmente, as Escolas Profissionais, de acordo com o portal das Escolas Profissionais (n.d.) disponibilizam três grandes tipos de ofertas:

- i) Ensino Profissional – para jovens que tenham concluído o 9º ano; após a conclusão do curso ficam com equivalência ao 12º ano de escolaridade, com o certificado profissional de nível IV<sup>32</sup>, e com a possibilidade de acesso ao ensino superior e ao mercado de trabalho;
- ii) Ensino Vocacional – funciona em duas modalidades diferentes, a primeira é dirigida a alunos que tenham duas retenções no mesmo ciclo e a segunda a alunos com três retenções em ciclos diferentes; ambos os cursos dão equivalência ao 9º ano;
- iii) Cursos de Especialização Tecnológica – destinado a alunos que tenham o certificado profissional de nível III e alunos com frequência ao 12º ano, com todas as disciplinas do 10 e 11º anos concluídas; estes cursos de especialização tecnológica possibilitam o prosseguimento de estudos no ensino superior, faculta o certificado de qualificação profissional de nível V e um diploma de especialização.

### **5.3. Criação das Escolas Profissionais**

Segundo Marques (1993), na criação das Escolas Profissionais há a responsabilidade partilhada entre o Estado e a Sociedade Civil na formação dos seus recursos humanos. As Escolas Profissionais emergiram para assegurar um desenvolvimento sustentado aos níveis local, regional e nacional, para tal, é necessário haver recursos humanos qualificados. Por esse motivo, os projetos surgiram tendencialmente ao nível local, ao nível das regiões, interligados com estratégias de desenvolvimento local, assumindo o Estado um papel regulador. As Escolas Profissionais são de iniciativa local a partir de atores-promotores-individualizados ou através da colaboração entre atores, têm vindo a criar-se dando expressão a partenariados socio-educativos, isto é, parceiros sociais com fins educativos (Marques, 1992, citado por Marques, 1993).

---

<sup>32</sup> Adiante analisaremos este certificado.

No que concerne à estrutura do processo de criação de uma escola, este pode ser efetuado através das seguintes fases: conceção da ideia; da ideia ao projeto; da apresentação do projeto e negociação com o Estado e a Materialização (Marques, 1993).

Quanto à criação do sistema de planeamento do EP, no entendimento de Pedroso, Elyseu & Magalhães (2012) devem ter-se em consideração os resultados provenientes da intervenção de cinco agentes:

i) a administração; ii) as famílias e os jovens; iii) as escolas; iv) as empresas; v) os estabelecimentos de ensino pós-secundário.

#### **5.4. Políticas Inerentes ao Ensino Profissional**

A tentativa de dar respostas às necessidades locais e ao tecido empresarial por parte dos sistemas de ensino, tem sido uma constante. De tal forma que desde há muito que têm vindo a ser implementadas políticas educativas, que vão no sentido de criar quadros intermédios altamente qualificados e igualmente bem preparados, capazes de corresponder às exigências e necessidades do tecido empresarial local, contribuindo, assim, para o desenvolvimento da sua região. Desde a criação das Escolas Profissionais, temos vindo a assistir ao reconhecimento do EP, como uma via de ensino cada vez mais pretendida pelos jovens, uma vez que vai ao encontro das suas necessidades, interesses, tem um ensino diferenciador, individualizado e ajustado a cada aluno, valoriza as suas aprendizagens e saberes, é um ensino com qualidade, rigor e exigência.

Tal como diz Marques (1993), a formação é importante para a dinamização do tecido económico e a valorização dos recursos humanos é condição estratégica de desenvolvimento. Para o jovem não basta fazer uma formação só por si, é importante garantir a qualidade, a duração e o seu reconhecimento formal, que resulta do diploma, mas também informal, a partir da sua aceitação por parte dos empregados. O EP tem sofrido muitas mudanças ao longo destes vinte e cinco anos de existência, tem-se demarcado dos outros tipos de ensino, devido à introdução de diversas políticas edu-

cativas. Neste preâmbulo, apresentamos as principais evoluções implementadas no EP.

O Decreto Lei número 223/93, de 18 de junho cessou a partir do ano letivo 1993-1994 os cursos da via profissionalizante, que tinham sido criados pelo Decreto Lei número 240/80<sup>33</sup>, de 19 de julho, devido à entrada em vigor da reforma curricular aprovado pelo Decreto Lei número 286/89, de 29 de agosto. Foram criados os cursos técnico-profissionais, através do Despacho Normativo nº194-A/83<sup>34</sup>, de 21 de outubro. Assim, os cursos da via profissionalizante deixaram de se justificar, pelo número reduzido de alunos que os procuravam. A Lei número 46/86, de 14 de outubro, referente à Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE), definiu o quadro geral do ensino educativo em Portugal, passando a escolaridade obrigatória universal para nove anos. Previu a existência de um ordenamento jurídico específico em vários domínios, nomeadamente o do EP. Incluiu novas perspetivas às políticas de ensino/formação profissional procurando explicar o campo de intervenção da administração da educação nestes domínios e introduz princípios gerais orientadores<sup>35</sup> (Marques, 1993).

A LBSE no entendimento de (Pedroso et.al., 2012) deu uma nova coerência ao ensino secundário e iniciou-se a dicotomia entre ensino profissionalizante e não profissionalizante, assentes em cursos orientados para o prosseguimento de estudos e cursos orientados para a vida ativa.

---

<sup>33</sup> Criou o 12º ano de escolaridade como o ano terminal dos cursos complementares do ensino secundário, tendo-o estruturado em duas vias: a via do ensino e a via profissionalizante. Esta última constituiu uma alternativa à via de ensino do mesmo ano de escolaridade e tinha como objetivo específico proporcionar aos alunos a aquisição de uma qualificação profissional e a preparação necessária ao ingresso no ensino superior.

<sup>34</sup> Segue objetivos idênticos aos estabelecidos pelos cursos de via profissionalizante, mas com o reforço da formação técnico-profissional. Pretende reorganizar o ensino técnico de modo a satisfazer as necessidades do País em questão de mão-de-obra qualificada e dar continuidade a uma política de emprego para os jovens.

<sup>35</sup> No seu art. 19º/nº1 e no que à Formação Profissional diz respeito, esta além de complementar a preparação para a vida ativa iniciada no ensino básico, visa uma integração dinâmica no mundo do trabalho pela aquisição de conhecimentos e de competências profissionais, de modo a responder às necessidades nacionais de desenvolvimento e à evolução tecnológica.

Por conseguinte, no art. 19º/nº3, a formação profissional estrutura-se segundo um modelo institucional e pedagógico suficientemente flexível que permita integrar os alunos com níveis de formação e características diferenciadas.

Explicita no art. 19º/nº5, que a organização dos cursos de formação profissional deve adequar-se às necessidades conjunturais nacionais e regionais de emprego, podendo integrar módulos de duração variável e combináveis entre si, com vista à obtenção de níveis profissionais sucessivamente mais elevados.

## A Reforma do Sistema Educativo, em 1987

“deixou de entender o ensino profissional como área experimental ou lateral do ensino secundário para passar a vê-lo como parte integrante e definidora do ensino secundário” (Pedroso et.al., 2012, p.16).

O Decreto Lei número 397/88, de 08 de novembro assinala que pelo facto de se estar perante um contexto de evolução tecnológica acelerada, que por sua vez, transforma as condições de exercício das profissões, a educação dos jovens para a vida ativa deve contemplar componentes mais fortes de formação geral e de competências sócio-culturais, nos diferentes âmbitos de atuação. Deve, também, privilegiar a polivalência e a flexibilidade do EP, Técnico e Artístico. Assim, através do artigo 1º/nº1, é criado como serviço central do Ministério da Educação, o Gabinete de Educação Tecnológica, Artística e Profissional (GETAP)<sup>36</sup>. Daí em diante, o ensino/formação profissional passou a ser um campo prioritário das políticas educativas (Marques, 1993).

O GETAP deu, assim, início à passagem do EP de um âmbito quase experimental e limitado para um programa de intervenção mais alargado e diversificado e geriu o lançamento das Escolas Profissionais, criadas em 1989 (Pedroso et.al., 2012) por iniciativa mútua dos Ministérios da Educação do Trabalho (Azevedo, 2010). Segundo Martins (1993), as Escolas Profissionais foram criadas ao abrigo do D.L.26/89<sup>37</sup> de 21 de janeiro e trata-se de uma forma de ensino não formal que integra a LBSE.

As Escolas Profissionais e o projeto de EP associado, na perceção de Marques (1993) tencionavam construir um novo percurso de ensino, o qual pretendia ser democrático, diferenciador e inovador em termos pedagógico e organizacional.

No mesmo ano, houve a criação do Ensino Tecnológico, levando à reintegração plena das vias profissionalizantes no ensino secundário que ocorreram em 2004 (Pedro-

---

<sup>36</sup>O artigo 1º/2 refere que o GETAP é um serviço de conceção, orientação e coordenação do sistema de ensino não superior na área da educação tecnológica, artística e profissional. No seu artigo 2º/2, o GETAP dá privilégio a uma articulação constante com outros departamentos do Estado, designadamente do Ministério da Educação e do Ministério do Emprego e Segurança Social, bem como de parceiros sociais e as Autarquias Locais.

<sup>37</sup> A inovação educacional dos cursos profissionais ocorre aquando da publicação do Decreto Lei número 26/89, de 21 de Janeiro, ao criar as EP's, no ano de 1989.

so et.al., 2012). O Decreto Lei número 74/2004, de 26 de março, anuncia medidas inovadoras, mais especificamente ao nível da diversificação da oferta educativa, e nesse sentido, significativas mudanças, estabelecendo-se os cursos científico-humanísticos, tecnológicos, artísticos especializados e profissionais. No que respeita à Oferta Formativa<sup>38</sup> é possível verificar que o ensino secundário passa a integrar os CP, vocacionados para a qualificação inicial dos alunos, privilegiando a sua inserção no mundo do trabalho e permitindo o prosseguimento de estudos. Permitiu o alargamento e o crescimento deste tipo de ensino nas escolas secundárias públicas.

### 5.5. Estrutura Modular das Escolas Profissionais

No que designa ao trabalho de informação realizado pelo Núcleo de Apoio à Concretização da Estrutura Modular (NACEM)<sup>39</sup> sobre o desenvolvimento da EM em muitas Escolas Profissionais, Alves (1993) considera que o que se procura é a mudança que faculta melhores aprendizagens aos alunos<sup>40</sup>, para tal, é necessário ter sempre presentes dois aspetos, para que se consiga a adoção de um desenvolvimento modularizado dos currículos das Escolas Profissionais, a saber:

i) ensinar e aprender melhor está relacionado com a construção de um modelo de profissionalidade docente, ii) ensinar e aprender melhor depende das dinâmicas de direção e gestão pedagógica das Escolas Profissionais.

Estes aspetos são imprescindíveis para o melhoramento do ensino- aprendizagem das Escolas Profissionais, através da criação de uma EM condizente com as necessidades, capacidades e especificidades de cada um. Estamos, então, diante de um ensino individualizado, diferenciado e ao ritmo de cada um. Os docentes e a direção pedagógica desempenham aqui um papel primordial, para o sucesso dos seus alunos, pelo

---

<sup>38</sup> Artigo 5º, 1 - alínea d).

<sup>39</sup> O NACEM é composto por técnicos integrados em Equipas de Projeto do GETAP, no âmbito da Educação Tecnológica, Artística e Profissional, e constituem um Núcleo de Apoio à Concretização da Estrutura Modular, nas Escolas Profissionais. Como professores e como técnicos, apostam na construção coletiva de novos caminhos, de novas perspetivas, de novas práticas na educação/no ensino e trabalham para o estabelecimento de pontes entre a administração central e as periferias, isto é, as escolas, os professores, os alunos, outros atores, a comunidade em geral.

<sup>40</sup> Respeitando as suas especificidades, as necessidades, os ritmos.

que devem permanentemente procurar desenvolver junto deles, as suas capacidades e aptidões e despertar-lhes o interesse por novas aprendizagens e saberes.

A estrutura modular das Escolas Profissionais constitui

“uma forma de organizar a formação profissional de um modo flexível tendo implicações ao nível do desenvolvimento curricular, da organização da escola e das práticas pedagógicas e tendo ainda subjacente a opção por princípios psicopedagógicos estruturantes”(NACEM, 1993, p. 11).

A formação profissional parte, então, do conceito de módulos. Entendido como unidades de aprendizagem autónomas integradas num todo coeso, proporcionando nos alunos a aquisição de um conjunto de conhecimentos, capacidades, atitudes que se desenvolvem por meio de experiências ou atividades de aprendizagem, respeitando a diversidade dos alunos (NACEM, 1993). O sistema modular de organização dos cursos profissionais assume uma perspetiva humanista e construtivista, que almeja: que os alunos sejam mais responsáveis pelo desenvolvimento dos seus percursos de aprendizagem, que elevem a confiança e autonomia; que exista mais inovação pedagógica, todos os recursos disponíveis na escola e comunidade para facilitar a aprendizagem; a promoção do sucesso educativo e desenvolver nas escolas competências e ambientes pedagógicos autónomos, flexíveis e criativos (Orvalho, 2003).

Os módulos são todos diferentes, pois são constituídos por objetivos e conteúdos diferentes, apesar de alguns se interligarem entre si e de existir a interdisciplinaridade entre as diferentes disciplinas. As metodologias de leção também são variáveis, a inovação pedagógica vai, cada vez mais, estando presente, as ações desenvolvidas estão muito relacionadas com os objetivos que o módulo pretende alcançar. As aprendizagens efetuadas pelos alunos não são feitas todas da mesma forma, por isso, existe o cuidado de prestar um acompanhamento individualizado a cada aluno, de forma a alcançar o seu sucesso educativo e a recuperação rápida dos módulos.

## 5.6. Fatores de Sucesso do Ensino Profissional

No entender de Azevedo (2010), o EP é uma aposta bem-sucedida com vinte e cinco anos de existência que se deveu a cinco elementos centrais, designadamente:

i) dimensão de cada escola e a relação pedagógica que ela potencia, ii) modelo pedagógico, iii) ligação à comunidade, iv) regime de administração e gestão e v) regime de certificação.

Entendemos que todos estes elementos concorrem em conjunto para o sucesso do EP. São muitas as características que fazem com que as Escolas Profissionais, se diferenciem e se evidenciem cada vez mais, nomeadamente pelo acompanhamento mais individualizado, personalizado e ajustado às suas necessidades, pelo acompanhamento permanente na progressão modular, pelo tipo de aprendizagem que é praticado, pela relação que os alunos estabelecem com a comunidade, com as instituições, empresas, pelo conhecimento dos seus problemas, necessidade.

Também por poderem realizar a sua Formação em Contexto de Trabalho (FCT) e Prova de Aptidão Profissional (PAP) em empresas e instituições locais, pelo facto de as Escolas acompanharem os alunos na sua integração na sociedade e pela certificação que obtêm e que lhes permite aceder ao ensino superior.

O EP é uma mais-valia na medida em que representa os direitos humanos fundamentais que se prendem com o desenvolvimento pessoal, social e económico (Presa, 2012). Manteve-se vivo todos estes anos por ter criado um novo tipo de escolas para um novo tipo de ensino, por ter respondido às necessidades dos pais e dos jovens, à heterogeneidade positiva com diferenciação positiva, por ter acreditado nos atores sociais e nas virtualidades da regulação sociocomunitária, e pela resiliência social (Azevedo, 2012).

Contudo, no contexto atual e ainda no pensamento de Azevedo (2012) é necessário re-equacionar o investimento feito até aqui ao nível do EP, mormente parar para refletir no que se tem vindo a fazer, de modo a ponderar e a corrigir trajetórias. Deixa a preocupação de que se pode estar a caminhar para trás, quando se criam administrativamente cursos profissionais, quando estes são um escape/esconderijo dos alunos

de insucesso, quando não se articula nem revê a rede de oferta de cursos ou quando não se centra nos alunos que terminam o 9º ano.

A escolarização universal dá-se até aos 18 anos. Assim, temos de escolarizar os nossos jovens até essa idade da melhor forma, transmitindo-lhe aprendizagens e saberes, competências nos diferentes domínios, fornecendo-lhes uma boa preparação para o mercado de trabalho e para a sua integração na sociedade. Azevedo (2012) refere-se à escolarização universal como sendo um compromisso em que tem de se encontrar, em cada local, um percurso educativo de qualidade a cada aluno que termine o 9º ano e nada mais.

Depreendemos que é necessário dar uma resposta individualizada a cada aluno, para melhor entender quais os seus interesses, as suas motivações, o que pretendem para o seu futuro e quais os melhores percursos que os jovens devem seguir

Cabe às escolas, aos pais e comunidade local, desempenharem esse papel de acompanharem os alunos neste processo, de mostrarem aos alunos onde estão as respostas que procuram, quer elas se situem dentro ou fora da sua localidade, para conseguir responder às necessidades dos jovens e satisfazer as suas escolhas.

Será, igualmente, importante combater a estigmatização social de algumas profissões, através da criação de políticas que conduzam à sua valorização bem como esclarecer os jovens sobre os atuais perfis das profissões (Presa, 2012). Este processo deve ser desenvolvido com cada um e com todos os alunos que se encontram a finalizar o 9º ano, sem exceção. O foco principal é o aluno que está a terminar o 9º ano de escolaridade (Azevedo, 2012). É imperativo satisfazer as necessidades dos jovens, os seus interesses e motivações, compreender os seus anseios, as suas dúvidas, e ajudá-los a construir o seu caminho de forma coesa, com a estreita colaboração dos seus pares, promovendo deste modo o desenvolvimento humano.

O EP deve ser entendido e encarado cada vez mais como uma via normal de prosseguimento de estudos, com um certificado de Formação de Nível IV<sup>41</sup>, percebido co-

---

<sup>41</sup> Diário da República, 1.ª série — N.º 141 — 23 de julho de 2009, pela Portaria n.º 782/2009 de 23 de Julho. O Quadro Nacional de Qualificações aprovado pela presente portaria adota os princípios do Quadro Europeu de Qualificações no que diz respeito à descrição das qualificações nacionais em



mo um sistema diferenciador e ajustado a cada um, exigente, rigoroso, capaz, potenciador de desenvolvimento de saberes, de integração dos jovens no mercado de trabalho.

Em termos de trabalho desenvolvido na área da cidadania nas Escolas Profissionais, Presa (2012) considera que a preparação dos alunos para o mercado de trabalho lhes permite que sejam mais reflexivos, mais ligados à prática de valores, mais facilitadores na convivência, mais propensos ao respeito, à tolerância, à participação e ao diálogo. Tal como afirma Azevedo (2012) o processo de manutenção do EP foi difícil, tendo sido necessário um trabalho árduo ao nível de consciencialização acerca do seu papel, onde todas as forças políticas participaram. Portanto, o “*Quarto Escuro*” de que fala reside na cabeça de cada um, pelo que é preciso “*Abrir a Janela*”, tudo depende de cada um de nós.

---

termos de resultados de aprendizagem, de acordo com os descritores associados a cada nível de qualificação. O Quadro Nacional de Qualificações abrange o ensino básico, secundário e superior, a formação profissional e os processos de reconhecimento, validação e certificação de competências obtidas por vias não formais e informais desenvolvidos no âmbito do Sistema Nacional de Qualificações (artigo 3º). A aplicação do Quadro Nacional de Qualificações iniciou-se a 1 de Outubro de 2010 (artigo 6º). O Quadro Nacional de Qualificações estrutura –se em oito níveis de qualificação, definidos por um conjunto de descritores que especificam os resultados de aprendizagem correspondentes às qualificações dos diferentes níveis (artigo 4º/nº1). O Nível IV refere-se ao ensino secundário obtido por percursos de dupla certificação ou ensino secundário vocacionado para prosseguimento de estudos de nível superior acrescido de estágio profissional — mínimo de seis meses.



**2ª PARTE**

**FUNDAMENTOS E PROCEDIMENTOS**

**DA INVESTIGAÇÃO**



## **1. Objetivos da Investigação**

Neste ponto vão ser apresentados os objetivos gerais e específicos, a questão de partida e as questões orientadoras que norteiam o presente estudo de investigação-ação.

### **1.1. Objetivo Geral**

O objetivo geral deste estudo consiste em:

Perceber como os jovens podem ser promotores de Desenvolvimento Local, através da relação com o Património Cultural Imaterial dos idosos da sua comunidade, a partir da formação recebida numa Escola Profissional.

#### **1.1.1. Objetivos Específicos**

São objetivos específicos:

Compreender as mudanças ocorridas durante uma pesquisa sobre Património Cultural Imaterial nas representações dos jovens sobre os idosos e sobre o Património Cultural Imaterial das Comunidades;

Identificar as aprendizagens desenvolvidas pelos alunos no decurso da investigação;

Identificar as práticas educativas que conduziram à mudança de representações dos jovens;

Perceber as perspetivas de futuro que os jovens identificam em relação aos idosos e ao Património Cultural Imaterial;

Verificar se os jovens se consideram promotores e desencadeadores de desenvolvimento local junto das comunidades, ao conhecerem os saberes dos Idosos nos seus diversos domínios e ao veicularem os mesmos nas comunidades;

Entender como os jovens enunciam pistas para o Desenvolvimento Local durante uma pesquisa sobre o Património Cultural Imaterial dos idosos.

## **2. Questão de Partida**

Quais as representações dos jovens em relação aos saberes tácitos e experienciais dos idosos e do Património Cultural Imaterial, (e) como se podem adequar essas representações no sentido de contribuir para o Desenvolvimento Local das Comunidades.

### **2.1. Questões Orientadoras**

Que tipo de representações os jovens desenvolveram em relação aos idosos e ao Património Cultural Imaterial, no decorrer de um processo de formação?

Qual o significado e importância que os jovens conferem aos idosos atualmente?

Qual a importância que os jovens atribuem ao Património Cultural Imaterial dos Idosos?

Em que domínios do Património Cultural Imaterial as aprendizagens dos jovens junto dos idosos foram percecionadas?

Que mudanças foram ocorrendo no decorrer das aprendizagens feitas pelos alunos?

Em que medida os jovens consideram que os saberes dos idosos contribuem para o Desenvolvimento Local das Comunidades?

Em que medida os jovens se consideram promotores de Desenvolvimento Local ao conhecerem e veicularem nas Comunidades os seus saberes e o Património Cultural Imaterial?

Que pistas os jovens deixam no sentido de fomentar o Desenvolvimento Local?

### **3. Investigação- Ação**

Seguidamente, vai definir-se o que se entende por investigação e Investigação - Ação (IA)<sup>42</sup>, clarificar o motivo de este estudo ser de IA, apresentar o processo de intervenção pedagógica e de IA utilizado neste estudo, quer pela investigadora, quer pelos alunos que frequentam um estabelecimento de Ensino Profissional (EP).

#### **3.1. Estudo de Investigação-Ação**

A investigação implica que perante a existência de um problema, o investigador procure compreender as razões da sua existência, isto é, que investigue e intervenha nele, de forma a conseguir produzir novos conhecimentos passíveis de alterar a realidade e que encontre as melhores soluções para esse problema. Para Serrano (2011) a investigação visa testar, retirar conclusões, distanciamento do investigador, verdade científica e generalização.

Entendemos que a IA pretende que o investigador faça uma leitura correta dos acontecimentos e da realidade em que o problema se insere, que atue nessa mesma realidade e que em resultado da sua intervenção ocorra uma mudança, uma transformação. Para Bell (1997) a IA assume claramente uma natureza prática de resolução de problemas, demonstrando que a resolução de problemas acontece por meio da intervenção que é realizada no terreno.

Em termos metodológicos, a IA para Gómez (2011) surge enquanto processo contínuo e evolutivo e integra diferentes sequências que articulam o pensamento e a ação, designadamente a definição de um problema prático, a recolha de dados, a análise e interpretação e a proposta de ação.

O presente estudo de IA procura perceber se os jovens são promotores de Desenvolvimento Local (DL) através da relação com os saberes dos idosos que constituem o Património Cultural Imaterial (PCI) de entender de que modo a formação recebida

---

<sup>42</sup> Daqui em diante passa a ser designado pela sigla IA.

numa escola profissional pode contribuir para a mudança de representações, tornando-as mais adequadas à promoção do DL.

A presente investigação não procedeu ao levantamento do campo semântico da representação social, não obstante, assinalamos que quisemos perceber e conhecer melhor as representações que um conjunto de jovens têm em relação a grupo de pessoas, em resultado das suas vivências em sociedade/na comunidade e das relações com o seu grupo de amigos. O objetivo consistiu em compreender junto dos alunos as representações que eles tinham (antes de realizarem a pesquisa junto da população idosa) positivas e/ou negativas em relação aos idosos, perceber como os jovens vêem os idosos na sociedade/comunidade, qual o seu papel na vida familiar e entender melhor as mudanças que iam ocorrendo à medida que desenvolviam o trabalho; o mesmo em relação ao PCI existente nas comunidades/ e o dos idosos<sup>43</sup>.

Neste sentido, o processo de IA, encontra-se organizado por fases distintas, procurando:

- i) entender as representações que os alunos tinham em relação aos idosos, antes de iniciarem a pesquisa no terreno. Numa aula da disciplina, questionou-se os alunos sobre o que pensavam relativamente aos idosos e aos seus saberes;
- ii) construir na aula da disciplina, um guião de entrevista com os alunos, para que, no momento em que estivessem em contacto direto com os idosos, se sentissem mais seguros e conseguissem fazer as perguntas, recorrendo ao guião. Também, serviu para não perderem o fio condutor, nem se desviarem do que realmente era importante;
- iii) efetuar uma pesquisa de informações, nas suas áreas de residência, junto dos idosos, acerca dos saberes que possuem e sabem (e que integram o PCI);
- iv) colocar os alunos em contacto com a realidade vivida pelos idosos, para conhecerem e perceberem melhor os seus modos de vida, as suas vivências e histórias de vida;
- v) produzir um Diário de Bordo com o material resultante da pesquisa, em suporte digital/papel;

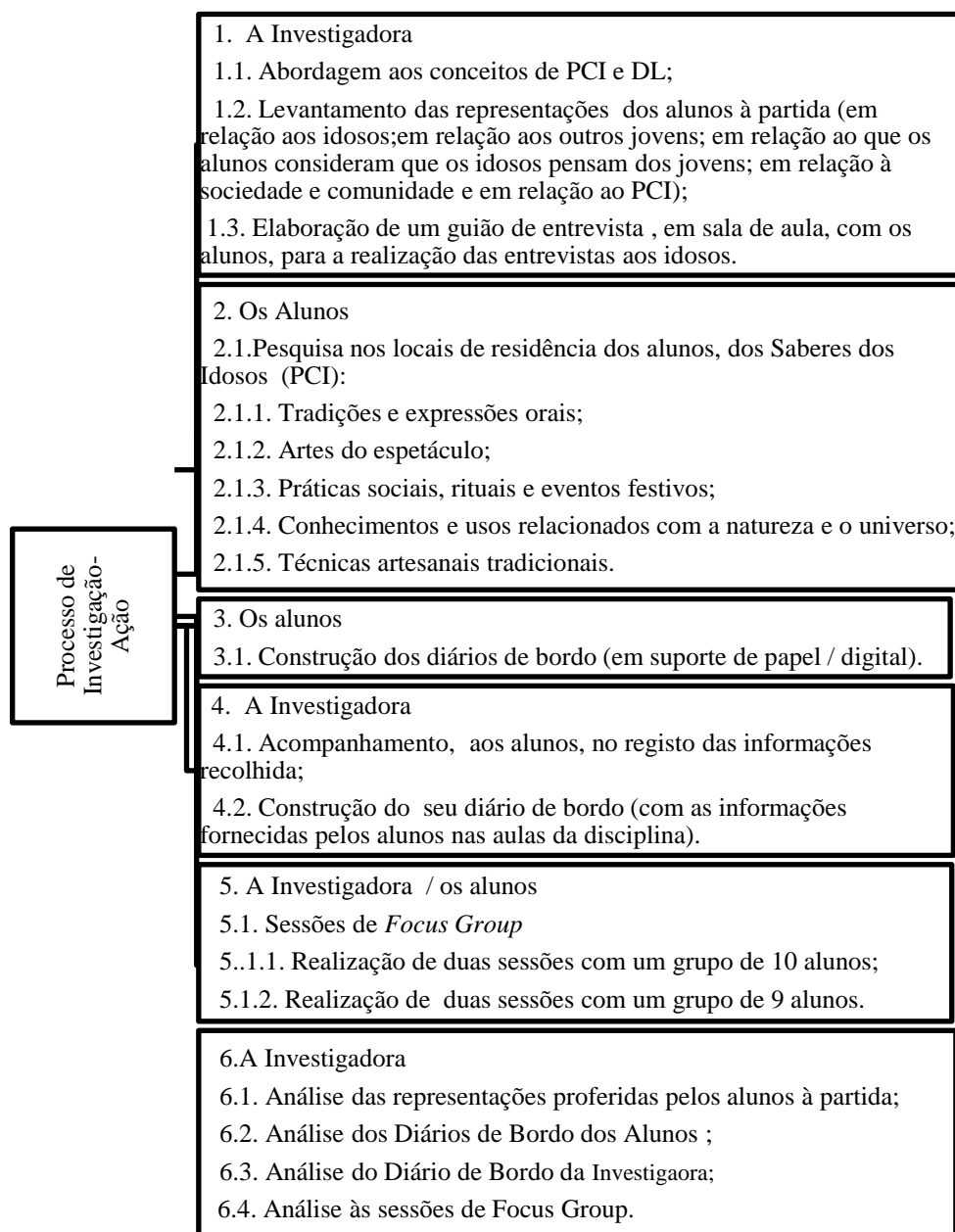
---

<sup>43</sup> De facto, entendemos ter recolhido as perceções e não as representações no seu sentido exato.



- vi) construir um Diário de Bordo com as informações que os alunos lhe iam transmitindo acerca da pesquisa, quer nas aulas da disciplina, quer em contexto informal, nomeadamente nos corredores e no átrio da escola;
- vii) realizar sessões de *Focus Group* com os alunos, para entender se as representações que eles tinham inicialmente, tinham mudado ou não, durante e após o período em que decorreu a pesquisa;
- viii) perceber qual o interesse dos jovens pelos saberes transmitidos pelos idosos;
- ix) Verificar em que medida os saberes dos idosos contribuem para a existência de DL nas suas localidades;
- x) entender como a formação recebida numa escola profissional – Escola Profissional de Tondela, pode contribuir para modificar as representações dos alunos, para aproximar as várias gerações e para a ocorrência de ações de DL.

Apresenta-se, de seguida, esquematizado, o processo de IA.



Quadro nº 1  
Processo de Investigação-Ação

A partir da IA, iremos procurar perceber e refletir sobre todos os aspetos anteriormente assinalados.

## 4. Contexto de Intervenção

O estudo de Investigação-ação foi desenvolvido pelos alunos da turma TAP11 – do Curso de Técnico de Apoio Psicossocial, da Escola Profissional de Tondela (EPT)<sup>44</sup>, que iniciaram o seu percurso formativo no ano de 2011, tendo-o terminado no ano de 2014. Foi enquadrado na disciplina de Comunidade e Intervenção Social, ao módulo Terceira Idade e Velhice, com a duração de trinta horas. Em contexto de formação, os alunos, neste módulo, desenvolveram um projeto de intervenção nas suas localidades de residência, que consistiu no levantamento/pesquisa de informação sobre os conhecimentos e saberes dos idosos que integram o PCI.

Faremos, de seguida, uma descrição do concelho de Tondela, uma vez que a EPT está sediada no centro da cidade deste concelho. Procederemos, igualmente, à caracterização da EPT, ao Curso, à Turma, à Disciplina e ao Módulo que abraçou este projeto de intervenção.

### 4.1. Tondela

O Concelho de Tondela encontra-se situado no centro ocidental de Portugal Continental, na Região Centro (NUT II)<sup>45</sup> e unidade territorial do Dão/Lafões<sup>46</sup>, sendo delimitado a Norte pelos Municípios de Vouzela e de Oliveira de Frades, a Nordeste pelo Município de Viseu, a Sudeste pelo de Carregal do Sal, a Sul pelo Município de Santa Comba Dão, a Sudoeste pelo de Mortágua e a Oeste pelo Município de Águeda, abrangendo uma área de 373Km2 (Pensar Território & Câma-



Imagem nº1  
Concelho de Tondela

<sup>44</sup> Daqui em diante passa a ser designado pela sigla EPT.

<sup>45</sup> NUTS - Segundo o Decreto Lei nº 68/2008 de 14 de Abril significa Nomenclatura das Unidades Territoriais Estatísticas. O Decreto Lei confere coerência a unidades territoriais definidas com base nas NUTS III.

<sup>46</sup> De acordo com o Anexo I do Decreto Lei número 68/2008 de 14 de Abril, a unidade territorial do Dão Lafões faz parte da Região Centro e integra os municípios de Aguiar da Beira, Carregal do Sal, Castro Daire, Mangualde, Nelas, Oliveira de Frades, Penalva do Castelo, Santa Comba Dão, São Pedro do Sul, Sátão, Tondela, Vila Nova de Paiva, Viseu e Vouzela.

ra Municipal de Tondela, 2011) (PT & CMT)<sup>47</sup>.

Tendo como referência o artigo 3º<sup>48</sup>, do Anexo I, da Lei nº 11-A/de 2013<sup>49</sup> de 28 de janeiro, o município de Tondela encontra-se subdividido geograficamente por 19 freguesias. Das 19 freguesias, 7 foram criadas por agregação, constituindo-se em uniões de freguesia. Assim, as freguesias são: Campo de Besteiros, Canas de Santa Maria, Castelões, Dardavaz, Ferreirós do Dão, Guardão, Lajeosa do Dão, Lobão da Beira, Molelos, Parada de Gonta, Santiago De Besteiros, Tonda. As freguesias constituídas em união das freguesias são: Barreiro de Besteiros e Tourigo; Caparrosa e Silvares; Mouraz e Vila Nova da Rainha; São João do Monte e Mosteirinho; de São Miguel do Outeiro e Sabugosa; Tondela e Nandufe; e Vilar de Besteiros e Mosteiro de Fráguas.



Imagem nº 2  
Atuais Freguesias do Concelho de Tondela

Relativamente à população, constatamos que entre 2001 e 2013 o concelho tem vindo a sofrer um decréscimo em termos de população residente, passando de 31 022 para 28 167 habitantes, como se pode verificar no gráfico a seguir:

<sup>47</sup> Daqui em diante passa a ser designado pela sigla PT & CMP.

<sup>48</sup> Denominado de Criação e Limites Territoriais.

<sup>49</sup> Referente à Reorganização administrativa do território de freguesias.



Gráfico nº 7  
População Residente em Tondela, 2001 a 2013.  
Fonte: INE (2014)

Dos 28 167 habitantes, 3.231 fazem parte do grupo [0-14 anos], 2.877 integram o grupo dos [15 -24 anos], 14 185 pertencem ao grupo [25-65 anos] e cerca de 7 874 incluem-se no grupo dos 65 e mais anos, sendo 3.291 pertencentes ao sexo masculino e 4.583 ao sexo feminino (INE, 2014).

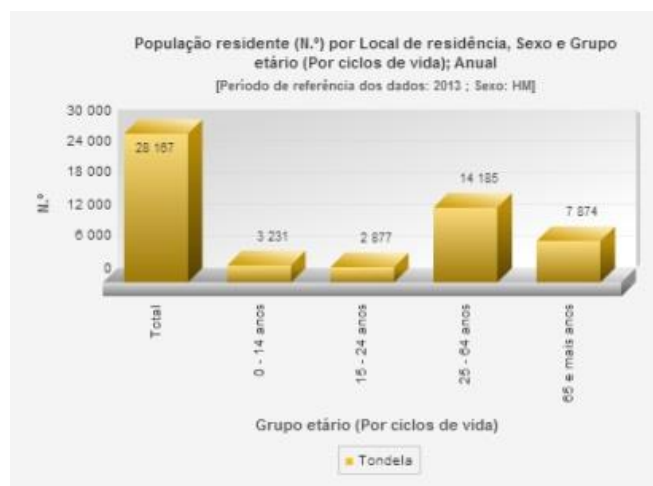


Gráfico nº 8  
População Residente \_2001 a 2013.  
Fonte: INE (2014)

Pelo exposto, observa-se que o grupo etário com menor representação é o dos [15-24 anos], seguido do dos [0-14 anos]. Estes dados revelam que estamos na presença de

um concelho com uma elevada percentagem de população pertencente ao grupo dos 65 ou mais anos e um número reduzido de população pertencente ao grupo dos [0-14 anos]. Perante a elevada percentagem de pessoas no grupo dos 65 ou mais anos, importa perceber como tem evoluído o índice de envelhecimento.

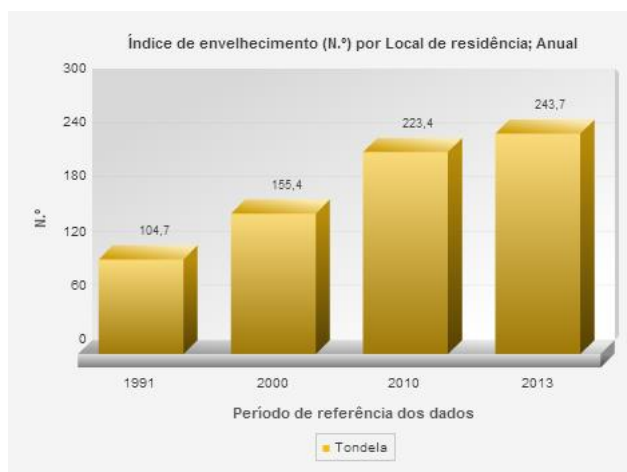


Gráfico nº 9  
Índice de envelhecimento, 1991 a 2013.  
Fonte: INE (2014).

Os dados apresentados mostram-nos a crescente evolução do envelhecimento da população do concelho de Tondela. Podemos observar que, em 1991, por cada 100 jovens até aos 14 anos, existiam 104,7 pessoas com mais de 65 anos. O concelho apresentava um maior número de pessoas com mais de 65 anos, relativamente aos jovens. Em 2010, o número subiu para 155,4, em 2010 disparou para 223,4 e em 2013, verificou-se a existência de 243,7 pessoas com mais de 65 anos, por cada 100 jovens até aos 14 anos. Prospetivamente, e seguindo esta lógica de crescimento, estaremos perante um aumento significativo deste grupo de população, o que se poderá traduzir numa maior necessidade de cuidados e serviços dirigidos a esta população.

Em termos físicos, PT & CMT (2011) descrevem que o concelho é distinguido pela imponência da Serra do Caramulo na zona ocidental; na zona centro e oriental desenvolve-se a Plataforma do Mondego, representando a unidade morfológica com maior extensão. Maioritariamente, a sua morfologia distribui-se por altitudes entre os

200 e os 400 metros na Plataforma do Mondego, onde se encontra a sede do concelho e onde domina uma superfície de aplanamento pelo rio Dão.

As altitudes na zona ocidental são bastantes significativas e a morfologia é marcadamente acidentada devido à presença da Serra do Caramulo, refletindo-se no contacto entre o Caramulo e a Plataforma do Mondego, dá-se através de uma área deprimida, denominada por “depressão besteiros”, registando-se assim, no concelho, duas dinâmicas socio-económicas distintas. É de salientar que as freguesias que se encontram na Plataforma do Mondego são as que apresentam maior dinamismo, quer a nível demográfico, quer a nível socio-económico (Ferreira, 2005, citado por PT & CMT, 2011).

Em termos climatéricos, o concelho apresenta um clima com características mediterrâneas, com verões quentes e secos e invernos suaves e chuvosos, contudo, na zona de maior altitude, um clima de montanha e na zona da plataforma do Mondego, um clima temperado mediterrâneo (PT & CMT, 2011).

No que diz respeito às redes de acessibilidade, de acordo com PT & CMT (2011), o melhoramento da rede viária efetuado nos últimos anos fez com que o concelho conseguisse alcançar um posicionamento geo-estratégico no contexto da região centro, afirmando-se como um dos principais pólos de desenvolvimento, devido à sua localização em relação a áreas urbanas, como Viseu, Coimbra e Aveiro. Referem que o concelho tem importantes ligações nacionais<sup>50</sup> (IP3, A24, A25), ligações intermunicipais<sup>51</sup> (EN2, EN 228 e EN 230) e municipais<sup>52</sup> (EM 624 e EM627).

---

<sup>50</sup> IP3 – É o principal eixo viário do Município. Representa a ligação central aos centros urbanos de Viseu e Coimbra e permite o acesso à A1 (Auto-Estrada do Norte), em Coimbra e à A25 (Auto-Estrada Aveiro – Vilar Formoso), em Viseu. A A24 faz a ligação Viseu – Vila Verde de Raia).

<sup>51</sup> EN2 – Principal alternativa ao IP3. Estabelece a ligação entre os municípios de Viseu e Santa Comba Dão e serve de ligação às seguintes freguesias do concelho de Tondela: Vila Nova da Rainha, Tondela, Canas de Santa Maria, Sabugosa e Parada de Gonta. EN228 – Estabelece a ligação à A25 em Boa Aldeia (Município de Viseu). Assegura a ligação ao Município de Vouzela e Mortágua. Faz a ligação às seguintes freguesias do concelho de Tondela: Tourigo, Barreiro de Besteiros, Castelões, Campo de Besteiros, Santiago de Besteiros, Caparrosa e Silvares. EN230 – Estabelece a ligação ao Município de Águeda. Assegura a ligação da cidade de Tondela às freguesias de Guardão, São João do Monte e Mosteirinho. A Oriente, estabelece a ligação às freguesias de Tonda e Ferreirós do Dão.

<sup>52</sup> EM627 – Liga os lugares das freguesias de Nandufe, Vilar de Besteiros, Mosteiro de Fráguas, Caparrosa e Tondela. Estabelece a ligação à EN228 e à A25. EM624 – Liga os lugares das freguesias de Lobão da Beira e Lajeosa do Dão.

Relativamente à população economicamente ativa e empregada, segundo o sexo e o ramo de atividade e taxas de atividade, referente à população com 15 ou mais anos, no concelho de Tondela, elaborámos um quadro representativo da situação deste concelho.

População economicamente ativa e empregada, segundo o sexo e o ramo de atividade e taxas de atividade				
Ano 2011				
H	5.838	Total	10.719	
M	4.881			
Ramos de Atividade				
Primário	Secundário	Terciário		
		Total	De natureza social	Relacionado com a atividade económica
858	3.643	6.218	2.748	3.470
Taxa de Atividade		HM	H	M
		41,5 3%	47,64%	36,01 %

Quadro nº 2  
População Ativa e Ramos de Atividade  
Adaptado de INE (2012)

Pelo exposto, percebemos que em 2011, a população economicamente ativa e empregada era de 10.719 pessoas, na maioria pertencentes ao sexo masculino.

No que se refere aos ramos de atividade, observámos que o ramo de atividade terciário era aquele que apresentava um maior número de população ativa, cerca de 6.218, principalmente em áreas relacionadas com a atividade económica. Por sua vez, o ramo de atividade secundário estava representado por 3.643 pessoas, ocupando o segundo lugar. Por último, encontrava-se o ramo de atividade primário, com 858 pessoas, constituindo o ramo com menor representatividade no concelho.

A prática turística tem sido mais uma das áreas em que o concelho tem vindo a apostar, e no entendimento de PT & CMT (2011, p.115) esta prática apresenta

“um conjunto de potencialidades, pontos de interesse turístico e equipamentos de apoio”.



Destacam-se, no concelho, as seguintes práticas de Lazer e Turismo:

Práticas de Lazer e Turismo		
Alojamento	Unidades Hoteleiras	5
	Alojamento Local	3
	Hotel Rural	1
	Turismo Rural	1
	Parque de Campismo	1
Turismo e Lazer	Parques Infantis	12
	Vinhos e produtores	10
	Percursos Pedestres	6
	Pontos de interesse turístico	4
	Parques	1
	Percursos de Bicicleta	1
Restauração	Restaurantes	24
Equipamentos	Equipamentos desportivos	134
	Equipamentos Culturais	4
Feiras		168
Outras	Feiras e romarias; desenvolvimento de atividades relacionadas com o artesanato e com a organização de eventos	

Quadro nº 3  
Principais Práticas de Lazer e Turismo no Concelho de Tondela  
Adaptado de PT & CMT (2011)

No que concerne a equipamentos sociais existentes no concelho, verificámos a existência de 61, distribuídos pelas diferentes redes públicas e privadas.

Equipamentos Sociais	
	Nº de Equipamentos
Rede pública sem fins lucrativos	29
Rede privada sem fins lucrativos	27
Rede privada com fins lucrativos	5
Total	61

Quadro nº 4  
Equipamentos Sociais existentes no Concelho de Tondela  
Adaptado de PT & CMT (2011)

Importa ainda referir que o concelho de Tondela faz parte da zona de intervenção da ADICES - Associação de Desenvolvimento Local, assim como outros três concelhos<sup>53</sup>. Constituiu-se legalmente em 1991, tendo como objetivo inicial contribuir para a elevação dos níveis de desenvolvimento da sua zona de intervenção e da qualidade de vida das comunidades residentes nesse território. É uma entidade privada, sem fins lucrativos, cuja atuação se centra no Desenvolvimento Local (ADICES, 2014).

#### **4.1. Escola Profissional de Tondela**

A EPT está sediada no centro da cidade de Tondela, no edifício do antigo colégio Tomás Ribeiro de Tondela. Iniciou a sua atividade formativa no ano de 1993, até à atualidade, contando, assim, com mais de vinte anos de existência. A entidade proprietária é a E.P.T. Cooperativa de Interesse Público e Responsabilidade Limitada e os principais promotores são a Câmara Municipal de Tondela e a Associação de Desenvolvimento da Região de Tondela (ADERETON).

Volvidos vinte anos de existência, segundo os registos da EPT relativos a 2011, o número de docentes e discentes tem vindo a aumentar gradualmente. Em relação às áreas de residência dos discentes, estas vão além do distrito de Viseu, à qual Tondela pertence, sendo, portanto, cada vez mais procurada por alunos provenientes de outros Distritos, a saber: Aveiro, Vila Real, Porto, Coimbra e Castelo Branco.

No ano letivo 2013/2014, a escola teve em funcionamento seis cursos. Os cursos de Técnico de Manutenção Eletromecânica, variante de Mecatrónica Automóvel, Técnico de Restauração, com as variantes Cozinha e Pastelaria e Mesa/Bar; Técnico de Manutenção Industrial, variante Eletromecânica e Técnico de Electrónica, Automação e Comando, estiveram a funcionar com três turmas, uma por cada ano, à exceção dos cursos Técnico de Animador Sociocultural, com uma turma no segundo ano e Técnico de Apoio Psicossocial, com uma turma no terceiro ano de formação.

---

<sup>53</sup> Carregal do Sal, Mortágua e Santa Comba Dão.

Na totalidade, são dezassete turmas, cinco no primeiro ano, seis no segundo e no terceiro ano, respetivamente. Na sua maioria, os alunos são do sexo masculino e as idades compreendem os 15 e os 22 anos. Uma parte desses alunos está alojada na escola.

#### **4.2. Curso de Técnico de Apoio Psicossocial**

Segundo a Portaria número 1285/2006<sup>54</sup> de 21 de Novembro, o Curso Profissional de Técnico de Apoio Psicossocial visa a saída profissional de técnicos de apoio psicossocial, enquadra-se na família profissional de serviços de apoio social e integra a área de educação e formação social (762). O Plano de estudos do curso, de acordo com a portaria supracitada, integra a componente de formação sociocultural, a componente de formação científica e a componente de formação técnica. A componente de formação sociocultural é composta pelas disciplinas de Português, Língua Estrangeira, Área de Integração, Tecnologias de Informação e Comunicação e Educação Física. A componente de formação científica é composta pelas disciplinas de Psicologia, Sociologia e Matemática. A componente de formação técnica é composta pelas disciplinas de Área de Expressões (corporal, dramática, musical e plástica), Comunidade e Intervenção Social, Animação Sociocultural, Psicopatologia Geral e Formação em Contexto de Trabalho. O curso tem um total de 3100 horas, distribuídas por três anos de formação.

A turma do Curso de Técnico de Apoio Psicossocial, da EPT, que realizou o trabalho de pesquisa no terreno, iniciou o seu ciclo de formação em setembro de 2011 e concluiu-o em julho de 2014. É constituída por 19 alunos, 18 do sexo feminino e 1 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os dezassete e os vinte e dois anos de idade. As áreas de residência dos alunos são: Nandufe, Castelões, Alvarim, Almofala, Ferreirós do Dão, Dardavaz, Paranho de Arca, Corveira, Tourigo, Tondela; Tábuia e Alvarim; Carregal do Sal, Cabanas de Viriato, Beijós, Papízios; Tarouca e Moselos.

---

<sup>54</sup> Diário da República nº 224 – I Série.

### **4.3. Comunidade e Intervenção Social**

A disciplina que possibilitou a realização deste estudo como referido faz parte da componente de formação técnica, a saber: Comunidade e Intervenção Social. Esta contempla onze módulos, organizados e distribuídos pelos três anos letivos. No primeiro e segundo anos, são lecionados quatro módulos, respetivamente, e no terceiro ano, três módulos, compreendendo um total de 300 horas. A disciplina pretende desenvolver as competências dos alunos, permitindo-lhes, assim, ter uma formação mais abrangente e globalizante; adquirir ferramentas teóricas e práticas para o bom desenvolvimento da sua atividade profissional, nos diferentes contextos em que intervém (Ferreira, Marques, & Roque, 2008).

### **4.4. Terceira Idade e Velhice**

Foi o módulo “Terceira Idade e Velhice” que possibilitou a realização da pesquisa de informação por parte dos alunos, junto da população idosa, acerca dos seus saberes e que constituem os domínios do PCI, nas suas localidades de residência. Da análise efetuada ao programa da disciplina de Comunidade e Intervenção Social, mais concretamente ao módulo “Terceira Idade e Velhice”, verificamos que este almeja que os alunos reconheçam as transformações e especificidades inerentes ao processo de envelhecimento, que adquiram competências e formação essenciais no domínio da gerontologia e que desenvolvam as capacidades e características humanas nesta área de intervenção (Ferreira, Marques, & Roque, 2008). Tem como objetivos de aprendizagem perceber a importância da prevenção da velhice, entender os acontecimentos da vida na velhice como fatores de risco na saúde mental, caracterizar o apoio psicológico dos idosos e das suas famílias, identificar a função de prevenção dos serviços sociais dirigidos a esta população e reconhecer as valências de apoio aos idosos.

No que respeita ao âmbito dos conteúdos do módulo, segundo (Ferreira et.al., 2008) são:

- 1 - Mitos e estereótipos acerca da velhice;
- 2 - Aspetos demográficos do envelhecimento;
- 3 - O processo de envelhecimento: causas e consequências;
- 4 - A geriatria e a gerontologia, seus precursores;
- 5 - Noção de velhice e população idosa;
- 6 - Fases do processo de envelhecimento: pré-senescência, senescência e velhice;
- 7 - A diversidade cultural do envelhecimento;
- 8 - A política de velhice;
- 9 - Noção de política social: análise da situação portuguesa;
- 10 - A problemática do alojamento;
- 11 - Dificuldade económicas, sociais, culturais e psicológicas do idoso;
- 12 - As valências de apoio à terceira idade.

## **5. Estratégias de Intervenção**

No que concerne ao projeto de formação, e uma vez apresentada a região, a escola, o curso, a disciplina, o módulo e respetivos objetivos, apresentam-se agora as estratégias de intervenção que se utilizaram no estudo. As estratégias estão organizadas por ordem cronológica de realização e correspondem ao conjunto de trabalhos desenvolvidos.

### **5.1. Etapas da Intervenção**

Num primeiro momento, a investigadora procurou apresentar aos alunos o tipo de trabalho que pretendia que eles desenvolvessem nas suas localidades de residência. Consistia em proceder a um levantamento/pesquisa de informação sobre os Saberes dos Idosos, nos diversos domínios do Património Cultural Imaterial (PCI) e teriam de fazer o registo dessa mesma informação, em suporte digital, se possível. Informou os alunos acerca dos objetivos da pesquisa. Ao dialogar com os alunos, com o intuito de os informar sobre os assuntos anteriormente referidos, apercebeu-se que estes desconheciam alguns termos, pelo que teve a necessidade de preparar uma aula para clarificar os conceitos de PCI (e seus domínios) e de DL. Neste sentido, em contexto de sala de aula, foram abordados e debatidos os dois conceitos bem como os respetivos domínios.

Num segundo momento, antes da realização da pesquisa, a investigadora procedeu ao levantamento das representações que os jovens amiúde conferem aos idosos e à importância que eles atribuíam aos saberes que os idosos possuem.

Num terceiro momento, foi elaborado um guião de entrevista, em contexto de sala de aula, com o conjunto das perguntas que se pretendia que os alunos tivessem em consideração, no momento em que realizassem as suas pesquisas. Em seguida, os alunos procederam à intervenção propriamente dita, isto é, ao levantamento / pesquisa no terreno dos saberes e conhecimentos dos idosos nos seus vários domínios do PCI, nas suas localidades de origem.

Os alunos foram informados de que toda a informação recolhida deveria ser transcrita para formato digital, se possível. Assim, cada um fez os registos num diário de bordo.

Sempre que tinham aula da disciplina, a investigadora perguntava-lhes como estavam a decorrer os trabalhos, quais as dificuldades que estavam a sentir, sentimentos e situações inesperadas. As informações proferidas pelos alunos bem como as suas expressões, sentimentos e emoções que se conseguiam ver e sentir no momento em que se expressavam foram registadas pela investigadora no seu diário de bordo. Estas, por sua vez, vieram fornecer elementos novos à investigação e à investigadora, ajudaram-na a compreender o trabalho desenvolvido pelos alunos, a sua a sua evolução, a mudança de atitudes, as reflexões e as aprendizagens decorrentes da pesquisa.

Terminado o processo de pesquisa, os alunos entregaram em suporte digital todas as informações recolhidas, no entanto, é de salientar que houve alguns alunos que não tiveram a possibilidade de transcrever as informações para formato digital, pelo que as entregaram em formato de papel. Concluído este processo, agendou-se a realização das sessões de *Focus Group*, com cada um dos grupos.

Num quarto e último momento, realizaram-se as várias sessões de *Focus Group*, as quais foram gravadas.

## 6. Instrumentos de Recolha de Dados

“As técnicas de investigação são conjuntos de procedimentos bem definidos e transmissíveis, destinados a produzir certos resultados na recolha e tratamento da informação requerida pela atividade de pesquisa”.

(Almeida, J. & Pinto, J. 1995, p. 85)

Pegando nas palavras de Serrano (2011), quando se procede à seleção de um instrumento deve ter-se em conta as características técnicas e os níveis de precisão à amostra aplicada a ações definidas pelo instrumento. Tendo por base estas considerações, os instrumentos de recolha de informação que se consideraram ser os mais pertinentes ao estudo e que respondem às hipóteses, anteriormente, avançadas foram a pesquisa documental, a pesquisa bibliográfica, a recolha do material pelos alunos no decurso da pesquisa efetuada no terreno, junto dos idosos sobre o PCI, as sessões de *Focus Group*, e as observações feitas pela investigadora às sessões de *Focus Group* e o diário de bordo elaborado pela investigadora. Em seguida, apresentam-se os instrumentos de recolha de dados utilizados.

### 6.1. Pesquisa Documental

De acordo com Saint-Georges (1997), pesquisa documental refere-se a um método de recolha e análise de dados, através do acesso a fontes pertinentes, que podem ser ou não escritas, fazendo, parte heurística da investigação. Acrescente-se que toda e qualquer investigação necessita de realizar recolha de informação e seguir algumas formas de atuação para que o estudo chegue a bom termo. Tais como definir claramente o objeto de estudo, formular bem as hipóteses, verificar o nível de imparcialidade das fontes e comparar só o que é comparável (Pardal & Correia, 1995).

A presente investigação procurou recolher um conjunto vasto de documentos escritos, sobre os assuntos relacionados com os temas da investigação, nomeadamente, livros, jornais locais, para, posteriormente, proceder à sua análise crítica. Teve em atenção os aspetos anteriormente assinalados. Tratou-se de um processo muroso, no entanto, se tivermos em conta as palavras de Pardal & Correia (1995) a recolha de



informação é uma tarefa difícil e complexa e requer do investigador paciência e disciplina. Os documentos analisados foram de vários tipos, desde fontes históricas, estudos já realizados, legislação, dados estatísticos existentes, entre outros.

## **6.2. Pesquisa Bibliográfica**

Na perspectiva de Saint-Georges (1997), pesquisa bibliográfica é a descoberta de textos, mais especificamente livros, artigos, documentos, não esquecendo a referência de não se deixar levar pelo que não revela interesse. No caso concreto da investigação, houve o cuidado de procurar encontrar as referências bibliográficas relacionadas com os temas implicados na investigação, em livros, artigos e outros documentos, referidos na bibliografia.

## **6.3. Diário de Bordo**

O Diário de Bordo pode ser entendido como uma forma de registo de informações observadas pelo investigador/a no decorrer da sua investigação.

No presente estudo, a investigadora utilizou este instrumento de observação para anotar o que foi observando junto dos alunos, durante as aulas da disciplina, em relação às representações à partida dos alunos em relação aos idosos, em relação ao que consideram que os outros jovens pensam acerca dos idosos; em relação ao que os alunos consideram que os idosos pensam dos jovens; em relação à sociedade e comunidade e em relação ao PCI, às mudanças que foi possível verificar nos alunos durante e após a realização da pesquisa no terreno.

Os alunos usaram, igualmente, o Diário de Bordo para registarem as informações recolhidas pelos alunos junto dos idosos, tendo sido registada e documentada para que a investigadora a pudesse analisar<sup>55</sup>. Assim, antes do início da recolha de informação, a investigadora informou e sensibilizou os alunos para a importância de se tratar de um instrumento de formação, o qual seria alvo de avaliação. Assim, deviam

---

<sup>55</sup> Chamar-lhe-emos Diário de Bordo.

construir um dossier pessoal em formato digital (word, power point, vídeo, movie maker, filmagem, etc.), onde pudessem colocar as informações que considerassem relevantes. Juntamente com essa documentação, os alunos foram informados que poderiam, igualmente, colocar anotações pessoais em relação ao desenvolvimento do seu trabalho no terreno.

#### 6.4. Focus Group

De acordo com Galego & Gomes (2005), o *Focus Group* (FG<sup>56</sup>) possibilita a criação de um espaço de debate acerca de um assunto comum a todos os intervenientes e a construção e reconstrução dos seus posicionamentos, em relação à representação e à atuação futura.

Aos investigadores, o FG permite

“observar a construção do conhecimento numa situação real de dinâmica de grupo, onde são analisadas as relações que vão acontecendo, tendo por base as opções de cada elemento do grupo” (Galego & Gomes, 2005, p.179).

O FG pode estruturar-se em três partes: planeamento, condução das entrevistas e análise de dados. Quanto ao planeamento, é decisivo para o sucesso do FG, dado que o investigador considera a intenção do estudo, desenvolve um plano que guiará o restante processo de pesquisa, elaboram-se as questões e seleccionam-se os participantes. A condução, centra-se na moderação das sessões e a análise de dados, dedica-se em fazer as transcrições, o tratamento dos dados e a redação do relatório (Oliveira & Freitas, 1997),

Para compreender melhor as aprendizagens, as mudanças e os conhecimentos apreendidos pelos jovens no processo de recolha de informação no terreno, junto dos idosos, considerou-se pertinente recorrer à técnica qualitativa “FG”, para entender e compreender se as representações dos jovens em relação aos saberes dos idosos mudaram e perceber quais os motivos que estiveram na origem dessa mudança.

A turma era constituída por dezanove alunos (dezoito eram do sexo feminino e um do sexo masculino) e dado que é recomendável que os grupos tenham um número

---

<sup>56</sup> Daqui em diante passa a ser denominado pela sigla FG.

médio, de seis a dez elementos (Oliveira & Freitas, 1997), a investigadora informou os jovens da necessidade de serem constituídos dois grupos distintos, para, com cada um realizar uma sessão de FG. Na constituição de cada grupo, houve o cuidado de ter-se em consideração as características de cada aluno, de modo a ter dois grupos homogêneos. O primeiro grupo era composto por dez elementos, todos do sexo feminino e o segundo, por nove elementos, oito do sexo feminino e um do sexo masculino.

Formados os grupos, definiu-se, em conjunto, as datas de realização de cada sessão. A intenção inicial era realizar apenas uma sessão de FG, com cada um dos grupos. Não obstante, durante a realização da primeira sessão de FG com o primeiro grupo, a investigadora apercebeu-se que não iria conseguir debater/discutir todas as informações naquela única sessão, pois ainda lhe faltavam explorar alguns tópicos do seu guião de FG, com notas de apoio (ver Apêndice I, p.149).

Considerou, igualmente, importante uma vez que se tratavam de jovens, não prolongar demasiado no tempo a realização da sessão de FG, para não prejudicar o estudo. Ficou definida, a realização de uma segunda sessão de FG com o primeiro grupo, para debater e discutir os restantes tópicos, tendo esta ocorrido duas semanas depois. Este primeiro grupo, no conjunto das duas sessões, demorou três horas.

O mesmo sucedeu em relação ao segundo grupo que realizou as sessões de FG. No conjunto das duas sessões, foram precisas três horas. Na totalidade, as sessões tiveram uma duração de seis horas. As sessões foram gravadas para posteriormente a investigadora proceder à sua interpretação e análise, e encontram-se guardadas, em suporte digital.

### **6.5. Observação Direta da Investigadora**

A observação direta implica o contacto visual com o outro, é uma ferramenta de trabalho que dá ao investigador um conjunto de informações muito pertinentes, que o ajudam a perceber o que os outros estão a sentir e a dizer.

### Os métodos de observação direta

“constituem os únicos métodos de investigação social que captam os comportamentos no momento em que eles se produzem e em si mesmos, sem a mediação de um documento ou de um testemunho”(Quivy & Champenhoudt, 1992, p. 197).

Pode, também, ser útil para descobrir se as pessoas realmente fazem o que dizem fazer ou se se comportam como realmente dizem que se comportam (Bell, 1997). Este método é importante, pois pretende recolher outras informações presentes nas filmagens das sessões de FG. Estas observações aparecem expressas, sobretudo, no Diário de Bordo.

## 7. Instrumentos de Análise de Dados

O instrumento de análise de dados utilizado na presente investigação, consistiu na matriz de redução de dados. Dela, fazem parte, todas as informações resultantes da pesquisa realizada no terreno pelos alunos nos seus diários de bordo, os registos da investigadora no seu diário de bordo e os registos das sessões de *Focus Group* (FG) (ver Apêndice II, p.155).

### 7.1. Análise de Conteúdo - Focus Group

Tal como nos diz (Quivy & Champenhoudt, 1992, p. 220)

“a maior parte dos métodos de análise das informações depende de uma de duas grandes categorias: a análise estatística e a análise de conteúdo”.

No caso específico da nossa investigação, o método de análise utilizado foi a Análise de Conteúdo. No entender de Quivy & Champenhoudt (1992), na investigação social a análise de conteúdo desempenha um papel cada vez mais importante, dado que permite tratar de forma metódica informações e testemunhos que apresentam um determinado grau de profundidade e complexidade e pode ser usada para restituir o sentido dos textos, mensagens e comunicações (Almeida & Pinto, 1995). Além disso,

“pode, eventualmente, permitir captar, não apenas a informação explícita das mensagens, mas ainda as condições teórico-ideológicas de produção dessas mensagens bem como fornecer indicações sobre a articulação dos geradores com os lugares sociais da sua produção” (Almeida & Pinto, 1995, p.105).

Assim, terminada a fase de recolha de informação, a investigadora apercebeu-se que possuía um conjunto vastíssimo de informação que necessitava de tratar e interpretar, para, posteriormente, conseguir apresentar e divulgar os resultados provenientes do estudo, de forma concisa, clara e precisa. Tal como nos diz Serrano (2011), depois de recolhidos os dados, importa fazer uma depuração dos mesmos, de modo a evitar a sua contaminação, eliminar os excessos e o que não corresponde às questões solicitadas.

O maior número de informação que a investigadora tinha para tratar era proveniente das sessões de FG. Dada a complexidade no tratamento de informação, a investigadora teve de transcrever todas as informações que foram debatidas nas várias sessões

de FG, para conseguir por meio das várias leituras e interpretações, filtrar e tratar com rigor as informações que foram proferidas pelos alunos.

Houve a necessidade de elaborar uma matriz de redução de dados, a qual se apresenta estruturada em Mega Categorias, em Categorias e em Subcategorias. No que designa às Megacategorias, elas são cinco, a saber: i) representações à partida; ii) mudanças sentidas com a realização do trabalho, durante e após a realização; iii) os saberes; iv) desenvolvimento local; v) processos de intervenção pedagógico.

Em cada megacategoria existe um conjunto de categorias, a cada categoria, correspondem várias subcategorias, variando estas últimas, em pertinência e complexidade, em relação às primeiras.

Assim sendo, passamos a apresentar a referida matriz, em tabela, para uma melhor leitura e interpretação.

## Matriz de Redução de Dados

Mega Categoria	Categoria	Subcategoria	Fontes
1. Representações à Partida (antes de realizar o trabalho)	1.1. Em relação aos Idosos	1.1.1. Registadas Antes; 1.1.2. Registadas Após.	Diário de Bordo da Investigadora; <i>Focus Group.</i>
	1.2. Em relação aos outros Jovens.	1.2.1. Registadas Antes; 1.2.2. Registadas Após.	
	1.3. Em relação ao que os alunos consideram que os idosos pensam dos jovens.	1.3.1. Registadas Antes; 1.3.2. Registadas Após.	
	1.4. Em relação à Sociedade e Comunidade.	1.4.1. Registadas Antes; 1.4.2. Registadas Após.	
	1.5. Em relação ao Património Cultural Imaterial		
2. Mudanças sentidas com a realização do trabalho (durante e após a sua realização)	2.1. No que respeita aos Idosos.	2.1.1. No decorrer da Pesquisa.	Diário de Bordo da Investigadora; <i>Focus Group.</i>
	2.2. No que respeita ao PCI.	2.2.1. No decorrer da Pesquisa.	
	2.3. No que respeita aos Idosos.	2.3.1. Após a Realização da Pesquisa.	
	2.4. No que respeita aos Jovens.	2.4.1. Após a Realização da Pesquisa.	
	2.5. No que respeita aos seus familiares.	2.5.1. Após a Realização da Pesquisa.	
	2.6. No que respeita ao Património Cultural Imaterial.	2.6.1. Após a Realização da Pesquisa.	
3. Os Saberes	3.1. Construção do Saber.		Diário de Bordo da Investigadora; <i>Focus Group</i>
	3.2. Marcas de Entusiasmo e Interesse.	3.2.1. No início da Pesquisa; 3.2.2. Durante a Pesquisa; 3.2.3. Após a Pesquisa.	
	3. Tipos de Aprendizagens - Património Cultural Imaterial.	3.3.1. Tradições e Expressões Orais; 3.3.2. Artes do Espetáculo; 3.3.3. Práticas Sociais, Rituais e Eventos Festivos; 3.3.4. Conhecimentos e usos relacionados com a Natureza e o Universo; 3.3.5. Técnicas Artesanais Tradicionais.	Diário de Bordo Alunos / Investigadora <i>Focus Group</i>
	3.4. Importância atribuída aos saberes dos idosos (integram aos diferentes domínios do Património Cultural Imaterial).	3.4.1. Importância conferida pelos alunos; 3.4.2. Importância atribuída pelos Jovens e pela Sociedade; 3.4.3. Importância dada pelos Idosos; 3.4.4. Sugestões para preservar o Património Cultural Imaterial.	<i>Focus Group</i>
4. Desenvolvimento Local	4.1. Saberes dos Idosos e Desenvolvimento Local.	4.4.1. Jovens e Idosos promotores de Desenvolvimento Local nas suas Localidades.	<i>Focus Group</i>
	4.2. Património Cultural Imaterial e Desenvolvimento Local.		
	4.3. Perspetivas de Futuro.	4.3.1. Património Cultural Imaterial e Saberes dos Idosos; 4.3.2. Sugestões para a sua Continuidade 4.3.3. Património Cultural Imaterial nas Escolas.	
5. Processos de Intervenção Pedagógica	5.1. Abordagem aos conceitos de Património Cultural Imaterial e Desenvolvimento Local.		Observação Direta
	5.2. Levantamento das Representações à Partida.		
	5.3. Construção de um Guião de Entrevista.		
	5.4. Pesquisa realizada pelos alunos.	5.4.1. Desafio à Realização – Levantamento dos Dados nas Localidades; 5.4.2. Acompanhamento aos alunos nos registos.	
	5.5. Sessões de Focus Group.		

Quadro nº 5  
Matriz de Redução de Dados





## **3ª PARTE**

# **ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS**



## **Análise e Discussão de Dados**

Como nos recorda (Bell, 1997, p. 160)

“uma centena de pedaços soltos de informação interessante não terá qualquer significado para um investigador ou para um leitor se não tiverem sido organizados por categorias”.

Neste sentido, houve a necessidade de proceder à organização da informação por categorias, para que se pudesse efetuar a depuração dos dados que nada vinham acrescentar à investigação, nem responder às questões orientadoras e questão de partida, e ficarmos, assim, na posse dos dados que realmente continham essa informação. O processo utilizado foi a Matriz de Redução de Dados, que contempla a análise das sessões de *Focus Group*, os diários de bordo da investigadora e os diários de bordo dos alunos.

Posteriormente procedeu-se a uma análise mais pormenorizada das informações presentes e à sua interpretação, dado que o trabalho do investigador reside em procurar sempre semelhanças e diferenças, agrupamentos, modelos e aspetos importantes (Bell, 1997).

Apresentam-se, a seguir, os principais resultados da investigação.

### **1. Representações dos jovens à Partida**

Este levantamento foi efetuado antes dos alunos realizarem a pesquisa no terreno. Compreende as representações à partida dos alunos em relação aos idosos, em relação aos outros jovens, em relação ao que os alunos consideram que os idosos pensam dos jovens, em relação à sociedade e comunidade e em relação ao Património Cultural Imaterial (PCI). Passamos a apresentar as representações dos alunos.

#### **1.1. Em relação aos Idosos**

De acordo com o Diário de Bordo da investigadora, as representações que os alunos tinham em relação aos idosos antes da realização do trabalho, variavam. Se por um lado, houve quem os considerasse como “pessoas com muita sabedoria”, “amigas”,

“alegres”, “carinhosas”, “atentas”, “observadoras” e “preocupadas”, por outro lado, houve quem os tenha considerado como “mais parados”, “trabalham pouco”, “frios em relação ao futuro”, “com outra mentalidade” e “distantes de nós”. É de salientar que alguns alunos não quiseram expressar a sua opinião.

Posteriormente<sup>57</sup>, na análise efetuada às sessões de *Focus Group*, verificámos que estas mesmas representações eram mais expressivas e distintas entre eles. Consideram-nos, por um lado como sendo pessoas “queridas”; “simpáticas”, “amorosas”, “carinhosas” “pessoas normais”; e “reservadas”; por outro lado, como pessoas “frias”, “fechadas”; “com medo de serem desprezadas”; “delicadas”, “com menos capacidades”; “queixinhas”; “sempre a lamentar-se”; com mais doenças”; “pouco comunicativas”; “muito arrogantes”; “anti-sociais”.

Crianças e jovens que são criadas e convivem diariamente com os seus avós, em adolescentes, são portadoras de referências mais positivas em relação aos idosos:

“nunca pensei mal dos idosos, porque ... eu sempre vivi com os meus avós e sempre me ensinaram a não ter preconceitos” (F12).

Pelo contrário, na ausência de referências de avós, quando não contactam de perto com os idosos, verificam-se representações negativas:

“Eu antes tinha uma atitude mesmo negativa dos idosos porque eu sempre fui criada numa geração muito nova ... há poucos idosos lá e então quando víamos um outro idoso havia sempre o preconceito e esse preconceito de tal forma foi passando para mim” (F1).

“Eu não tenho referências de avós como elas estavam a falar, eu nunca tinha referências, tenho uma avó, mas nunca lidei com ela. Não é desconhecida, mas pouco tempo passei com ela e daí não ter tantas referências como eles têm e se calhar dar valor aos idosos como eles dão, porque têm avós, têm cuidado de idosos e não, nunca tive” (F1).

Porém, é possível perceber que, alguns, apesar de crescerem e conviverem com os avós, continuam a ter uma representação negativa em relação a este grupo de pessoas, embora esta seja menos evidente.

Relativamente às representações positivas em relação aos idosos, estas provêm do facto de os jovens terem passado/passarem muito tempo com os avós; de terem sido e continuarem a ser criados por eles; do carinho e afeto prestado por estes cuidadores; pela experiência de vida que têm; por sentirem que os avós se preocupam e gos-

---

<sup>57</sup> As representações mencionadas pelos alunos nas sessões de *Focus Group* por vezes são contraditórias em relação ao que disseram à partida.

tam deles, pelos alertas em relação aos perigos e pelos bons conselhos. Se os jovens não estivessem tanto tempo na presença dos avós, as suas representações não seriam tão positivas. Portanto, contactos espaçados e esporádicos com os avós são interpretados por alguns alunos como “uma seca”, por não estarem habituados a estar na sua presença, por não terem criado uma ligação tão próxima e por não assumirem tanta importância e valor nas suas vidas.

No entanto, é referida a existência de outros fatores que podem influenciar as representações dos jovens, designadamente, as pessoas que os rodeiam:

“temos de tomar em atenção que às vezes não é muito fácil porque há outras pessoas que pensam muito diferente de nós, que influenciam-nos” (F21).

Sentem que pelo facto de estarem a receber uma formação académica, não devem ter atitudes negativas em relação aos idosos e consideram, igualmente, importante o curso profissional que estão a frequentar, para mudar as suas mentalidades e opiniões sobre os idosos. Não obstante, parece-nos que muitos jovens não estabelecem qualquer vínculo nem contacto com esse grupo de pessoas.

## **1.2. Em relação aos outros Jovens**

No que concerne às representações que os alunos consideram que os outros jovens têm em relação aos idosos, tendo em consideração o Diário de Bordo da investigadora, as expressões proferidas foram: “não demonstram interesse por eles”, “não os valorizam”, “não servem para nada”, “mas existem outros, poucos, que os valorizam e gostam deles”, “que se interessam”. Apontam que as considerações menos positivas se devem a não se identificarem com eles, com as suas conversas, com os seus interesses, por não estarem muito tempo com eles, por estarem sozinhos e afastados da sociedade.

De acordo com a análise feita ao *Focus Group*, as representações que os alunos consideram que os outros jovens têm em relação aos idosos, são as seguintes:

uns consideram que os idosos eram e são desvalorizados pelos jovens, mas atualmente, nem tanto, dado que as mentalidades também mudaram; outros, referem que são cada vez mais desvalorizados. São citados alguns locais onde ocorrem conversas que evidenciam essa desvalorização, a saber: autocarros, centros de saúde, supermerca-

dos, cafés. Referem que o curso que estão a frequentar é importante para modificar a representação negativa que os jovens têm acerca dos idosos.

Foi mencionado que se têm observado situações de colegas a adotarem atitudes menos corretas em relação aos idosos, em diferentes locais. Não bastando, é deixada a ideia de que alguns jovens sentem mesmo nojo dos idosos.

“Nós, nós que somos jovens interagimos com outros jovens. Eu por exemplo, vejo casos às vezes de colegas meus, com quem eu sempre convivi, que quando os vejo perto de uma pessoa mais velha, mais idosa, têm uma atitude parva. Vê-se mesmo nos supermercados, não à respeito pelos idosos. Eles estão num café, não se tem respeito, eles estão num supermercado, precisam, olhem, por acaso aconteceu um caso recentemente com uma senhora bem mais alta, que tem problemas de ossos, nós até tentamos ajudar, porque ela até lá chegava. Se fosse outro jovem qualquer, não o fazia. É isso que de certo modo ... eles sentem “nojo dos idosos”. É isso que eles mostram e isso é horrível” (F3).

Ao tentar perceber a razão de se dizer que eles sentem nojo, indicam que tem a ver com a educação que lhes foi dada:

“Isso já passa um bocado de casa. É a maneira como os pais ou as pessoas que os educaram olham para os idosos” (F3).

Portanto, mais uma vez se constata que a ausência de referências positivas em relação aos idosos, por parte de quem educa as crianças, na adolescência, poderá traduzir-se em atitudes menos corretas. Parece-nos ser importante sensibilizar os adultos de que os idosos têm valor e importância igual a qualquer outra pessoa, pelo que se torna necessário desenvolver trabalho ao nível formativo com a população adulta para que, posteriormente, ela possa transmitir aos seus filhos esses mesmos valores.

Entendem, igualmente, que os outros jovens, na sua maioria, têm uma ideia negativa em relação aos idosos, sendo referenciadas expressões que evidenciam isso mesmo:

“não querem saber deles” (F21); “são chatos, são rabugentos” (F15); “que é uma perda de tempo estar ao pé deles” (F21); “são um bocado chatos e que se lamentam muito” (F11).

Porém, em relação ao que poderá ser feito para alterar este pensamento negativo dos jovens, os alunos assinalam várias hipóteses, como sensibilizar os jovens, realizar mais palestras; nas escolas, levar os jovens a instituições de apoio à terceira idade para que eles contactem de perto com a população idosa e observem a sua situação, mostrar imagens “chocantes” acerca dos idosos que os faça refletir e pensar, fazer investigação no terreno, como estes jovens fizeram.

Contudo, adverte-se para o facto de que sensibilizar os jovens não é uma ação que acontece de um dia para o outro:

“acho que sensibilizar os jovens não ia ser de um dia para o outro, ia durar muito tempo, porque eles estão com ideia muito ...negativa dos idosos e não ia ser assim tão fácil ... fazê-los mudar de ideias” (F11).

Entendem que é uma tarefa muito difícil, apesar das hipóteses anteriormente sugeridas. Enquanto futuros Técnicos de Apoio Psicossocial pensam que também passa por eles, procurar inverter esta situação.

Pensam que as razões dos outros jovens terem essas ideias negativas está relacionado com o estereótipo que eles têm em relação aos idosos, o qual foi criado, em parte, pelos seus pais, por não lhes terem transmitido o sentimento de valor em relação às pessoas mais idosas e, por vezes, também pelo mau exemplo que têm/ assistem em casa, como por exemplo, os filhos a bater nos pais e não só:

“se fosse a minha mãe a bater à minha avó e eu a assistir ...eu ia ver aquilo como uma atitude normal. Quando ...tivesse a idade dela...”pimba” na minha mãe” (F15).

Face ao exposto, parece-nos que os pais têm vindo a descurar alguns valores no que designa aos idosos. Mais uma vez, se reconhece a necessidade da existência de referências positivas junto dos mais jovens.

Para além das referências negativas por parte dos pais, os alunos acrescentam a existência de outras influências, como é o caso das outras pessoas com quem os jovens se relacionam. Deduzimos que se estejam a referir ao grupo de amigos.

Entendemos, então, que as opiniões negativas que os jovens poderão trazer de casa, podem exercer influência junto dos seus amigos. Apesar de um jovem ter pensamentos positivos no que respeita aos idosos, ao querer pertencer a um grupo, mesmo sabendo que este profere pensamentos e opiniões divergentes dos seus, vai passar a entendê-los como certos e vai praticá-los, colocando de parte os valores e princípios que para si, são os corretos.

“Lá está. Querer pertencer mesmo aquele grupo ... e se eles tiverem aquela ideia que não gostam de idosos, eu ... nós para termos algum respeito deles, vamos acabar por aceitar as condições” (F11).

O grupo poderá, desta forma, influenciar a opinião dos seus elementos, neste caso, os jovens.

“eu acho que nós desprezamos os idosos com medo de sermos gozados pela nossa geração e pelos que estão à nossa volta” (F1).

Pertencer a grupo com características e objetivos iguais, é o desejo de todos os jovens, no entanto, existem sempre diferenças de opiniões e existem aqueles elementos que se deixam influenciar para se sentirem pertencentes ao grupo.

“Nós estamos na adolescência e quando queremos pertencer aquele grupo, fazemos quase tudo para ser aceites” (F11).

Para além dos pais e do grupo de amigos, há quem tenha referido que as mudanças sociais que se registaram após o 25 de Abril de 1974, nomeadamente a liberdade, são outro fator condicionante, pois “cada um passou a fazer o que quis” e com isso, os idosos foram manifestando a sua discordância. Talvez, por esse motivo, se tenha começado a ter uma opinião menos positiva em relação aos idosos. O facto de os pais, atualmente, darem mais liberdade aos filhos, permite-lhes fazer o que querem, ao contrário de antigamente, em que era transmitido às crianças valores, como “tens que tratar bem as pessoas, tens que respeitar os idosos”. Houve, uma aluna, que disse que as relações interpessoais deram lugar ao individualismo e à falta de interesse pelos outros, contribuindo, assim, para o acentuar das opiniões negativas.

### **1.3. Em relação ao que os alunos consideram que os idosos pensam dos jovens**

No Diário de Bordo da investigadora o que os alunos pensam dos idosos em relação aos jovens é que não têm os valores que eles tinham antigamente, que não existe interesse por eles, que não sabem o que eles sabem, que não os respeitam, que são mal-educados, que não se interessam pelos saberes deles, que não gostam deles. No decorrer da pesquisa, há quem tenha referido que os idosos estão desiludidos com os jovens.

Notei também que estão um pouco desiludidos quanto a nós jovens atualmente e às novas tecnologias” (F5).

Da análise ao *Focus Group* constatou-se que os idosos sentem que os jovens não se interessam por eles e por isso têm algum receio:

“não querem saber deles” (F13);



“têm medo deles” (F21).

Os alunos pensam que os idosos têm medo dos caminhos que alguns jovens estão a seguir; houve quem tenha referido que os idosos, no decorrer do trabalho, iam dizendo que, atualmente, não se verifica a existência de tanta interajuda e amizade como se verificava, antigamente.

#### **1.4. Em relação à Sociedade e Comunidade**

Pelas observações presentes no Diário de Bordo da investigadora, os jovens entendem que a sociedade não se interessa muito pelos idosos, chegando a rejeitá-los e a colocá-los de lado. Quanto às famílias, há quem entenda que estas não revelam muita preocupação com eles e, por vezes, colocam-nos em lares, não lhes fazendo nenhuma visita.

“as famílias não mostram muita preocupação, é mais quando é para ficarem com os netos e quando precisam de alguma coisa” (F2).

Parece-nos que a sociedade em geral e as famílias em particular, não estão a atribuir a importância devida aos idosos, e estes jovens têm vindo a aperceber-se dessa situação, no seio familiar.

Em relação às informações presentes no *Focus Group* respeitantes a este assunto, temos a dizer que há quem considere que as pessoas dão mais atenção às crianças do que aos idosos.

“A maior parte das pessoas dá mais importância às crianças. As crianças ainda têm muito tempo para viver e os idosos não. Estão a acabar a vida deles, há que terem um bocado mais de atenção, amor, carinho” (F19).

Acrescente-se que há quem pense que não é atribuído respeito igual aos idosos, como eles merecem, por isso e devido à falta desses valores nas comunidades onde vivem, os idosos isolam-se mais.

Tal como no Diário de Bordo, faz-se referência ao facto de as famílias colocarem os idosos em lares, deixando-os lá, acabando por descurar uma das mais importantes funções, em nosso entender, o acompanhamento aos familiares nas instituições.

“a maior parte das pessoas mete os idosos de parte e eu que faço voluntariado num lar ... há idosos que a família não vai lá há anos” (F19).

Foi mencionado, igualmente, que os idosos têm receio de serem desprezados, principalmente pela sociedade e que as razões de serem tratados assim, estão relacionadas com a forma como os idosos são para as pessoas, com a sua maneira de ser, por estarem habituados a estar isolados, sozinhos e por não reagirem bem, em algumas situações. Pensam que, talvez seja, uma forma de manifestarem a sua revolta, por estarem sozinhos e não estarem bem integrados.

### **1.5. Em relação ao Património Cultural Imaterial (PCI)**

Quanto ao PCI, analisando o Diário de Bordo da investigadora, importa clarificar que os alunos desconheciam o que era o PCI, nem nunca tinham ouvido falar dele. No entanto, depois de terem ficado a conhecer o conceito e os domínios dos saberes que ele integrava, ficaram admirados pela diversidade de áreas que o integravam.

Entendido o PCI, os alunos consideraram que é importante que as pessoas saibam que ele existe, pois ele ajuda a conhecer melhor as localidades onde as pessoas moram, a perceber o que fazem, como vivem, como se relacionam, os eventos festivos. Pensam, igualmente, que deve ser passado de pais para filhos e de geração em geração, para não se perder.

## **2. Mudanças sentidas pelos alunos com a realização do trabalho**

Neste ponto vamos analisar as mudanças sentidas pelos alunos durante e após a realização da pesquisa no terreno junto dos idosos. Primeiro, encontram-se as mudanças durante a realização no que respeita aos idosos e ao Património Cultural Imaterial. Em seguida, as mudanças após a realização no que respeita aos idosos, aos jovens, aos familiares e ao Património Cultural Imaterial.

### **2.1. No que Respeita aos Idosos (Durante a realização)**

Da análise às sessões de *Focus Group*, foi possível verificar que os alunos sentiram que os idosos necessitam de alguém que esteja ao seu lado, que lhes dê atenção, que os ouça e com quem possam partilhar as suas experiências de vida. Ficaram sensibilizados com as histórias da vida que lhes contaram, com a infância que viveram, pe-

las dificuldades por que passaram e compreenderam que o facto de agora estarem mais parados, se deve à vida difícil que tiveram.

Houve quem tenha ficado tão sensibilizado que não conseguiu conter a emoção, as lágrimas surgiram durante a realização da sessão de *Focus Group*, quando se debatia a vida difícil por que passam os idosos. No Diário de Bordo da investigadora, é possível verificar que, cada vez que se falava da vida dos idosos, a mesma aluna, não conseguia conter a emoção, acabando por chorar.

Pensamos que os jovens não têm consciência do tempo em que os idosos viveram e ao ouvirem os relatos ficavam muito admirados, como se verifica:

“nunca pensei que eles tivessem uma vida tão complicada em relação à nossa e nós jovens, devíamos dar mais valor a eles, porque eles trabalharam muito” (F21).

Os alunos dão a entender que algumas das representações menos positivas, que tinham em relação aos idosos, estão relacionadas com a vida e com as situações pelas quais os idosos passaram, nomeadamente o facto de serem “fechados”, “reservados” e o facto de quererem falar muito sobre as suas vidas e dos seus problemas de saúde.

“vejo-os de uma outra forma, tenho pena deles, apetece-me às vezes, abraçá-los e dar-lhe beijinhos ...principalmente aquele homem da entrevista ...porque ele teve de ir para a guerra” (F21).

Nutrem um sentimento de tristeza pelo sofrimento passado, pelas dificuldades que viveram, pela pobreza e por não terem vivido a infância como estes jovens viveram:

“sofreram uma vida inteira ...passaram por aquilo que nós não passámos e às vezes a gente desprezava-os e agora, passámos a dar mais valor, porque eles passaram por coisas que nós não passámos” (F15).

Percebemos que ao longo da realização da pesquisa, os alunos foram melhorando as suas representações no que respeita aos idosos, principalmente, através das histórias de vida que lhes contaram. Os alunos que tinham uma ideia inicial menos positiva, também, foram mudando as suas representações.

Foi notório o interesse demonstrado por alguns alunos na realização da pesquisa e foram sentidas alterações, por parte de alguns alunos, em relação a outros colegas, como se pode constatar:

“as pessoas que estão mais próximas de mim, de certeza que notaram que desde que comecei a entrevistar os idosos, a maneira como eu fiquei” (F3).

“ela....estava muito interessada e quando entrevistou o primeiro idoso, ui, mudou muito” (F29).

De acordo com o Diário de Bordo da investigadora, na (s) hora (s) em que lecionava a disciplina, os alunos pediam sempre para dispensar uns minutos do início d (s) aula(s) para que pudessem falar acerca da pesquisa bem como do que tinham aprendido junto dos idosos. Foi surpreendente e interessante verificar a quantidade de informação que traziam consigo, muita dela, já retida nas suas memórias e a alegria e satisfação com que contavam as histórias de vida dos idosos e os diferentes saberes que o PCI dos idosos constitui e que lhes foi transmitido. Partilhavam essa informação e trocavam de opiniões para saber se nas suas terras era da mesma forma, como se verifica no exemplo a seguir:

“as adivinhas que a (F3) nos conta e os quebra-cabeças, são coisas que nunca vamos saber contar aos nossos filhos, porque eram deles. São tradições deles e muitas coisas já se perderam” (F1).

A investigadora foi observando, ao longo da realização do trabalho e nas aulas da disciplina, que os alunos foram mudando alguns dos seus valores em relação aos idosos, assim como as representações que tinham inicialmente acerca deles. Foi possível verificar uma maior sensibilidade, maturidade, atenção e mais cuidado com o que diziam acerca dos idosos. Passaram a valorizá-los mais e a ter mais respeito, mostraram mais disponibilidade para falar e estar com os idosos; foi referido que foi mais fácil chegar à fala com eles, comparativamente, ao que pensavam inicialmente; que os idosos são mais simpáticos do que esperavam, como é demonstrado:

“Ao longo do trabalho fui interagindo mais com os idosos e percebi que são uma “jóia de pessoas”. Têm muitas lembranças do seu passado e lembram-se de muitas outras coisas” (F7).

## **2.2. No que respeita ao Património Cultural Imaterial (Durante a realização)**

Feita a análise às observações registadas no Diário de Bordo da investigadora constatamos que os alunos foram mudando os seus conceitos em relação ao PCI.

“nunca imaginei que existisse tanta coisa” (F6);

“é muito valioso o que os idosos sabem” (F3);

“são muitos domínios e todos diferentes, e estão separados por áreas” (F15).

Houve que tenha referido que foi importante conhecer os domínios e o que cada um deles integra e que ajudou a compreender melhor os idosos, as suas vidas e a própria aldeia.

### **2.3. No que Respeita aos Idosos (Após a realização)**

No que concerne às mudanças registadas após a realização da pesquisa, elas são bem evidentes, como podemos constatar a partir das sessões de *Focus Group*. Os alunos passaram a admirar mais os idosos, as suas histórias de vida, as suas experiências, a sua cultura, deixaram de os desprezar tanto, entenderam que interagir com idosos não é assim tão difícil. Eis algumas expressões dessas evidências:

“Ainda tive mais admiração por eles e mesmo pelas histórias de vida, pelo que já passaram, pelas coisas por que nos contam e que já passaram, pela experiência de vida deles. É fascinante” (F29);

São pessoas tão cultas ... têm tanta informação lá dentro, que eles querem transmitir para fora ... foi espetacular mesmo, porque eu aprendi tanta coisa, tanto que transmiti às minhas colegas, coisas que eu nunca pensei um dia vir a saber, que não aprendemos na escola, nem fora e é isso, é bom” (F3);

“Antes, achava que os idosos não se davam tanto com os jovens, por pensarem que os jovens não se queriam dar com a geração deles e tinham medo de ser rejeitados. Agora percebi que aos poucos conseguimos interagir com eles” (F20);

“há poucos idosos lá e então quando víamos um outro idoso havia sempre o preconceito e esse preconceito de tal forma foi passando para mim, mas a partir deste trabalho, mudei a minha opinião sobre os idosos” (F1);

“eu antes sim, desprezava muito os idosos, mas agora, agora eu vejo as coisas com outros olhos ... a maneira de ver os idosos mudou muito” (F14).

Dão a perceber que os idosos carecem de afetos, de atenção, comunicam pouco e vivem em solidão.

“eu depois de fazer este trabalho, eu senti que tenho de fazer alguma coisa por eles ... eu escrevi lá no diário de bordo que acho que devíamos fazer mais publicidade na televisão em que mostrássemos a história de vida deles ... mais divulgação de histórias de vida deles para as pessoas tentarem perceber que eles são o exemplo do modelo a seguir” (F21).

Reconhecem que foi uma mais-valia terem conhecido melhor os idosos e que foi, igualmente, importante conhecerem o seu passado, as suas histórias de vida, as suas dificuldades, os esforços que tiveram de fazer para alcançarem aquilo que têm hoje.

Consideram que mudaram enquanto pessoas nos seguintes aspetos:

i) na forma de olhar para os idosos; ii) passaram a ter mais respeito pelos idosos, devido às suas vivências, ao seu percurso, ao tempo histórico e cultural pelo qual passa-

ram, pelo sofrimento passado, pela fome por que passaram, iii) pelo facto de serem mais conhecedores do que eles iv) por terem mais experiência de vida.

“A forma como nós os vimos. Pelo menos falo por mim, mudou muito ... a forma de eu falar para eles. Tenho mais respeito” (F7).

“Agora passei a ter mais respeito por eles. Às vezes, passamos e nem nos apercebemos, nem dizemos “bom dia”, nem “boa tarde”, e agora, começamos a ter mais atenção a isso” (F2).

Depois da realização deste trabalho, os alunos referiram que vão valorizar mais os idosos e passar a estar mais tempo com eles. Entendem que os idosos são um ponto de referência para as gerações mais novas e que o trabalho serviu para passarem a dar mais valor às coisas que têm.

“... eu acho que este trabalho também nos ajudou a abrir os olhos, entre outros aspetos, porque somos nós agora que temos de os ajudar” (F11);

“...passei a dar mais valor às coisas que tenho depois que falei com eles” (F15);

“acho que no fundo estou mais madura do que aquilo que era, mais sensível, mais atenta. Fico magoada quando vejo a tratar mal, a desprezar os idosos” (F3);

“Senti-me bem, porque estava a lidar com um público diferente do habitual. Mudou a minha maneira de pensar em relação aos idosos. Acho que eles têm mais para dar do que aquilo que nós pensamos que eles têm” (F10).

Segundo os registos presentes no Diário de Bordo da investigadora, os alunos, efetivamente, alteraram as suas representações em relação aos idosos. Mudaram os seus valores, fruto das aprendizagens adquiridas no terreno e a partir do contacto que estabeleceram com os idosos, tal como se pode verificar:

“mas mudei completamente a minha opinião, porque depois de ter elaborado a entrevista, todos me mostraram muita gentileza, compreensão, sabedoria e doçura” (F5);

“foi um trabalho que gostei de realizar pois a comunicação entre pessoas de diferentes localidades e com diferentes saberes é bastante saudável” (F10).

## 2.4. No que respeita aos Jovens

De acordo com o *Focus Group*, os alunos entenderam que os jovens deverão ter um papel mais preponderante junto dos idosos, assim como os seus familiares.

“incentivar mais os jovens a apoiar os idosos e familiares” (F7).

Questionados sobre se são eles (alunos) que vão ajudar os outros jovens e a sociedade a mudar de mentalidades, dizem que sim, salientando o facto de que está nas suas mãos mudar a mentalidade dos jovens de hoje.

“está nas nossas mãos mudar, agora, a mentalidade dos jovens, de hoje em dia” (F15).

Ressaltam que seria importante os jovens realizarem este tipo de trabalhos para alterarem as suas mentalidades:

“Eu acho que cada vez mais os jovens deviam fazer pesquisas sobre isto, fazer trabalhos. Mas lá está, os cursos não são todos iguais” (F1).

## **2.5. No que Respeita aos seus Familiares**

O presente estudo, envolveu a participação de alguns dos familiares dos alunos. Foi uma agradável surpresa, verificar que os pais e os avós, em particular, se interessaram pelos trabalhos dos seus educandos, tendo-se deslocado, alguns deles, com os seus filhos e netos para o terreno. Efetivamente, não estávamos a contar com um envolvimento tão grande por parte dos familiares, neste processo de recolha de informação.

Quando os alunos contaram aos pais o tipo de trabalho que iriam realizar, uma aluna referiu que os seus pais lhe disseram que talvez fosse difícil a obtenção de informação, por se encontrarem a trabalhar nas terras, no entanto, com o decorrer do trabalho, ficaram surpreendidos pela quantidade de informação recolhida e mostraram-se interessados. Uma outra aluna referiu que a sua mãe considerou uma boa iniciativa para perceber como as pessoas viveram antigamente. Houve quem tenha mencionado que os pais gostaram muito e que consideravam importante transmitir as informações recolhidas. O pai de uma aluna, só a partir da realização deste trabalho é que percebeu que a sua filha estava no curso certo.

“a minha mãe, quando eu estava a fazer o trabalho ... estava mais incentivada do que eu”, “ela própria é que queria ir a casa das pessoas fazer as perguntas aos idosos”, “aprendemos muito e ela também à medida que os idosos iam dizendo as coisas, ela ajudava muito” (F25);

“a minha mãe também me ajudou, porque eu tenho alguma vergonha em falar com as pessoas, porque eu não comunicava ... muito com elas” (F2);

“o meu pai também não achava que eu estava no curso certo e agora já acha, por causa daquilo que eu fiz . Ele agora, ao longo do trabalho que eu fiz, eu fui-me integrando com ele, com os idosos. O meu pai também se punha nas cantigas, a cantar junto e está mais incentivado para que eu tire o curso” (F13).

Contudo, uma aluna mencionou que os pais entenderam que foi só mais um trabalho.

Foi curioso verificar que, muitas vezes, os temas de conversa, principalmente ao jantar, eram acerca das aprendizagens que os alunos tinham adquirido no terreno e a partilha das mesmas, com os seus familiares.

“às vezes, à hora de jantar ...em vez de estarmos todos a ver televisão, calados ou a ver um filme, contamos umas adivinhas e falamos e eu achei piada à minha avó, porque ela também ... ia comigo, às vezes”(F15).

De acordo com o Diário de Bordo da investigadora, foi possível observar que os alunos nas aulas da disciplina e mesmo nos intervalos, abordavam para falar da forma como os pais se estavam a envolver no processo. Os alunos referiam que os pais se mostravam pouco envolvidos no início, mas à medida que iam falando em casa, começaram a envolver-se mais, assim como os próprios. Um dos assuntos que mais falavam durante a realização do trabalho era sobre os saberes dos idosos que os alunos conseguiram recolher.

Este trabalho criou, assim, junto dos alunos e seus familiares possibilidades de diálogo acerca de assuntos que, habitualmente, não se falam em casa, no caso específico, os saberes dos idosos (nos diferentes domínios do PCI).

## **2.6. No que respeita ao Património Cultural Imaterial (PCI)**

Os alunos de acordo com os registos das sessões de *Focus Group*, após a realização do trabalho, modificaram o entendimento que tinham do PCI, passaram a dar-lhe mais valor e importância e reconheceram que, em certos momentos, não deveriam tê-lo desprezado nem ignorado.

“eu acho que comecei a ver, a olhar para as coisas com outros olhos, acho que não dava tanta importância até ter feito o trabalho” (F7);

“começámos a dar mais valor às coisas de valor que existem nas nossas aldeias”; “fiz com que mudássemos a nossa mentalidade”; “eu antes passava e não ligava às coisas que havia, era diferente” (F11);

“eu sem ter feito este trabalho não via para além do que se estava a passar. Eu acho que foi bastante importante”; “muitas vezes ouvia cantigas e provérbios e não levava aquilo a peito e agora ouço e parece que tem outro significado” (F20);

“eu, por exemplo, devia ter mais cuidado e não criticar, não desprezar e ignorar o património”(F7);

“no fim deste trabalho, faz-nos mudar a nossa noção de património e acho que devíamos dar mais valor a esse tipo de coisas, porque foram importantes para as pessoas idosas e podem vir a ser para nós”(F25).

A realização deste trabalho ajudou muito os alunos a conhecerem o PCI da sua localidade e a darem mais valor à cultura local e ao património existente. No entanto, ainda há um longo caminho a percorrer com alguns alunos, pois denotou-se que só agora é que começaram a atribuir alguma importância:



“são importantes, mas ainda não são muito, muito importantes” (F25);

“com a realização do trabalho, adquirimos novos conhecimentos e a nossa maneira de olhar para as coisas, foi diferente. Aquilo que às vezes pensamos que não era património é e aprendemos a dar mais valor a isso” (F2);

“eu nem sequer sabia o que era o património, se não tivesse feito este trabalho”, “tive de fazer isto para conseguir perceber. Tava tão fechada que nem conhecimento tinha, nem informação” (F5);

“o património cultural é importante e ...nós agora ...a próxima geração que vem, também vai saber e se não formos nós agora a tentar investigar o que é que havia...e ficar a saber, vai cair no esquecimento” (F11).

Quanto a saber se os alunos daqui em diante vão aplicar os conhecimentos que adquiriram junto dos idosos, alguns alunos assinalaram que sim, uma vez que são

“conhecimentos muito ricos, nossos, que não devem ser esquecidos e levados às gerações mais novas e ser preservados”(F21);

“agora vai ser bem tratado, porque um dia teremos filhos, também e ...temos coisas que já aprendemos de gerações anteriores”(F21).

Inclusive, alguns dos conhecimentos apreendidos pelos alunos, no decorrer da investigação, já foram utilizados e explorados em várias disciplinas do curso. Tal facto é revelador da importância que os alunos lhe atribuíram e da possibilidade de em contexto escolar terem podido partilhar esses mesmos saberes.

### **3. Os Saberes**

Aqui vamos entender como foi feita a construção do saber, verificar as marcas de entusiasmo e interesse evidenciadas no início da pesquisa, no decorrer e após a sua realização. Iremos, igualmente, perceber as aprendizagens e a importância atribuída pelos alunos aos diferentes domínios do Património Cultural Imaterial.

#### **3.1. Construção do Saber**

No que concerne à construção do saber, os alunos, na realização das suas pesquisas no terreno, procuraram recolher informações acerca dos diferentes saberes que constituem o PCI<sup>58</sup>. O processo de recolha de informação teve como linha orientadora um guião de entrevista que foi elaborado numa das aulas da disciplina e serviu para ori-

---

<sup>58</sup>i) tradições e expressões orais; ii) artes do espetáculo; iii) práticas sociais, rituais e atos festivos; iv) conhecimentos e usos relacionados com a natureza e o universo, v) técnicas artesanais tradicionais.

entar os alunos no momento da realização da pesquisa. Outros porém, tal como é referido nas sessões de *Focus Group*, não utilizaram o guião de entrevista, mas cientes do que tinham de pesquisar, optaram por estabelecer conversas informais, e a partir daí, obter as referidas informações.

No Diário de Bordo da investigadora constatou-se a mesma situação, ou seja, alguns alunos referiram à investigadora que em vez de se terem orientarem pelo guião de entrevista, consideraram mais interessante e facilitador de comunicação, estabelecer conversas informais. Os alunos comentaram que no início se sentiram muito nervosos e que tinham receio de estarem sozinhos na presença dos idosos, mas que essa dificuldade foi sendo superada, à medida que iam contactando com um maior número de idosos. Além da recolha, os alunos assinalaram que sentiram necessidade de criar ligações e afetos com os idosos.

Relativamente às informações recolhidas, foram registadas e documentadas em diário de bordo em suporte digital/papel.

### **3.2. Marcas de Entusiasmo e Interesse**

As marcas de entusiasmo e interesse sentidas pelos alunos ocorreram tanto no início da pesquisa, como durante a sua realização. No fim da pesquisa, os alunos fazem um balanço a essas mesmas marcas de entusiasmo e interesse.

#### **3.2.1. No Início da Pesquisa**

A análise às sessões de *Focus Group* deu-nos a conhecer que a fase inicial da pesquisa de informação foi um pouco conturbada, tendo havido um misto de sentimentos: uns sentiram algum desânimo porque nas primeiras entrevistas não conseguiram recolher nenhuma informação, por os idosos se encontrarem a trabalhar, por já não se recordarem ou não querem falar; outros porque não se sentiam à vontade em estar com eles, por se sentirem envergonhados, por sentirem dificuldades em comunicar com este grupo, por terem algum receio do que poderiam ouvir da parte deles.

“achava-os muito pouco abertos”, “estava com muito receio ... eu ia fazer as perguntas e eles nem sequer me iam responder”(F5);

“estava um bocado receosa, porque pensei que fosse mais difícil” (F20);

“fiquei muito desiludida porque foi uma altura em que os doentes estavam um pouco constipados e não tavam tão alegres para me ouvirem” (F13);

“desmotivei um bocado porque fui a uma senhora e eu fazia as perguntas e ela – “ai não me lembro”, “também já não me lembro”, “sabia muita coisa, mas já não me recordo” (F11).

O Diário de Bordo da investigadora diz-nos que no início os alunos ficaram muito apreensivos, com alguns receios e medos. Pensamos que não gostaram muito da ideia de terem de realizar esta pesquisa, pelas expressões que a investigadora pôde observar. Mencionaram que não conseguiam nenhuma informação, por pensarem que eles não iam falar com os jovens e pelo facto de terem de andar nas suas terras a falar com os idosos.

### **3.2.2. Durante a Pesquisa**

Recorrendo às informações presentes nas sessões *de Focus Group*, foi possível verificar que, com o passar do tempo, os alunos foram ganhando mais confiança, mais à vontade, conseguindo recolher a informação que necessitavam:

“Quando comecei a fazer a entrevista, deu-me logo outra impressão porque eles falam, falam e deixam-nos logo à vontade, mostraram muito empenho no que estão a dizer” (F5);

“mas depois ... fui lá em dias em que eles estavam melhores, eu fiquei mais animada” (F13);

“foram muito simpáticas ... muito atenciosos” (F6).

Não obstante, houve quem não tenha sentido dificuldades na recolha de informações, uma vez que as pessoas foram respondendo ao que ia sendo perguntado, tendo mostrado sempre disponibilidade para ouvir os alunos.

De acordo como Diário de Bordo da investigadora, na generalidade, os alunos chegavam às aulas da disciplina com muita vontade em contarem as novidades acerca do seu trabalho. Era evidente a satisfação presente nos rostos de alguns alunos, pelo trabalho que estavam a desenvolver. Percebia-se que estavam bastante motivados e interessados e que tinham adquirido aprendizagens significativas que eles próprios reconheciam ter e, por vezes, em jeito de brincadeira, questionavam a investigadora, para saber se esta sabia ou não.

Ficavam orgulhosos por saberem coisas que outras pessoas mais velhas (incluindo os pais, familiares e amigos) não sabiam e andavam sempre a falar sobre o que iam aprendendo uns com os outros. Foi realmente, um momento único, o de perceber que

aqueles alunos estavam de dia para dia mais ricos em aprendizagens e que eles próprios, conscientes, faziam questão de o dizer com muita satisfação.

Contudo, a investigadora sentiu que alguns alunos ainda se sentiam pouco motivados e raramente intervinham, quando havia espaço para a troca de aprendizagens. Pensamos que esteja relacionado com as características da sua personalidade (a saber: reservados, tímidos, envergonhados e pouco comunicativos).

### 3.2.3. Após a pesquisa

A análise às sessões de *Focus Group* confirma que, após a realização do trabalho de pesquisa, os alunos reconheceram ter reunido bastantes conhecimentos/informações junto dos idosos, que as suas terras onde os alunos vivem têm mais valor do que eles pensavam:

“sinto que recolhi bastantes conhecimentos importantes e que um dia poderei transmitir a mais pessoas”(F15);

“fiquei com muito mais conhecimento” “na minha terra havia coisas que me passavam completamente ao lado”, “quando eles estavam a contar eu - Ai isso é da minha terra? E eu ok, pronto”, “sim, foi ao nível dos saberes e conhecimento ...até mesmo o modo de eles contarem as coisas” (F5);

“mais à frente ... já foi diferente...as pessoas já falavam mais e comecei a interessar-me” (F11).

Os alunos evidenciaram gosto, entusiasmo, interesse e satisfação por terem efetuado este trabalho. Houve quem tenha acrescentado que sempre esteve entusiasmada, desde o início até ao fim, quem tenha dito que agora é como se soubesse mais que a avó.

“é como se agora saiba mais do que a minha avó. Tá sempre – “Ah, pois é”, “Ai sabes! E então e esta?” e eu, pumba” (F21);

“Sempre estive entusiasmada, desde que a professora nos propôs o trabalho. Fiquei logo interessada, porque é diferente, é fora da escola. É completamente, diferente. Nós chegamos lá e estamos à vontade, falamos como quisermos, não temos regras estabelecidas. Foi diferente. Ao longo do trabalho, foi gratificante” (F3).

O Diário de Bordo da investigadora, indica que os alunos sentiram que foi muito gratificante terem estado em contacto direto com os idosos, de os ter compreendido melhor, de terem conhecido o seu PCI, de terem conhecido o que existe nas suas aldeias (e a compreender melhor os idosos).

### 3.3. Tipos de Aprendizagens – Património Cultural Imaterial

No que se refere às aprendizagens que os alunos fizeram junto dos idosos, há a dizer que elas são bastante diversificadas e integram os diversos domínios do Património Cultural Imaterial (PCI), designadamente i) tradições e expressões orais, ii) artes do espetáculo, iii) práticas sociais, rituais e eventos festivos, iv) conhecimentos e usos relacionados com a natureza e o universo, v) técnicas artesanais tradicionais. Será apresentada uma síntese das recolhas que os alunos efetuaram. De registar que as recolhas são produto de uma riqueza superior aquela que podemos aqui mencionar.

#### 3.3.1. Tradições e Expressões Orais<sup>59</sup>

No que concerne à importância que as tradições e expressões orais assimiladas desempenham, de acordo com as sessões *de Focus Group*, pode verificar-se que os alunos as consideraram como bastante importantes e entenderam que no futuro, será interessante transmitir esses conhecimentos às próximas gerações, como podemos observar:

“são bastante importantes, porque eu gostei de ouvir as cantigas e os provérbios que disseram ... muitas das cantigas que ouvi, ficaram-me no ouvido e agora estou sempre a cantá-las”, “eu acho que é importante ... guardá-las... para as gerações seguintes” (F21);

“acho que essas tradições não deviam ser perdidas” (F10);

“devem passar de geração em geração” (F28);

“deve ser preservado e passado às gerações seguintes, para se manter a cultura” (F20);

“acho que vai ser engraçado estarmos a transmitir às próximas gerações aquilo que aprendemos das gerações passadas” (F15);

“e já que ficaram registadas ... mesmo que nos esqueçamos, um dia mais tarde vamos ver o nosso trabalho” (F11).

Entenderam, também, que as tradições orais ajudam a caracterizar melhor o local onde estas pessoas residem, contribuindo para a sua distinção e demarcação relativamente às outras localidades.

“as regiões são como as pessoas, cada uma tem uma característica diferente” (F21).

---

<sup>59</sup> Apenas se referem aqui exemplos de Património Cultural Imaterial (PCI) referidos no *Focus Group*. De facto, a informação recolhida nos seus Diários de Bordo revela uma riqueza impossível de expressar neste trabalho.

No entanto, consideraram que estes saberes não se aprendem na escola, mas deverão ser apreendidos, para que não seja esquecido o passado.

“se não herdar material, pelo menos tenho as memórias” (F29).

De entre as aprendizagens, podemos destacar canções, provérbios, contos, lendas, adivinhas, receitas, instrumentos utilizados antigamente, os jogos de antigamente, tradições, atividades de campo diárias e eventos festivos, como podemos constatar:

“houve um senhor que todos os dias trazia o bolso cheio de papéis com histórias, adivinhas e ele ficava todo contente. chamava-me lá a casa para ver o caderno dele, as fotos de antigamente” (F3).

### 3.3.2. Artes do Espetáculo

Quanto ao domínio das artes do espetáculo, segundo o exposto na sessões de *Focus Group*, os alunos referiram que este tipo de expressões são importantes e apontam que existem grandes diferenças no tipo de músicas e danças de hoje, comparativamente com os tempos de outrora. Referem que houve uma grande evolução e que a maior parte das coisas de antigamente, desapareceram, como é o caso das danças. Assinalam que os jovens manifestam pouco interesse pelas danças e são poucos os que participam e fazem parte dos ranchos, contribuindo, desta forma, para o afastamento entre estes dois grupos:

“Agora, nota-se que as pessoas dos ranchos e principalmente na minha terra são mais pessoas idosas. As pessoas jovens não querem” (F13);

“não ligam” (F6);

“porque também não convivem, porque se convivessem mais, eu acho que se integravam mais no grupo” (F14);

“hoje em dia, ouvimos mais música em inglês e não em português” (F25).

Em relação às danças proferiram que estas são diferentes em quase tudo, nomeadamente no tipo de música, na forma como é apreciada, como nos trajes que apresentam. Pensam que as danças tradicionais já não são apreciadas como antigamente e que existe muito preconceito. Apontaram que antigamente as danças tinham mais valor que agora.

No que designa às cantigas, assinalam que ficam na memória e são inesquecíveis, passe o tempo que passar:

“agora vêm uma música, depois vêm outras e esquecem estas e ao contrário, as cantigas que agora temos, de antigamente, nunca se esquecem. São diferentes, têm outro significado (F21).

Ressaltam que as principais tradições das aldeias estão a desaparecer. Conquanto, indicam que são os jovens, os pais e os idosos, em conjunto, quem as pode recuperar. Descrevem que se houver alguns jovens que mostrem interesse em recuperar essas tradições, deparar-se-ão com algumas dificuldades, como a falta de interesse das pessoas, o facto de haver poucos jovens nas aldeias e, em compensação, o facto de existirem cada vez mais idosos.

“eu acho que está-se a perder muito as tradições pela falta de jovens nas aldeias. Como os idosos ficam lá todos sozinhos, não podem fazer nada. Precisam de nós” (F21).

Houve quem tenha dito que as músicas de antigamente são o resultado do trabalho e do sofrimento, pelo qual os idosos passaram.

“Em relação às músicas, eu acho que ...transmitem o trabalho e o sofrimento que eles passaram” (F21).

### **3.3.3. Práticas Sociais, Rituais e Eventos Festivos**

Das sessões de *Focus Group*, reconhecemos que os alunos ficaram a perceber melhor como eram as práticas sociais vividas pelos idosos, os eventos festivos da comunidade e os rituais que se praticavam e nas quais eles participavam. Houve quem tenha proferido que as práticas sociais, os rituais e os eventos festivos servem para reafirmar a identidade deles e para caracterizar a aldeia.

A falta de escolaridade, o facto de terem muitos irmãos e os filhos mais velhos terem de ajudar a criar os mais novos, o trabalho na agricultura para ajudar os pais, a inexistência de saídas à noite e ao fim de semana, a falta de transporte, as roupas que usavam, os aspetos mais apontados pelos alunos. Por todas estas razões, os jovens sentem que os pais, agora, tentam compensar os filhos, pelo que eles não tiveram na sua infância:

“trabalharam muito... podiam ter tido uma infância muito mais feliz ...brincar mais, crescer e não serem obrigados a trabalhar”(F21);

“eu acho que eles sofreram bastante. Muitos deles passaram por coisas horríveis, por exemplo, nós agora saímos da escola, chegamos a casa e vemos televisão e eles não. Eles nem sequer tinham tempo para comer” (F29);

“e alguns também queriam estudar e os pais não deixavam, porque tinham de trabalhar” (F11);

“também não tinham como pagar os estudos” (F10).

No decorrer do *Focus Group*, foi perceptível verificar diferentes práticas, que variam de região para região e também alguma discordância. Quando alguns alunos diziam que os idosos faziam essas tarefas por obrigação e alguém interveio dizendo que na sua localidade, de acordo com o que lhe foi dito, faziam-na por prazer, com satisfação.

#### **3.3.4. Conhecimentos e usos relacionados com a Natureza e o Universo**

Em relação aos conhecimentos e práticas relacionadas com a natureza e o universo que os alunos adquiriram no decorrer da pesquisa, de acordo com referido no *Focus Group*, foram e são importantes e podem vir a ser necessários, no futuro. Reconheceram que os idosos sabem mais do que eles, jovens.

“que têm muito mais que nós, jovens, e transmitiram bastante quando fomos fazer este trabalho”(F5);

“sabem muito mais, por exemplo, os reis, os rios” (F7);

“até as contas deles são diferentes das nossas” (F25);

“eles parece que adivinham as coisas ...eu entrevistei idosos que dizem que quando se ouve o sino lá da aldeia vizinha, normalmente não se ouve muito bem, mas quando se ouve muito bem, é quando vem a chuva” (F21);

“quando se ouve a coruja a cantar à noite, é porque ...adivinha que vai morrer alguém” (F21);

“quando à muitas formigas ...em carreirinhas, vem lá calor” (F25);

“eu acho que eles sabem coisas que eu se calhar, nós jovens de hoje, nunca vamos aprender, porque no tempo deles era difícil, eles tinham que trabalhar para ajudar os pais e porque a sociedade mudou e hoje em dia com a ajuda das tecnologias é que se vai notar isso, porque os jovens hoje é, em casa, casa, computador, computador e não interagem com a natureza” (F11);

“por exemplo, a agricultura. Quem pratica mais essas atividades são os idosos e ... os jovens a continuarem assim e não aprenderem, um dia não vai haver quem cultive produto nacional” (F11).

#### **3.3.5. Técnicas Artesanais Tradicionais**

No que se refere às técnicas artesanais tradicionais, da análise efectuada às sessões de *Focus Group*, apercebemo-nos que os alunos veem nos idosos mais competências e técnicas, em relação aos jovens e que essas competências são diferentes das de agora.



“eles estão muito mais dentro do assunto” (F5);

“na juventude deles, os brinquedos não eram comprados. Eram eles que faziam, eles próprios, com farrapos e madeira” (F11);

“as bolas eram feitas de meias” (F9);

“agora existem máquinas que vieram substituir os instrumentos que eles usavam antigamente” (F15);

“no caso da minha aldeia ... não havia lá muito artesanato, as pessoas não praticam muito, mas pelos conhecimentos que eu tenho observado, eu acho que o artesanato é uma forma bastante engraçada de podermos fazer cestos, como eles usavam antigamente para ir pescar” (F21);

“eles também costumavam fazer aquelas vassouras” (F11).

Ainda neste ponto, os alunos enumeraram os instrumentos, os brinquedos e outros que eram construídos pelos idosos. Desde bonequinhos de farrapos; carros de madeira; bonequinhos com carpelas de milho; flautas, a partir de canas da Índia de diferentes tamanhos; carrinhos, a partir de bocados de chapa que se puxavam com uma corda, com o arco da bicicleta e com um pau fazia-se andar o arco. Além dos instrumentos, os idosos explicaram aos jovens como colar uma folha rasgada e como apagar o que escreviam com os lápis. Quanto aos Jogos, foram mencionados os seguintes: a macaca, o anel, o lencinho, a malha e o pião.

Em relação às diferenças entre os instrumentos e brinquedos deles e os de hoje, os alunos entendem que os deles tinham mais valor, porque eram concebidos por eles.

“a diferença é que hoje existem brinquedos de plástico e que são comprados. Eles não, eles faziam mesmo e muitas das vezes era com madeira, outras vezes, era com farrapos” (F7).

### **3.4. Importância atribuída aos Saberes dos Idosos (que integram aos diferentes domínios do Património Cultural Imaterial)**

Aqui é percebida a importância conferida pelos jovens aos Saberes dos Idosos, assim como pelos jovens e sociedade e pelos idosos. São apontadas algumas sugestões para preservar o Património Cultural Imaterial (PCI).

#### **3.4.1. Importância conferida pelos Alunos**

No que concerne à importância que os alunos atribuíram aos saberes dos idosos, através das sessões de *Focus Group*, percebemos que eles mostraram interesse e vontade em conhecer os vários domínios dos saberes que o PCI compreende. A realização deste trabalho relativo aos saberes dos idosos, nas suas aldeias, serviu para per-

ceberem que o património está a desaparecer e que é crucial a dar-lhe importância e valor. Se não tivessem realizado o trabalho, ignorá-lo-iam também, porque não sabiam que fazia parte do PCI.

“achei que o trabalho foi importante ...porque havia coisas que eu também não sabia que eram património” (F25);

“muitas coisas que nós temos agora, são evolução do que elas antes faziam. Há certos utensílios que ... temos em casa, que eles com paus e qualquer coisa faziam antes e agora nós temos a evolução disso. Se calhar, se eles não tivessem começado a fazer, nós também não tínhamos certos objetos, que temos agora” (F1).

### **3.4.2. Importância atribuída pelos Jovens e pela Sociedade**

Os alunos entendem que é importante que o PCI seja assegurado e transmitido às gerações mais novas, para não se perder, para ser divulgado, posteriormente, às gerações vindouras e para que eles o passem a valorizar. Referiram que são os jovens, juntamente com os idosos, quem pode transmitir o PCI às gerações mais novas.

“aprendendo com os mais velhos para um dia mais tarde ...ensinarmos aos mais novos o que os mais velhos nos ensinaram” (F6).

Quanto ao reconhecimento do PCI, por parte dos jovens e sociedade em geral, os alunos entendem que este não é reconhecido, por não ser valorizado, devido à reduzida importância que lhe conferem e ao pouco significado atribuído ao que os idosos dizem.

“ há mais pessoas que dão menos valor do que valorizam” (F29);

“eu acho que os jovens não dão tanta importância e tanto valor ao património cultural e imaterial” (F20);

“Nós, agora, não damos tanto valor às coisas que eles dizem” (F14);

“Aquilo que os idosos dizem agora é um bocado posto de parte” (F20);

“e também gozado” (F10).

Julgam que os outros jovens, na sua maioria, não se interessam pelo PCI que a comunidade possui, e que algum do património, existente nas aldeias, acaba por ser vandalizado e grafitado.

“este trabalho serviu em muita coisa, porque agora nós percebemos que o património está a desaparecer, que nós, os jovens não queremos saber de nada disto e que devemos fazer alguma coisa para que isto não desapareça” (F13);

“se não fizesse este trabalho , eu não dava conta do que estava a perder ... na falta de conhecimentos dos jovens e como se está a perder os conhecimentos” (F21);

“nunca tinha pensado nisso ...na quantidade de património que existe e que os jovens ...ignoram” (F15).

Relativamente ao que se torna necessário fazer com os jovens, para que passem a valorizá-lo, os alunos preconizam as seguintes opiniões: motivá-los; incentivá-los; tirá-los de casa; mostrar-lhes que é importante; fazer atividades com eles, no sentido de mostrar o que existe. Quanto ao papel desempenhado pelos pais em relação à importância do PCI, foi referido que é o de educar, contudo, quando se questiona sobre o que os pais têm feito, alguém diz “nada” e os restantes alunos permaneceram em silêncio.

Porém, há quem refira que se deve trabalhar com os pais, com as pessoas e a população, para mostrar o quanto o PCI é importante, assim como os conhecimentos das pessoas mais idosas.

#### **3.4.3. Importância dada pelos Idosos**

Os alunos reconheceram que os idosos possuem muitos mais saberes e experiências, que conhecem melhor as suas localidades, as suas práticas e técnicas artesanais e têm consciência de que dão mais valor às coisas do que os jovens.

“acho que eles dão mais valor do que nós hoje em dia às coisas. Acho que antigamente, eles tinham menos e davam mais valor. Hoje, temos tudo e não damos valor a nada” (F5).

Assinalam que os mais velhos são quem mais gosta de preservar o que de melhor existe nas suas comunidades.

#### **3.4.4. Sugestões para Preservar o Património Cultural Imaterial**

No que respeita ao que pode ser feito para começar a preservar o PCI de cada localidade, os alunos sugerem que passa por promover atividades para os jovens, com o intuito de os fazer refletir e mudar a sua opinião; dar a conhecer mais o Património de cada freguesia, às pessoas; realizar visitas às localidades e organizar e realizar pedy-pappers dentro das localidades com as pessoas.

Quanto ao que deve ser feito para que o PCI não se perca, os alunos recomendam que deve ser feita mais divulgação; dar continuidade às suas atividades e práticas, passá-lo de geração em geração; ensinar aos amigos o que aprenderam; realizar campanhas de sensibilização junto dos mais jovens; realizar feiras nas aldeias com artigos

tradicionais, para mostrar a cultura e a dança; realizar feiras medievais com a cultura de cada aldeia.

“e fazer isso com as pessoas mais jovens, porque daqui a uns anos, quando tiverem já netos ou filhos, se calhar, os netos e filhos nunca vão saber o que é o património cultural imaterial” (F5).

## 4. Desenvolvimento Local

Neste tema, vamos perceber junto dos alunos se os saberes dos idosos contribuem para o Desenvolvimento local (DL) das localidades, se jovens e idosos podem ser promotores de DL, se o Património Cultural Imaterial (PCI) contribui para o DL. Serão, analisadas as perspetivas de futuro do PCI.

### 4.1. Saberes dos Idosos e Desenvolvimento Local

Atendendo ao exposto no *Focus Group*, os alunos consideraram que os saberes dos idosos contribuem para o DL daquelas comunidades, através da troca/cruzamento de ensinamentos que cada um deles possui:

“eu ensino-te a ti e tu a mim” (F14);

“Exatamente. Cada um sabe uma coisa e vão trocando ideias” (F29);

“eu acho que é mais pela comunicação, porque em cada sítio há coisas diferentes” (F19).

Assinalaram que os idosos possuem muitos conhecimentos e esses conhecimentos poderiam promover o turismo<sup>60</sup>. Consideraram, igualmente, que o património existente nas aldeias ajudaria a trazer mais turistas, principalmente se este estivesse bem preservado. Seria importante haver pessoas, dessas aldeias, com disponibilidade para contarem os seus saberes aos turistas, nomeadamente os idosos. Nessa altura, estaríamos perante uma forma de DL.

Porém, advertiu-se para o facto de que não passa só por falar, sendo necessário que os turistas participassem nas atividades da aldeia.

“eu acho que os turistas, por exemplo, na altura das vindimas, eles deviam trabalhar as vindimas” (F21).

Na opinião de alguns alunos, uma forma de DL numa comunidade, nos períodos de setembro e outubro, seria os turistas participarem na época das vindimas. Além disso,

---

<sup>60</sup> Referência a uma das dimensões económicas de Desenvolvimento Local (Roque Amaro, 1993).

deveriam participar em ranchos, na realização de trabalhos manuais. As pessoas das aldeias deveriam, igualmente, produzir/criar produtos/materiais/lembranças ligadas às tradições da aldeia para os turistas levarem como recordação. Entenderam que traria mais turismo, pois os turistas ao levarem pequenas recordações características das suas aldeias aos seus amigos e familiares estariam a divulgar as aldeias e a promover o turismo da mesmas.

Admitiram que se deveriam realizar exposições, onde poderiam estar os idosos a explicar como se faz, quais os materiais utilizados, a razão de ser daquele objeto e para que é que ele servia/serve; e realizar feiras medievais para divulgar os produtos locais.

“mais uma vez as feiras medievais também são importantes porque divulgam muito” (F15).

Assim, os saberes dos idosos contribuem para o DL das comunidades, por meio do turismo. Os turistas ao participarem nas diferentes práticas sociais que se realizam nas aldeias, estarão a divulgar e a promover a região. Os alunos entenderam que se deveria aproveitar as épocas festivas, a época das colheitas e promover acções / actividades que levem os turistas para as aldeias e apelar à sua participação nessas mesmas actividades / dinâmicas culturais. Tornar-se-ia necessário haver nas aldeias pessoas que criassem essas mesmas atividades e dinâmicas dentro das localidades, ao longo de todo o ano, para fomentar o DL.

Concluímos que, no entendimento do alunos, os saberes dos idosos contribuem para o DL nas localidades, conquanto, torna-se necessário aproveitar o que de melhor as aldeias têm, desde os seus produtos locais, o património local, a cultura e tradições locais, bem como dinamizar atividades com os jovens e idosos sobre as aldeias e promover a aproximação entre estes dois grupos. Pode potenciar-se uma comunidade por meio do PCI que a mesma possui, através da realização de trabalhos no terreno para mostrar às pessoas a sua importância, para as sensibilizar e mostrar os benefícios de conhecerem esses locais. Percebemos, igualmente, que o DL na perspectiva destes alunos acontece pelo cruzamento e partilha de informação entre os idosos e os jovens, devendo ser difundido por ambos, em instituições que terão de ser criadas, de modo a dinamizar as comunidades locais.

De acordo com o Diário de Bordo da investigadora, o que entendemos junto dos alunos foi que através da criação de programas específicos que prevejam o DL de cada aldeia, por intermédio da participação dos turistas, juntamente com as pessoas das aldeias, se estará a promover o que de melhor existe em cada uma delas, bem como o comércio local. Através do turismo, isto é, da participação dos turistas nas diversas atividades que a aldeia programará ao longo do ano, por parte dos idosos e dos jovens, em colaboração com a geração adulta, ocorreria DL nas localidades.

#### **4.1.1. Jovens e Idosos promotores de Desenvolvimento Local nas suas Localidades**

Nas sessões de *Focus Group*, um dos temas abordados foi compreender quem, para além dos Turistas, poderia ajudar a desenvolver as comunidades, os alunos responderam que seriam os jovens. Quanto ao que eles poderiam fazer para haver mais DL numa comunidade, indicaram os seguintes aspetos:

- i) incentivar as pessoas da comunidade a participar nas atividades da aldeia, nomeadamente os jovens e toda a população, salientando-se a presença dos idosos;
- ii) criar espaços para os idosos mostrarem o que valem, isto é, os seus saberes, uma vez, segundo eles, praticamente, não existem;
- iii) criar espaços em várias aldeias para transmitir e expor o PCI;
- iv) transmitir nesses espaços o PCI e os saberes (os idosos estarão assim, ocupados);
- v) os jovens farão parte neste processo, incentivando-se mutuamente;
- vi) organizar e realizar atividades para os idosos que estão em instituições;
- vii) realizar visitas de estudo com os jovens às localidades para eles conhecerem as tradições e para terem consciência do que existe;
- viii) realizar workshops com os jovens, para eles aprendem a fazer/ construírem o diferente tipo de artesanato que as pessoas das aldeias vão fazendo e que é a imagem de marca das aldeias.

Assim, e segundo os alunos, existiria a possibilidade do PCI não se extinguir, ao contrário de uma tradição existente na família de uma aluna, que segundo ela, se irá perder.

“Eu tenho uma tradição na família que vai ser de certezinha absoluta, perdida. O meu avô é ferreiro ...pica foices e elas ficam a cortar melhor. O meu pai não aprendeu, o meu irmão não aprendeu ... quando o meu avô morrer, já ninguém vai saber. Só ficam os materiais” (F15).

Os alunos referiram ainda que se deverá inserir os idosos na sociedade de hoje. Eles devem viver nesta sociedade, desfrutando o melhor que ela tem, incluindo, as novas tecnologias. No entanto, há quem tivesse referido que dificilmente, os idosos, conseguiriam inserir-se nesta sociedade, dado que têm uma maneira de pensar diferente, antiga.

“se nós temos de mudar a nossa opinião, eles também podiam fazer um esforço e mudar a opinião deles” (F20);

“abrir a mente para outras coisas. Eles são muito reservados e fechados” (F3);

“criar mais instituições, como por exemplo, as universidades seniores” (F1).

Para estes jovens, os idosos deveriam fazer um esforço para se integrarem nesta sociedade, e os jovens, o mesmo, para alterarem as suas opiniões em relação a eles. Consideram que assim poderiam ensinar aos idosos coisas que eles sabem e vice-versa. Consideraram que são os jovens que vão ajudar os idosos a desenvolver as comunidades, ao integrarem-se e interagirem mais com eles, no seu dia a dia e eles no dos jovens.

“repartir, por exemplo, fazer atividades num dia, fazermos atividades relacionadas com o passado deles e, outras vezes, fazíamos com o nosso” (F1).

No entanto, a falta de estruturas para os idosos mostrarem os seus saberes, condiciona a sua ligação com os jovens, tornando-se, então, necessário a criação dessas estruturas. Os jovens teriam de se aproximar mais dos idosos e vice-versa para que houvesse uma troca/partilha de saberes e conhecimentos e as tecnologias deveriam ser introduzidas na vida dos idosos e os jovens ajudar os idosos a trabalhar com elas.

#### **4.2. Património Cultural Imaterial e Desenvolvimento Local**

Recorrendo à análise das sessões de *Focus Group*, as opiniões proferidas pelos alunos dizem-nos que através do turismo se conseguirá promover o Património, tal como aconteceu com os saberes dos idosos (os saberes dos idosos são promovidos pelo

turismo e através dele ocorre DL nas localidades), pois se as pessoas gostarem do que viram numa localidade irão transmitir essas informações a outras pessoas, como familiares e amigos, e isso poderá fazer com que estes manifestem interesse em visitar esses locais. Assinalaram que é pela troca de ideias e informação entre as pessoas que o PCI irá contribuir para a ocorrência de DL.

Questionados sobre se o turismo e as referências positivas acerca de um lugar/comunidade contribuem para a existência de DL, responderam que a nível local sim. No entanto, para haver turismo nas aldeias, seria necessário divulgar os bens/produtos que lá se produzem/realizam. Neste sentido, consideraram que deveria haver uma apresentação das aldeias e a criação de um site acerca da aldeia, recorrendo, para isso, às novas tecnologias.

“tipo filme, para as pessoas terem curiosidade em visitar e tocar nas coisas” (F21);

“fazer um site sobre a terra” (F11).

Mais uma vez, reconheceram que o PCI deveria ser apresentado e divulgado nas escolas. Notou-se quando alguns alunos manifestaram vontade em proceder novamente ao levantamento do PCI numa determinada localidade, para, posteriormente, de uma forma interessante, o apresentarem a toda a comunidade escolar, no sentido de sensibilizar os alunos para a importância do PCI.

Assim estarão a contribuir para o DL dessas localidades. O seu papel enquanto jovens será o de transmitir às gerações futuras o PCI, não deixando que ele se extinga, juntamente com os idosos e as famílias, apesar de os pais não estarem a divulgar esses conhecimentos. Entendem que a escola também deverá ter um papel mais ativo, devendo promover visitas de estudo, criar ações e atividades que incentivem os jovens a ter mais interesse pelo PCI.

Em sua opinião, os idosos deverão deslocar-se às escolas, para falarem deles, contarem as suas experiências de vida e transmitir os seus saberes aos jovens.

#### **4.3. Perspetivas de Futuro**

As perspetivas de futuro referem-se ao Património Cultural Imaterial (PCI) existente nas comunidades e aos saberes dos idosos. São assinaladas algumas sugestões para



não perder o PCI e os saberes dos idosos bem como o trabalho que deverá ser desenvolvido as escolas no que designa ao PCI.

#### **4.3.1. Património Cultural Imaterial e Saberes dos Idosos**

No que respeita em perceber junto dos alunos as perspetivas de futuro em relação ao PCI, de acordo com as informações presentes nas sessões de *Focus Group*, o PCI existente nas comunidades e os saberes dos idosos vai ser esquecido.

“... sinceramente, acho que vai ser esquecido” (F29);

“... daqui a uns anos vais ser tudo esquecido, porque a nossa geração, na maioria, não dá importância aos idosos. E mesmo nem só aos idosos, também, aquilo que os idosos sabem/os saberes, as tradições todas” (F14);

“à medida que o tempo passa, as tradições vão-se perdendo” (F28).

Referiram que o PCI não é muito conhecido nem falado, mesmo que se mantenha vai acabar por desaparecer, culpando-se as tecnologias, que fazem com que as pessoas fiquem em casa e não quebrem os hábitos sedentários. As razões que são apontadas pelos alunos em relação ao seu futuro desaparecimento e esquecimento têm a ver com o facto de os jovens não se interessarem por este tipo de Património, por não lhe darem o devido valor, por os seus interesses serem outros, por haver mais pessoas a pensar que os idosos não têm tanta importância do que o contrário.

“nem sequer pensamos neles, preocupamo-nos com eles, mas não com o que eles nos transmitem” (F29).

Contudo, também houve quem se tivesse preocupado com esta situação e dissesse que os jovens teriam de fazer um esforço para relembrar o PCI.

“Eu acho que se nós não fizermos nenhum esforço para que o PCI ... não se esqueça, daqui a uns anos ninguém se vai lembrar”, “se não fizermos nenhum esforço para alertar as pessoas...para terem conhecimento ...acaba por ser um assunto morto” (F5).

Expressaram a ideia de que se precisassem saber o património, não iriam deslocar-se a casa dos idosos para tomar conhecimento, recorreriam à internet. No entanto, importa salientar, aqui, que no que respeita aos saberes dos idosos de uma localidade, será necessário ir para o terreno, fazer esse levantamento, dado que na internet não se encontram muitos registos acerca dessa informação. Surgiu assim, a compreensão da necessidade de pesquisa no local.

Quanto à questão de os alunos terem dito que as tecnologias são uma das razões do possível esquecimento do PCI, devido à permanência constante em casa, por parte dos jovens, o debate em torno das tecnologias não é consensual, senão vejamos: há quem tenha considerado que o computador lhes permitia o acesso ao visionamento das tradições das localidades, no entanto, disseram que os jovens não manifestavam interesse em ver o das suas aldeias; houve quem tivesse dito que os jovens não teriam interesse em ir ver o Património na internet, e que para mudar a mentalidade, é necessário muito tempo e nesse espaço de tempo o PCI vai-se perdendo; e houve quem tivesse mencionado que quem o fizesse poderia ser alvo de críticas.

“não nos interessamos muito em ir procurar informação das terras, nem do património ... estamos muito no facebook e jogos e outras coisas e agora mesmo que quiséssemos mudar as mentalidades dos jovens ... ia levar um tempo ... enquanto demoramos esse tempo a tentar mudar essa mentalidade, o património vai ser esquecido” (F15);

“eu duvido que alguém vá à internet ... para ter mais conhecimento sobre o património da sua terra” (F5);

”se houver alguém ... algum dos nossos colegas, pode ser gozado” (F21).

Parece-nos que os jovens não utilizam a internet para abordarem este tipo de temáticas, uma vez que não são do seu interesse. Houve quem tenha afirmado que só se fosse pela realização de trabalhos na escola é que os jovens iriam interessar-se pelo PCI.

“ou então, é por obrigação... algum trabalho que tenham de fazer” (F15);

“Tal como aconteceu connosco. Se não fosse este trabalho, acho que ... não íamos ligar ao património das nossas terras” (F11);

”eu acho que isso é mais uma tarefa da escola”, “só fiquei a saber através desta disciplina e deste trabalho, é que eu fiquei a saber o que é o património, porque eu também não tinha ideia nenhuma disso” (F5).

Houve, ainda quem tenha referido que as Juntas de Freguesia poderiam desempenhar um papel importante na divulgação do PCI, nas suas localidades.

”E os Presidentes de Junta. Acho que também têm um papel importante nesta divulgação, porque acho que devem chamar os jovens de cada aldeia, chamá-los para conhecer mais sobre a aldeia” (F5).

Entretanto, alguém sugeriu a existência de um líder em cada aldeia, que teria como função realizar uma campanha para dar a conhecer à população mais jovem e idosa o património. Portanto, segundo os alunos, os saberes dos idosos irão diminuir e desaparecer se não se transmitirem às novas gerações. Reconheceram que, enquanto jovens,

daqui a uns anos, não vão saber tanto, como os idosos sabem agora e que foi importante a realização deste trabalho, para perceberem o que se fazia antes.

“eu acho que se não fosse este trabalho, ia ser pior, porque nós agora temos uma ideia nova do que se fazia antigamente, das coisas que aconteciam. Já temos algumas bases para depois, um dia mais tarde, também podermos contar e se não fosse este trabalho, não íamos ter nada disso e aí sim, iam desaparecer os saberes” (F11).

Sentiram que são só uma pequena parte do conjunto dos jovens e que pouco poderão fazer para alterar a mentalidade de um todo.

#### **4.3.2. Património Cultural Imaterial e Saberes dos Idosos - Sugestões para a sua Continuidade**

Para que o PCI e os saberes dos idosos não se percam os alunos apontaram um conjunto de tarefas a desenvolver:

- i) divulgar o património das aldeias e os saberes dos idosos;
- ii) realizar campanhas sobre o património existente;
- iii) trabalhar as relações interpessoais, isto é, promover uma maior comunicação entre os jovens e as outras gerações;
- iv) proporcionar novos interesses aos jovens para que estes abdicuem de tanto tempo em frente aos computadores;
- v) desenvolver as sugestões mencionadas anteriormente nas escolas, uma vez que fora delas, os seus interesses são outros;
- vi) haver, nas escolas uma disciplina que integre a aprendizagem dos saberes de cada aldeia;
- vi) começar a abordar o tema dos Saberes dos Idosos e do PCI das comunidades nos estabelecimentos de educação pré-escolar (cantando músicas antigas, fazendo jogos de antigamente).

### 4.3.3. Património Cultural Imaterial nas Escolas

Uma vez que os alunos entenderam que é nas escolas que se deverá desenvolver este tipo de trabalho, procurou-se, junto deles, perceber melhor o tipo de trabalho que poderá ser efetuado nos estabelecimentos de ensino.

“eu acho que a escola era o único meio que ia poder fazer chegar a informação a esses jovens todos, porque é o único sítio onde estão todos os jovens, todos em conjunto” (F11).

Eis o que os alunos sugeriram:

- i) realizar, uma vez por semana ou uma vez por mês, formações, para que não se esqueça;
- ii) realizar trabalhos sobre o tema;
- iii) organizar festas tradicionais na escola sobre as aldeias;
- iv) realizar formações que impliquem a investigação das localidades, em que tivessem que ir ao terreno, e estar em contacto direto com as situações;
- v) realizar visitas de estudo aos locais,
- vi) apresentar na escola aquilo que tinham aprendido e experienciado.

Percebemos que para estes jovens, passa por dar a conhecer o Património existente nas várias localidades da sua região, assim como os saberes que os idosos possuem (e que integram os domínios do PCI) às crianças (desde que iniciam a sua formação escolar) e aos jovens, para que eles saibam que ele existe, que se interessem mais por ele, passem a dar-lhe mais significado e valor.

Ainda nas escolas, uma aluna deu a sugestão de um grupo de jovens se deslocar, por exemplo, para uma localidade, permanecer um tempo a viver com os idosos, e praticar as rotinas diárias, conhecer a aldeia, a sua cultura, o seu património, a sua história, as pessoas que habitam naquela comunidade, o PCI. Esta ideia tinha como finalidade mostrar ao grupo uma nova realidade na tentativa de modificar as suas atitudes e pensamentos em relação aos idosos e ao Património.

“eu acho que , por exemplo, um grupo de jovens devia ir para uma aldeia e ficar lá ao pé dos idosos, acolhê-los e ficar lá assim durante uns dias e depois contarem a vida. Eu acho que a mentalidade mudaria, de certeza” (F21).

O objetivo seria estarem a viver na aldeia, durante, por exemplo, um mês, com os mesmos recursos que os idosos e a trabalharem com eles. Os jovens teriam de aprender a viver como os idosos viviam e os idosos iriam ajudar os jovens nesse processo. Os alunos perceberam esta ideia como muito boa e uma atividade de grande interesse realizar, uma vez que iam viver tudo de maneira diferente. Os alunos também manifestaram interesse em participar num projeto/ideia como esta e pensam que os grupos de jovens também iam gostar.

Conquanto, a ida de um grupo de jovens para uma aldeia teria de compreender determinados objetivos, que os jovens teriam de alcançar, no período em que lá estivessem. Estes alunos acreditam que o grupo de jovens iria mudar a sua perspetiva em relação ao idoso, aos seus saberes e ao Património.

Posteriormente, em contexto escolar, o grupo de alunos que tivesse estado a viver na aldeia com os idosos e a comunidade, contaria o que aprendeu no período em que lá esteve e passaria a mensagem aos seus amigos e, se eles gostassem da ideia também podiam fazer o mesmo.

Para além da abordagem ao Património nas escolas, com as crianças e os jovens, os alunos, fizeram, também, alusão ao papel dos pais, pois estes são as referências para os seus filhos. Assinalaram, que se deveria fazer uma campanha de sensibilização com os pais sobre o PCI, para depois, eles (pais), transmitirem aos seus filhos. Estabelecer-se-á, portanto, o diálogo entre as famílias e ocorrerá a partilha de saberes entre pais e filhos e vice-versa.

Se a sociedade não reconhecer o PCI, este será esquecido. Percebeu-se junto destes jovens a inexistência de interesse pelo Património, somente, através da realização deste trabalho é que começaram a mostrar interesse. Para os alunos, a escola deveria desenvolver trabalhos que fomentem o conhecimento e interesse pelo PCI, porque se entendeu que eles nem sequer sabiam o que era Património. Os jovens deveriam ser colocados em contacto com o que existe, nomeadamente com o património e com os idosos, tal como os alunos fizeram.

## **5. Processo de Intervenção Pedagógica**

O processo de intervenção pedagógica usado no presente estudo de Investigação - Ação (IA) compreendeu um conjunto de etapas, as quais vamos passar a descrever.

### **5.1. Abordagem aos conceitos de Património Cultural Imaterial e Desenvolvimento Local**

Após a investigadora ter apresentado todo o processo pedagógico aos alunos, na aula da disciplina, que iria ser desenvolvido pelos alunos, em contexto de formação e nas suas localidades de residência, a investigadora constatou que os alunos desconheciam os conceitos de PCI e de DL, então, para que os alunos tivessem uma noção mais abrangente de ambos os conceitos, foi programada uma aula, para abordar estes dois temas e esclarecer os alunos se alguma dúvida surgisse.

### **5.2. Levantamento das Representações à Partida**

Depois de terem sido abordados os conceitos de PCI e DL, numa aula da disciplina, a investigadora procurou junto dos alunos, entender as representações que eles tinham, antes de iniciarem a pesquisa no terreno, em relação aos idosos, em relação aos outros jovens, em relação ao que os alunos consideram que os idosos pensam dos jovens; em relação à sociedade e comunidade e em relação ao PCI.

### **5.3. Construção de um Guião de Entrevista**

Posteriormente à recolha das representações dos alunos, numa aula da disciplina, construiu-se um guião de entrevista para que, no momento em que os alunos estivessem em contacto direto com os idosos, se sentissem mais seguros e conseguissem fazer as perguntas, recorrendo ao guião. Também, serviu para que não perdessem o fio condutor, nem se desviassem do que realmente era importante.

### **5.4. Pesquisa realizada pelos alunos**

A pesquisa consistiu no levantamento dos saberes dos idosos que compreendem os diversos domínios do PCI, nas localidades de residência dos alunos e no acompa-

nhamento junto dos mesmos, na transcrição das informações para os seus diários de bordo.

#### **5.4.1. Desafio à Realização – Levantamento dos Dados nas Localidades**

Os alunos procederam ao levantamento dos saberes dos idosos, nas suas áreas de residência.

#### **5.4.2. Acompanhamento aos Alunos nos Registos**

Os alunos produziram um Diário de Bordo com o material resultante da pesquisa, em suporte digital / papel. A investigadora acompanhou os alunos no processo de registo das informações.

### **5.5. Sessões de Focus Group**

Para concluir o processo de intervenção pedagógica foram realizadas duas sessões de *Focus Group* com cada grupo, para entender se as representações que eles tinham inicialmente, tinham mudado ou não, durante e após o período em que decorreu a pesquisa; perceber qual o interesse dos jovens pelos saberes transmitidos pelos idosos e verificar em que medida os saberes dos idosos contribuem para a existência de DL nas suas localidades.





## **Conclusões e Recomendações**

Neste ponto vão ser apresentadas as conclusões resultantes do presente estudo de investigação-ação, desenvolvido em contexto de formação, na Escola Profissional de Tondela, pelos alunos do curso de Técnico de Apoio Psicossocial, na disciplina de comunidade e intervenção social, ao módulo “Terceira idade e velhice”. Serão, igualmente, referidas pela investigadora, algumas recomendações do que se poderá fazer para melhorar as representações dos alunos em relação aos idosos e respetivo Património Cultural Imaterial (PCI); bem como o que poderá ser feito pelos jovens e idosos para que ocorra Desenvolvimento Local (DL) nas comunidades locais.

### **1) Representações à Partida**

As representações que os alunos tinham à partida, isto é, antes da realização da pesquisa no terreno, em relação aos idosos, eram na sua maioria, positivas<sup>61</sup>. Porém, após a realização e análise às sessões de Focus Group<sup>62</sup>, apercebemo-nos que as representações de alguns alunos não eram coincidentes, pois se antes eram positivas, depois deram a entender que eram negativas. No decorrer do Focus Group, sentimos que houve a existência de alguma contradição em relação às representações à partida.

A realização das sessões de Focus Group foram fundamentais para perceber o que realmente os alunos pensavam, uma vez que no decorrer do debate, os alunos revelaram ser mais sinceros, verdadeiros, comunicativos, sem problemas em expor as suas opiniões.

As representações que os alunos trazem consigo são o reflexo da educação, dos modelos de referência que são transmitidas pelos seus familiares, amigos, com quem os jovens se relacionam no seu dia-a-dia, o meio e o contexto onde estão inseridos, do maior ou menor contacto que estabelecem com os idosos, sejam familiares, sejam das suas localidades.

---

<sup>61</sup> Levantamento das representações iniciais numa aula da disciplina. Estão registadas no Diário de Bordo da Investigadora.

<sup>62</sup> Através das sessões de Focus Group pudemos observar a existência de um maior número de opiniões e que algumas dessas opiniões, não eram coincidentes com o que inicialmente tinham referido.

Os jovens seguem os seus modelos familiares, no entanto a leitura que se faz a este trabalho é a de que muitas famílias, possivelmente, estarão a descuidar valores como o respeito pelos idosos, a importância do seu papel na família e na sociedade, o seu direito de cidadania, de participação, de inclusão, numa sociedade que também lhe pertence. Os filhos estarão a crescer sem este tipo de referências, o resultado está à vista.

Alguns alunos reconhecem ser falha das famílias, da sociedade bem como da escola. Em nosso entendimento, os modelos familiares devem ser repensados, os pais (no caso específico, população adulta) deverá ser sensibilizada e reconhecer a importância que a população idosa desempenha na sociedade, deverá perceber que é importante os adultos e seus filhos terem referências positivas em relação aos idosos para que ocorra uma mudança de mentalidades; deverá existir uma ligação mais próxima entre as diferentes gerações da sua comunidade. Sugerimos a criação de programas para reeducar a população adulta. Ao estar-se a reeducar a população adulta, a médio prazo, pensamos que a futura geração adulta, já terá incorporado novas formas de pensar e agir em relação a esta população.

## **2) Mudanças de Representações**

Quanto às mudanças de representações ocorridas nos alunos durante a realização da pesquisa de informação acerca dos saberes dos idosos<sup>63</sup>, podemos dizer que foram várias e com diferentes significados.

Em relação aos saberes dos idosos, os jovens à medida que iam interagindo e conversando com os idosos, ficavam a conhecer melhor as histórias das suas vidas, as suas experiências, a sua rotina diária, fornecendo aos alunos uma perspetiva diferente da que é vivida, atualmente, por eles, comparativamente com a que os idosos viveram. Assim, os alunos foram modificando a opinião que tinham inicialmente.

---

<sup>63</sup>Que compreende os diferentes domínios do Património Cultural Imaterial: Tradições e expressões orais; Artes do espectáculo, Práticas sociais, rituais e eventos festivos; Conhecimentos e usos relacionados com a natureza e universo; Técnicas artesanais tradicionais. Daqui em diante utilizaremos a designação de saberes dos idosos.

Após a realização do trabalho, percebemos que os alunos passaram a conferir mais significado aos bens que possuem. Reconheceram ter sido importante conhecer melhor os idosos, considerando-os como um ponto de referência para as gerações mais novas. Asseguram que vão valorizar e respeitar mais os idosos, assim como, passar a estar mais tempo com eles.

O trabalho contribuiu para que os alunos tivessem a noção do tempo histórico, político, social, cultural e económico em que os idosos viveram o grande período das suas vidas, para entenderem as mudanças que ocorreram até à atualidade, uma vez que alguns alunos as desconheciam por completo, tendo ficado admirados quando os idosos lhes contaram.

Consideramos que os trabalhos de pesquisa no terreno, que impliquem o contacto direto com os idosos das suas localidades, são profícuos em aprendizagens difíceis de quantificar. O conhecimento dos diferentes contextos em que viveram os idosos, a partilha de saberes e de experiências, a história local, o património existente, entre outros aspetos, poderão contribuir para a aproximação e sedimentação das relações e dos diálogos entre os dois grupos etários e dar origem a um conjunto de atividades a desenvolver na e para a localidade. Os idosos poderão sentir que os jovens estão interessados em conhecê-los, em compreendê-los, em dar-lhes importância e a terem um papel mais ativo na sua localidade.

Foram identificadas mudanças nos comportamentos e atitudes por parte de alguns alunos em relação a outros. Verificou-se em alguns alunos, um maior interesse, disponibilidade para estar e ouvir os idosos, mais valorização e mais respeito; mostraram um interesse especial em relatar as aprendizagens adquiridas no terreno, na aula da disciplina, para que os seus colegas ficassem também a conhecer e para verificar se nas suas terras se fazia o mesmo e se não, identificarem as diferenças.

Em relação ao PCI das comunidades durante a realização do trabalho foi perceptível verificar que à medida que os alunos iam conhecendo mais os diferentes domínios do PCI das suas localidades, mais surpreendidos ficavam, dado que desconheciam a sua história. Este trabalho fez com que os alunos ficassem a gostar mais das suas terras.

No fim da realização do trabalho os alunos modificaram o entendimento que tinham em relação ao PCI, assumindo-o como conhecimentos muito ricos que devem ser passados de geração em geração e serem preservados. Passaram a atribuir-lhe mais valor e importância, reconheceram que em determinados momentos, não o deveriam ter desprezado nem ignorado. Ajudou-os a conhecerem o PCI existente nas suas localidades, a conferirem mais valor à cultura local e ao Património presente na aldeia e nas pessoas.

Parece-nos ser crucial estabelecer o contacto e a aproximação dos jovens com os idosos, tal como sucedeu com a elaboração deste trabalho, para a ocorrência de representações positivas, para a mudança de mentalidade.

Consideramos que é necessário os jovens realizarem mais trabalhos que consistam no levantamento do PCI existente nas suas localidades e em outras localidades, para que possam conhecer melhor as realidades locais, para perceberem as diferenças e semelhanças existentes entre elas, dado que nos apercebemos que só a partir da realização deste trabalho é que os alunos começaram a perceber o que é o PCI, a despertar e a manifestar o seu interesse pelo mesmo.

Torna-se fundamental deixar o apontamento de que nem toda a informação se encontra presente na internet. No caso específico do PCI inerente a uma localidade, será necessário o contacto de pesquisa direto com essa mesma localidade, ou seja, com as pessoas que nelas residem.

Entendemos que o envolvimento das famílias na realização dos trabalhos dos seus filhos se torna cada vez mais importante para que os pais compreendam o tipo de formação escolar que os seus filhos estão a frequentar, saibam quais os trabalhos que vão sendo realizados às diferentes disciplinas, estando, assim, a fortalecer as relações entre pais e filhos, a criar diálogos na família inerentes aos trabalhos que os filhos desenvolvem nas escolas.

Através do levantamento dos saberes dos idosos, nomeadamente junto dos idosos das suas localidades, constatámos que surgiram diálogos nas famílias, acerca dos saberes dos idosos e das aprendizagens que eles tinham efetuado no terreno. Através da rea-

lização deste trabalho, houve quem tenha compreendido melhor a formação que o seu(a) filho(a) estava a frequentar e a fortalecer a relação e o diálogo na família.

### **3) Aprendizagens**

As aprendizagens assimiladas pelos alunos no decurso da investigação foram bastante diversificadas e abrangeram os diferentes domínios que constituem o PCI, e vão muito além do que possa estar escrito. Elas foram sentidas e adquiridas de maneiras diferentes pelos alunos. Uns sentiram mais dificuldades na obtenção de informação, outros, não sentiram essas dificuldades. Importa aqui referir que apesar das dificuldades que demonstraram ter passado, os alunos iniciaram a aprendizagem referente aos processos metodológicos e aos problemas da pesquisa sociológica.

De referir que no entendimento dos alunos, estas aprendizagens não são adquiridas na escola, mas são de uma riqueza inexplicável. Se não tivessem realizado este trabalho nunca teriam ficado a conhecê-las.

Consideramos que nas escolas se deverá desenvolver um trabalho mais intensivo subordinado ao tema do PCI existente nas localidades, para que os alunos adquiram outro tipo de aprendizagens, que habitualmente não adquirem. Em nosso entender, o universo de saberes dos idosos é muito diferente do dos jovens, tornando-se, importante, os jovens conhecerem-no.

### **4) Práticas Educativas**

As práticas educativas<sup>64</sup> que conduziram à mudança de representações dos jovens consistiram em: i) abordar os conceitos de PCI e DL; ii) efetuar o levantamento das representações à partida; iii) conceber com os alunos um guião de entrevista para usar no momento da pesquisa de informação; iv) pesquisa dos saberes dos idosos nas suas áreas de residência; v) registar as informações recolhidas em suporte de papel / digital; e vi) realizar quatro sessões de *Focus Group* (duas sessões com cada grupo) para entender se as representações à partida mudaram durante e após o período em

---

<sup>64</sup> Presente no Quadro nº1, referente ao Processo de Investigação-Ação (ponto 2,3,4 e 5), p. 64.

que decorreu a pesquisa; perceber qual o interesse dos jovens pelos saberes transmitidos pelos idosos; e verificar em que medida os saberes dos idosos contribuem para a existência de DL nas suas localidades.

Foi este o modelo pedagógico de investigação usado e que corresponde a alguns dos objetivos do módulo da disciplina.

A este respeito consideramos que os jovens nos seus processos formativos deverão participar mais em ações de levantamento de informação e na divulgação e na transmissão do PCI existente nas localidades.

O trabalho levado a cabo por estes alunos é um exemplo da necessidade de propiciar aos alunos outras formas significativas de aprendizagem que vão muito para além das aprendizagens efetuadas em contexto de sala de aula. Pensamos que deverá existir uma aposta maior na aprendizagem que resulta da interação entre as pessoas, instituições e serviços existentes nas comunidades locais; um maior contacto dos jovens com as populações, com os seus problemas, as suas vivências, as suas histórias, a sua cultura, com a realidade e o contexto existente; possibilitar-lhes uma visão mais ampla da realidade e do contexto em que eles próprios se encontram, mas que desconhecem.

## **5) Saberes dos Idosos e Desenvolvimento Local**

No que concerne aos saberes dos idosos os alunos consideraram que estes contribuem para o DL das suas localidades, através do cruzamento de ensinamentos que cada um deles possui. Esses saberes podem, igualmente, promover o turismo local.

No que se refere ao PCI existente nas localidades, os alunos reconheceram que este promove o DL, mas só se estiver bem preservado e se houver dinâmicas e pessoas dentro das localidades que assegurem a transmissão desses saberes aos turistas. Aí, e de acordo com os alunos, estaremos perante uma prática de DL.

Uma forma de promover o turismo dentro das localidades, no entendimento dos alunos passa pela criação de programas nas localidades ao longo do ano, dirigidas aos seus habitantes e aos turistas. A existência de espaços para demonstração do Patri-

mónio e dos saberes, fomentará o desenvolvimento das localidades, fortalecerá os laços sociais e dará um novo dinamismo à comunidade. Torna-se necessário aproveitar o que de melhor as aldeias têm, nomeadamente os seus produtos locais, o património local, a cultura e tradições locais, isto é, os recursos endógenos existentes nas localidades, para dinamizar e revitalizar as localidades. A dinamização dessas atividades nas aldeias deverá implicar a participação dos jovens e idosos, de modo a promover a aproximação entre estes dois grupos.

Os jovens enquanto agentes passíveis de desenvolvimento das suas localidades, durante os seus percursos formativos, deverão envolver-se no planeamento e desenvolvimento de projetos com e para as comunidades, visando essencialmente o seu desenvolvimento nas diversas áreas, uma vez que apresentam ideias interessantes, são criativos, flexíveis e bastante ativos.

No caso específico do grupo dos idosos, os jovens, nos seus percursos formativos, devem romper as barreiras que existem em relação a este grupo, reforçar os laços e as relações, através de uma maior envolvimento, maior interesse em conhecer a sua história de vida, os seus saberes, as suas práticas, isto é, perceber os seus saberes.

Os idosos são pessoas portadoras de um conjunto vasto de sabedoria e experiência de um tempo e contexto diferente do de agora. Os jovens ao realizarem o levantamento desses mesmos saberes, estão próximos do início de um processo de DL, tal como aconteceu com o trabalho destes alunos, ao terem tomado as suas terras como objeto de estudo. Os jovens ao estabelecerem contacto com os idosos e a população local, ao mostrarem interesse por aquelas pessoas, por aquela aldeia, faz sentir a quem lá vive, que os jovens lhes estão a atribuir importância e valor. Assim, os jovens estarão a potenciar, a dar protagonismo às pessoas e a envolvê-las nos seus projetos.

## **6) Pressupostos para a ocorrência de Desenvolvimento Local**

A realização deste trabalho permitiu elencar alguns pressupostos para a mudança, a saber: que é através do turismo que se vai conseguir promover o PCI, que é através da troca de ideais e de informação entre as pessoas que o PCI vai contribuir para a

ocorrência de DL numa comunidade, que o turismo e as referências positivas acerca de um localidade contribuem para a ocorrência de DL.

No entanto, deixaram claro que a existência de turismo nas aldeias implica que se divulguem os bens que lá se produzem, pelo que foi sugerido a criação de um site para apresentar as aldeias.

Quanto ao PCI os alunos referiram que se este for divulgado nas escolas e se os jovens, nos seus contextos escolares, realizarem o levantamento do PCI existente nas localidades, e se em seguida, o apresentarem a toda a comunidade escolar, estarão a contribuir para o DL dessas localidades.

Estes alunos, enquanto jovens, compreenderam que o seu papel será o de transmitir às gerações futuras o PCI, não permitindo que este desapareça, em colaboração com os idosos e as famílias.

Entendemos que pela troca de informações positivas respeitantes a um local, por parte de um indivíduo a outros indivíduos da sua rede social (quer sejam amigos ou outros) pode despoletar neles, o interesse em quererem visitar esse mesmo local, estando assim, a promover a existência de DL. A criação e divulgação de dinâmicas culturais, sociais, de interesse a uma localidade, nas redes sociais, podem ajudar a desenvolver e a dar protagonismo às localidades.

## **7) Perspetivas de Futuro no que respeita ao Património Cultural Imaterial e aos Saberes dos Idosos**

Relativamente às perspetivas de futuro em relação ao Património Cultural Imaterial e aos saberes dos idosos, as opiniões proferidas pelos alunos dizem-nos que o Património Cultural Imaterial existentes nas comunidades e os saberes dos idosos vão acabar por desaparecer.

Consideramos que a ligação dos jovens com as suas comunidades é pouco sedimentada. Os jovens, na sua maioria, desconhecem a sua própria comunidade, isto é, as suas práticas de convivialidade, o património existente, a cultura, não participam na



vida ativa nem nas atividades das suas aldeias, havendo um desligamento com as pessoas que nela residem.

Contudo, os alunos elencaram um conjunto de iniciativas para que o PCI não desapareça, a saber:

Para os alunos, o poder local, nomeadamente as juntas de freguesia deverão desempenhar um papel mais ativo ao nível da divulgação do PCI. Em cada aldeia deverá existir um representante para dar a conhecer à população mais jovem e idosa, o Património existente.

Pensamos que as juntas de freguesias devem tornar as suas aldeias mais dinâmicas, chamando os seus jovens a promover iniciativas ligadas com o PCI e à sua divulgação. Quanto à existência de um representante, seria pertinente em vez de um representante, criar um grupo de pessoas que ficaria incumbido dessa divulgação, devendo ser alargada a toda a população, não somente aos jovens e aos idosos. Também, se poderiam organizar ações para promover o cruzamento de saberes entre as diferentes aldeias.

Os alunos deixaram assinaladas várias atividades que consideram contribuir para a continuidade do PCI e que deverão ser desenvolvidas nas escolas com os jovens, uma vez que fora do contexto escolar, os jovens, não manifestam interesse pelo PCI. Essas atividades irão despertar nos jovens o interesse pelo PCI que as localidades possuem, irão dar a conhecer melhor as localidades, as tradições e a sua cultura. Por sua vez, os jovens irão passar a valorizar e a potenciar os idosos das suas comunidades.

Entenderam que nas escolas deverá existir uma disciplina que integre a aprendizagem do PCI das localidades e dos saberes dos idosos. Os estabelecimentos de educação pré-escolar deverão integrar nos seus programas, o Património Cultural Imaterial.

O conjunto de propostas de atividades elencadas, em nosso entendimento, revelam que os alunos têm capacidades e ideias interessantes para provocar e mudar a realidade das localidades, que eles próprios querem fazer parte nesse processo de mudança e na promoção de desenvolvimento das localidades.

Consideramos que existe um longo caminho a percorrer no que respeita a sensibilizar os jovens para a importância e valorização do PCI existente nas localidades e dos saberes dos idosos e que esse trabalho educativo terá ser desenvolvido nas escolas, com as crianças e jovens, desde que estas iniciam o seu percurso formativo, incluindo a educação pré-escolar. Será, certamente, mais fácil, tomar contacto com o PCI quando se é criança do que quando se é jovem bem como sensibilizar uma criança em relação a um jovem. Se a criança for interiorizando o PCI como um produto seu, da sua localidade, se se transmitir às crianças que elas devem preservá-lo, elas vão crescer a saber isso e vão dar-lhe, pensamos nós, mais valor, mais respeito e interesse por ele.

## Referências Bibliográficas

- ADICES. (2014). *Quem somos*. Consultado em outubro 8, 2014 em:  
<http://www.adices.pt/> .
- Afonso, R. (2009). Programas intergeracionais no contexto da animação sociocultural. In Pereira, J., & Lopes, M. (coord.), *Animação Sociocultural na terceira idade*. Chaves: Intervenção - Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- Ferreira, A., Marques, A., & Roque, A. (2008). *Programa componente de formação técnica - disciplina de comunidade e intervenção Social*. Porto: Agência Nacional para a Qualificação.
- Almeida, J., & Pinto, J. (1995). *A investigação nas ciências sociais*. (5ª ed.). Lisboa: Editorial Presença.
- Alves, J. (1993). Introdução. In NACEM - Núcleo de Apoio à Concretização da Estrutura Modular, *Estrutura modular nas escolas profissionais*. (2ª ed.). Porto: GETAP – Gabinete de Educação Tecnológica, Artística e Profissional.
- Amaro, R. (1993). As novas oportunidades do desenvolvimento local. *A rede para o desenvolvimento local*, (8), 15 - 22.
- Amaro, R. (2001). O conceito de desenvolvimento local no quadro da revisão do conceito de Desenvolvimento. In AAVV., *Desenvolver (des)envolvendo – reflexões e pistas para o desenvolvimento local*. Messejana: Esdime.
- Amor, T. (2008). Os desafios do envelhecimento. *Revista da Santa Casa da Misericórdia da Lisboa*, (19), 6 - 11.
- Ander-Egg, E. (2009). Como envelhecer sem ser velho: a animação sociocultural como meio de dar anos à vida e vida aos anos. In Pereira, J., & Lopes, M. (coord.), *Animação Sociocultural na terceira idade*. Chaves: Intervenção - Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- Assembleia da República (2001). *Lei de bases do património cultural português*. Consultado em janeiro 22, 2012 em:

[http://www.unesco.org/culture/natlaws/media/pdf/portugal/portugal\\_law\\_1072\\_001\\_law\\_cultural\\_heritage\\_pororof.pdf](http://www.unesco.org/culture/natlaws/media/pdf/portugal/portugal_law_1072_001_law_cultural_heritage_pororof.pdf).

Azevedo, J. (2012). Ensino Profissional em Portugal. In *Seminário O Ensino Profissional, a Capacitação das pessoas e o Desenvolvimento do País- os novos desafios*, 16 de março. Faculdade de Educação e Psicologia: Porto.

Azevedo, J. (2010). Ensinar Profissionais: uma história de sucesso escrita por todos. *Revista Formar*, (72), 25 - 29. Disponível em:  
[http://www.cnedu.pt/index.php?option=com\\_content&view=article&id=290%3Aescolas-profissionais&catid=42&Itemid=102&lang=pt](http://www.cnedu.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=290%3Aescolas-profissionais&catid=42&Itemid=102&lang=pt)

Ballart, J. (1997). *El patrimonio historico y arqueológico: valor y uso*. Editorial Ariel: Barcelona. Disponível em: [www.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=HXfW8RwMdbkC&oi=fnd&pg=PA4&dq=ballart,+josep+1997&ots=Tm-J4bLTy9&sig=3aSjrtXey111Y1XbrQcViduMmE&redir\\_esc=y#v=onepage&q=ballart%2C%20josep%201997&f=false](http://www.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=HXfW8RwMdbkC&oi=fnd&pg=PA4&dq=ballart,+josep+1997&ots=Tm-J4bLTy9&sig=3aSjrtXey111Y1XbrQcViduMmE&redir_esc=y#v=onepage&q=ballart%2C%20josep%201997&f=false)

Bell, J. (1997). *Como realizar um projeto de investigação: um guia para a pesquisa em ciências sociais e da educação*. Lisboa: Gradiva.

Braga, C. (2009). Idosos vozes (cada vez mais) anotecidas. *Pretextos Revista do Instituto da Segurança Social*, (36), 4.

Bize, P. & Vallier, C. (1985). *Uma vida nova: a terceira idade*. Lisboa: Verbo.

Cabral, C. (2009). *Património cultural imaterial – proposta de uma metodologia de inventariação*. Teses de Mestrado. Disponível em:  
[http://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/3034/14/Disserta%c3%a7%a3o\\_Patrim%c3%b3nio-Cultural-Imaterial.pdf](http://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/3034/14/Disserta%c3%a7%a3o_Patrim%c3%b3nio-Cultural-Imaterial.pdf).

Carvalho, N. (2014). Associativismo, parceria e desenvolvimento local sustentável: o exemplo das organizações não governamentais de ambiente. In Pereira, J., Lopes, M., & Maltez, M., *Animação sociocultural: turismo, património, cultura e desenvolvimento local*. Chaves: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.

- Costa, M. (1998). *Enfermeiros: dos percursos de formação à produção de cuidados*. Lisboa: Fim de Século.
- Costa, P. (2009). Património imaterial, identidade e desenvolvimento rural. In Batista, F., Jacinto, R., & Mendes, T. *Territórios de baixa densidade em tempos de mudança*. Proença-a-Nova: Câmara Municipal de Proença-a-Nova e Centro de Ciência Viva da Floresta.
- Decreto Lei nº 115/12 de 25 de maio. *Diário da República nº 102/12 – I Série*. Conselho de Ministros.
- Decreto Lei nº 139/2009 de 15 de junho. *Diário da República nº 113/09 - I Série*.
- Decreto lei nº 68/2008 de 14 de abril. *Diário da República nº 73/08 - I Série*. Presidência do Conselho de Ministros.
- Decreto Lei nº 74/2004 de 26 de março *Diário da República nº 73/04 - I Série - A*. Ministério da Educação.
- Decreto Lei nº 223/93 de 18 de junho. *Diário da República nº 141/93 – I Série- A*. Ministério da Educação.
- Decreto Lei nº 26/89 de 26 de janeiro. *Diário da República nº 18/89 – I Série*. Ministério da Educação.
- Decreto Lei nº 397/88 de 8 de novembro. *Diário da República nº 258/88 – I Série*. Ministério da Educação.
- Decreto do Presidente da República n.º 28/2008 de 26 de março *Diário da República nº 60/08 – I Série*. Presidência da República.
- Escola Profissional de Tondela. (2011). *História*. Consultado em julho 7, 2014 em: <http://eptondela.net/> .
- Feio, M. (2005). Aspetos da saúde mental dos mais velhos em Portugal. *Revista da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, (13), 8 - 13.
- Gadotti, M. (2005). Pedagogia da terra e cultura da sustentabilidade. *Revista Lusófona de Educação*, (06), 15 - 29.

- Galego, C., & Gomes, A. (2005). Emancipação, ruptura e inovação: “o focus-group” como instrumento de investigação. *Revista Lusófona de Educação*, (5) 173 - 184. Disponível em 15 de setembro de 2014 de <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/rle/n5/n5a10.pdf>.
- Galinha, S. (2009). A inter-relação qualidade de vida percebida, bem-estar subjectivo no envelhecimento activo, animação e coaching ontológico. In Pereira, J., & Lopes, M. (coord.), *Animação Sociocultural na terceira idade*. Chaves: Intervenção - Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- García, Á. (2009). A animação sociocultural na terceira idade: voluntariado, cidadania e participação. In Pereira, J., & Lopes, M. (coord.), *Animação Sociocultural na terceira idade*. Chaves: Intervenção - Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- Gaspar, F. (2008). As artes e ofícios tradicionais e o desenvolvimento local. *A rede para o desenvolvimento local*. In loco.
- Giddens, A. (1997). *Sociologia*. (2ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gómez, J. (2011). A investigação-ação como processo metodológico na animação sociocultural. In Lopes, M., *Metodologias de Investigação em Animação Sociocultural*. Chaves: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural e Universidade do Minho.
- Gonçalves, A. (1992). *Questões de antropologia social e cultural*. Porto: Edições Afrontamento.
- Guerreiro, M. (1997). *Povo, povos e culturas*. Lisboa: Edições Colibri.
- Instituto Nacional de Estatística. (2014). *Esperança de vida à nascença*. Consultado em outubro 10, 2014 em: <http://www.ine.pt/>.
- Instituto Nacional de Estatística. (2011). *Esperança de vida aos 65 anos*. Consultado em outubro 10, 2014, em: <http://www.ine.pt/>.
- Instituto Nacional de Estatística. (2014). *Indicadores Demográficos*. Consultado em setembro 10, 2014 em: <http://www.ine.pt/>.

- Instituto Nacional de Estatística, I.P. (2014). *Índice de envelhecimento por local de residência: tondela*. Consultado em 4, 2014 em: <http://www.ine.pt/>.
- Instituto Nacional de Estatística, I.P. (2014). *População residente por local de residência, sexo e grupo etário (ciclos de vida): tondela*. Consultado em outubro 4, 2014 em: <http://www.ine.pt/>.
- Instituto Nacional de Estatística, I.P. (2014). *População residente por local de residência, sexo e grupo etário: tondela*. Consultado em outubro 4, 2014 em: <http://www.ine.pt/>.
- Instituto Nacional de Estatística, I.P. (2012). *Censos 2011 resultados definitivos - região centro*. Consultado em outubro 9, 2014 em: <http://www.ine.pt/>.
- Lei de Bases do Sistema Educativo nº 46/86 de 14 de outubro. *Diário da República nº.237/86 - I Série*. Assembleia da República.
- Lei nº 11 - A/2013, de 28 de janeiro. *Diário da República nº 19/13 – I Série*. Assembleia da República.
- Lopes, C., & Salgado, L. (2014). Animação sociocultural: turismo, ócio, tempo livre, intervenção e desenvolvimento comunitário. In Pereira, J., Lopes, M., & Maltez, M. (coord.), *Animação sociocultural: turismo, património, cultura e desenvolvimento local*. Chaves: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- Marques, M. (1993). *O modelo educativo das escolas profissionais- um campo potencial de inovação*. Lisboa: EDUCA- Associação Nacional das Escolas Profissionais.
- Martins, L. (1993). *Formação profissional na região centro: contributos para a sua caracterização*. Coimbra: Comissão de Coordenação da Região Centro.
- Melo, A. (1988). *Ditos e reditos em torno do desenvolvimento local*. Consultado em março 3, 2012 em: <http://www.in-lo-co.pt/site/index.php?module=ContentExpress&func=display&ceid=87>.

- NACEM - Núcleo de Apoio à Concretização da Estrutura Modular. (1993). *Estrutura modular nas escolas profissionais* (2ª ed.). Porto: GETAP – Gabinete de Educação Tecnológica, Artística e Profissional.
- Nunes, F. (2005). Responsabilidade social nas PME e microempresas. *Dirigir. Revista para Chefias e Quadros*, (92), 41 - 47.
- Oliveira, M., & Freitas, H. (1997). Focus Group - pesquisa qualitativa: resgatando a teoria, instrumentalizando o seu planeamento. *Revista de Administração, São Paulo*, 33 (3), 83 - 91. Disponível em: <http://scholar.google.pt/scholar?hl=pt-PT&q=focus+group&btnG=&lr=>
- Orvalho, L. (2003). As Exigências dos Modelos de Currículos por Competências. *O projeto educativo das escolas profissionais em Portugal: Atas do V Congresso Internacional Galiza e Norte de Portugal*. Santiago de Compostela.
- Palmeirão, C., & Menezes, I. (2009). A interação geracional como estratégia educativa: um contributo para o desenvolvimento de atitudes, saberes e competências entre gerações. In Pereira, J., & Lopes, M. (coord.), *Animação sociocultural na terceira idade*. Chaves: Intervenção - Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- Pardal, L., & Correia, E. (1995). *Métodos e técnicas de investigação social*. Porto: Areal Editores.
- Pedroso, P., Elyseu, J., & Magalhães, J. (2012). *Qualificações para a reconversão sectorial- défices e estrangulamentos na oferta de qualificações para a economia do futuro* (2ª ed.). ANQ e ANESPO.
- PT & CMT. (2011). *Carta Social Dinâmica do Município de Tondela: Uma Estratégia de Intervenção Planeada*. Consultado em outubro 4, 2014 em: <http://www.cm-tondela.pt/images/camara/CSTondela.pdf>.
- Pimentel, L. (2005). *O lugar do idoso na família*. (2ª ed.). Coimbra: Quarteto Editora.
- Pires, P. (1995). Desenvolvimento local. *A rede para o desenvolvimento local*, 3 - 6.
- Pité, J. (1997). *Dicionário breve de sociologia*. Lisboa: Editorial Presença.



Portaria nº 782/2009 de 23 de julho. *Diário da República nº 141- I Série*. Secretário de Estado do Emprego e da Formação Profissional, Secretário de Estado da Educação, Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior e Secretário de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior.

Portaria nº 1285/2006 de 21 de novembro. *Diário da República nº 224/06 - I Série*. Ministério da Educação.

Presa, J. (2012). As mais valias do ensino profissional. In *O Ensino Profissional, a Capacitação das pessoas e o Desenvolvimento do País- os novos desafios*, 16 de março. Faculdade de Educação e Psicologia: Porto.

Profissionais. E. (s.d.). *O que são escolas profissionais*. Consultado em outubro 8, 2014 em: <http://www.escolasprofissionais.pt>.

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1992). *Manuel de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva – Publicações.

Reis, J. (1998). Uma nova política pública: o desenvolvimento local. *A rede para o desenvolvimento local, Edição Especial*, 32 - 33.

Rey, M. (2009). A animação hospitalar no contexto da terceira idade. In Pereira, J., & Lopes, M. (coord.), *Animação Sociocultural na terceira idade*. Chaves: Intervenção - Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.

Rocher, G. (1982). *Sociologia geral*. Lisboa: Editorial Presença.

Rocher, G. (1981). *Sociologia geral* 5. (3ª ed.). Lisboa: Editorial Presença.

Rocher, G. (1979). *Sociologia geral* 2. (3ª ed.). Lisboa: Editorial Presença.

Rodrigues, M. (2009). Cultura e lazer na terceira idade: propostas de intervenção. In Pereira, J., & Lopes, M. (coord.), *Animação Sociocultural na terceira idade*. Chaves: Intervenção - Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.

Ruivo, F. (2002). *Poder Local e exclusão social: dois estudos de caso de organização local da luta contra a pobreza*. (2ªed.). Coimbra: Quarteto Editora.

- Saint-Georges, P. (1997). Pesquisa e crítica das fontes de documentação nos domínios económico, social e político. In Albarello, L., Digneffe, F., Hiernaux, J., Maroy, C.; Ruquoy, D., & Saint-Georges, P., *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Salgado, L. (2009). Recursos locais e novas atividades em meio rural: aprendizagem, inovação e mudança. In *Territórios de baixa densidade em tempos de mudança*. Proença-a-Nova: Câmara Municipal de Proença-a-Nova e Centro de Ciência Viva da Floresta.
- Salgado, L., Panão, A., & Silva, S. (2009). A pessoa idosa: uma activa no desenvolvimento local. In Pereira, J., & Lopes, M. (coord.), *Animação Sociocultural na terceira idade*. Chaves: Intervenção - Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- Santos, F. & Encarnação, F. (1998). *Modernidade e gestão de velhice*. Faro: Centro Regional de Segurança Social de Faro.
- Serrano, G. (2011). Investigação avaliativa e estudos de caso em animação sociocultural. In Lopes, M., *Metodologias de investigação em animação sociocultural*. Chaves: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural e Universidade do Minho.
- Tischner, H. (1972). *Etnologia*. Lisboa: Editora Meridiano.
- Titiev, M. (2002). *Introdução à antropologia cultural*. (9ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- UNESCO. (1972). *Convenção para a proteção do património mundial, cultural e natural*. Consultado em janeiro 21, 2012 em: [http://ww.culturaonline.pt/SiteCollectionDocuments/Cultura\\_Portuguesa\\_la\\_Fora/ConvencaoProteccaoPatrimonioMundialCulturalNatural.pdf](http://ww.culturaonline.pt/SiteCollectionDocuments/Cultura_Portuguesa_la_Fora/ConvencaoProteccaoPatrimonioMundialCulturalNatural.pdf).
- UNESCO. (1989). *Recomendação sobre a salvaguarda da cultura tradicional e popular*. Consultado em janeiro 25, 2012 em: [http://portal.unesco.org/en/ev.php-URL\\_ID=13141&URL\\_DO=DO\\_TOPIC&URL\\_SECTION=201.html](http://portal.unesco.org/en/ev.php-URL_ID=13141&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html).

- UNESCO. (2002). *Declaração de Istambul*. Consultado em janeiro 25, 2012 em:  
[http:// portal.unesco.org/en/ev.php-  
URL\\_ID=6209&URL\\_DO=DO\\_TOPIC&URL\\_SECTION=201.html](http://portal.unesco.org/en/ev.php-URL_ID=6209&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html)
- UNESCO. (2002). *Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural*. Consultado em janeiro 25, 2012 em:  
<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>.
- UNESCO. (2003). *Convenção para salvaguarda do património cultural imaterial*. Consultado em janeiro 4, 2012 em:  
<http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf>.
- Veiga, J (2005). *Território e desenvolvimento local*. Oeiras: Celta.
- Vieira, R. (2009). Os projetos empresariais dos jovens do interior. In *Territórios de baixa densidade em tempos de mudança*. Proença-a-Nova: Câmara Municipal de Proença-a-Nova e Centro de Ciência Viva da Floresta.
- Worsley, P. (1983). *Introdução à sociologia*. (5ª ed.). Lisboa: Publicações Dom Quixote.



## ***APÊNDICES***



## APÊNDICE I

### Guião do *FOCUS GROUP* – Com Notas de Apoio

#### **1 - Mudanças Sentidas com a realização do trabalho**

##### **1.1. Atitude dos alunos face aos idosos**

- Entender as representações que os alunos tinham antes da realização do trabalho,
- As “representações positivas” devem-se a que fatores?
- As “representações negativas” devem-se a que fatores? (sociais, culturais, políticos, outros, quais?)
- No decorrer da realização do trabalho, as representações iniciais mantiveram-se ou registaram-se alterações? Para as duas situações, perceber as razões que levaram a essa situação.
- Após a realização do trabalho, como veem os idosos?
- A realização do trabalho foi importante? Em que sentido?
- Quais as aprendizagens que os alunos fizeram com a investigação?
- De que forma essas aprendizagens contribuíram para o seu desenvolvimento pessoal?
- Pensam em colocar em prática os ensinamentos/ saberes recolhidos na investigação?
- Individualmente, o que se pode e deve fazer para contrariar a desvalorização dos idosos?

##### **1.2. Atitude face ao Património Cultural Imaterial**

- Perceber a importância que os alunos atribuem ao diferente património imaterial que os idosos são detentores, a começar pelo domínio das **Tradições e Expressões Oraís** (Provérbios, adivinhas, histórias, rimas de embalar, lendas, mitos, canções e poemas épicos, encantamentos, rezas, cânticos, canções, desempenhos dramáticos, entre outros);

- Consideram que os provérbios, adivinhas, histórias, rimas, etc ...que os idosos sabem/conhecem contribuem para a difusão do conhecimento, dos valores e das memórias das suas comunidade/ coletividades às gerações mais novas?
- A vitalidade cultural das comunidades pode estar assim assegurada?
- Que ensinamentos os jovens podem retirar a partir deste tipo de Património Cultural Imaterial (Tradições e Expressões Orais)?

- No domínio das **Artes do Espetáculo** (música vocal ou instrumental, a dança, o teatro, a pantomima, versos cantados e certas formas de contar histórias. As artes do espetáculo incluem uma grande diversidade das expressões culturais que, no seu conjunto, são testemunho da criatividade humana;

- Consideram que as músicas, a dança, o teatro, os versos, etc ...que os idosos sabem/conhecem contribuem para a difusão do conhecimento, dos valores e das memórias das suas comunidade/ coletividades;

- Em que medida estes saberes devem ser transmitidos para as gerações mais novas? Qual a sua mais-valia?

- A vitalidade cultural das comunidades pode estar assim assegurada?
- Que ensinamentos os jovens podem retirar a partir deste tipo de Património Cultural Imaterial (Artes do Espetáculo)?

- No domínio das **Práticas Sociais, Rituais e Eventos Festivos** (atividades ligadas ao dia a dia das vidas das comunidades e dos grupos, e nas quais eles participam);

- Depois de terem contactado de perto com os idosos, qual a importância que atribuem às diferentes práticas sociais dos idosos?

- Consideram que para os idosos, o facto de darem a conhecer as suas atividades do dia a dia é um fator possibilitador de reafirmar a identidade do idoso e do grupo a que pertence, assim como a história das suas vidas e as suas vivências de um tempo e de uma sociedade diferente?



- Contribuem para uma melhor percepção/conhecimento por parte dos jovens, das trajetórias de vida dos idosos?
- Que ensinamentos os jovens podem retirar a partir deste tipo de Património Cultural Imaterial (Práticas Sociais, Rituais e Eventos Festivos)?
  
- No domínio dos **Conhecimentos e usos relacionados com a natureza e o universo** (conhecimento, o saber-fazer, as competências, as práticas e as representações desenvolvidas e perpetuadas por comunidades decorrentes da sua interação com o meio ambiente. Podem exprimir-se através da língua, das tradições orais, da ligação a um lugar, de memórias, da espiritualidade e da cosmogonia; utilizam um vasto complexo de valores e crenças, cerimónias, medicina tradicional, práticas ou instituições sociais, e organização social para as exprimir.
- Consideram que o saber-fazer, as competências, etc, que são perpetuadas às gerações seguintes, por meio do contacto que os idosos estabelecem com o meio ambiente, contribuem para a difusão do conhecimento, dos valores e das memórias das suas comunidade/ coletividades;
- Em que medida estes saberes devem ser transmitidos para as gerações mais novas? Qual a sua mais-valia?
- Que ensinamentos os jovens podem retirar a partir deste tipo de Património Cultural Imaterial (Conhecimentos e práticas relacionadas com a natureza e o universo)?
  
- No domínio das **Aptidões relacionadas com o artesanato** (Roupa e jóias para proteger ou adornar o corpo; trajes e objetos imprescindíveis aos festivais ou às artes do espetáculo; objetos usados para armazenamento, transporte, e abrigo; artes decorativas e objetos rituais; instrumentos musicais e utensílios domésticos; brinquedos; ferramentas vitais à subsistência ou à sobrevivência.
- Consideram que as competências e os conhecimentos necessários à prática do artesanato, que os idosos possuem, devem ser perpetuados às gerações seguintes, de mo-

do a não se perderem e a constituírem a memória de um tempo, de um lugar, de uma geração?

- Que ensinamentos os jovens podem retirar a partir deste tipo de Património Cultural Imaterial (Aptidões relacionadas com o artesanato)?

## **Mudanças em relação aos Idosos e ao Património Cultural Imaterial**

### **2- Ensinamentos**

#### **2.1. Construção do Saber**

Como é que os alunos construíram os saberes?

- Que instrumentos de recolha de dados foram utilizados pelos alunos a elaboração deste trabalho? (entrevistas, conversas informais, outros)

- Como construíram os saberes divulgados pelos idosos? (diário de bordo, filmagens, livro, documento em formato digital, outro?)

#### **2.2. Marcas de Interesse e Entusiasmo**

- Como se sentiram com a realização do trabalho? (interessados? Motivados? Entusiasmados?)

#### **2.3. Tipos de Ensinamentos**

- Os ensinamentos/saberes apreendidos pelos jovens, registaram-se a que níveis? (históricos, culturais, sociais, etc ...).

## **Pistas para a ocorrência de Desenvolvimento Local**

### **3.1. Saberes dos Idosos e Desenvolvimento Local**

- Os alunos consideram que os saberes dos idosos contribuem para o Desenvolvimento Local das Comunidades? Em que medida?
- De que forma é que esses saberes poderão no futuro, contribuir para o Desenvolvimento Local das suas comunidades?

### **3.2. Património Cultural Imaterial e Desenvolvimento Local**

- Os saberes dos idosos (que integram os domínios do PCI) promovem o Desenvolvimento Local das comunidades?
- Consideram que os saberes que os idosos possuem são devidamente reconhecidos pelos jovens e sociedade em geral, ou não? Porquê?
- É importante os jovens interessarem-se pela salvaguarda do Património Cultural Imaterial, de modo a assegurar a sua identidade e a das suas comunidades?
- É importante que o Património Cultural Imaterial seja recriado e transmitido às gerações mais novas?
- Quem é que o pode recriar e transmitir às gerações mais novas?
- Que benefícios poderão trazer?

### **Perspetivas de Futuro**

- Que perspectivas cada aluno aponta para o futuro dos saberes idosos e do Património Cultural Imaterial?



## APÊNDICE II - Transcrições *Focus Group*

### Grupo I

#### **Ponto 1 – Mudanças sentidas com a realização do trabalho**

Invest. - Qual a vossa atitude e representação?

F29 - Fui sempre criada com a minha avó e fui criada numa aldeia em que só ... prontos ... há muitos idosos e ... e ... convivia muito com eles.

Invest. - O que é que tu pensavas acerca deles?

F29 – Ó, que eram uns queridos, eram muito simpáticas, muito amorosos.

Invest - Tinhas uma ideia muito positiva deles e isso deve-se a quê?

F29 - Lá está, ao facto de sempre ter convivido com eles e acompanhado com eles.

F19 - A minha ideia era basicamente como a da (F29). Eu tive a viver com eles durante uns anos por os meus pais e a ideia que tinha deles é a mesma que eu tenho agora. Eu sempre gostei muito de idosos, ao ponto que me inscrevi num lar para fazer voluntariado. Eu acho que, ó stora, visto que eles estão a acabar a vida deles, eles merecem acabá-la felizes e ... a maior parte das pessoas dá mais importância às crianças. As crianças ainda têm muito tempo para viver e os idosos não. Estão a acabar a vida deles, à que eles terem um bocado mais de atenção, amor, carinho. A ideia que eu tinha deles é a mesma que tenho agora, positiva.

F29 - Eu não concordo com o que a (F19) disse na parte das crianças terem muito para viver.

F19 - Não, não! O que eu quis dizer foi que a maior parte das pessoas dá mais atenção às crianças. Podemos dar às crianças, sim, mas também não à que pôr de parte os idosos. A maior parte das pessoas diz “Ai que bebé tão fofinho, não sei quê!” Então e não pensam nos idosos? A maior parte das pessoas mete os idosos de parte e eu que faço voluntariado num lar e a mãe da (F3) também trabalha num lar e a (F3) de certeza que já lá foi muitas vezes ... há lá idosos que a família não vai lá há anos.

F14 - Principalmente os idosos que têm problemas.

F19 - Imaginem o que é, por exemplo, aos domingos que é quando as famílias vão visitar ... o que é tu seres idosa e estares ali sozinha, veres que toda a gente está a receber os familiares e não ter o carinho das pessoas.

F3 - É verdade stora, como a (F19) disse, a minha mãe trabalha num lar e eu como eu era mais nova, gostava sempre de ir para lá e achava engraçado ... alguns idosos ... tipo, eu chegava à beira deles e eles ficavam contentes por ser mais nova e estar ali com eles. Eu aprendi ... eles ensinaram-me várias coisas ... os brinquedos como eles brincavam antes, senhoras que vinham ter comigo e ensinavam a fazer croché e e eles ficavam contentes. Eu também conheci idosos extremamente simpáticos, extremamente carinhosos, que se tu, se nós somos amigos deles, eles também são muito nossos amigos, mas também conheci outro tipo de idosos que por terem passado maus bocados na vida, que são muito ...

F14 - Reservados.

F3 - Mais reservados, que são mais frios com as pessoas que os rodeiam ...

Investg. -Porque é que tu achas que são mais frios?

F3 - Porque se calhar não tiveram uma infância, ou não tiveram uma vida que...

F14- Normal.

F3 - Normal que os pudesse, pudesse ser uma boa pessoa.

F1 - E com o medo de serem desprezados.

F3 - Exato.

Investg - Desprezados por quem?

F1 - Principalmente pela sociedade.

F3 - Também esse tipo de idosos, acho que eles são muitas vezes tratados assim, pela maneira que eles são para as pessoas.

F19 - Eles podem não fazer por mal, é a maneira de ser deles.

F29 - E estão habituados a estar isolados, estão habituados a estar sozinhos, no centro deles e depois quando alguém se mete com eles ou fala, eles, se calhar, não reagem tão bem. É a revolta, se calhar, de estarem sozinhos ou de não serem bem integrados.

F19 - Eu já passei por várias situações em que os idosos não me trataram bem e ber-raram comigo e não foi por isso que eu os tratei mal ou que os desprezei, pelo contrá-rio, eles lá tinham os motivos e não quer dizer que num próximo dia que fosse lá, fosse dar mais atenção aos outros e a eles não, pelo contrário, dava mais atenção para perceber os motivos porque falaram assim para mim. No primeiro dia em que eu tive num lar, atenção! Houve lá um idoso, a quem eu tava a dar de comer e ele queria espetar-me com uma faca e eu tentei acalmá-lo. Não foi por isso que deixei de gostar dele!

F10 - Olha, a primeira vez que eu tive num lar, eu também estou há quatro anos a fazer voluntariado, no Lar a primeira vez estava a pôr a mesa e tinha um senhor na cadeira de rodas, os das cadeiras de rodas vão sempre primeiro, então, eu estava a pôr a mesa do lanche e houve uma senhora que sem mais nem menos, começa a cus-pir para cima de mim e a dizer “tu és uma porca”, “sai daqui”, “eu não gosto de pes-soas como tu”, “eu nem sei quê” e mais tarde, vim a saber que aquela senhora não tinha contado com a família há mais de dez anos, não tem visitas, não tem nada.

F14 - Por isso mesmo, sente-se frustrada, entre aspas, por vezes as famílias a irem para os outros idosos e para ela não.

F10 - Exato. E ela, mais tarde fui falar com ela e ela disse-me que ... que se sentia mal por não ter ninguém perto dela e que tinha uma neta pouco mais velha que eu, e que se sentia mal e que eu a fazia lembrar ela.

Investg - O que tu pensas acerca dos idosos antes de fazeres este trabalho?

F16 - Penso que fazem as coisas deles. Sabem muitas coisas antigas.

F20 - Sempre achei que não lhe davam respeito igual ao que mereciam e que se iso-lavam um bocado por falta desses valores.

Investg - Mas sentias isso lá na tua aldeia ou em termos gerais?

F20 - Na minha aldeia não tanto, toda a gente se dá bem uns com os outros. Todos falam, os jovens com os idosos, mas muitos nas cidades sinto que alguns deles têm falta de carinho.

Investg - Acham no fundo, que eles se isolam porque as pessoas ficam afastadas?

F14 - Principalmente nas aldeias, nas cidades nem tanto, mas ainda há muitas aldeias que sim.

F29 - Agora, por exemplo, há idosos, pessoas assim mais velhas que alugam quartos a ... a universitários.

F14 - Para sentirem a presença de alguém mais próximo.

F1 - Nem que não seja para sentirem que está alguém em casa.

Investg -. Mas a ideia que tinhas deles era positiva?

F20 - Eu sempre me dei bem com os idosos, todos gostam de mim e eu deles.

F28 - Então, eu acho que eles eram desvalorizados pelos jovens. Eram e são.

F14 - Eram e são, mas nem tanto.

F19 - Nem tanto, porque as mentalidades vão mudando.

F1 -Tens a certeza, (F19)?

F29 – São, (F19). São cada vez mais.

F1 - São cada vez mais.

Investg - Porque é que tu sentes que os jovens desvalorizam os idosos?

F28 - vê-se normalmente nos autocarros, no centro de saúde.

Investg - O que é que tu vêes?

F28 - Por exemplo, quando vai ... quando entra uma velha, todos metem-se à porta para ela não sentar, ou porque cheiram mal ou porque trabalham nas terras e vão todos sujos e essas coisas.

Investg - A (F1) estava a dizer que cada vez mais os idosos são desprezados pela nossa geração.



F29 - Cada vez mais.

F1 - Porque as nossas taxas de mortalidade de idosos isolados têm aumentado.

F29 - Por isso é que faz falta um curso como o nosso.

Investg - E acham que são vocês jovens que estão a despoletar esta tendência ...

F3 - Nós, nós que somos jovens interagimos com outros jovens. Eu por exemplo, vejo casos às vezes de colegas meus com quem eu sempre convivi, que quando os vejo perto de uma pessoa mais velha, mais idosa, têm uma atitude parva, vê-se mesmo nos supermercados, não há respeito pelos idosos. Eles estão num café, não se tem respeito, eles estão num supermercado, precisam, olhem, por acaso aconteceu um caso recentemente com uma senhora bem mais alta, que tem problemas de ossos, nós até tentamos ajudar, porque ela até lá chegava. Se fosse outro jovem qualquer, não o fazia. É isso que eles de certo modo (...) eles sentem nojo dos idosos, é isso que eles mostram e isso é horrível.

Investg - Porque é que eles sentem nojo?

F3 - Isso já passa um bocado de casa. É a maneira como os pais ou as pessoas que os educaram, olham para os idosos.

F1 - O que estás a dizer e eu vou falar do meu caso. Eu devo ser a mais diferente de vocês todos, porque eu antes tinha uma atitude mesmo negativa dos idosos. Porque eu sempre fui criada numa geração muito nova, lá na minha terra são todos muito novos. Os idosos estão todos num lar. Há poucos idosos lá e então, quando víamos um outro idoso havia sempre aquele preconceito e esse preconceito de tal forma foi passando para mim, mas a partir deste trabalho, mudei a minha opinião sobre os idosos.

F14 - Pegando no exemplo que a (F3) disse, eu há duas semanas atrás, uma senhora caiu-lhe as compras ao pé do minipreço muitos passaram, até se riram, e eu cheguei ao pé da senhora, peguei nas coisas e coloquei-as onde havia de pôr e todos a olhar e não sei quê, e eu disse – qual é o problema? De ajudar?

F3 - O bom disto tudo, eu por acaso gostei, foi quando estávamos a ajudar aquela senhora, foi a maneira como ela foi para nós, porque ela foi super querida, foi a dizer

o problema que tinha, a dizer que já não se fazem jovens assim e vocês foram umas queridas e perguntar se deve usar este. Nota-se que era vaidosa, mas foi super-querida.

F29 - Ela estava a ter dificuldades em chegar à prateleira e não estava a querer pedir ajuda e a (F3) disse – quer ajuda? E ela “Ah! É melhor”. Fui-lhe tirando e mostrando e ela “toda tola”.

F1 - Em relação à (F3), no outro dia, teve uma atitude que eu adorei. Estava uma senhora com problemas ali com um carro a entrar para a escola e estava a chover muito. E aquela senhora nota-se que tinha dificuldades em tocar a campainha e do nada a (F3) foi a correr tocar à campainha a molhar-se toda e eu adorei. Estavam lá muitos jovens e ela foi a única que foi lá. Dificuldade em abrir o champoo.

Investg - Estava a falar das representações negativas, no caso concreto da (F1), que vinha da família. Acham que em parte a família é culpada?

F1- A família, não. Porque a minha mãe sempre trabalhou em lares, sempre lidou com idosos porque eu não tenho referências de avós, como elas estavam a falar, eu nunca tinha referências, tenho uma avó, mas nunca lidei com ela. Não é desconhecida, mas pouco tempo passei com ela e daí não ter tantas referências como eles têm e se calhar dar valor aos idosos como eles dão, porque têm avós, têm cuidado de idosos e não, nunca tive.

Investg - O facto de não contactares de perto com idosos faz-te pensar de forma mais negativa?

F1 - Sim.

Investg - Então, seria fundamental o contacto e a aproximação?

F1- Sim, claro.

F3 - Eu por exemplo, eu vivo cá, mas não sou daqui. Os meus avós paternos são de Guimarães. Eu nunca tive uma boa relação com os meus avós paternos, tanto que eu reparava a maneira como o meu avô e a minha avó eram, mesmo em relação a outras pessoas da idade deles, que eles eram superiores e eu nunca gostei dessa atitude e claro que vim para aqui de pequena que eu tive sempre uma maneira de ver as pesso-

as mais velhas diferentes. Pensei que toda a gente fosse como aquele casal. Só que desde pequenita, sempre tive uma grande afinidade com os mais velhos, porque onde eu vivo, pelo contrário, não tem jovens nenhuns, então como eu era a menininha dali, era acarinhada por todos os idosos. A minha mãe ia trabalhar e eles iam-me buscar a casa, para ir lá almoçar, jantar. Eles eram super carinhosos comigo, tanto que muitos de lá são meus avós, enquanto “os meus avós não o são”, mas continuo a ter uma ideia muito mais positiva do que negativa, mas é óbvio que há idosos ...

F1 - Lá está, o contacto com os idosos. Elas lidam muito com idosos. Eu não liguei tanto.

Investg - Em termos gerais, o que é que os vossos pais vos dizem sobre os idosos?

F3 - O facto de a minha mãe me deixar ir para casa das pessoas mais velhas é bom, porque a minha mãe está a deixar-me conviver com pessoas mais velhas. É muito importante.

Investg - E vocês, o que é que acham?

F19 - A minha mãe trabalha num lar, ela era dar-me uma cama e ficar lá a dormir, ela. A minha mãe trabalha na cozinha, mas no tempo livre está com os idosos, ela brinca com eles.

Investg - De certa forma, o facto de não contactarem de perto com idosos é promotor de desvalorização dos idosos?

Todos - Sim.

F3 - Outro caso, nos hospitais, unidade de cuidados paliativos. Os enfermeiros têm uma atitude diferente, fria. Acho que isso não é só com os jovens, mas também com pessoas mais adultas.

Investg - Com a realização do trabalho, as vossas representações foram mudando ou não? E o que é que fez mudar?

F29 - Eu já tinha uma representação positiva, mas mudaram, ficou ...ainda tive mais admiração por eles e mesmo pelas histórias de vida, pelo que já passaram, pelas coisas por que nos contam e que já passaram, pela experiência de vida deles é fascinante.

F3 - Eu por exemplo, com o trabalho, tive a oportunidade de saber um pouco da vida de pessoas diferentes. Um idoso que esteve na guerra e que fala muito da guerra, de uma senhora que sofreu muito em criança e todos os idosos são todos casos diferentes e eu tinha grande admiração por eles, porque era a maneira como eles me tratavam, todas elas me chamam a neta mais nova e quando comecei a conviver com eles e a fazer-lhes as perguntas, era...eles eram, são pessoas tão cultas, tão, têm tanta informação lá dentro, que eles querem transmitir para fora, aquilo foi, foi espetacular mesmo, porque eu aprendi tanta coisa, tanto que transmiti às minhas colegas, coisas que eu nunca pensei um dia vir a saber, que não aprendemos na escola, nem fora e é isso, é bom.

Quando eu comecei a conhecê-los melhor, eles foram-se apercebendo que eu estava a lidar mais com eles e fui-me apegando mais a eles, que eles foram-me contando mais. Eu sei histórias de vida que eu nunca pensei agora vir a conhecer. É como a tropa antigamente, era completamente diferente do que é agora, eles ficam mesmo com aquilo lá dentro e eles querem desabafar, deitar tudo para fora e então, aquilo que eu já achava das pessoas mais velhas, foi, triplicou mesmo, foi espetacular.

F19 - A minha ideia antes de realizar este trabalho era positiva, mas como é óbvio, ainda melhorou muito mais.

Investg - Em que aspetos? O que é que sentiste quando estavas junto deles?

F19 - No início. Por exemplo, eu fiz questões à minha avó, no início ela a minha avó ... não estava muito interessada, mas eu depois expliquei-lhe que era para um trabalho e à medida que eu ia fazendo perguntas, ela não estava interessada, mas depois até começou a achar piada em relembrar os momentos que passou e o meu avô por acaso estava ao pé e eu perguntei-lhe como é que ela conheceu o meu avô e eles começaram lá a falar os dois e ainda se riram.

F3 - Eu nunca fiz as perguntas diretamente. Eu decidi chegar lá e começar a meter conversa, eu já sabia os tópicos que eram. Eu cheguei lá, metia conversa com eles, lia um jornal, eles conversavam tanto que houve um senhor que todos os dias trazia o bolso cheio de papéis com histórias, adivinhas e ele ficava todo contente. Chamava-

me lá a casa para ver o caderno dele, as fotos de antigamente. Ele nunca se apercebeu que estava a fazer-lhe perguntas e a fazer o estudo.

F10 - Falando no meu caso, encontrei muitos idosos muito entusiasmados com a situação, mas também, outros que preferiam não falar, nem relembrar. O que mais anotei foi adivinhas, provérbios e jogos de antigamente. Então, eles diziam que não queriam falar disso, porque foram tempos muito complicados e muitos deles começaram a chorar quando eu lhes perguntei.

Investg - O que é que mudou?

F20 - Antes, achava que os idosos não se davam tanto com os jovens, por pensarem que os jovens não se queriam dar com a geração deles e tinham medo de ser rejeitados. Agora percebi que aos poucos conseguimos interagir com eles.

Investg - Depois de terem feito o trabalho qual é a vossa visão dos idosos?

F1- Como eu era a única que tinha representações negativas antes de fazer o trabalho, as pessoas que eu entrevistei, nenhuma delas foi a escola nenhuma, todas me diziam que o sonho delas era saber ler e saber escrever, era ter cultura e uma senhora olhou para mim, uma delas e virou-se para a outra e disse – Então, mas tu estás burra? Eu tenho mais cultura que estes jovens todos juntos e ela a contar-me histórias e histórias e ...

F14 - Eles podem não saber ler nem escrever, mas têm muita cultura.

F1- Têm muita cultura, sim. É uma cultura própria, é a cultura deles.

F29 - São eles que criam, que constroem.

F1 - Sim. Eu, por exemplo, as adivinhas que a (F3) nos conta e os quebra-cabeças, são coisas que nunca vamos saber contar aos nossos filhos, porque eram deles. São tradições deles e muitas coisas já se perderam.

F20 - Mesmo a memória deles, eles lembram-se de tudo. Eles lembram-se daquilo que passaram há muitos anos atrás. Agora nós, nem nos lembramos do que fizemos no ano passado, nem há meses atrás.

F3 - É verdade. O meu avô ...

F20 - São coisas marcantes para eles.

F3 - O meu avô é analfabeto. Não sei onde é que aquele homem ia buscar uma cabeça, ele fazia contas, ele fazia as contas tão rápido, que nós hoje em dia, quê, nem a tabuada sabemos.

Investg - Foi importante a realização deste trabalho.

F3 - Foi muito. Eu acho que cada vez mais os jovens deviam fazer pesquisas sobre isto fazer trabalhos. Mas lá está, os cursos não são todos iguais.

F3 - As pessoas que estão mais próximas de mim, de certeza que notaram que desde que comecei a entrevistar os idosos, a maneira como eu fiquei ...

F29 - Ela estava, estava muito interessada e quando entrevistou o primeiro idoso, ui, mudou muito.

F3 - Sabe-se muitas coisas. Dá-nos gosto a nós jovens sabermos uma coisa que eles não sabem. É que para nós já é mais fácil, porque fomos ensinados pelas pessoas mais velhas e uma coisa é, as pessoas mais velhas, têm mais habilidade, são mais carinhosas em ensinar-nos as coisas. Parece que têm gosto. Eles ficam todos contentes.

Investg - Então as aprendizagens que vocês fizeram ajudaram-vos a desenvolverem-se em termos pessoais?

F29 - Pessoal.

F3 - pessoal. A minha maneira de ser. Vejo as coisas, vejo certos pormenores que eu antes não dava valor. Acho que no fundo estou mais madura do que aquilo que era. Mais sensível, mais atenta. Fico magoada quando vejo a tratar mal, a desprezar os idosos.

F19 - Eu sempre dei muita importância aos idosos, mas por exemplo, imagine que eu ia com muita pressa e que via um idoso que estava com dificuldade em passar na passadeira, se calhar, nem dava assim tanta atenção, mas depois de realizar o trabalho, ainda dou mais atenção, nem que perdesse o autocarro, mas eu sentia-me bem voltar a ajudar. E eu imagino daqui a uns anos, quando eu for da idade deles, eu tam-

bém não vou gostar de ser desprezada, hei-de gostar que os jovens me ajudem. Portanto, à que fazer a mesma coisa com os idosos de hoje.

F14 - Eu dantes, sim, desprezava muito os idosos, mas agora, agora eu vejo as coisas com outros olhos, já naquele minipreço ajudei, já vejo as coisas com outros olhos. A maneira de ver os idosos mudou muito.

F3 - Eles são mais nossos amigos, eles, é daquele género, para nós, se calhar um abraço vale mais que certas palavras. Eles não têm problema nenhum, em nos dar um beijo ou dar um abraço. São muito mais nossos amigos, do que aquilo que pensamos.

F14 - E podem ser muito mais nossos amigos, um idoso, do que propriamente um amigo que passa, que diz- olá, tudo bem!

F29 - Pegando no que elas as duas disseram, a (F3) quando disse que ficou mais sensível e a (F14) que desprezava. Eu não desprezava, mas não dava tanto valor e desde que a minha avó faleceu eu passei a dar muito mais valor às pessoas idosas, porque perdi a minha avó.

F2 - E no que toca ao desprezo que a (F14) estava a falar, eu acho que nós desprezamos os idosos com medo de sermos gozados pela nossa geração e pelos que estão à nossa volta.

Investg -Prof - Se estiveres sozinha, já não o farás?

F1 - Sim, se calhar. É diferente. Na generalidade é o que acontece.

F4 - Por exemplo, quando estamos com os nossos amigos, vimos ali uma senhora, nós não fazemos por causa dos outros estarem a gozar.

F1 - Eles estão a gozar e tu não sabes como reagir. É o que eu sinto.

F14 - Exato.

F10 - Nós não precisamos de ir lá fora, basta sairmos lá fora.

F3 - Eu nunca desprezei. Sempre fui criada com eles desde pequenita. Quando aconteceu aquilo com aquela senhora da entrada. Aquilo estava cheio de pessoas da minha idade e podiam ter gozado “ai ela foi para a chuva”, “ela foi parva”. Mas muitas vezes, eu vejo colegas meus, que se calhar, se estiver sozinho comigo, porque sabem

que eu dou valor aos idosos, dizem “ai, eu vou ajudar”, mas se estiverem com outros, vão ser gozados e destituídos desse grupo.

Investg - Pensam aplicar os conhecimentos apreendidos?

Alexandra- As receitas, as músicas, as adivinhas ...

Investg - O que deve ser feito pelos jovens para mudar esta situação?

F3 - Transmitir aos amigos o que sabem sobre os idosos e a maneira de pensar.

Grupo de amigos não funciona porque eles não pensam da mesma maneira que nós;

É pelo grupo de amigos que eu posso sensibilizar os amigos;

Pela interação uns com os outros;

Nós, jovens que ajudamos, devemos continuar a ajudar independentemente de nos gozarem ou não;

Aumentar o contacto com os idosos;

Contacto entre jovens que têm pensamentos positivos sobre os idosos com jovens que têm pensamentos menos positivos, para mudar mentalidades;

Fazer sem pensar que estamos a ser criticados pelos nossos amigos.

### ***Atitude face ao Património Cultural e Imaterial***

#### **Tradições e Expressões Orais**

F29 - Já não se fazem destas coisas hoje em dia, como antigamente. Não (...) damos, mas se fosse preciso à um ano ou dois atrás, eu não achava piada a isto e eles orgulham-se daquilo que estão a dizer, eles, eles têm prazer.

F3 - A riqueza que eles têm é saberem. Pessoas idosas têm muito mais gosto em aprender do que os jovens, dão muito mais valor.

Investg - O que vocês aprenderam não se vai perder no tempo?

F29 - Claro que não.



Investg - Tal como estávamos a falar, são importantes para preservar a memória daquele tempo, daquela altura e acham que é bom serem-nos transmitidas, para que vocês possam transmitir aos vossos colegas e depois passar para os vossos filhos e perpetuar no futuro para não se perderem?

F20 - Eu não tenho muita informação sobre o património cultural, toda a gente me dizia que não se lembrava, que não sabia, mas acho que deve ser preservado e passado às gerações seguintes, para se manter a cultura.

F29 - Na minha família, eu se, eu se não herdar nada material, tudo o que eu tenho é em termos de memória, que fica.

Investg - E como é que tu depois vais conseguir passar isso? Tens que delegar a alguém, porque se não delegares, o que é que acontece? Vai ficar retido e nunca ninguém vai ter acesso a essa informação, porque não ficou escrita, nem vai ser passada. Porque pode ser passada em termos verbais e pode ser passada em termos escritos e se calhar é isso que está a falhar. Como vocês há bocado estavam a dizer, muitos dos saberes, das memórias, adivinhas, provérbios, etc, tudo o que tenha a ver com as tradições orais está-se a perder. E ao mesmo tempo perde-se valor cultural, que não é transmitido depois a vocês, nem vocês podem transmitir aos outros? Toda a gente concorda que é muito importante passar?

Todos – Sim.

Investg - E o que é que vocês retiraram deste tipo de património? Quais são os ensinamentos que saem daqui?

F19 - Eram coisas engraçadas.

F3 - O saber não ocupa lugar.

F19 - Eles, se calhar, em vez de, por exemplo, nós agora, para passarmos o nosso tempo, se for preciso, íamos passar meia hora ou uma hora no café. Eles, se calhar, até se reuniam e contavam assim essas coisas uns aos outros.

Investg - E acham que as histórias que vocês conheciam, são iguais às histórias que vos foram contando, ou são outras informações completamente novas?

F19 - São novas, porque os tempos também mudam. Eu acho que são coisas diferentes, porque os tempos mudam e ... e as coisas de antigamente são totalmente diferentes das coisas de agora. Eles tinham maneiras diferentes de se divertir, de passar o tempo.

Investg - Teve influência em vocês o que eles disseram?

F19 - teve um bocado de influência nisso tudo. Hoje em dia, os jovens divertem-se de maneira totalmente diferente.

Investg - Até que ponto as tradições e expressões orais contribuem para a difusão do conhecimento das aldeias onde os idosos moram?

F3 - Essas coisas não aprendemos na escola. Se calhar, isso que eles nos ensinaram, vai-nos ajudar a vermos as coisas de outra maneira.

Investg - Acham que isso ajuda a passar e a mostrar às crianças mais novas os valores daquela cultura?

F19 - Completamente.

F3 - Ajuda, porque se, se não, se nós não aprendermos isso, vamos esquecer como é que era o passado.

F10 - Acho que essas tradições não deviam ser perdidas.

Invest - Fazem parte da memória deles?

F29 - Exato, e como a (F3) disse, nós não aprendemos isso na escola e temos de aprender, para mais tarde passar aos nossos filhos.

F19 - E na maioria isso são coisas divertidas e engraçadas de aprender.

F28 - E também devem passar de geração em geração.

Investg - Porquê?

F28 - Para um dia mais tarde, dizerem que foi o Avô que disse e se forem passando.

Investg - Porque isso faz parte da história de uma época, da vida daquelas pessoas.

F28 - Sim.

F19 - Por exemplo, aqueles provérbios que dizem Em Abril águas mil e essas coisas assim. Eles, na altura achavam que isso estava certo.

Investg - Que ensinamentos é que conseguiram tirar das expressões orais? São importantes para preservar a memória daquele tempo, altura? Açam que é bom serem transmitidas para que possam ser passadas aos vossos colegas, filhos para perpetuar no futuro?

F19 - Deve ser preservado e passado às gerações seguintes, para se manter a cultura.

F29 - Se não herdar material, pelo menos tenho as memórias.

Investg - Essas adivinhas, provérbios que vocês recolheram já os conheciam? Ou são informações novas?

F19 - Alguns deles, sim.

F3 - Dos que eu recolhi no trabalho, não os conhecia.

F19 - Eu por acaso, alguns conhecia, porque a minha mãe também sabe. Os meus avós contavam à minha mãe, e ela de vez em quando, lá por casa, conta essas coisas. Umas anedotas, umas adivinhas.

Investg - Relativamente às artes do espetáculo, que inclui a música, a dança, o teatro, também acham que isto serve para desenvolver a difusão do conhecimento das localidades?

Todos – Sim.

F14 - Ainda hoje em dia há o grupo de rancho.

F19 - Isso é o que eu mais gostava, mas na minha terra já não há. Era ensaiado por um senhor que morreu há pouco tempo. Só que a partir daí, nunca mais foi ensaiado, mas por acaso eu andei lá. Eu gostei bastante daquilo.

Investg - Em relação às danças o que é que vocês sentem de diferente? O que é que mudou?

F29 - Quase tudo.

F19 - O tipo de música.

F3 - A maneira como se apreciava.

F19 - Como se vestiam.

F3 - As danças tradicionais já não se apreciam como antigamente.

F10 - Há muito preconceito ...

F19 - Agora, nos ranchos vestem-se de maneira que tem de ser, mas antigamente era mais profundo, mais aprofundadas as roupas, aqueles tamancos grandes e agora, se for preciso, vão com uma saias compridas e uns sapatos normais. Antes tinha mais valor.

Investg - Que importância atribuem às práticas sociais?

F29 - Ai, eu acho que eles sofreram bastante. Muitos deles passaram por coisas horríveis, por exemplo, nós agora saímos da escola, chegamos a casa e vemos televisão e eles não. Eles nem sequer tinham tempo de comer. Tinham que ir ajudar os pais e assim.

F10 - Desde novos que começaram na agricultura a levar a comida aos pais.

F19 - Muitos nem iam à escola. Por isso é que os nossos pais não acabaram a escolaridade, têm o 4º e 6º ano, nunca acabaram porque eram obrigados a trabalhar. Depois os filhos mais velhos tinham que cuidar dos mais novos.

Investg - Vocês já sabiam disto? Ou é novo?

F3 - Novo, não. Onde eu vivo tem gente mais velha que me ia dizendo e contando. Mesmo os meus pais passaram por isso.

F10 - E às vezes calha em conversa.

F3 - Os meus passaram por isso e é normal que os meus pais comparem a vida que eu tenho agora e a vida do meu irmão, com a vida que eles tinham antes.

F19 - Porquê? Porque eles antes queriam estudar e não podiam e nós agora temos a oportunidade de estudar e não queremos, no geral. Eles queriam muito ir à escola para aprender a ler e a escrever.

F3 - Eles antes viam o estudo como uma saída para aquele trabalho, viam o estudo e gostavam, já estavam a trabalhar e não sofriam mais. Agora nós não, nós temos tudo isso até fora da escola e não sabemos bem dar o valor que eles davam.

F14 - Dantes davam mais valor às pequenas coisas que tinham do que agora.

F3 - Porque agora há outras coisas para preencher o vazio, porque eles, antes queriam aprender para ser alguém. Nós agora, não. Nós agora temos telemóvel, não temos de pensar para preenchermos o vazio que temos na cabeça.

F19 - Lá está, eles queriam estudar para ser alguém, nós agora temos que fazer o 12º ano, porque daqui a uns tempos já, por exemplo, para tirar a carta temos de ter o 12ºano. Muitos andam aqui só para acabar a escolaridade.

F14 - A minha mãe dizia que saía da escola, mesmo à hora que era e já estavam a chamar os meus avós, a chamar por ela, a dizer que tinha de ir trabalhar e tinha os trabalhos de casa, só à noite e não tinha tempo para estudar, nem nada.

Susana N- Não tinham assim saídas à noite, nem ao fim de semana. Tinham que estar a trabalhar.

Investg - Ajudou-vos a perceber como aquela comunidade funciona? Como é que ela vivia? Como é que eram as práticas do dia-a-dia? Alguém quer contar como eram as práticas?

F3 - Basicamente, antigamente havia muitas vacas e a maior parte das histórias eram todas iguais. Eles levantavam-se de manhã cedo, iam tirar o leite às vacas para dar aos irmãos mais pequenitos, depois tinham que ir buscar a erva para os animais e depois iam para a escola. Iam a pé, porque as escolas antigamente eram mais longe, porque era uma escola por várias freguesias.

F19 - E à chuva, muitas das vezes.

F3 - E à chuva. Falaram também da roupa, da maneira como se vestiam, que é diferente. Eles disseram que antes escreviam em lapas e com a humidade aquilo vai desaparecendo e eles iam fazendo isso pelo caminho. Depois chegavam e tinham novamente que ir trabalhar, ir buscar os outros irmãos que estavam nas outras terras, dar-lhes de comida, fazer as coisas de casa, etc, etc.

F1 - Vocês só estão a falar do lado mau. Eu ... os idosos que eu entrevistei, eles adoravam isso. Eles diziam-me que o percurso de casa para a escola e da escola para casa e saberem que iam trabalhar, era a maior alegria deles, porque eles adoravam o que faziam. Eles em tudo o que faziam divertiam-se.

F14 - Para eles era um divertimento. Agora para nós, divertimento é o quê? Ver televisão!

F1 - Sair à noite.

F3 - Ela tem razão, porque os meus diziam que não gostavam, mas era normal, eles brincavam às brincadeiras que tinham habitualmente.

F1 - Brincavam muito mais do que nós.

F3 - Claro, eles brincavam com coisas diferentes, que os divertia.

F19 - Nós agora fazemos uma coisita, oh, vamos fazer outra. Eles não.

F1 - Por exemplo, a minha mãe é a filha mais nova entre dez irmãos. A minha tia mais velha tem setenta e três anos e ela dizia-me que adorava ir com a minha mãe, porque era quase filha dela, tinha idade para ser mãe da minha mãe. Então, adorava ir com ela, iam buscar os fardos de palha e não sei o quê, iam fazer corridas e depois iam dar um mergulho ao rio e iam buscar os animais ao campo.

F19 - Mas lá está, também depende das zonas. Lá, se calhar é uma coisa, aqui é outra. Se calhar, as pessoas aqui sofriam mais.

F29 - Não, isso é igual.

F1 - Isso não tem nada a ver. Se calhar, lá ainda é pior, porque são meios pequenos. Enquanto vocês, por exemplo, a minha avó para ir à cidade mais próxima demora três horas a pé. Se calhar, vocês, não sei, das vossas terras aqui, se calhar, é menos.

F19 - Lá está, também não havia transportes.

Investg - O que é que tudo isto vos faz pensar?

F19 - Nós agora estamos mal habituados.

F3 - Não sabemos valorizar.

Investg - Mas conseguem valorizar agora que fizeram o trabalho e que perceberam que realmente eles passaram por coisas diferentes do que vocês pensavam e ajudou-vos a ter uma outra atitude, uma outra visão sobre as práticas que eles faziam diariamente?

F19 - Sim, porque por exemplo, eles antes para irem a um sítio, como a (F1) disse, por exemplo, uma cidade, iam a pé e tinha que ser assim. Nós agora só para fazer meia dúzia de passos, alguns vão de carro, outros de bicicleta, não sei quê. Podíamos ir a pé e não. Eles não, já estavam habituados que não se importavam de ir a pé e nós agora não. Estamos mesmo mal habituados.

F3 - É verdade. Porque um senhor, eu até fiquei assim um bocadinho pasmada com ele, porque ele disse-me que a taxa de obesidade aumentou agora, se o tempo fosse como antigamente, ninguém era gordo, era tudo magrinho. O exercício diário fazia-os manter a forma.

Investg - Foi muito importante conhecerem as práticas sociais?

Alunos - Sim.

Investg - Ajudou-vos a crescer? A compreender melhor?

Investg - Sim.

Investg - Em relação ao conhecimento das práticas relacionadas com o universo, acham que é fundamental que estas sejam transmitidas às próximas gerações?

Claro.

Investg - Claro, como? Qual a importância?

F1 - só o facto de estarmos a preservar alguma coisa.

Investg - A questão do saber fazer, das competências que uma determinada pessoa idosa tem numa determinada área, ser-nos transmitida essa informação para não se perder.

F10 - São coisas que já vêm de há muito tempo e não faz sentido perder.

Investg - Porquê?

F19 - Porque é sempre bom recordar o passado.

F1 - Podem ser necessárias no futuro. Vai ser bom transmiti-las aos nossos filhos.

F29 - Como a (F3) disse é bom porque isso não são coisas que se aprendem na escola. Faz parte da nossa cultura.

Investg - Em relação às aptidões relacionadas com o artesanato, o que têm a dizer sobre este domínio? O que vos foi dito quando fizeram o trabalho?

F20 - No caso da minha avó, ela disse, que com canas, chamava-se cana da índia, fazia tipo uma flauta, eles tentavam juntar várias canas e faziam sons. Muitos deles conseguiam fazer música.

Investg - Ensinaram-te a fazer?

F19 - Não, isso não.

Investg - Explicaram-te como faziam.

F19 - Sim, sim. E as canas não eram todas do mesmo tamanho.

Investg - Achas que era importante saberes fazer?

F19 - Eu por acaso, gostava.

Investg - Às vezes vocês têm os ensinamentos em casa e os recursos e não os aproveitam.

F3 - Eles nunca me ensinaram, mas a maior parte dos idosos com que eu falei eram homens e eles diziam-me aquilo que eles faziam. Que era com aqueles bocados de chapa de latão, que faziam aqueles carrinhos que andavam com uma corda a puxá-los. Aquilo fazia um barulho pela calçada e eles diziam que o que mais gostavam, era o barulho que se fazia pela calçada. Falaram do jogo da malha, do pião. Eles mostraram isso tudo e disseram como é que se fazia.

Investg - Acham importante vocês saberem?

F3 - Então não era! Há aí brinquedos que nós compramos que magoam as crianças. Aqueles brinquedos não magoam. São apenas simples e fazem-nos pensar.

F29 - A mim, mostraram-me um pau de abraçar as cebolas.



Investg - Em termos gerais, o que têm a dizer sobre o PCI?

F19 - Sabe uma coisa que eu fiquei admirada, com o que a minha avó disse. Na altura a minha avó tinha folhas para a escola para escrever e quando uma folha raspava, sabe como é que eles colavam? Era com um líquido que é mimosa e amendoeira, mas é só quando as árvores estavam doentes. Deitavam um líquido e eles passavam o dedo na folha e aquilo colava. Mas essas árvores só deitavam líquido quando estavam doentes.

F3 - Eles disseram-me isso, mas não foi com amendoeira, foi com pessegueiro. O pessegueiro fica com as folhas enrogadas e então sai uma espécie de resina.

F19 - Sabe como é que eles apagavam os lápis? Com aqueles frasquinhos das injeções, tinha, assim aquela borrachinha à volta, era com isso que eles apagavam o lápis.

F10 - Outra coisa que eu achei piada foi o jogo que nós chamamos escondidas, eles chamam RÔRÔ.

F1 - São coisas tão bonitas.

F20 - Eles sabiam-se divertir.

F29 - Eles davam valor aquilo que tinham.

Investg - Qual a importância tem para os dias de hoje?

F1 - Se calhar, muitas coisas que nós temos agora, são evolução do que elas antes faziam. À certos utensílios que se calhar temos em casa que eles com paus e qualquer coisa faziam antes e agora nós temos a evolução disso. Se calhar, se eles não tivessem começado a fazer, nós também não tínhamos certos objetos que temos agora.

F3 - Além disso, se nós fossemos como eles antes, era menos poluição, era nós sabermos utilizar as coisas, porquê? Eles qualquer coisa, fazem diferente. Eles não deitavam nada no lixo. Eu não percebo porque é que muitas das vezes as pessoas julgam os mais velhos por guardarem tudo no sótão ou na arrecadação. Não, eles falaram que guardam tudo porque tudo é preciso na vida. Daqui a muitos anos, pode vir a ser preciso. É assim que eles pensam. Nós devemos ter essa maneira de pensar agora,

porque nós temos uma coisa e vamos gastar dinheiro noutra. Eles não, eles são tão poupados. Nós não temos essa maneira de ver as coisas.

F16 - É importante para recordar tempos antigos, saber dar valor, para serem importantes na sociedade.

## **Ponto 2 – Ensinamentos**

Investg - Como é que se sentiram com a realização deste trabalho?

F10 - Eu gostei. Senti-me bem porque estava a lidar com um público diferente do habitual. Mudou a minha maneira de pensar em relação aos idosos. Acho que eles têm mais para dar do que aquilo que nós pensamos que eles têm.

Investg - Em que medida?

F1 - No PCI, nas receitas. À medida que vamos conhecendo melhor os idosos, eles ganham mais confiança em nós e contam-nos mais coisas. Dou muito mais valor e considero que eles podem dar muito mais do que aquilo que eu pensava.

F19 - Eu também gostei de fazer este trabalho, mas no início estava um bocado receosa, porque pensei que fosse mais difícil. Uma senhora pensou que eu me estava a meter na vida dela. Mas no fim, gostei, aprendi várias coisas. Sempre valorizei os idosos, sempre achei que era importante conviver com eles.

F3 - Aquilo que eu pensava deles antes, penso agora. Só que é assim, eu sempre falei muito com eles. As pessoas que eu entrevistei, sempre me dei muito bem com elas. Nunca pensei que tivessem mais coisas para me dizer. Com aquilo tudo, fui sabendo mais coisas e fiquei um bocado pasmada porque pensei que já me tinham dito tudo ao longo destes anos que convivi com eles. Eles têm sempre mais coisas para nos contar, parece que todos os dias têm uma coisinha nova para nos contar e é óbvio que aquilo que eu pensava deles melhorou muito mais, porque eles têm muito mais capacidades do que nós. E eu fico admirada. Tomara eu daqui a uns anos, ter a capacidade deles.

Investg - Ao tempo que ias convivendo com eles, pensavas que já sabias?

F3 - Sim. As pessoas com quem eu falei, sempre me dei bem com elas de pequena, sempre conversei com eles e eles comigo, às vezes, se calhar por eu ser mais nova, eles sempre viram em mim assim: olha, vou falar com esta, e sempre meteram esse apoio em mim. Agora, nunca pensei chegar lá, fazer estas perguntas e eles contarem-me, porque por eles eu estava ali o dia inteiro só a falar de um tema. Eles contavam, contavam, contavam ...

F1 - Sempre estive entusiasmada, desde que a prof nos propôs o trabalho, fiquei logo interessada, porque é diferente, é fora da escola, é completamente diferente. Nós chegamos lá e estamos à vontade, falamos como quisermos, não temos regras estabelecidas. Foi diferente. Ao longo do trabalho foi gratificante.

F19 - Eu gostei.

F1 - Achei interessante, desde o início.

Investg - Mas como é que te sentiste ao longo do trabalho?

F1 - Senti-me bem. Eles ensinam-nos mesmo muito.

Todos se sentiram bem.

F19 - eles também se sentiram um bocado à vontade connosco, visto nós estarmos tão interessados em saber um pouco sobre a vida deles.

F3 - Se nós não nos mostrarmos interessados por aquilo que estamos a fazer e se não mostrarmos que gostamos deles, eles também não vão dar nada. Às vezes um carinho nosso, uma palavra mais afetiva nossa, vai fazer com que eles nos transmitam essas coisas todas, porque se chegarmos ao pé de uma pessoa que não conhecemos e se formos frios, não nos vai dizer nada, mas se nós mostrarmos que estamos interessados naquilo que nos estão a contar e interessados no que nos estão a contar, melhor ainda. Eles também nos vão dizer aquilo entusiasmados.

F19 - E quando nós damos valor aquilo que eles estão a dizer, eles ficam todos entusiasmados. Eles gostam.

### **Ponto 3 - Perspetivas sobre o PCI dos Idosos**

F29 - Se toda a gente pensasse como nós pensamos aqui nesta sala, se calhar o que eles nos transmitem é ... ia ser transmitido.

F19 - O problema é que nem toda a gente pensa como nós.

F29 - Agora, como nem toda a gente pensa como nós.

Investg - Então, qual é a tua perspetiva em relação ao PCI dos Idosos?

F29 - Sinceramente, sinceramente, acho que vai ser esquecido.

Investg - Porquê?

F29 - Pela razão que dei, porque agora há mais pessoas a pensarem que os idosos não têm tanta importância do que aquelas pessoas que pensam que eles ainda servem para alguma coisa.

Investg - Na tua opinião vai ser esquecido porque a tua geração não lhe dá o devido valor?

F29 - Sim.

F19 - Eu concordo com o que a (F29) disse. Eu acho que daqui a uns anos vai ser tudo esquecido, porque a nossa geração, na maioria, não dá importância aos idosos.

F10 - Eu concordo com elas.

F3 - Mas se nós aqui temos essa ideia, temos de mostrar às pessoas ...

F14 - E mesmo não só em relação aos idosos, também aquilo que os idosos sabem/ os saberes, as tradições todas. Mesmo isso já vai ser esquecido.

F19 - Até mesmo a comida.

F28 - À medida que o tempo passa, as tradições vão-se perdendo.

Investg - Porquê?

F28 - Em relação a determinados temas, os idosos dizem que quando vier a Lua acontece isto, agora, atual, já não se passa isso. Isso vai passando e fica esquecido.

F20 - Se se deixarem de interessar pelo PCI dos idosos, perde-se ao longo do tempo.

Investg - Toda a gente concorda que em termos de futuro o PCI e os saberes dos idosos vão ser extintos.

F19 - Com o passar dos anos vai-se esquecer.

Investg - Vamos lá perceber porquê?

F19 - Nós já temos outras coisas para nos divertirmos, outras coisas para fazer.

F10 - Outras coisas com que nos ocupar.

F14 - E se calhar outra mentalidade.

F29 - Nem sequer pensamos neles, preocupamo-nos com eles, mas não “com o que eles nos transmitem”.

F1 - Agora com a Internet, as adivinhas, os provérbios e tudo, se algum dia precisarmos desse património, claro que não nos vamos dar ao trabalho de sair de casa e ir ter com eles, para eles nos contarem. Agora temos a internet, procuramos tudo, não é necessário ir ter aquele trabalho de sair.

Investg - Estás a culpabilizar em parte as novas tecnologias, porque estão logo ali à mão e não é preciso sair de casa.

F1 – Sim.

F19 - Já agora, há muita gente que trabalha sem sair de casa.

Investg - Então, o que é que podemos fazer para reverter isso?

F19 - Acho muito complicado mudar, porque as pessoas já estão tão habituadas a isso que agora ... eu agora não me vejo sem o telemóvel, por exemplo, eu acho que as pessoas já estão tão habituadas a essas tecnologias e outras coisas que vai ser difícil deixarem.

Investg - Que soluções que vocês apontam uma vez que vocês dizem que se vai perder?

F19 - Nada, não podemos fazer nada, porque nós somos um grupo e pensamos assim, mas a maioria não pensa.

Investg - O que é que pode ser feito.

F29 - Do que depender de nós vamos estar sempre a dar-lhes atenção, só que ...

F3 - Mas se todos pensamos da maneira que estamos a dizer, nós também temos pessoas lá fora que gostam de ajudar. Porquê chegar lá fora e falar de outro assunto, porque é que nós não chegamos lá fora e falamos deste assunto. Porque daqui a uns anos, estou mesmo a ver, quando nós tivermos a idade dessas pessoas, que estão aí fora, os idosos, também vamos querer que se lembrem de tudo o que nós fizemos.

F1 - Ó (F3), mas tu não pensas no que tu vais ser, mas no que tu és.

F3 - Mas pensa assim, tu também daqui a uns anos quando tiveres a idade da tua avó, não vais querer que se lembrem de ti, daquilo que lhes deste a ensinar?

F1 - Ó (F3), mas imagina, tu não vais a um café agora e o teu tema de conversa são os idosos!

F3 - O meu é!

F1 - O meu não.

F3 - Mas tu estás num sítio onde quando saís vês mais gente jovem e eu estou num sítio onde à pessoas mais velhas.

F19 - Lá isso eu concordo com a (F3), porque à poucos jovens.

F3 - Ah, porque nós lemos o jornal, ah a reforma diminui, é obvio que esse assunto, a crise, tudo, vai puxar os mais velhos, porque quem está a sofrer com isto, não são só os jovens, mas também os mais velhos.

Investg - O que é que podemos fazer para inverter isto?

F19 - Passar a mensagem, talvez tentar transmitir aos outros aquilo que nós pensamos e tentar que eles mudem a sua opinião.

F3 - Não é só a mensagem, é as atitudes, também servem para mostrar aos outros o que têm que fazer. É a atitude que vais ter perante outra pessoa que isso mudar.

Investg - Outros jovens?

F3 - Claro.

Investg - onde é que reside o problema?

F19 - Na vergonha, talvez.

F3 - Por exemplo, aquilo que a (F3) referiu, o que eu fiz aquela senhora. Estavam muitos jovens à minha beira que eu se calhar nem os conhecia, mas se calhar a atitude que eu tive de ir tocar à campainha, que a senhora não podia, se calhar os jovens podiam ter vergonha na altura de serem rejeitados. Alguns podem ter visto e ver aquilo como, como, sei lá ... sei lá, como uma ajuda. Mas estás ali, estás distraída, mas há outros que ...

F19 - se calhar, até gostavas de ir, mas ó pá, depois vão gozar comigo.

F3 - “Iá”.

Investg - Então passa por estabelecer mais conversas sobre os idosos, sobre o património cultural.

F29 - E não é só isso, acho que como a (F3) disse, a nossa atitude! Para além de falarmos e de divulgarmos e transmitirmos o que temos a transmitir, nós só temos é que lhes dar atenção a eles. Fazermos a nossa parte, acho que se cada um o fizesse.

Investg - Como é que tu não vais deixar perder o património cultural imaterial deles? Como?

F3 - Divulgando-o. Aquilo que eles nos foram contando, as cantigas e isso, porque eu já fiz isso aqui na turma. Tudo aquilo que nos ensinaram com o trabalho, aquilo que me disseram no meu trabalho, eu fiz questão de dizê-lo aqui na turma.

F29 - Aqui na turma e fora.

F3 - E fora, e fora. Eu tenho, acho, fazer-me achar superior aos outros, porque eu sei aquilo.

F19 - Ó stora, uma coisa que faziam na minha outra escola, era por exemplo, palestras. Falavam de tudo e eu reparei que na maior parte das vezes, quando falavam de idosos e sei que na minha escola, portanto, naquela sala onde estávamos, não havia muito barulho, estavam todos interessados e a ouvir as imagens que nos eram transmitidas e muitos até estavam chocados, porque nunca pensavam que ...

Investg - Então, aqui é mostrar que o PCI é importante, explicar às pessoas o que é, porque, se calhar, muitos não sabem e vocês também não sabiam, nem davam essa importância e depois é promovê-lo e continuar no terreno a recolher mais informação, não é?

Todos – Sim.

Investg - Se não vai mesmo perder-se. Porque, a vossa opinião é que ele vai-se perder. Os jovens não mostram qualquer interesse sobre isto, à execução de vocês, que já estão mais sensibilizados.

F29 - Não, não são valorizados.

Investg - Tu achas que o que eles sabem

F29 - Não é valorizado.

Investg - Não é isso, os saberes que eles têm nos diferentes domínios, tu achas que promovem o desenvolvimento local de uma comunidade?

F29 - Não, não.

Investg - Porquê?

F29 - Não. Como a (F3) disse, se for preciso alguma coisa, nós nem sequer vamos para o local.

Investg - Não é isso, aquilo que te estou a perguntar é se contribui para o desenvolvimento local de uma comunidade, é isso que eu quero que me respondas. Tu achas que os saberes que eles têm, já falamos sobre o que o desenvolvimento local, certo?

F29 - Se calhar, porque as coisas ...

Investg - Tu achas que não. Vamos lá então perceber quem é que acha que sim e quem é que acha que não.

F14 - Eu acho que sim.

F29 - Ah, sim, sim, porque cada um vai divulgando aquilo que se sabe, por exemplo

F14 - Eu ensino-te a ti e tu a mim.

F29 - Exatamente. Cada um sabe uma coisa e vão trocando ideais e ...



Investg - Cruzando informação.

F29 - Exato, acho que sim, sim. Não tinha percebido.

Investg - Tu achas que contribui para o desenvolvimento local?

Alunos – Sim.

Investg - E de que forma é que contribui? Dessa forma? Toda a gente concorda que é pelo cruzamento de ...

F20 - Ideias. Troca de ideais e informação.

Investg - Pela troca de informações que cada um tem. É por aí? Mais alguém acha que é por outro motivo?

F20 - Eu acho que é mais pela comunicação, porque em cada sítio há coisas diferentes.

Investg - E o património cultural imaterial dos idosos também é produtor de desenvolvimento local?

F29 - É pelas mesmas razões.

Investg - Toda a gente concorda?

Alunos – Sim.

Investg - E achas que este património cultural imaterial que os idosos possuem é devidamente reconhecido primeiro pelos jovens e depois pela sociedade em geral.

F29 - Era aí que eu queria chegar. Não.

F19 - Eu acho que não é reconhecido.

F29 - Não, não é reconhecido. Como há bocado dissemos, como eu disse há bocado, à mais pessoas que dão menos valor do que valorizam, ainda por cima a sensibilização das pessoas para abrirem os olhos e verem que não está bem. Se calhar a maneira como eles agem não está correta.

Investg - Mais?

F19 - Eu concordo com o que a (F29). Eu acho que os jovens de agora não dão tanta importância e tanto valor ao Património cultural e imaterial.

F14 - E se calhar, também nós, agora, não damos tanto valor às coisas que eles dizem, o que as pessoas mais velhas dizem, em relação aos tempos de hoje e ...

F20 - Eu concordo com o que a (F14) disse, aquilo que os idosos dizem agora, é um bocado posto de parte.

F10 - E também gozado. Mas, ó, isso também depende das pessoas

F29 - Isso já vai de cada um.

F3 - Também não vamos estar só a falar dos jovens, porque há pessoas que são mais

Investg - Estamos a falar dos jovens e da sociedade em geral.

F3 - Sim, mas a sociedade em geral não são só os jovens e ...

Investg - Para vocês, nem todos os jovens nem a sociedade civil valoriza e reconhece o Património Cultural Imaterial dos idosos? É isso?

Alunos – Sim.

Investg - E acham que é importante que vocês jovens, se devam estar mais alerta a este tipo de património?

Alunos – Sim.

Investg - E de que forma podemos salvaguardar este tipo de património. De que forma é que vocês podem salvaguardar este património cultural imaterial dos idosos?

F19 - Voltando a fazer por exemplo, continuar certas atividades que eles faziam, por exemplo, a agricultura.

Investg - Dar continuidade às atividades que eles faziam. Sim e mais?

F19 - Às práticas deles.

F20 - E passar de geração em geração.

Investg - E passar isso de geração em geração.

F19 - Para se transmitir sempre.

Investg - E assegurar a continuidade cultural daquela comunidade.

F19 - Procurar que isso nunca fique esquecido e perdido.

Investg - Mais, o que se pode fazer mais pela salvaguarda do património cultural e imaterial?

F3 - As brincadeiras. Nós quando estamos com um grupo de amigos, porque é que em vez de, em vez de irmos para o computador ou irmos jogar playstation ou estar a falar ao telemóvel, não vamos fazer aquilo que eles faziam antigamente.

F29 - Ó (F3).

F3 - Não é ó (F3), (F29)!

F29 - Mas é muito fácil falar, (F3)! Tu hoje em dia chegas a casa e a primeira coisa, eu falo por mim, a primeira coisa que eu faço, é ir para o computador.

Investg - Pronto. Aqui o que é que nós podemos fazer com as tecnologias?

F19 - Pô-las um pouco de parte.

F3 - Mas eu não estava a falar disso. Eu estava a dizer que nós pelo facto de termos essa maneira de pensar, quando tu saís com um grupo de amigos ou quando estás com o pessoal lá fora, porque é que nós sabemos essas coisas que eles nos ensinaram e não fazemos isso! Não damos isso como ideia.

F19 - É assim, podemos ir um bocado ao computador, sim, mas ...

Investg - Mas a questão é as novas tecnologias, certo?

F19 - Em vez de estares uma hora, estás meia hora.

Investg - A grande barreira é as novas tecnologias.

F1 - Porque houve uma grande evolução.

Investg - Então, e não podemos juntar essas tecnologias.

F29 - Nós também temos que perceber, como a (F1) disse, nós evoluímos, nós vamos ...

F1 - Porque agora temos novas coisas, alguma coisa vai ter que se perder.

F29 – Vamos...

Investg - É?

F1 - Eu acho que sim.

Investg - Para vocês terem as tecnologias

Investg - Ó stora, sempre que nós queremos, vamos sabendo alguma coisa, outras vão ficando para trás, por exemplo, falo do tempo do telemóvel, para aparecer um, se calhar, os outros já são esquecidos e já não se liga tanto. Isso vai ... acontece em tudo o que nós fazemos. Para uma coisa avançar, outra tem de ficar para trás.

F19 - Eu concordo com a (F1), porque por exemplo, eu quando tive o primeiro telemóvel, foi quando eu tive também o primeiro game boy. Eu antes, por exemplo, utilizava o telemóvel para telefonar e para mandar mensagens e quando queria jogar, ia jogar no game boy, na playstation.

F29 - Eu também.

F19 – E agora não. O telemóvel serve para jogar, para telefonar, faz tudo. Até mesmo para ir para a internet, não preciso ... não precisamos dos computadores, usamos os telemóveis.

Investg - E achas que as comunidades podiam ganhar mais, uma vez que ... O que podemos fazer mais para ajudar a desenvolver mais as comunidades?

F29 - O que nós podíamos bem ... era inserirmos os idosos na sociedade de hoje, não é nós irmos para o antigamente. Era eles agora, por exemplo, como há as novas oportunidades e assim. Não é nós termos que ir para trás, é eles viverem como está agora.

F3 - Estás a ver muitos deles a se inserirem nisso?

F29 - Os outros, tou, tou.

F3 - Eles pensam de maneira diferente.

F29 - Não, há muitos idosos nas universidades.

F19 - Se nós temos que mudara nossa opinião, eles também podiam fazer um esforço e mudar a opinião deles.

F3 - Mas nós somos jovens, vemos as coisas de outra maneira. Eles ainda têm aquela maneira de pensar mais antiga.

F19 - Nem todos.

F29 - Há muitos idosos na universidade.

F10 - tal como eles ensinam coisas, nós também podemos ensinar-lhes as coisas.

Investg - Se eles são promotores de desenvolvimento local, o que é que eles, pegando neles, o que é que eles podem fazer para desenvolver as comunidades e que não estão a fazer? Nós sabemos que eles não estão a desenvolver neste momento as comunidades, mas como vocês disseram, eles contribuem para o desenvolvimento local das comunidades, pelo próprio cruzamento de informação. Então, pegando neles e se vos fosse proposto um projeto de desenvolvimento local, o objetivo era pegar nos idosos e fazer com que eles contribuíssem para o desenvolvimento local, o que é que vocês faziam? Como é que vamos pegar neles e como é que eles podem desenvolver? O que é que se pode fazer mais?

F1 - Então stora, já que eles nos dão coisas a nós e nos ensinam coisas a nós, acho que é a nossa vez de

F29 - De lhes dar e ensinar.

Investg - O que é que eles podem fazer nas comunidades deles para contribuir para o desenvolvimento local? Se eles contribuem, vocês já disseram que sim, então o que é que eles têm que fazer e que não estão a fazer neste momento, para promover o desenvolvimento local das comunidades deles.

F3 - Abrir a mente para outras coisas. Eles são muito reservados e fechados.

F1 - Se se criassem mais instituições como por exemplo, as universidades seniores, acho que

F29 - Sim.

Investg - Então, nos locais têm que se criar espaços

F1 - Sim, que se organizem, por exemplo, no lar, eu tenho a minha tia no centro de dia e ela gosta. Eu acho que era interessante alguém mais novo ir lá fazer atividades com eles.

F29 - Há muita falta de espaços para eles.

Investg - Para eles poderem mostrar

F1 - O que valem.

F29 - É isso.

Investg - Nas terras deles o que é que é preciso criar lá?

F19 - Ó prof espere aí, muitos gostavam de ver e não podem.

Investg - Então, vamos pegar nos que podem. Se há um grupo que pode e se eles contribuem para o desenvolvimento local das comunidades e não o estão a fazer, então, o que é que falta lá? Naquela comunidade? Quem é que os pode ajudar a desenvolver?

F29 - Nós!

Investg - Vocês jovens. Então, o elo de ligação tem de passar pelos jovens? São os jovens que vão ajudar os idosos a desenvolver as comunidades locais? É isso?

Alunos – Sim.

Investg - Então, o que é que vocês podem fazer juntamente com eles? O que é que está a falhar nas terras? O que é que vocês jovens podem fazer com eles?

F29 - Muita coisa.

Investg - Como por exemplo?

F20 - Se nos integrássemos mais com eles, no dia-a-dia deles.

F1 - Ou eles no nosso.

F20 - Ou eles no nosso, sim.

F1 - Repartir, por exemplo, fazer atividades num dia, fazermos atividades relacionadas com o passado deles e outras vezes, fazíamos com o nosso.

F19 - Estou a imaginá-los a mexer num computador.

F1 - O que a susana está a dizer, ensinar os idosos a mexer no computador, há idosos que adoram, há idosos que sabem mexer.

F19 - Sim, a minha avó tem telemóvel e o meu avô. A minha avó se for, por exemplo, para a quinta, se chegar a meio e não tiver o telemóvel, ela volta atrás para ir buscar o telemóvel.

F10 - A minha avó, eu já a ensinei a mandar mensagens.

F19 - E tem noventa e quatro anos.

Investg - Portanto, tal como vocês disseram, à falta de instituições onde ... para que eles possam desenvolver os saberes.

F1 - As atividades.

Investg - E depois, à uma falha dos jovens

F1 - Em não lhes ensinarmos o que sabemos.

Investg - Em não receberem informação que eles têm e passar essa informação. Então, tem que haver o quê?

F19 - Uma ligação entre os jovens.

Investg - E as tecnologias estão também relacionadas com este, com o contributo no desenvolvimento local. Então de uma forma geral e para concluirmos, toda a gente concorda que o património cultural imaterial dos idosos contribui para o desenvolvimento local.

Alunos – Sim.

Investg - E que à falta de estruturas e instituições para que os idosos possam mostrar aquilo que valem, os jovens têm que se juntar mais com os idosos e os idosos mais com os jovens. As novas tecnologias têm que ser inseridas na vida dos idosos e o elo de ligação disto tudo, são os jovens para desenvolver mais as comunidades. O desenvolvimento local acontece pelo cruzamento de informação pela troca de saberes pelos idosos que pode ser difundida pelos jovens.

## **Grupo II**

Investg - Que representações vocês tinham antes de fazer este trabalho?

F6 - Eu, eu nunca tive uma reação, nunca pensei mal dos idosos, porque, pronto, eu sempre vivi com os meus avós e sempre me ensinaram a não ter preconceitos e acho que este trabalho que eu realizei.

F15 - Eu concordo com ela, acho que, eu pensava assim, eu também hei-de chegar a idosa, também não gostava que me tratassem mal, por isso eu nunca fui muito contra os idosos.

Investg - Mas qual a ideia que tinhas deles?

F15 - Acho que, pronto, eles têm algumas más, são mais delicados, mais, não têm tantas capacidades como nós, mas não é por isso que não vão ser tratados bem e dignamente por todas as pessoas.

F21 - Eu também concordo com o que foi dito, eu também nunca tive uma ideia subjetiva sobre os idosos, sempre gostei, talvez por a minha avó sempre me deu dinheiro e sempre me levou para muito lado. Às vezes, também para as excursões e essas coisas e eu ia com ela e ela sempre foi muito mexida, principalmente a minha bisavó, ainda está rija e sempre tive, nunca tive uma ideia muito má.

F11 - Eu também concordo com a (F15), porque nós um dia também vamos lá chegar e não vamos gostar que nos tratem de maneira diferente, apesar de já terem uma certa idade, já vivemos o mesmo que os outros viveram.

F15 - Já fomos da mesma idade que um dia vamos ser idosos e também já fomos adolescentes e já passámos e também não gostávamos que nos tratassem mal.

F21 - Mas temos de tomar em atenção que às vezes não é muito fácil, porque há outras pessoas que pensam muito diferente de nós, que influenciam-nos.

F25 - É, a diferença de idades também conta, nem sempre é fácil conseguirmos estar a ter uma conversa com um idoso, porque ele acaba sempre por não gostar daquilo que nós dizemos ou daquilo que eles dizem.



F15 - Mas também depende dos idosos, há idosos mais abertos, com mentalidade mais, pronto, depende também do meio onde fomos criados, mais abertos para falar de certas coisas.

F11 - Sim, porque um idoso que tenha vivido numa cidade e outro que tenha vivido no campo, as mentalidades são diferentes.

F15 - Se calhar os que viveram no meio rural são mais evoluídos, eles têm uma mentalidade mais aberta para outras situações do que os da aldeia, que são mais conservadores.

F21 - São mais preocupados com os jovens de hoje em dia, por exemplo, os meus avós e outras pessoas estão sempre a dizer cuidado, estão sempre, como é que eu hei-de explicar

Investg - A dar conselhos

F21 - Sim, porque eles têm mais experiência de vida e estão sempre a alertar

F15 - Não querem que aconteça aos netos, se calhar aquilo que lhes aconteceu e eles.

F12 - Eu sempre lidei com idosos. A minha aldeia pouca juventude tem, é tudo à base de idosos e sempre lidei com eles.

Investg - Eram pessoas como outras quaisquer?

F11 - Sim. Tenho afinidade com os idosos que conheço mais, que me dou mais do que outros, mas falo com eles todos, dou-me bem com eles todos.

F2 - Relativamente aos idosos, eu tinha uma ideia, pronto, eu dou-me muito bem com a minha avó, ela também já é de idade, mas a minha avó é assim uma avó toda a para a frente e isso tudo. Os idosos, tipo, às vezes costumavam dizer: ah, os idosos quando chegam à meia idade, são uns queixinhas e não sei mais o quê! Estão sempre a lamentar! têm aquilo! têm aquele outro que têm mais doenças e depois eu comecei a interagir com eles e a falar, percebi que não é assim. Se calhar, eles queixam-se, mas porque têm mesmo razões para se queixar e se calhar ... tinha uma ideia deles que era diferente de agora.

Investg - Qual era essa ideia?

F2 - Pensava que eram assim fechados e que não gostavam de falar e quando falavam era só mesmo para se lamentarem e essas coisas.

F13 - Eu concordo com o que elas disseram. Eu sempre lidei bem com os idosos, independentemente se conhecesse ou não eles. Em sempre me dei bem com eles, sempre os tratei como pessoas normais como nós e até agora não mudou nada.

Investg - Todos tinham representações positivas dos idosos à exceção da (F13), que tinha uma ideia inicial.

F11 - Eu confesso que é assim, depende do idoso, há aqueles simpáticos que falam e não sei quê! E outros, tinham assim uma ideia um bocado...

F15 - Arrogantes!

F11 - Sim! Achava-os muito arrogantes e que queixavam-se por quererem a atenção para eles, não falavam.

F2 - Pois, era como eu.

F21 - Depende de cada pessoa.

F11 - Mas se fosse um idoso mais aberto.

F7 - Eu não tive essa ideia, porque fui criada com os meus avós.

Investg - Então, as representações positivas que vocês têm, estão-me a dizer que estão com os avós, que contactam muito de perto com eles. Quais são os fatores que vocês acham que vos ajudaram a ter uma representação positiva? Devem-se a que fatores, essas representações positivas?

F6 - À maneira de eles nos tratarem.

F7 - À forma como se abrem e como falam com as pessoas, a experiência de vida que têm.

F11 - E também o facto de passarmos muito tempo com eles. Os nossos pais estão sempre a trabalhar e nós ficamos com os nossos avós.

F15 - Fomos criados com eles.

F21 - O carinho e o afeto que eles nos dão quando estamos com eles. Nota-se que se preocupam connosco.

F11 - Sim, a minha avó costuma dizer que ... ela gosta muito de mim, que conseguiu dar mais atenção aos netos, do que aquilo que deu aos filhos.

F21 - A minha avó diz que nós somos os segundos filhos dela.

F15 - A minha avó ainda diz: olhem, que vocês crescem para ter filhos que eu ainda os crio.

F13 - A minha avó diz que sou filha dela.

Investg - Vocês acham que o facto de se estar, crescer com os avós, ajuda-vos a ter uma representação positiva?

Alunos – Sim.

Investg - Se não crescessem com os avós, o que é que vocês iriam pensar?

F15 - Se calhar, desprezávamos mais.

F13 - Tínhamos uma opinião diferente.

Investg - Toda a gente concorda com o que a (F15) está dizer?

Alunos – Sim.

F21 - Se nós formos viver para uma cidade e não estarmos junto com os avós e se formos, por exemplo lá uma vez por ano, estamos mais habituados a estar com pessoas da nossa idade e depois – olá, tudo bem? Eles começam logo ...

F15 - Não íamos ligar muito.

F11 - Sim, isto também acontece porque nós vivemos num meio pequeno, mas, por exemplo, se viéssemos viver para uma cidade e se só visitássemos os avós uma vez por mês.

F15 - Se calhar até íamos, dizíamos: ai que seca ir lá! E agora não.

F11 - Ir visitar os avós!

Investg - Agora sim, com a realização do trabalho as vossas representações mudaram, não mudaram, mudaram em que sentido? Para melhor, para pior? Mantiveram-se?

F15 - Melhoraram.

F7 - Em mim, melhoraram.

F15 - Eu acho que as minhas não eram más, mas acho que ainda conseguiram melhorar.

Investg - Conseguiu saber quem eles eram?

F15 - Eles eram pessoas

Investg - Mais importantes?

F15 - Eram ... alguns ... mas alguns eram pessoas normais como nós ... que tinham ... haviam de ser tratados como todos nós e agora com o trabalho que eu fiz, eu acho que falei com eles e eles se calhar também foi por me terem falado com os idosos assim muito abertos. Fui a um lar de idosos e eles eram todos elétricos e eles queriam era cantar e ensinavam-me coisas novas. Foi uma experiência boa.

Investg - Sim. Então, com o teu trabalho correu tudo muito bem. Mudaste a tua opinião acerca deles?

F15 - Sim.

Investg - São mais animados, mais alegres.

F15 - Sim, eles eram muito elétricos. Eles queriam era andar a correr e a cantar para a frente e já tinham muita idade. Um já tinha perto de oitenta anos e ainda andavam lá todos frescos.

F7 - A minha também mudou porque eu ... eu achava...tinha vizinhos ... a minha avó que eram assim um pouco idosos, mesmo já em idade avançada e eram muito fechados, não falavam muito, não reagiam. Nós passávamos por eles, outras vezes falávamos para eles e eles não falavam, mas agora a ideia que eu tenho é que eles precisam.

Investg - No decorrer, só no decorrer.

F7 - Sim. No decorrer a ideia que eu tenho é que eles precisam é de alguém que esteja ali ao pé deles e que ... eles falam muito e gostam de partilhar o que viveram.

F15 - Precisam de muita atenção.

F21 - Eu também gostei muito porque ao ouvir as histórias de vida deles, por exemplo, trabalhavam nas terras até de manhã até ao pôr-do-sol, no Alentejo, por exemplo. Eu fiquei assim ... um bocado ... não sei bem como explicar ... porque eu nunca pensei que eles tivessem uma vida tão complicada em relação à nossa e nós jovens devíamos dar mais valor a eles porque eles trabalharam muito na infância e depois e agora o que se pode observar é que eles estão muito mais parados e com algumas dores pelo trabalho que tiveram na infância.

Investg - No passado, não viveram a infância.

F21 - Sim.

Investg - Como vocês viveram.

F21 - Mas também foi um tempo feliz, muitos deles.

Investg - Então e tu quando começaste a perceber isso, o que é que ias sentindo? Que eras uma privilegiada, se calhar, neste tempo.

F21 - Pois é. Estavam sempre a dizer “nunca vivi, quem me dera viver no vosso tempo”, “estão sempre em casa”, “estão sempre ali a estudar e nós e nós tivemos que trabalhar nas terras, os nossos pais não nos deixavam que nós estudássemos”.

F15 - Eles às vezes diziam que até ... até agora ... agora o tempo é mais triste do que antigamente porque antigamente faziam coisas que agora não se fazem ... nós ... os adolescentes estão em frente ao computador, na televisão. Antigamente brincava-se, vinha-se muito para rua brincar a jogar jogos e conviviam todos uns com os outros.

F21 - E dizem que nem sequer sabemos cantar.

F15 - Que antigamente era muito mais saudável do que agora.

F11 - Sim, eu também achei que foi uma experiência muito positiva, porque eu, alguns idosos que eu conhecia lá da terra, eu achava-os assim muito fechados e eu fui falar mesmo com esses e ao contarem a vida que tiveram e não sei quê, eu apercebi-

me que se calhar eles eram assim mais fechados, mais reservados também por causa também da vida que tiveram, que não foi fácil e sim, também concordo com a Rita, ela diz que ... eles ... eles os idosos dizem que os tempos de agora não são tão alegres e eu acho que por um lado é verdade por outro ...

Investg - Achas que é verdade? Porquê?

F11 - Porque houve uma Senhora que me disse que aos Domingos e assim se juntavam todas, as amigas todas e andavam a pé e assim e faziam renda todas juntas e não sei quê. Nós, não. Nós se for preciso ficamos uma tarde inteira a ver televisão, um filme, sozinhos em casa.

Investg - Ou seja, ficamos o dia inteiro sozinhos em casa e eles saiam muito, ajudavam-se uns aos outros.

F12 - Andavam sempre na lida e lidavam muito com as pessoas.

F11 - Eram atividades diferentes, eram atividades ...

F2 - Eu com o decorrer do trabalho também mudei de opinião. Aquilo que eu pensava antes falando com as pessoas e isso, se calhar tinha uma opinião delas, porque se calhar elas só queriam afeto e carinho, alguém que as ouvisse e ... e no fundo até se tornaram boas pessoas. Aquilo que nós às vezes pensávamos ... que eles não falavam, eram anti-sociais.

Investg - Era uma ideia

F2 - Sim, mudou.

F13 - Eu também concordo com a maior parte daquilo que disseram, mas no decorrer do trabalho eu fui-me apercebendo que muitas das pessoas não conviviam porque tinham tanto trabalho, tinham tanta coisa para fazer que não tinham tempo para conviver. No meu trabalho eu, eu decidi, eu vim a notar isso, mas se calhar em outras povoações é diferente, mas eu, eu vivo numa aldeia e acho que nas aldeias é mais, mais trabalhar, só mais aos domingos é que conviviam. Aos domingos, ao fim de fazerem as suas tarefas é que iam conviver com as pessoas do povo.

F12 - Sim, na minha zona ainda há muita gente que trabalha de segunda a domingo até ao meio dia e durante a tarde tá no café a conviver com os amigos.

Investg - Durante o teu trabalho, o que é que sentiste?

F12 - Eu como já tinha uma boa relação com eles fiquei a saber ainda mais coisas de antigamente e essas coisas, mas eu gostei.

F25 - A minha ideia sobre eles melhorou um pouco, acabei ... pouco ... pouco, porque, ela não era má, mas também, pronto. Havia algumas coisas que eu não gostava neles, o facto de eles às vezes ... tornavam um bocadinho chatos, falavam muito da vida deles, pronto, daquilo que eles tinham, das doenças e dessas coisas assim e eu não gostava muito de ouvir isso. Mas agora percebi que isso foi, foram causas da vida deles passadas, porque eles trabalharam muito como já foi referido aqui.

F11 - Sim, eles se calhar também se queixam muito, por um lado, para terem atenção porque há aqueles que se sentem mesmo sozinhos.

F15 - Sim, eu reparei nisso. Há alguns que se queixam mesmo que é para terem mais atenção das pessoas.

Investg - O que é que eles sentem dos jovens?

F13 - Que não querem saber deles.

F21 - Têm medo deles.

Investg - O que é que vocês pensam deles?

F21 - Têm medo.

Investg - Têm medo dos jovens?

F15 - Não é medo dos jovens

F21 - é no sentido do futuro que eles estão a seguir ou no rumo que eles estão a tomar. É diferente, saem à noite, ah ...

F15 - Eles não gostavam que fossem por maus caminhos.

F12 - Bebem bebidas alcoólicas, fumam e essas coisas eles têm medo.

Investg - Qual é a ideia que eles têm no geral dos jovens?

F11 - Eu por acaso, essa pergunta foi uma daquelas que eu fiz no decorrer do trabalho e eles dizem quase todos a mesma coisa, que era muito diferente de agora, que

prontos, os jovens queriam só para eles, não havia interajuda, amizades como havia antigamente, que pronto, que eram diferentes.

F15 - Agora as pessoas são capazes de passar umas por cima das outras só para alcançar os seus objetivos e antigamente, não.

Investg - Qual é a ideia que vocês têm dos vossos colegas (jovens) em relação aos idosos? Dos vossos colegas (jovens).

Alunos – A maioria é negativo.

F21 - É negativa.

F7 - Têm uma ideia negativa sobre eles.

F21 - Não querem saber deles e isolados.

F15 - São chatos, são rabugentos.

F21 - que é uma perda de tempo estar ao pé deles.

F11 - Como alguém já disse, eles acham que eles são um bocado chatos e que se lamentam muito, é isso.

F13 - Eu concordo.

Investg - E depois do trabalho feito, qual é então a ideia agora que vocês têm. Depois de tudo feito, o que é que vocês pensam deles, dos idosos?

F21 - Eu depois de fazer este trabalho, eu senti que tenho de fazer alguma coisa por eles, eu acho que podíamos, eu escrevi lá no diário de bordo que acho que devíamos fazer mais publicidade na televisão em que mostrássemos a história de vida deles, em que não sei explicar, que houvesse mais, houvesse mais divulgação de histórias de vida deles para as pessoas tentarem perceber que eles são o exemplo do nosso modelo a seguir.

F7 - Incentivar mais os jovens a apoiarem os idosos e familiares.

F11 - porque eles já viveram e eles viveram para nós, porque aquilo, a vida toda que eles tiveram já passou, não é. Agora estamos cá nós para continuar.

F15 - A atividade.



Investg - Mais? Depois do trabalho qual é a visão que vocês têm hoje dos idosos?

F6 - que muitos deles querem é afeto, alguém que lhe dê atenção e sempre uma pessoa ali quando eles precisam de falar é chegar-se ao pé dessa pessoa e falarem um pouco. É o que muitos deles precisam, é alguém para falar, desabafar.

Investg - Como é que vocês os vêem? São pessoas ...

F15 - São pessoas mais frágeis, mas não é por isso que merecem que as tratem mal.

F21 - Merecem respeito da nossa parte.

F15 - E atenção, porque eu acho que o problema dos idosos é falta de atenção e que estejam perto, nem que sejam só 10 minutos, ali a falar com eles e eles ... para eles é uma alegria, porque eu quando lá fui falar com eles, fazer o trabalho e quando eu ia-me embora os idosos “ó, vem cá mais vezes”, porque eles sentem, nem que seja só 10 minutos que a gente ali tenha falado com eles, eles ficam com aquela alegria com eles.

F7 - Até oferecem o lanche.

F11 - A solidão é um problema que eu acho que hoje em dia cada vez se nota mais. E já por exemplo, reportagens na televisão.

F7 – Pois, nós familiares às vezes também os abandonam.

F15 - Metem-nos em lares e nem sequer os vão visitar.

F7 - Ou deixam-nos ficar em casa sozinhos.

Investg - Então, a realização deste trabalho foi muito importante.

Alunos – Sim.

F21 - Eu acho que existe uma necessidade urgente de cativar os jovens a tentar ajudar os idosos a ...

Investg - E acham que são os jovens que vão ajudar os outros jovens e a sociedade a mudar as mentalidades.

F15 - Sim, acho que sim.

F11 - Sim.

Alunos – Sim.

F15 - Está nas nossas mãos mudar agora a mentalidade dos jovens de hoje em dia.

Investg - Foi uma mais-valia vocês terem conhecido melhor os idosos?

F11- E não só conhecer melhor os idosos.

F7 - O seu passado.

F11 - Mas também o que as pessoas já passaram antigamente, nós agora, por exemplo, queixamo-nos que, por exemplo, pedimos uma peça de roupa nova e a minha mãe diz que não. Nós, agora dizemos “ai, agora não nos dá nada e não sei quê”, mas eles antes era muito pior, antigamente.

F15 - Havia um par de sapatos ...

F11 - Exato.

F15 - Era usado por não sei quantos irmãos e

F11 - e só era para usar em ocasiões, pronto ...

F13 - Se e se rasgasse era com remendos e isso tudo.

F21 - uma coisa que eu fiquei um bocadinho traumatizado foi uma mulher, chamava-se Maria, de 90 anos que me disse que uma vez recebeu uns sapatos, acho que foi aos 27 anos, quando foi com a mãe a usá-los, a mãe mandou-a descalçar os sapatos para caminhar mais rápido. Eu acho que isso.

F15 - A mim disseram-me a mesma coisa, mas não foi para caminhar mais rápido, andaram a semana toda descalços e só no domingo, quando era para ir à missa é que os descalçavam.

F11 - A mim uma senhora disse-me que só teve um par de sapatos e foi quando entrou para a escola e quando antes de entrar para a escola, quando andava com os pais, os pais tinham de esperar que a geada derretesse, porque ela andava descalça.

Investg - Quais foram as aprendizagens que vocês fizeram junto deles?

F11 – Canções de antigamente ...

F1 – Canções.

F15 – Provérbios ...

F7 - muitos contos, eles ... contos ... lendas.

F12 - Adivinhas.

F7 - Receitas.

F15 - Muitos instrumentos utilizados antigamente que agora esta nova maquinaria veio substituir tudo, por exemplo, as “cangas” que eram metidas nas vacas para lavar as terras.

F7 - As estradas ...

F15 - Agora é tudo tratores e coisas assim que substituía tudo isso.

F25 - Os jogos deles também são muito diferentes dos nossos agora.

F12 - Sim, os jogos.

F6 - Sim.

F7 - Ó stora, aqueles funerais eram diferentes. Eram feitos com capas ... e eram levados a pé de uma aldeia para a outra até chegarem ao cemitério.

Investg - Estavas a falar...

Investg - Sim, as atividades de campo. Um senhor disse-me que antes ia para o campo e era uma alegria, andavam sempre a cantar, contavam muitas cantigas, havia por exemplo, para cada, para a apanha da azeitona e da uva e não sei quê, havia uma canção para cada ...

F13 - Atividade.

F11 - Para cada atividade sim e divertiam-se.

F21 - E quando andavam a ceifar o milho, andavam sempre todos juntos a cantar até acabarem aquilo.

F13 - Sim, era mais as vindimas, eles até nem era preciso tanta gente, mas eles chamavam e as pessoas vinham logo todos ajudar. Andavam não sei quantas pessoas numa videira. Mas era só para andarem todos em convívio.

F21 - Até para matar o porco era uma festa.

Alunos- (riem-se).

F15 - E agora, não.

F7 - E ainda fazem. Juntam-se.

F12 - Na altura da matança do porco, junta-se a família toda e fazem o jantar.

Investg - Então, vocês com este trabalho mudaram enquanto pessoas?

Alunos –Sim.

Investg - Em que aspetos? Como é que vocês se sentem hoje? O que é que isso mudou nas vossas vidas?

F7 - A forma de olhar para eles.

Investg - A forma de olhar para eles, é?

F7 - A forma como nós os vimos, pelo menos por mim, mudou muito ... a forma de eu falar para eles, tenho mais respeito.

Investg - Mais respeito!

F7 - Á...

Investg - Mais respeito, porquê?

F7 - Porque, porque foram pessoas ... eu descobri que foram pessoas que viveram muito e em tempos difíceis elas conseguiam ser felizes e mais propriamente que agora quem tenha dinheiro, elas eram mais felizes.

F6 - Que muitos deles sofriam bastante.

F21 - Passaram muita fome.

F6 - Muita fome também e acho que ...

Investg - O que é que isso mudou em ti? Evoluíste, não foi?

F6 - Diga?

Investg - Evoluíste?

F6 - Sim.

Investg - Como pessoa?

F6 - Sim.

Investg - E o que é que tu vais fazer daqui para a frente?

F6 - Tentar ajudar...fazer com que eles também mudem de opinião. A opinião que eles têm sobre nós. Nem todas as pessoas são iguais e temos de ajudá-las a perceber isso.

Investg - O que é que mudou mais em vocês?

F11 - Eu acho que ...o respeito por eles, eu já tinha e continuo a manter, só que eu acho que este trabalho também nos ajudou a abrir os olhos, entre outros aspectos, porque somos nós agora que temos de os ajudar. Somos nós que ... lá está, para combater a solidão somos nós que temos de fazer isso, porque ... eles já não ... pronto, estão sozinhos.

Investg - Uma vez que percebeste que eles são solitários, não é?

F11 - Sim. Precisam de companhia, gostam muito de conversar, por exemplo, quando eu cheguei lá a casa de uma senhora

Investg - Em termos de saberes.

F11 - Saberes?

Investg - Deles! Saberes que eles têm. O que é que isso mudou me ti?

F11 - Ah, têm ... não é muito mais cultura ... sabem mais coisas que nós.

F25 - Têm mais experiência de vida.

F11 -- Sim, lá está porque têm vivência de vida e isso influência ...

F15 - Nós até podemos saber outras coisas agora atuais, mas eles sabem coisas manuais que aprenderam na vida.

F7 - Uma coisa que ... que eu fiquei espantada é que nós podemos não saber os distritos e os rios e isso tudo decore e eles sabem isso.

F5 - Decore?

F7 - De trás para a frente, ah, a minha avó e o meu avô, por exemplo, sabem as montanhas e os rios, sabem dizer aquilo tudo sem ...

F15 - Nós agora passamos, se calhar de carro numa estrada, nem ligamos, mas eles antigamente não havia carros e eles passavam pelas estradas a pé a percorrer longas distâncias e eles decoravam e viam mais do que agora nós.

F21 - E muitos deles dizem que a quarta classe na altura valia muito mais que o sexto ano ou assim.

Investg - Mais? Em termos de desenvolvimento pessoal. O que é que mudou? Houve aí mais mudanças, em alguém?

F21 - Eu sempre olhei para eles, mas quando eles me contaram a vida deles, o seu percurso, eu acho que olho para eles de outra forma, não sei explicar bem o que é que é, mas olho para eles de outra forma. Não sei explicar doutra maneira.

F15 - Damos-lhe mais valor.

F21 - Eu agora sinto que agora, talvez nas férias, quando tiver mais oportunidade, talvez fale mais com eles ... porque nós somos lá todos juntos ... somos todos da mesma comunidade e porque não estar mais vezes com eles e conversar!

Investg - Mais?

F2 - É o mesmo, stora. Acho que mudei também de opinião. Agora, passei a ter mais respeito por eles, às vezes passamos e nem nos apercebemos, nem dizemos bom dia nem boa tarde e agora começamos a ter mais atenção a isso. Passamos por eles e temos muito mais aquele carinho se calhar por estarmos ali a falar com eles e mudamos relativamente de atitude e há outros, por exemplo, eu também fui a uma idosa, por exemplo, eu cheguei lá ao pé dela e perguntei-lhe se podia fazer-lhe algumas perguntas que era para a escola e isso e ela respondeu-me assim um pouco mal e disse mesmo “ não me chateies, eu estou aqui na minha vida e não gosto que me chateiem”, tipo, saí, prontos, eu não gostei, mas à outros que precisam é mesmo de atenção, mais nada. Se nós soubermos dar atenção, eles mudam também relativamente a nós.

F21 - Mas também houve uma mulher que não queria dar-me informações, estava com medo que fosse para a internet ou para, para outro sítio qualquer.

F15 - Eu acho que também tem a ver por causa dos assaltos ... eles às vezes dizem “ah, às vezes andam aqui a rondar e a tirar informações para depois virem assaltar”. Como não nos conhecem assim tão bem, porque às vezes nós não falávamos assim tanto com eles, eles se calhar recearam um bocadito.

F21 - E muitos deles estão lá em casa durante todo o dia, só à noite é que lá estão os filhos oh assim e têm muito medo, muitos deles tinham medo de lá estarem sozinhos, porque se vier alguém não têm a quem pedir ajuda.

Investg - O respeito! Mais? Valorizam-nos mais? Vão passar a olhar para eles de maneira diferente, sempre que os virem, vão cumprimentar, certo? Falar, dar-lhe atenção, carinho?

F12 - Passar a estar mais tempo com eles.

F11 - E se calhar também são um ponto de referência, porque houve muitos que passaram por fases muito pior e eles disseram que nunca desistiram. Houve uma senhora que no primeiro ano de casada, contou-me que ...

Investg - Então, eles contaram a história.

F11 - Sim, que trabalhava e que o dinheiro que eles guardavam era para o leite para os filhos e mesmo assim nunca desistiram.

F15 - Eu acho que passei a dar mais valor às coisas que tenho depois que falei com eles, porque antigamente eles, eles não tinham nada e agora nós temos tudo e nem damos valor ao que temos. E depois de eles falarem comigo e a dizerem que nem roupa tinham para eles, acho que passei a dar mais valor às coisas que tenho.

Investg - Em termos daquilo que aprenderam com eles, em termos de ensinamentos, vocês estão a pensar colocar em prática o que aprenderam com eles, porque foi muita coisa, certo?

F21 - Ó professora, por exemplo, houve muitas cantigas que eu guardei agora, porque quando eu estava a fazer o trabalho, pensei talvez guardar as cantigas porque

podia se preciso para outra situação. Eu também gostei muito das cantigas, achei-as tão bonitas.

Alunos – (Riem-se).

F7 - Eu sei uma decore, que o meu avô me ensinou.

F21 - Eu ando sempre a cantar, por acaso.

Investg - Agora andas sempre a cantá-las.

F21 - Ainda no outro dia estava a cantar “Ó avó que música é esta?” e depois ela disse-me e cantou (ri-se).

Alunos – (Riem-se).

F7 - Eu sei uma que é a Sardanisca do Rabo! Brutal!

Investg - Quem é que está a pensar aplicar depois o que aprendeu?

Alunos – Sim.

F21 - Eu acho que são conhecimentos muito ricos, nossos, que não devem ser esquecidos e levados Às novas gerações e ser preservados, porque eu acho que são de valor.

Investg - Exato, porque também vos estão a transmitir isso a vocês. Se não fossem eles a contar-nos quem é que vos ia contar isso? Reparem no que está já perdido!

F15 - E depois iam esquecer.

Investg - Têm noção do que está perdido e jamais será possível recuperar, não é?

F15 - E agora vai ser bem tratado, porque um dia teremos filhos, também e também temos coisas que já aprendemos de gerações anteriores.

Investg - Mesmo o outro jogo que vocês fizeram foi com ... o jogo do ...que vocês ... o trabalho de Animação Sociocultural. Fazer em equipa. Sim, já foi com, com ...

F12 - Com as adivinhas que alguns ...

Investg - Resultantes da ... desta investigação, certo?

Alunos – Sim.



Investg - Acho que sim, que se devem aproximar mais deles e mudar. O que é que vocês acham que deve ser feito para... para contrariar esta tendência dos jovens cada vez mais está presente, que é a desvalorização dos idosos? O que é que cada um de vocês pensa que pode ser feito? Porque é que eles desvalorizam os idosos?

F25 - Eu acho que devemos sensibilizar os jovens de hoje em dia porque os idosos na realidade precisam de afeto e de serem compreendidos. Não precisam de ser tratados com desprezo.

F15 - Acho que havia de haver um dia ou assim nas escolas que fossem levados os jovens a uma instituição, um lar de idosos e eles olhassem bem para eles e vissem o que eles sofrem de estarem ali sozinhos, alguns sem familiares, ali sozinhos e ninguém lhe dá atenção. Acho que isso é capaz de sensibilizá-los.

Investg - Mas tu achas que ajudava a aproximá-los?

F15 -Acho que sim. Acho que se eles olhassem bem para eles e vissem a cara deles, alguns dos de estarem ali e não poder estar com a família e depois os filhos tratam, não querem saber mas eles continuam a gostar dos filhos como se eles tivessem ido visitá-los todos os dias.

F11 - Acho que sensibilizar os jovens não ia ser de um dia para o outro, ia durar muito tempo, porque eles estão com a ideia muito ...muito negativa dos idosos e não ia ser assim tão fácil. Eu acho que não ia ser assim tão fácil fazê-los mudar de ideias.

Investg - O que é que achas que se pode fazer?

F11 - É difícil.

F21 - Eu acho que é muito difícil.

F11 - Acho que é um bocado difícil arranjar uma ...um ponto de ...

Investg - Tem de ser um processo. Mais ...

F12 - Acho que deviam fazer um trabalho como o nosso, tivessem ...

F11 – Investigação.

F12 - Tivesse como é que eu hei-de explicar, ligação mais com os idosos, eles iam se calhar dar mais atenção e carinho.

F21 - Se calhar, haver mais palestras, não sei.

F15 - No início do ano, não sei se se lembram, a Professora mostrou-nos um power point que era, eu acho que foi a Professora de Psicologia e todos os idosos e com imagens que até houve uma pessoa da turma que chorou e acho que isso também ajudava. Acho que choca um bocadinho e abre os olhos às pessoas.

F15 - Sim, até te fazer alguma coisa que desse impacto, que marcasse, que tocasse.

Investg - Mais?

F6 - Fazer perceber que também um dia vão lá chegar e podem passar bem pior do que estes idosos podem passar agora.

Investg - Então a sensibilização vai demorar muito, certo?

Alunos – Sim.

Investg - Então, o que é que se pode fazer? Trabalhos, não é, práticos.

Alunos – Sim.

F11 - E não só!

F21 - Acho que deve começar por nós, o nosso curso, começarmos, tentar dar a volta a esta situação.

F11 - Já que somos, já que vamos...

Investg - Qual é a ideia que vocês têm dos jovens? Já disseram que é uma ideia negativa. Porque é que vocês acham que eles têm uma ideia tão negativa, ao contrário de vocês agora?

F11 - Eu acho que se criou um estereótipo bastante, bastante ...

F12 - Negativo.

F11 - Negativo em relação aos idosos.

Investg - E quem é que o criou? Esse estereótipo?

F15 - Acho que também foi por parte dos pais e acho que também foi falha dos pais em não nos transmitirem aquele sentimento.

Investg - Estão a falar dos vossos pais, dos pais deles?

F15 - Sim, aquele sentimento que ...

Investg - Dos adultos, é?

F15 - Valor para com as pessoas mais idosas.

F11 - Às vezes até pelo mau exemplo em cas, porque há muitas notícias que se ouvem de pais ou por exemplo, os filhos.

F6 - Os filhos que batem aos pais.

F11 - Os filhos que batem aos pais e não só.

F6 - Isso mudou.

F11 - Se fosse a minha mãe a bater à minha avó e eu a assistir ia ser, pronto.

Investg - Ias considerar ...

F11 - Eu ia ver aquilo uma atitude normal, quando eu fosse também, tivesse a idade dela ... aquilo ... pimba na minha mãe. (Ri-se)

Investg - É preciso ter uma referência positiva.

F11 - Sim.

Investg - Acham que eles têm uma referência muito negativa por parte dos pais, é isso?

F15 - Sim, porque ...

Investg - E isso faz com que eles tenham esta ...

F11 - Não é só a referência negativa por parte dos pais.

F7 - Não é só a referência, há a influência sobre os outros, também, com as pessoas.

Investg - Com os outros?

F7 - Com as pessoas que se dão.

F25 - Também acaba por ser um pouco o facto de eles falarem dos idosos.

F2 - Pois ...

F7 - Poe exemplo, se é uma pessoa tem ... tem ... se acontecesse bater ... haver uma pessoa que via, por exemplo, a mãe bater na avó e depois ela ia influenciar as pessoas com quem se dava, que os idosos eram chatos e que a gente devia era ...

Investg - Ou seja ela tem uma ideia negativa e ia passar essa ideia aos outros.

F7 - Era como o exemplo que a marta tinha dado, nós por exemplo, uma pessoa que tenha um pai, uma mãe em casa, que bata na avó como no avô, ah, pode ir influenciar os ... pode ver aquilo e influenciar os colegas.

Investg - De que forma?

F7 - Por exemplo, dizendo que os idosos são uns chatos e que, que servem para atrapalhar, são um fardo.

Investg - Concordam com o que ela está a dizer?

Alunos – Sim.

F13 - Sim, a maioria das pessoas pensa assim.

F15 - Os jovens para se integrarem num grupo, eles irão aceitar essas condições.

F11 - Lá está, querer pertencer mesmo aquele grupo determinado grupo e se eles tiverem aquela ideia que não gostam de idosos, eu para, nós, para nós termos algum respeito deles, vamos acabar por aceitar as condições.

Investg - Vais deixar de continuar a manifestar as tuas ideias?

F11 - Sim. Eu acho que quem quisesse entrar, acho que acabava por aceitar as ideias deles.

Investg - Por exemplo, vais a passar na rua, tu até pensas bem acerca deles, gostas de ajudar. Vais com um grupo de amigos que não gosta deles, se tu vires os teus colegas a maltratá-los, tu fazes igual?

F11 - Eu acho que isso acontece muito. Eu acho que quando os colegas começam a mandar bocas.

Investg - Achas que eras capaz de fazer isso?

F11 - Se fosse eu, eu, eu...

Investg - Se tivesses nesse grupo?

F11 - Eu não sei! Eu não sei mesmo o que eu fazia! Eu acho que ... não sei mesmo.

F15 - Isso também acontece com pessoas deficientes. Se virem uma pessoa deficiente, também criticam muito e a gente acaba por ir atrás.

F21 - Não somos capazes de dizer isso aos outros.

Investg - E porque é que vocês não colocam os vossos pontos à frente do grupo?

F11 - Talvez por medo. Também e depois por o grupo não nos aceitar.

Investg - É mais importante pertencer ao grupo do que fazer o bem e o que quer que seja, independentemente de nos estarem a criticar?

F11 - Nem toda agente pensa assim.

F15 - Até podemos não pensar assim, mas a maior parte das pessoas pensa assim.

Investg - Vocês também não sabem como é que reagiriam nessa situação se tivessem num grupo desses?

F15 - A gente, se calhar até diz que não, mas na hora não sabemos bem como é que ... nunca passámos por isso, sei lá.

F11 - Também é aquilo eu a Prof disse, de o grupo começar a mandar bocas e não sei quê, não sabia como é que me iria sentir nessa ...

F15 - Eu acho que me calava... deixava ... tava lá mas, não, mas ...

F13 - Não me manifestava.

F25 - Deixava que a situação continuasse e não fazia nada.

F15 - Não fazia nada, mas também não...não... calava-me, abstinha-me.

Investg - E ao fim de estar num grupo, passado um tempo, já sentes que pertences ao grupo, iriais continuar a fazer o mesmo, ou chegavas a uma determinada altura, não! Não vou continuar a fazer isto! Tenho de fazer qualquer coisa para mudar!

F15 - Pois, eu acho que é da mentalidade das pessoas, também vamos crescendo.

F7 - Também podemos dar opinião dentro do grupo.

Investg - Então, se eu sinto que aquele grupo não se identifica comigo, o que é que eu estou a fazer naquele grupo?

F7 - Pois, às vezes também ...

Investg - É só por estar?

F11 - Quem defende aquela ideia ... quem defende as suas ideias, nunca vai deixar que seja influenciado.

Investg - Será que isso não era um ponto para mudar o grupo? Fazê-los refletir que ...

F11 - Se nos integrássemos num grupo desses, já era um ponto de partida para começarmos a tentar, a fazer com que eles mudassem a ideia deles também. Já era um começo.

F13 - Sim. Se nós temos um objetivo e achamos que é esse objetivo que nós queremos, que está correto, acho que podíamos incentivar o resto do grupo a, a fazer com que esse objetivo se cumpra.

Investg - Para vocês jovens é muito difícil, esta fase de grupo é muito importante.

F11 - Sim, nós estamos na adolescência e quando queremos pertencer aquele grupo, fazemos quase tudo para ser aceites.

F15 - Ainda não temos as ideias bem definidas e mais tarde, se calhar, vamos pensar.

F13 - diferente.

F11 - pensar nas asneiras que fizemos.

Investg - E acham que é por aí, o grupo pode influenciar a vossa opinião e é por isso que a maior parte dos jovens como disse a (F11), têm uma opinião muito negativa dos idosos. É o amigo puxa o amigo e acaba por moldar de maneira diferente.

Alunos – Sim.

F13 - Depois cada um dos jovens, quer ser integrado em cada grupo, para isso a

Investg - Não importa os valores que o grupo tenha.

F11 - E há alguns jovens que colocam os valores para o lado e o que interessa é que tenhamos um grupo.

Investg - Como é que vamos trabalhar estas pessoas assim?

F11 - É complicado.

Patrícia - É só preconceitos.

Investg - Vocês disseram que não são só os pais que influenciam esta parte negativa. Contribuem, mas para além disso, são os grupos. E agora? Vamos trabalhar com os pais e com os grupos de jovens?

F11 - Sim.

F21 - Eu acho que não é só os grupos de amigos, mas também como começou a haver muita liberdade após o 25 de Abril, tudo mudou e as pessoas começaram a fazer tudo o que queriam e os idosos sempre a tentar dizer: não façam isto! não façam isto! E foi por isso que eles começaram, talvez a dizer que não gostavam muito deles.

F6 - E não só. As pessoas começaram a trabalhar só para elas próprias e não para os outros, porque antes as pessoas envolviam-se ali todas, ajudavam-se umas às outras. Agora, não, é cada um por si e não se interessam pelas outras pessoas.

F11 - Os pais, por exemplo, agora dão mais liberdade aos filhos, eu acho que isso influência, porque antigamente, pronto, as crianças de antigamente que são os idosos de hoje, cresciam e diziam “tens que tratar bem as pessoas, tens que respeitar o idosos” e agora nós não. Temos liberdade, fazemos aquilo que queremos.

F21 - E se eles disserem alguma coisa, podem responder mal.

Investg - Então, à aqui muito trabalho a resolver. Relativamente à questão da desvalorização dos idosos, já todos vocês conhecem. Então, o problema está nos vossos pais, mas também está nos jovens, certo?

Alunos – Sim.

Investg - E que o trabalho que se pode desenvolver com estes grupos é palestras e misturar mais, aproximar mais os jovens aos idosos para que comece a haver uma mudança de mentalidades.

F11 - Apesar de ser complicado fazer mudar a mentalidade.

F21 - Mas tudo se consegue com esforço e com trabalho.

F15 - Sim.

Investg - E arranjar formas chocantes, vocês dizem, de mostrar determinadas realidades que façam parar para pensar.

F15 - Mostrar mesmo o quanto aqueles idosos estão a sofrer, para lhes marcar, chocar.

F11 - Nós, pronto, estamos neste curso e a nossa mentalidade mudou, também porque é mais fácil mudar, porque se viemos para este curso é porque achamos que temos algum/ alguma queda... e acho que mudou mais facilmente por isso.

Investg - E vocês acham que são os rapazes, grupo de jovens quem mais desvaloriza, mais maltrata os idosos?

Alunos – Os rapazes.

Investg - Os rapazes? Porquê?

F6 - Se formos para as cidades, acho que é basicamente rapazes e raparigas.

Alunos – Sim.

Investg - Imaginem vocês, que têm um namorado. Vocês têm uma ideia e ele tem uma ideia completamente oposta.

F11 - Isso é diferente, discutimos ... eu acho ... pronto, lá estás, é o mesmo que ... eu estou a conversar com ele, ele tem uma ideia, eu tenho outra, nós vamos discutir

F15 - Até chegar a um acordo.

F13 - Até chegar a um acordo.

F11 - Se não chegarmos, ele fica com a ideia dele. Eu acho que é por isso que os jovens não mudam a maneira deles pensarem.

Investg - Não mudam? Os jovens não mudam a maneira deles pensarem?

F21 - Também não à interação.



Investg - Já não conseguimos mudar os jovens?

F15 - Conseguimos, vai ser muito difícil.

F11 - Isso vai ser muito complicado.

F15 - Vai ter que ser com muito tempo.

Investg - Muito trabalho no terreno. Tem de se ir mesmo ao local. Açam que é dentro da sala?

Alunos – Não.

F15 - Tem de ser na prática

F21 - Eu acho que têm de viver o momento, têm que lá estar com eles, interagir com eles, para sentirem o que nós sentimos a fazer o trabalho e quando fomos a casa deles.

F13 - As dificuldades.

F15 - Como eu disse à bocado, era um dia metê-los numa instituição onde nós às vezes vamos.

F12 - Como nós fomos ao Lar de Molelos.

F13 - Ajudou muito.

F12 - Acho que ajudou muito na turma e acho que a eles também ia ajudar.

Investg - Com a realização deste trabalho, o que é que os vossos pais, eles interagiam convosco? Qual foi a opinião que eles tiveram acerca deste trabalho?

F21 - Inicialmente, quando disse aos meus pais que ia fazer este trabalho, eles começaram logo a dizer que eu não ia conseguir nada, porque eles estão preocupados a trabalhar nas terras e que não me iam dizer nada. Mas, por acaso quando recolhi a informação e lhes mostrei, eles surpreenderam-se. Até gostaram de saber adivinhas, anedotas. Até se interessaram.

F11 - A minha mãe achou que era uma boa iniciativa, porque, para nós vermos o que as pessoas passaram antigamente e que nós agora fazemos uma birra por não termos certas coisas e no tempo deles, era muito pior.

Investg - Então, vocês começaram a ensinar os vossos pais?

F11- Sim, também ...

F21 - Sim.

F15 - Às vezes à hora de jantar, até, em vez de estarmos todos a ver televisão, calados ou a ver um filme, contamos umas adivinhas e falamos e eu achei piada da minha avó, porque ela também ... ia comigo às vezes.

Investg - Ele ia contigo?

F15 - Sim, a minha avó, ela às vezes, ela até tava lá ao final do almoço, eu ia lá e “Ó avó, venha comigo” e ela ia toda contente e depois a conversa era entre ela e a idosa que eu ia entrevistar e eu ia tirando os apontamentos do que elas as duas estavam a falar.

Alunos - (riem-se).

F12 - E ainda te ofereceram o lanche?

F15 - Sim, era uma tarde inteira.

Investg - E os teus pais, o que é que eles diziam?

F15 - Sim, eles gostaram muito e disseram que era bom porque ... transmitir estas informações, porque eles agora praticamente, nós jovens de hoje em dia, não ligam nada a isto e vai cair.

Investg – Então, passaste a ensinar, agora, lá em casa?

F15 - Eles começam-se a rir.

Investg - Mais?

F25 - A minha mãe, quando eu estava a fazer o trabalho, ela estava mais incentivada do que eu.

Investg - A sério?

F25 – A sério! Ela própria é que queria ir a casa das pessoas fazer as perguntas aos idosos.

Investg - Está bem. E ela aprendeu muita coisa?

F25 - Aprendemos. Aprendemos muito e ela também à medida que os idosos iam dizendo as coisas, ela ajudava muito. E outras coisas ela também já sabia.

Investg - Então, ela também te ajudou neste processo. Algumas aprendeu e outras relembrou.

F25 - Sim.

Investg - E ela não te chegou a dizer “olha, não me lembrava disto mas agora já sei”.

F25 - Disse várias vezes.

Investg - Parece que às vezes não nos lembramos de metade e depois com o tempo, esquecemos. Se não praticamos, esquecemos por completo. Então, foi muito bom para ti este trabalho?

F25 - Sim, foi.

Investg - Mais?

F2 - Relativamente a ela, também foi igual. A minha mãe também me ajudou, porque eu tenho alguma vergonha em falar com as pessoas, porque eu não comunicava assim muito com elas, então, a minha mãe ia e depois também falavam e também se ...punham-se lá as duas a dizer adivinhas e a minha mãe também se recordava de algumas.

Investg - Muito bem. Mais?

F7 - lá em casa fizemos o jantar e estávamos à mesa e o meu avô por acaso... foi lá jantar nesse dia e foi giro, porque eles começaram a falar do tempo na guerra em África e eles conheceram-se e eles não se conheciam ... e o meu pai gostou.

Investg - Gostou?

F7 - Gostou e gosta muito de ouvir e cada vez que o meu avô está a falar ele fica assim a olhar para ele.

Investg - E os vossos pais passaram a dar mais valor. Até mesmo a vocês, olham-vos de outra forma? Eles não vos disseram nada? Acham-vos mais sensíveis, mais atentos aos idosos. Nunca perguntaram isso aos vossos pais?

Alunos - Não.

F13 - O meu pai também não achava que eu estava no curso certo e agora já acha por causa daquilo que eu fiz. Ele agora, ao longo do trabalho que eu fiz, eu fui-me integrando com ele, com os idosos, o meu pai também se punha nas cantigas a cantar junto e começou a perceber melhor aquilo que eu estava no curso que eu estava. Agora aceita mais e está mais incentivado para que eu tire o curso e que, e que siga em frente com esta opinião.

F21 - Uma coisa que eu reparei, eu acho que os meus pais em relação ao trabalho, mas mais a minha mãe, eu reparei que a minha mãe, eu acho que ela em relação ao trabalho que eu fiz, eu acho que foi só mais um trabalho. Acho que não houve evolução, acho que foi mais um trabalho.

Investg - Mais a tua mãe?

F21 - Acho que não houve ali nada ...

Investg - Não. Se calhar foi mais a tua avó?

F21 - Sim, foi com a minha avó que eu tive e falei com as pessoas ...

Investg - E tu achas que a relação ficou mais próxima?

F21 - Nós vivemos lá perto uns dos outros. Acho que sempre foi igual, acho que se manteve.

Investg - Manteve-se. Pronto, vamos passar ao próximo ponto que é o do património cultural imaterial dos idosos. Como vocês sabem, são cinco os domínios que vocês trabalharam e ia começar pelo primeiro que é o das Expressões Orais. Queria perceber até que ponto é que vocês consideram os provérbios, as adivinhas, as rimas, as histórias, contribuem para a produção de conhecimento, dos valores e das memórias quer das coletividades deles e também para vocês, para a vossa geração?

F21 - Eu acho que é bastante importante, porque eu gostei de ouvir as cantigas e os provérbios que disseram, até muitas das cantigas que eu ouvi, ficaram-me no ouvido e agora estou sempre a cantá-las. Ainda à pouco tempo, ainda ontem estava a cantar uma cantiga e eu perguntei à minha avó qual é que era e ela disse-me. Eu acho que é importante as cantigas, guardá-las, porque, para as gerações seguintes.

F11 - Sim.

F7 - Sim, eu até decorei. Consegui decorar o que o meu avô disse.

F11 - Isto é importante porque o património cultural é importante e ... nós agora ... a próxima geração que vem, também vai saber e se não formos nós agora a tentar investigar o que é que havia e não sei quê e ficar a saber, vai cair no esquecimento.

Investg - Os idosos vão falecer e depois quem é que fica, são só os vossos pais e se os vossos pais não herdarem. Não há muito interesse por parte dos pais, ou acham que há interesse por parte dos pais, dos vossos pais em ...

F11 - Eu acho que agora é diferente. Agora têm o trabalho e não sei quê, estão mais preocupados com o que têm de fazer em casa.

F15 - Principalmente os da cidade.

Investg - Não têm tempo ou se calhar nem pensavam que este tipo de património é importante, se calhar isso passa-lhes completamente ao lado.

F15 - Passa-lhes ao lado e eles até podem pensar, mas, não ...

Investg - Não dão a devida importância. E vocês agora jovens, com este trabalho perceberam que este património é importante, deve ser preservado, deve ser transmitido. É isso?

Alunos – Sim.

Investg – E acham que não vão esquecer mais, uma vez que têm os registos e quando tiverem filhotes e estiverem com os amigos e familiares.

F15 - Sim, acho que vai ser engraçado, estarmos a transmitir às próximas gerações aquilo que aprendemos de gerações passadas e ...

F11 - E já que ficaram registadas com este trabalho. Mesmo que nos esqueçamos, um dia mais tarde vamos ver o nosso trabalho.

F21 – É como se fosse não esqueçam ...

Investg - É como se tenham ali um património muito bem guardadinho e mais tarde, podem ir lá buscar. Portanto, acham que as tradições orais são importantes?

Alunos – Sim.

Investg - E ajuda a conhecer melhor aquela comunidade, aquele grupo de pessoas. Porque de grupo para grupo, os cantares, as rimas ...

F6 - São diferentes!

F13 - Diferentes.

Investg - E acham que vai caraterizar aquela região?

F7 - Ajuda, porque muitas são, são ...

F6 - Mais mexidas e muitas um pouco assim mais calmas.

F7 - E têm a ver com o sítio ...

F13 - Onde moram.

F7 - Onde ...

F15 - Com as coisas que usam também criam cantigas e ...

F11 - As regiões são como as pessoas, cada uma tem características diferentes, logo isso de um sítio para outro ...

F6 - Vai sempre alterando, podem ser iguais, mas à sempre uma coisa ou outra que muda.

F21 - Eu acho que são importantes, porque, hoje em dia os jovens só ouvem música ... pronto, outro tipo de música e não ouvem este tipo de música e eu acho que é importante.

Investg - Agora passando para o segundo, que são as artes do espetáculo e aqui sim, incluímos a música, a dança, o teatro, os versos. Aham que este património é importante.

Alunos - Sim.

Investg - Qual é a diferença que vocês vêm aqui das músicas de antigamente para o tempo de agora?

F7 - Que agora já não

F6 - Que houve uma grande evolução.

F7 - Que agora ...

F13 - Que a maior parte das coisas desapareceram, muitas das danças, dos...e isso tudo já desapareceram.

Investg - Desapareceram?

F13 - Porque agora nota-se que as pessoas dos ranchos e principalmente na minha terra são mais pessoas idosas. As pessoas mais jovens não querem.

F6 - Não ligam.

F13 - Porque também não convivem, porque se convivessem mais, eu acho que se integravam mais no grupo, naquela, e conseguiam seguir sempre em frente com aquele grupo.

F21 - Eu acho que as músicas atuais só durante um tempo, não, agora vem uma música, depois vêm outras novas e esquecem estas e ao contrário, as cantigas que agora temos, de antigamente, nunca se esquecem, são diferentes, têm outro significado.

F25 - Se nós repararmos, hoje em dia, ouvimos mais música em Inglês e não em Português.

Investg - E também acham que devem ser transmitidas e preservadas para os mais jovens?

F15 - As músicas antigamente, ficavam mais no ouvido.

Investg - E nestes domínios todos o que é que vocês acham que podem fazer mais? Recolher mais informação? Será que vocês se interessam por esta parte de recolher mais informação?

Alunos - Sim.

F6 - E não só! A dar mais valor.

Investg - Vão dar mais valor, sempre que estiverem a conversar e depois ao contarem diz uma coisa nova, vocês chegam a casa, espera lá! Vou escrever isto!

F11 - Por exemplo, uma senhora, lá na minha terra, já à uns anos houve um rancho. Agora já não há, porque talvez os jovens não se interessem por isso. Antes havia rancho.

Investg - É a falta de proximidade.

F11 - Sim.

F15 - Na minha terra desapareceu o dia do Carnaval, o dia ... a queima de um ... Era depois o Halloween, era fazer, fazia aquilo num caixão próprio, na estrada e fingiam que ia lá uma pessoa dentro, queimavam isso, e também ... agora já desapareceu tudo. A única que se mantém e com algum esforço é mesmo o rancho.

Investg - Será que não à possibilidade de recuperarmos essa ...

Alunos - Sim, há.

F7 - No dia de Carnaval, na, lá na aldeia, costumavam ir para cima de, à borda da estrada, para trás dos muros, ou em cima dos muros, com sacos de farinha e ovos e atiravam-nos abaixo.

Investg - Quem é que pode recuperar estas tradições?

F7 - Nós, jovens.

Investg - Juntamente com quem?

F21 - Com os nossos pais.

F15 - E os idosos.



Investg - E com os pais. Muito bem e com os idosos. Mas há aqui pelo menos três gerações que têm que trabalhar juntas e não estão a trabalhar.

F7 - Ó Professora, também aqueles carros velhos que costumam estar dentro dos barracos, normalmente costumam-nos pendurar em postes e pôr as grades, aquelas que eram para levar a terra, também assim e faziam-no na altura do Carnaval.

Investg - Se calhar aqui também o descuido, desculpem, por parte da vossa parte por este tipo de tradições. E eles não se importam que isto se perca, não é?

F13 - Não, também.

Investg - Os vossos interesses são outros?

F13 - Por exemplo, no meu caso, lá na minha aldeia, não dá muita possibilidade. Nós ainda tentamos fazer imensas atividades, só que nós somos muito poucos. Há aldeias que são muito pouco jovens e agora à mais idosos do que jovens, também não dá para fazer com pouca gente.

F25 - Mas se houve interesse em fazer as coisas, mesmo que seja com pouca gente, é sempre feito.

F13 – “Tá bem”, mas ...

F6 - Mas só uma pessoa querer fazer uma coisa e nós não termos ajuda das outras pessoas

F13- Pois.

F6 - Podemos ter iniciativa própria de nós ou podemos ir falar com as pessoas, mas as pessoas começam-se a desinteressar.

F7 - Mas também à uma coisa que agora fazem que é a festa do idoso, ela já tem muitos anos e costuma fazer sempre igual, e ele já agora realiza-se no domingo. Então, eles costumam enfeitar a capela, agora puseram um altar lá fora até foi muito giro. Afixaram aquilo e põem a missa cá fora. Então todos os que vêm ficam no largo, em volta da igreja e mais abaixo da capela, tem outra capelinha pequenina, onde está o Santo com umas, umas gravuras de madeira, aquilo no ano passado, tirei uma foto. Ninguém lá vai dentro aquela capelinha, está fechada e tem uma coisa de ma-

deira que tem gravuras. Eu acho engraçado porque, eu acho que aquilo foi esquecido, mas tem figuras que acho que já ninguém dá valor aquilo. Acho que aquilo só dá para ...

Investg - Então, como achas que podes dar valor aquilo?

F13 - Então, divulgando que aquilo lá está.

F7 - Divulgando. Sim, eu por exemplo, no dia das festas, os mordomos, aquilo é dos mordomos, os mordomos também deviam ir à capela de baixo, deviam fazer qualquer coisa.

Investg - Eu acho que quando nós queremos muito uma coisa, devemos lutar por ela. Vocês, se calhar, isto estava um bocadinho perdido das vossas memórias. Se calhar, nem davam tanta importância, nem sequer sabiam que isto era Património. Quem é que aqui sabia que isto aqui era património?

F7 - Eu, eu fiz no ano passado um trabalho sobre isto. Eu descobri que almofala tem quatro capelas.

Investg - Então, à que preservar todo o tipo de património, não é só o património que nós vimos. Existe outro tipo de património e este aqui nem sempre o ...

F7 - Também há outras coisas, como as eiras, os espigueiros e isso também.

F21 - Ó Professora, outra coisa que eu tenho reparado, à uma festa de S. Sebastião, todos os anos lá, em Dardavaz.

Investg - Aqui já estamos a falar das práticas sociais, certo? Culturais, eventos festivos.

F21 - Sim.

Investg - Que já é outro domínio e vocês estão a dizer que muita coisa se está a perder, não é?

Alunos - Sim.

F21 - Eu tenho reparado que a cada ano, com o passar de cada ano, a festa está cada vez mais fraca, está, qualquer dia, já nem existe.

F11 - Eu acho que as tradições estão-se a perder.

Investg - E Porquê? Os jovens estão-se a afastar.

F7 - Pois é, porque às vezes aquelas festas têm aquelas musicas tradicionais e tudo, e, e, eles não gostam e então a missa, para eles, acho que já não ... os jovens dão valor a isso.

F15 - e também à umas coisas que ... umas festas e tradições que aconteceu, que às vezes os idosos não gostam e por isso, às vezes também se perdem.

Investg - Algumas quê?

F15 - Antigamente havia muito, havia um dia qualquer que...em que era tirado os vasos das casas das pessoas e punham-nos no cruzamento e alguns idosos que não gostavam muito e acho que isso também, se calhar também podiam manifestar-se e...

F21 - Eu acho que as tradições estão-se a perder ... eu acho que está-se a perder muito as tradições pela falta de jovens nas aldeias. Como os idosos ficam lá todos sozinhos não podem fazer nada, precisam de nós.

F11 - Lá na minha terra iam tirar os vasos a casa das pessoas e metem tudo ...

F15 - Também na minha, só que à alguns que não acham piada e no Halloween

F11 - E alguns ficam mesmo chateados.

F15 - No Halloween, a gente às vezes vai a casa deles e eles não gostam nada que batam à porta.

F7 - Na tradição é com os cestos no dia das bruxas. Ir com os cestos bater às portas das pessoas e pedir doces, doces e travessuras.

Investg - Em termos de práticas sociais, aqueles conhecimentos do dia-a-dia e que a (F11) também já referiu, foram muito importantes. A (F21) que diz que mudou muito, que não sabia que eles tinham passado por aquilo tudo. O que é que vocês pensam sobre esta área, sobre este domínio?

F21 - Em minha opinião, acho que eles trabalharam muito, muito, acho que podiam ter tido uma infância muito mais feliz, pelo menos poderem brincar mais, crescer e

não serem obrigados logo a trabalhar, por exemplo, irem `lenha e trabalharem nas terras até à noite, acho que é isso.

F11 - Sim e alguns também queriam estudar e os pais não deixavam, porque tinham de trabalhar, tinham coisas para fazer.

F10 - Também não tinham como pagar os estudos.

F15 - Sim, o principal problema acho que antigamente, a falta de escolaridade, acho que era por aí e o facto de haver muitos irmãos e uns, os mais velhos tinham de trabalhar para ajudar a criar os mais novos.

F21 - Também, não só. Porque os pais deles também não iam à escola, também não os iam deixar ir à escola.

F15 - Exato, também.

F21 - Se for já muito de trás.

F15 - Agora os pais querem-nos dar aquilo que não tiveram, mas antigamente não era bem assim, eles pensavam “à também não tive”, “também não vais ter”.

Investg - E esses saberes que eles têm e que vocês disseram que serve para reafirmar a identidade deles, a história de vida deles, serve para talvez, nos fazer perceber que ... Lá está, que a vida deles foi muito dura, difícil, que à que ter outro olhar, uma outra perspectiva, perante eles. Se hoje em dia, pensam que eles são insignificantes, ou seja, que não servem para nada, que não são úteis à sociedade, mas têm lá, toda uma história, todos um passado, que se calhar, tem mais importância. Achem que as histórias de vida, do dia-a-dia, tudo o que passaram, serve para reafirmar a identidade deles?

Alunos - Sim.

Investg - Porque são elas que caracterizam depois a

F21 - A aldeia.

F12 - Na minha aldeia fazem, nós temos a associação, que tem vinte anos, quando ela faz anos, fazem sempre um jantar, onde se reúnem todos. Comem, bebem e convivem uns com os outros, todos.

F6 - E muitas terras estão a começar a perder essas tradições. Por exemplo, na minha terra, já se, pronto, a associação fechou e cada vez à menos pessoas interessadas em reabri-la e a organizarem festas.

F15 - Eu acho que, na minha aldeia, antigamente, já antes, no tempo dos meus visavós, havia lá sempre uma feira, acho que era semanalmente e aquilo com o tempo foi-se perdendo e agora, acho que os jovens da associação, que estão a tomar conta da associação, preocupam-se, os sócios em recuperar uma dessas tradições e agora foi todos os anos, por volta de vinte de agosto, uma feira antiga, em que as pessoas se lá trajam-se como antigamente, e vendem produtos da aldeia e ...

Investg - Feira Medieval?

F15 - É mesmo o nome dela, Feira Medieval e, para tentar recuperar essa feira que havia antigamente. Acho que já é um bom começo.

F11 - Lá na minha terra, também à uma feira medieval, por isso ...

Investg - Mais alguém tem alguma coisa a dizer acerca deste ponto, sobre as práticas sociais?

F21 - Eu, uma coisa. Em relação às músicas, eu acho que ...

Investg - As artes do espetáculo?

F21 - Sim, transmitem o trabalho e o sofrimento que eles passaram.

Investg - Também.

F21 - Eu acho que sim.

Investg - Vamos começar pelo domínio dos conhecimentos relacionados com a natureza e com o universo. Eu queria-vos perguntar o que é que vocês têm a dizer sobre este domínio? O que é que vocês pensam acerca dos saber-fazer, das competências que eles adquiriram e vos transmitiram?

F5 - Ao nível dos conhecimentos, têm muito mais do que nós, jovens e transmitiram bastante quando fomos fazer este trabalho.

Investg - O que é que vocês acham acerca dos conhecimentos que eles têm?

F7 - É diferente, porque eles tinham de decorar, eles eram obrigados a decorar a matéria e sabem muito mais, por exemplo, os reis, os rios.

F25 - Até as contas deles são diferentes das nossas.

F15 - Eles têm uma coisa que eles parece que adivinham as coisas quando, às vezes se , eu entrevistei idosos que dizem que quando se ouve o sino lá da aldeia vizinha, normalmente não se ouve muito bem, mas quando se ouve muito bem é quando vem a chuna ou ... têm aquelas adivinhas, pronto.

F21 - Quando se ouve a coruja a cantar à noite, é porque, vai, adivinha que vai morrer alguém.

F15 - Sim.

F21 - São coisas.

F25 - Por exemplo, quando à muitas formigas, assim, em carreirinhas, vem lá calor.

F15 - Exatamente.

Investg - Então, o que é que vocês acham sobre os saberes-fazer que eles sabem? Os conhecimentos que eles sabem nessa área?

F6 - Sabem muito mais coisas do que nós, por exemplo, naquilo que eles aprendiam, um pouco mais do que nós.

F11 - Eles sabem muito mais.

Investg - Neste caso é relacionado com a natureza e o universo.

F11 - Eu acho que eles sabem coisas que eu se calhar, nós jovens de hoje nunca vamos aprender, porque no tempo deles era difícil, eles tinham que trabalhar para ajudar os pais e ...

Investg - Porque é que tu achas que eles não vão aprender?

F11 - Porque a sociedade mudou e hoje em dia também com a ajuda das tecnologias é que se vai notar isso, porque os jovens hoje é, em casa, casa, computador, computador e não interagem com a natureza.

Investg - Portanto, conseguiam saber muito mais do que vocês agora.

F11 - Sim, porque eles vinham da escola e iam ajudar os pais no campo.

F6 - Não, até de manhã, antes de irem para a escola, iam logo para o campo e depois é que iam para a escola.

Investg - Vocês acham que este tipo de conhecimentos ligados ao ambiente e ao universo são importantes para vocês? Acham que é importante conhecer este tipo de ...

F7 - Acho que sim, porque é, foi o que eles aprenderam e para não se perder esses conhecimentos, eu acho que nós devíamos saber um bocadinho mais.

Investg - Achas que não se deve perder? Qual a importância de não se perder?

F7 - Para os que vieram, os próximos que vierem, saberem tudo.

Investg - Porque é que achas que é importante não se perder?

F7 - Porque são conhecimentos que tinham, que eles tinham no passado e que têm significados.

F15 - Por exemplo, podemos não perceber logo à primeira, mas eles têm lá uma mensagem.

F11 - Por exemplo, a agricultura, quem pratica mais essas actividades são os idosos e que, prontos, saem produtos e os jovens e continuarem assim e não aprenderem, um dia não vai haver quem cultive produto nacional, vá, para, pronto.

F21 - E depois vai ter que comprar, comprar e depois ...

Investg - Passando à frente, o outro domínio que é as aptidões relacionadas com o artesanato. O que é que vocês têm a dizer acerca destes, destes saberes, nesta área. E tendo em conta o trabalho que vocês realizaram?

F5 - Eu acho que em relação ao artesanato, que eles estão muito mais dentro do assunto. Como é que eu hei-de dizer, nós hoje em dia, não estamos tão em contacto com isso, os idosos antes estavam, antes e agora mais ligados a isso, porque desde sempre trabalharam com isso, até mesmo eles faziam essas coisas.

F11 - Por exemplo, na juventude deles, os brinquedos não eram comprados, eram eles que faziam, eles próprios com farrapos, madeira.

F12 - As bolas eram feitas de meias.

F15 - E agora existem máquinas que vieram substituir os instrumentos que eles usavam antigamente, por exemplo, praticamente, agora até à mais de que um, com vacas e com aquelas ferramentas todas que eles, as roscas, eles metiam isso em muitos animais e agora não, têm trator, têm tudo o que veio substituir.

F21 - No caso da minha aldeia, não à, não havia lá muito artesanato, as pessoas não praticam muito, mas pelos conhecimentos que eu tenho observado, eu acho que o artesanato é uma forma bastante engraçada de podermos fazer cestos, como eles usavam antigamente para ir pescar e essas coisas. Eu acho que são muito bonitos.

F7 - E os próprios cestos, havia uma planta que eles costumavam fazer, cada um fazia em sua casa.

F11 - Eles também costumavam fazer aquelas vassouras

Investg - Vassouras?

F7 - Para varrer, com giestas.

F15 - Com aquilo do pinhal ... como é que aquilo ...

F21 - Feto.

F15 - Não. Uma cena que tinha assim umas bolinhas pequeninas.

F6 - Ah...

Investg - Azevinho?

F15 - Não, é um ...

F6 - É mais ou menos azevinho.

Investg - É uma planta?

F15 - É uma planta.

F11 - Se nós, enquanto, nós hoje em dia não. Queremos uma coisa e vamos a um centro comercial e compramos e eles não, eles faziam.



Investg - Mas eles chegaram-vos a dizer que tipo de bonequinhos e de instrumentos é que eles construíam na altura?

F7 - Sim.

F21 - Eles construíam muito bonequinhos de farrapo e

F7 - E também carros de madeira.

F15 - E umas bonequinhas com carpelas de milho, faziam...

Investg - Á, sim.

F15 - Com a cabeça faziam as barbas de milho e depois embrulhavam num pouco de carpela e faziam o vestido.

F5 - E os tipos de jogos eram diferentes dos que há agora. Não havia computador e antigamente eles que criavam os seus próprios jogos.

Investg - Chegaram a mostrar-vos alguns?

F15 - Mostraram um que é com um anel, que andava a passar de mão em mão.

Investg - O anelzinho.

F5 - mostraram-me outro que era tipo uma farpa de linho e eles tinham que meter na farpa e aquilo tinha que tocar.

F15 - E por exemplo, com a roda, o arco da bicicleta e com um pau fazia o arco andar.

F21 - Aproveitavam as coisas mais simples para ... para brincar.

F12 - Brincavam à macaca.

F11 - Ao lencinho.

F21 - Estavam mais em contacto com a natureza.

Investg - E eles ensinaram-vos a fazer alguns instrumentos? Ou só vos mostraram ou deram-vos a conhecer o que se fazia antigamente, nesta área?

F11 - No meu caso só me deram a conhecer o que se fazia antigamente.

F7 - A mim também.

F15 - Falaram um pouco, mas ...

F6 - Falaram.

Investg - Foi só mesmo divulgar aquilo que se fazia. Comparando o que eles vos disseram com os tempos atuais, o que é que vocês têm a dizer? Qual é a grande diferença entre os brinquedos deles, das peças deles, com o que existe hoje?

F7 - A diferença é que hoje existem brinquedos de plástico e que são comprados. Eles não, eles faziam mesmo e muitas vezes era com madeira, outras vezes era com farrapos. Eles davam muito mais valor a um brinquedo desses do que propriamente hoje em dia.

Investg - E porque é que tu achas que eles davam valor a esse tipo de brinquedos?

F21 - Porque eram eles que tinham construído.

Investg - Porque eram eles que os tinham de construir.

F11 - Sim, por exemplo, houve uma mulher que só tinha uma, nunca duas, três, nunca tinha assim e para aquela mulher tinha significado, porque era o único que tinha.

F15 - E até passava de irmãos para irmãos.

Investg - E eles guardavam esse tipo de materiais?

F7 - Sim.

Investg - Até aos dias de hoje, eles têm isso guardado?

F7 - Sim. Eu conheço uma senhora que ainda tem a boneca dela guardada.

F21 - Muitos deles deixaram ficar as coisas quando se casaram em casa dos pais e perderam isso.

Investg - Perderam?

F21 - Sim.

F15 - Outros também deixaram aos irmãos e depois os irmãos foram dando aos filhos e também os filhos já são de uma geração mais evoluída e já os estragaram.

F5 - Eu queria acrescentar que uma idosa que eu entrevistei, não eram aquelas bonecas de trapo, mas eram umas que elas faziam para levar para os campos com os pais, para ir trabalhar. Então, é tipo uma batata, depois enfiavam aquela, aquela coisa, sabem, as barbas de milho e faziam as suas próprias bonecas com produtos naturais.

Investg - Muito bem, em termos gerais, uma vez que estamos a fazer neste domínio, qual é o significado que vocês atribuem ao património cultural imaterial? Qual é a importância que ele tem?

F5 - Acho que eles dão mais valor do que nós hoje em dia às coisas. Acho que antigamente, eles tinham menos e davam mais valor. Hoje, temos tudo e não damos valor a nada.

Investg - Porque é que vocês não dão valor ao património cultural imaterial? Primeiro, sabiam o que era o património cultural imaterial ou nem sequer sabiam do que estava a falar?

Alunos - Sabíamos.

Investg - Sabiam? Toda a gente sabia?

Alunos - Sim.

Investg - Então, porque é que vocês não valorizam o Património Cultural Imaterial?

F11 - Porque hoje em dia, nós queremos, por exemplo, precisamos sei lá, de uma camisola e se os pais poderem, eles compram. Naquele tempo, não. Eles pediam uma boneca e os pais não podiam comprar, porque não se podia fabricar.

Investg - Em termos de património, estamos a falar de tudo o que existe numa determinada aldeia. Acha que a comunidade mais jovem, neste caso, os jovens não se interessam pelo Património cultural imaterial, que aquela comunidade tem?

Alunos - Não.

F15 - Alguns sim, outros não. Alguns acabam por criar vandalismo a algum património.

F11 - Em também acho que não, tal como a (F15) disse, existe muito vandalismo às coisas que existem na aldeia.

Investg - Como por exemplo?

F11 - Sei lá, por exemplo, lá na minha aldeia havia uma fonte que era daquelas que tem uma roda e aquilo roda-se e a junta foi obrigada a cimentar a roda por baixo, para não rodar porque os miúdos iam para lá e estragavam aquilo tudo.

F7 - No Caramulo havia os sanatórios e anti-sanatórios e eles é vidros todos partidos, paredes todas pintadas.

F12 - Vandalismo.

F15 - Grafiti.

Investg - Acham que os jovens ao não se interessarem pelo ...

F7 - Não se interessam.

F6 - Prejudicar.

Investg - Sim. Destruir.

Alunos - Sim.

Investg - Destruir, mais do que aquilo que já estava? Então e vocês?

F11 - É assim, eles acabam por ser, mas nem todos pensam da mesma maneira, porque à quem goste de preservar as coisas que existem na terra.

Investg - Quem é que acham que gosta mais de preservar o património que existe? Quem são os mais interessados, por exemplo, das vossas comunidades a preservar o que existe?

F7 - Os mais velhos.

F11 - Os idosos.

Investg - Os mais velhos.

F15 - Porque quando estão a fazer esse vandalismo e às vezes até lhes respondem mal e tudo.

Investg - E os vossos pais? As pessoas mais adultas? Qual é o papel deles aqui?

F11 - É responder.

F21 - É educar.

Investg - O que é que vocês acham que eles têm feito?

F21 - Não têm feito nada.

Investg - Nada? Ignoram, é isso?

Alunos – (Calam-se)

F21 - – Falam como se a responsabilidade não fosse nossa, nossa dos filhos, fosse de uns que não têm mentalidade.

Investg - Então, o que é que pode ser feito para começarmos a preservar mais o património cultural imaterial de cada localidade, de uma cidade? O que podemos fazer para mostrar aos outros o que nós temos de melhor?

F11 - Por exemplo, vemos alguém a destruir, vá, temos de responder, falar.

Investg - Achas que é o suficiente para se...

F11 - Nunca é o suficiente porque ...

Investg - Então, o que é que podemos para promover o ...

F15 - Promover umas atividades relativas aos jovens que os chame ... que ao mesmo tempo não dissesse directamente para eles olharem para o património, mas que os chamasse à atenção para eles olharem para ele doutra forma.

F21- Acho que devíamos dar mais a conhecer o próprio património às pessoas, para que, de cada freguesia. Acho que isso era bastante interessante.

Investg - Bastante interessante e importante.

F21 - Sim.

F11 - Através de sei lá, há ...

F21 - De visitas.

F11 - Pedy-pappers

Investg - Acham que os jovens, em si, sabem do que é que estamos aqui a falar?

F5 - Não.

F21 - Não.

Investg - Se lhes fosse perguntado o que é o Património Cultural Imaterial?

F7 - Eles não sabiam distinguir.

Investg - Não? Para eles, se calhar, só o próprio nome não lhes diz nada.

Alunos - (Não respondem)

Investg - Então, é preciso trabalhar aqui muito. É importante para vocês, o PCI?

Alunos - Sim.

Investg - E agora, uma vez que vocês são jovens, para ele não se perder o que é que vocês acham que devemos fazer?

F6 - Divulgar mais.

Investg - Já falaram divulgar, fazer atividades.

F5 - Campanhas de sensibilização.

Investg - Campanhas de sensibilização junto de quem?

F15 - Das pessoas mais jovens da população.

F21 - Acho que podíamos fazer uma feira com ... com coisas tradicionais, nas aldeias em acho que isso era bom para mostrar as culturas, as danças.

Investg - Uma feira em cada ... uma feira geral, representada por cada freguesia?

Alunos - Sim.

F5 - Para não deixar ir abaixo.

F15 - Feiras medievais.

Tânia – Costuma haver isso... feiras medievais.

Investg - Uma feira medieval onde estivessem incluídas todas as...

F21 - A cultura de cada aldeia.

Investg - A cultura de cada ...

F5 - E fazer isso com as pessoas mais jovens, porque daqui a uns anos, quando tiverem já netos ou filhos, se calhar, os netos e filhos nunca vão saber o que é que é o património cultural imaterial.

Investg - E porque é que acham que é tão importante este trabalho de recolha, ao nível local, nestes diferentes domínios? Porque há aqui património que se mantém, só cai se eventualmente acontecer alguma coisa, certo? E o outro só pode ser recebido, se for transmitido em termos orais. Assim, qual é a importância que vocês agora atribuem aos conhecimentos que adquiriram nos diferentes domínios?

F13 - Eu acho que este trabalho serviu em muita coisa, porque agora nós percebemos que é o património está a desaparecer, que nós, os jovens não queremos saber de nada disto e que devemos fazer alguma coisa para que isto não desapareça. Que, que volte a, a haver coisas.

F5 - Para darmos mais importância.

F13 - Sim, para darmos importância a coisas que se estão a perder.

F21 - Eu por exemplo falo no meu caso, eu se não fizesse este trabalho, eu não dava conta do que estava a perder, na falta de ...

Investg - Na falta de ...

F21 - na falta de conhecimentos dos jovens e como está-se a perder os conhecimentos. Não reparava nisso.

Investg - Não?

F21 - Não.

F11 - Eu por acaso também nunca tinha

F21 - Pensado nisso.

F11 - Sim, nunca tinha pensado nisso.

F7 - há coisas que ela

Investg - Nisso o quê, desculpa?

F11 - No ...

Investg - Na quantidade de património que existe?

F11 - Sim e que os jovens não ...

Investg - E o que os idosos possuem.

F21 - E que se está a perder ...

Investg - E que os jovens ...

F11 - E que os jovens ignoram.

Investg - Ignoram, mesmo? E vocês se não fizessem este trabalho

F11 - Ignorá-lo-íamos.

Investg - Ignorá-lo-iam.

F15 - Íamos pelo mesmo caminho.

Investg - Iam pelo mesmo caminho. Vocês não sabiam que isto era património?

F21 - Não.

F11 - Muitas coisas, não.

Investg - Vocês não sabiam que fazia parte do património cultural imaterial, nem sequer conheciam estes domínios?

F7 - Nem tudo.

Investg - Pensavas que não era património? Para ti, o que é património? Era só os Monumentos?

F7 - Para mim era os monumentos, era as actividades que eles tinham praticada, mas não os saberes. Não via as adivinhas e as cantigas que eles têm como património.

F15 - E os instrumentos deles, também, não sabia.

F21 - Eu só via as festas a desaparecer, mas nunca pensei para ... Disso.

Investg - Não sabias que as festas faziam parte?

F21 - Estava a notar que cada vez, cada vez, cada vez mais estava a morrer aquilo, mas nunca pensei.



Investg - Nunca pensaste?

F21 - Nunca pensei, nunca.

Investg - Mais?

F25 - Eu concordo com elas, achei que o trabalho foi importante para, porque havia coisas que eu também não sabia que eram património.

Investg - Não?

F25 - Foi importante o trabalho nesse sentido.

Investg - Para ficares a perceber melhor o que realmente é o património?

F25 - Foi.

Investg - Porque se calhar os idosos até são as pessoas mais sabedoras do que é que existe em termos locais.

F7 - Sim, até em termos de culinária é muito variada e coisas que eu não fazia ideia e as papas de milho, eu fiquei ...

F21 - há sabores que não se podem perder, são maravilhosos.

Alunos - (Riem-se).

F7 - Por exemplo, a comida da minha avó era única.

Investg - Isso também faz parte do património.

F7 - Não me vou esquecer.

Investg - Achas que os jovens hoje, a culinária que se pratica não é ...

F13 - Não é igual.

Alunos - Não é igual.

F7 - Até pode ser boa, mas não é, não tem aquele, não sei, há qualquer coisa que eles fazem com a comida e ...

F12 - Antigamente comiam aquelas favas cozidas

F25 - Agora já é um prato mais sofisticado.

F21 - Aquilo que eu observei é que eles, até pela minha avó, eles não diversificam muito a alimentação. É só coisas que de, de terra, não são capazes de experimentar receitas novas e é simplesmente, batatas, couve, peixe, mais nada.

F15 - Sabe muito melhor se eu for comer em casa da minha avó, de que em minha casa.

F21 - Claro.

F7 - E não é só isso. Eles têm, eles dão menos importância à comida do que nós hoje em dia damos, até porque passaram muito tempo em que não tinham.

F5 - Eu acho que eles são muito desenrascados em relação à comida. Por exemplo, eles jogam em dois ovos e fazem logo um comer qualquer, pegam numa batata e fazem uma mistura. São mais desenrascados do que nós.

Investg - Pegam numa batata e fazem?

F5 - Não. Por exemplo, pegam em dois ovos e fazem uma omeleta.

Investg - Sim.

F5 - E nós hoje em dia, com dois ovos não podemos comer nada. Acho que eles são um bocadito mais

Alunos - “Desenrascados”.

Investg - Ainda neste ponto, nós, vocês sabem que existe o turismo e há pessoas que vêm até às nossas localidades para conhecer. O que é que vocês pensam acerca do turismo? O turismo promove o património?

Alunos - Sim.

F7 - Sim, promove. Quando as pessoas, se gostarem do que virem, podem incentivar e voltar a chamar outras pessoas.

Investg - E acham que isso faz com que haja desenvolvimento daquela comunidade?

Alunos – Sim.

F7 - A nível local é.

F21 - Eu por exemplo, na minha aldeia, há uma temporada para cá, tem havido muitos emigrantes a virem para Dardavaz durante meses. Mas isto tem servido a eles, eles antes eram de lá, mas passaram muito tempo no estrangeiro e vieram para cá um tempo e e muitas vezes iam ter com a minha avó, se podiam ajudar a trabalhar na terra e não sei quê e começaram a gostar e agora estão a viver lá muitos e envolvem-se na agricultura, a levarem sardinhas e essas coisas.

F15 - Sim, eles gostam porque eles, eles se calhar não fazem nada e nas cidades não fazem nada. Eu tenho uma prima que vive no estrangeiro e ela vem para cá, para minha casa e é uma alegria. O cheiro da terra, ela nunca tinha visto um porco mesmo vivo, é uma alegria para ela.

F11 - Eu acho que também só vai turismo nas nossas aldeias se fizermos coisas que sejam divulgadas.

Investg - Se fizerem alguma coisa que seja divulgada, então o que é que pode ser divulgado?

F7 - Coisas mais antigas. Pela minha aldeia, as capelas, aqueles instrumentos antigos, os carros, tem, aquilo tem uma encosta, há eiras e depois tem os espigueiros todos em fila e aquilo é muito grande, mesmo. E tem uma vista!

F21 - Acho que devia haver uma apresentação das aldeias, tipo em filme, mas para as pessoas terem curiosidade em visitar, podem tocar nas coisas.

F11 - Sim, já que temos as tecnologias podemos fazer um bom proveito delas e sei lá, fazer um site sobre a terra.

F15 - Na minha terra, tem dois sites acerca disso. Lá por acaso eles envolvem-se nisso e fizeram dois sites sobre o tema e vão metendo os eventos que lá há.

Investg - Então quais fazem as mudanças que vocês tiveram com a realização deste trabalho? Em termos de Património? Que mudançasé que houve em vocês?

F7 - Eu acho que comecei a ver, a olhar para as coisas com outros olhos, acho que não dava tanta importância até ter feito o trabalho.

F11 - Começamos a dar mais valor às coisas de valor que existem nas nossas aldeias.

F21 - Foi como eu disse anteriormente, eu sem ter feito este trabalho não via para além do que se estava a passar, eu acho que foi bastante importante.

F11 - E fez com que mudássemos a nossa mentalidade em relação a ...

Investg - Mudou em quê, no teu caso?

F11 - Mudou, que antes não ... sei lá, eu antes passava e não ligava às coisas que havia, era diferente.

Investg - Achas que foi preciso este trabalho de terreno para tu perceberes.

F11 - Sim, ajudou. Ajudou muito.

Investg - Mais, mais coisas?

F21 - Muitas vezes ouvia cantigas e provérbios e não levava aquilo a peito e agora ouço e parece que tem outro significado.

F7 - Aqueles idosos que eu fui entrevistar, disseram que antigamente ouvia-se todo o dia, gente a cantar e que trabalhavam, cantavam, que havia pessoas que andavam com os animais na serra, que cantavam na serra e os que andavam no campo, cantavam canções que tinham a ver com o que eles andavam a plantar, para que era mais alegre.

Investg - O que é que mudou em ti? O que sentiste depois de fazer este trabalho, relativamente ao património?

F7 - Digo que às pessoas, eu por exemplo, devia ter mais cuidado e não criticar, não desprezar e ignorar o património.

F25 - Eu concordo com elas, acho que nós devemos dar agora no fim deste trabalho, faz-nos mudar a nossa noção de património e acho que devíamos dar mais valor a esse tipo de coisas porque foram importantes para as pessoas idosas e podem vir a ser mais para nós.

Investg - Podem vir? Ainda não são? No teu caso ainda não são?

F25 - Mais ou menos. (Ri-se)

Investg - Mais ou menos porquê?

F25 - Depende também do...

Investg - Para ti, ainda não são importantes?

F25 - São importantes, mas ainda não são muito, muito importantes.

Investg - Porquê? O que é que para ti é mais importante?

F25 - É complicado explicar, stora.

Investg - Mas tenta! Porque é que para ti não é importante?

F25 - Tal como expliquei, talvez não esteja muito ligada ainda a esse património.

Investg - Começaste agora a despertar para isso?

F25 - Sim.

Investg - É, mas ainda quer aí mais um bocadinho de trabalho, não é?

F25 - Sim.

F6 - As coisas têm de ser mais atrativas.

Investg - Diz.

F6 - Sim, mais atrativas.

Investg - Mais atrativas, o quê?

F6 - Ó stôra, em relação por exemplo, às festas ou isso. As festas deviam ser mais chamativas do que, como é que eu hei-de dizer, porque há algumas que não são tão chamativas como outras, por exemplo, vamos numa terra, à uma festa que nos emociona mais, ou que nos chama mais, há outras que já não.

Investg - Mas aqui o que é que mudou em ti acerca do Património? Houve alguma mudança, não houve?

F6 - Sim.

Investg - É isso que eu quero que explique? Que mudança foi essa e o que é que tu pretendes fazer no futuro para reverter o que está mal? Houve mudanças, não é, com este trabalho, mas o que é que pensavas antes de fazer este trabalho?

F6 - Eu não sei.

Investg - Não sabes? Não sabias o que era?

F6 - Sabia mais ou menos.

Investg - Mas depois de teres feito este trabalho, percebeste?

F6 - Percebi certas coisas que não conhecia.

Investg - Então, o que é que mudou em ti? Ficaste mais atento, mais preocupado com o que se está a perder, como elas falam?

F6 - Sim, que cada vez a juventude.

Investg - No teu caso?

F6 - Sim, que nos preocupamos com outras coisas e deixamos, e a não nos motivar com o que é de antigamente.

Investg - Ainda não te motivaste. É isso que me estás a dizer?

F6 - Sim, mais ou menos.

Investg - Ainda não tens motivação suficiente para...

F6 - Sim.

Investg - Houve mudanças mas...

F6 - Não totalmente.

Investg - Não total. Então, o que é que é preciso fazer mais? O que é que tu achas que é preciso fazer mais para tu despertares para mudar o que está errado. Imagina na tua aldeia, tu sabes que existe lá património. Sabes agora e ficaste mais preocupada com o que se está a perder não é?

F6 - Sim.

Investg - Então, o que é que tu achas que se podia fazer para parar esse problema? Não te esqueças que ao seres uma técnica de apoio psicossocial vais ter que fazer intervenção e pode passar por aí?

F6 - Chamar mais as pessoas.

Investg - Chamar mais as pessoas para ...

F6 - Para divulgar.

Investg - Para divulgar!

F2 - Com a realização do trabalho, adquirimos novos conhecimentos e a nossa maneira de olhar para as coisas foi diferente. Aquilo que às vezes pensamos que não era património é e aprendemos a dar mais valor a isso.

Investg - E o que é que mudou? Sentiste aí se calhar alguma culpa porque não ...

F2 - Não, se calhar é mais nós estarmos mais fechados em casa, metemo-nos sempre, da escola, vamos para casa, vamos para a internet, não passamos e à muito tempo fora, depois só vemos mesmo aos fins de semana é que estamos em contacto com a natureza e isso e aí é que nós nos apercebemos. Às vezes, podíamos estar nas nossas freguesias, temos tantas coisas tão bonitas e vamos para outras.

Investg - Então, se calhar há também alguma falta também de informação, não é, vocês não sabem que existem.

F5 - É a falta de informação e também as novas tecnologias fecharam-nos mais em casa, estamos mais fechados.

Investg - Ou seja, nunca ninguém vos tinha sensibilizado para isto?

Alunos - Sim.

Investg - Nunca ninguém vos tinha informado sobre o que ...

F5 - Por exemplo, eu nem sequer sabia o que era património, se não tivesse feito este trabalho.

Investg - Não sabias o que era Património?

F5 - Sim, tive de fazer isto para conseguir perceber, tava tão fechada que nem conhecimento tinha, nem informação.

Investg - Nunca tinhas pensado?

F5 - Sim, se calhar já tinha ouvido, mas ...

Investg - Só quando começaste a fazer este trabalho ...

F5 - Sim.

Investg - É que começaste a pensar nisso. E os vossos pais? Eles, agora que estamos a falar nisto, e que vocês dizem que não sabiam realmente o que isto era, que à falta de informação, os vossos pais não vos falam sobre o património, o que é o património cultural imaterial, nunca, ou eles também estão na vossa situação?

F5 - Se calhar, podem não falar mas se calhar têm mais conhecimentos que nós, se calhar.

Investg - Mas os vossos pais não falam convosco sobre o património?

Alunos - Não.

F15 - Se calhar, se lhes pedirmos eles até falam. Os meus pais, eu quando lhes pedi alguma ajuda, eles até sabiam.

Investg - Mas foi com este trabalho, mas dantes nunca.

F15 - Não.

Investg - Ou seja, não é tema de conversa.

Alunos - Não.

F5 - Ou se calhar até falaram, só que como não é um tema que nós não conhecemos, até

F11 - Há um tempo tava em casa, comecei a brincar com a minha tia, à não sei quê, então não vais à rua, não vais ter com os teus amigos, à tanta coisa bonita, à tanta coisa que fazer lá fora e tu estás aí fechada e este trabalho ajudou-vos a perceber o que é que antes faziam fora de casa e nós agora estamos sempre em casa.

Investg - E qual é a vossa atitude sobre os idosos, sobre o património que eles têm?

F21 - Eu fiquei com mais pena deles, não sei porquê.

Investg - Mais pena?

F21 - Não sei explicar, mas agora vejo-os de outra forma, tenho pena deles, apetece-me às vezes, abraça-los e dar-lhe beijinhos. (Ri-se e emociona-se)

Investg - A sério?



F21 - É, não sei porquê. Principalmente aquele homem da entrevista, fiquei com pena dele, porque ele teve de ir para a guerra. Fez-me pena. (emociona-se)

Investg - Mais?

F15 - O que eles sofrem na vida também.

Investg - Não chores!... Mais? A (F21) já se sensibilizou. Então, achas que eles sofreram muito, é isso?

F21- Sim, tenho pena.

Investg - Não é pena, é aquele sentimento de ... se calhar nunca deste tanta importância e agora que fizeste este trabalho, já pensas de uma outra forma. E os outros?

F15 - Que eles sofreram uma vida inteira e que eles passaram aquilo que nós não passámos e às vezes a gente desprezava-os e agora, passámos a dar mais valor, porque eles passaram por coisas que nós não passámos, acho que e nem vão passar mais.

F5 - E têm mais consciência dos problemas, por exemplo, quando nós estamos a comer, por exemplo, e deixamos alguma coisa no prato, eles começam logo a dizer, “á porque nunca passaste fome, um dia hás-de passar”. Eles sentiram mais na pele o que é que foi a pobreza, por exemplo.

F21 - Eles fazem crianças felizes, mas ao mesmo tempo, não puderam fazer na infância, tinham que trabalhar, trabalhar.

F15 - Passaram muitas dificuldades. O comer era para não sei quantos irmãos, uma sardinha, isso era.

F5 - A minha avó, por exemplo, quando estava a mostrar isto, quando era nova, ela tinha tido sete irmãos e que às vezes uma sardinha, tinha de ser dividida por cada um dos irmãos. Agora, enquanto nós hoje em dia, duas sardinhas para cada um.

F15 - E eles comiam as cabeças, o rabo e quase que comiam as espinhas e nós não, às vezes, até deixamos lá.

Investg - Em termos gerais, este tema, percebeu-se que vocês não sabiam de todo o que era o património, mais ainda o património cultural imaterial. Ficaram a conhecê-lo, que mudaram a vossa atitude, mas que é preciso fazer muito mais para conhecer o

património que cada comunidade tem e um dos trabalhos que pode ser feito é através de feiras medievais para dar a conhecer o que existe e divulgar essa informação. Depois, consciencializar os jovens que têm que mudar, se não, vai continuar sempre tudo na mesma.

Investg - Vamos passar ao ponto seguinte, que é sobre os ensinamentos. Queria perguntar-vos como é que vocês, organizaram este trabalho? Que métodos é que vocês utilizaram para fazer o trabalho? Como é que fizeram? Foi entrevista? Diário do Bordo?

F7 - Entrevista.

F15 - Foi como eu. A minha avó ia comigo e ela começava a falar com os idosos e eu tava lá, consoante o que elas falavam eu ia apontando.

F12 - Entrevista.

F11 - Eu fiz umas perguntas em casa e depois quando fui para o terreno, levei o telemóvel, gravava a conversa e ia perguntando pelos tópicos que fiz em casa.

F5 - Eu, eu fui aos temas que a stora nos deu e através de cada um dos temas organizei questões e depois fiz as entrevistas aos idosos e eles respondiam a essas questões, mas falavam sempre mais do que, ou seja, o que eles falavam mais enquadrei nesses temas.

F21 - Eu perguntava se sabiam provérbios e não sabiam o que era isso e depois dava exemplos e já sabiam. Pelos nomes não iam lá.

F5 - Pois, pelo nome não sabiam, depois dei-lhe um exemplo e eles falavam até mais não.

Investg - Vocês também disseram que fizeram o trabalho escrito, que está em formato digital. Como é que vocês se sentiram com a realização deste trabalho. No início do trabalho, durante e no fim.

F15 - No início desanimei um bocadinho porque entrevistei alguns idosos que eles ...o marido tinha morrido há pouco tempo. Ela estava um pouco em baixo, então não, até podia saber, mas não queria falar muito sobre a vida deles, nem ... e diziam que não se lembravam dos provérbios, nem do património, mas depois fui a um lar

também entrevistar alguns idosos e eles até cantaram, depois já comecei a... pronto ... a entrar mais no trabalho.

Investg - E como é que foi depois do trabalho? Ficaste mais entusiasmada?

F15 - Sim, porque eles depois começaram a falar mais, porque ao início pensava, bem, eles não vão dizer nada, não vou conseguir recolher nada.

Investg - Agora que fizeste o trabalho, como é que te sentes?

F15 - Sinto que recolhi bastantes conhecimentos importantes e que um dia poderei transmitir a mais pessoas.

Investg - Mais?

F21 - Eu também no início também fiquei um bocado desanimada porque acertei nas pessoas certas, quando eu fui para fazer as perguntas, estavam sempre a trabalhar, a trabalhar e não tinham tempo para mim e depois, fui ter com pessoas assim mais ...pronto ... que não podem caminhar, estavam mais por casa e no ativo é mais complicado pedir algumas informações.

F5 - Eu no início, achava-os muito pouco abertos, porque antes até de fazer a entrevista, neste caso, estava com muito receio porque eu achava que ia fazer figurinha triste, eu ia fazer as perguntas e eles nem sequer me iam responder. Tava com muito receio, mas depois quando comecei a fazer a entrevista, deu-me logo outra impressão porque eles falam, falam e deixam-nos logo à-vontade, mostraram muito empenho no que estão a dizer e na ajuda sobre aquilo que estão a falar. Fiquei com uma ideia diferente deles.

Investg - E como é que te sentiste com este trabalho?

F5 - Ah, depois de ter feito o trabalho? Fiquei com muito mais conhecimento, isso foi ... pelo menos na minha terra havia muitas coisas que não me passavam completamente ao lado. Quando eles estavam a contar, eu ... aí isso é da minha terra e eu ok, pronto. Sim, foi ao nível dos saberes e conhecimento mais, do género, até mesmo o modo de eles contarem as coisas.

Investg - Em relação ao entusiasmo a (F5) já tinha falado que ficou a aprender muito mais, com muito mais conhecimentos e que teve entusiasmo a fazer o trabalho e ...

F13 - Eu no início, por exemplo fiquei muito desiludida porque foi uma altura em que os doentes estavam um pouco constipados e não estavam tão alegres para me ouvirem e então ...

Investg - Sim?

F13 - Mas depois, ao longo ... eu fui lá em dias em que eles estavam melhores, eu fiquei mais animada e muita coisa.

Investg - Mais?

F11 - Eu ao início, desmotivei um bocado porque fui a uma senhora e eu fazia as perguntas e ela “ai, não me lembro”, “também já não me lembro” e “Sabia muita coisa mas já não me recordo”. Depois até deixar o trabalho em stand by, porque desanimou-me mesmo e só depois um bocado mais para a frente é que peguei no trabalho e aí já foi diferente, já quer dizer ... pronto, as outras pessoas já falavam mais e comecei a interessar-me por aquilo. Foi engraçado.

F21 - Nós temos de puxar por eles, senão eles não dizem.

F5 - Sim, porque se nós não puxamos por eles, eles também não fazem esforço nenhum.

F11 - Sim, porque ...

F5 - Também uma das pessoas que ... “Ai não me lembro!” . Então porquê? “Ai, não sei”. Então não sabe nenhuma canção? “Á, não! Não sei nenhuma, canções não é comigo”. Tínhamos de puxar mesmo por eles para eles falarem.

F15 - Acho que eles também se motivam uns aos outros.

F11 - Senão, não tínhamos informação nenhuma.

Investg - Então, toda a gente sentiu ao início, se calhar um bocadinho preocupada

F6 - Eu não.

Investg - Não?

F6 - Porque as pessoas que eu fui, sempre me responderam. Só havia uma pergunta ou outra “ah, já não me lembro”. Mas às pessoas que eu fiz, todas me responderam,

por acaso foram muito simpáticas e quando fui ao lar até houve muitas pessoas que se chegaram ao pé de mim e me perguntaram o que é que eu estava a fazer e eu tive lá a explicar e foram muito atenciosos e falavam, falavam, falavam.

Investg - Da parte final todos ficaram satisfeitos?

Alunos - Sim.

F21 - Eu andava como se agora é como se soubesse mais do que a minha avó. Tá sempre “Ah, pois é”, “Ai sabes e então e esta?” E eu, pumba. (Ri-se)

Alunos - (Riem-se)

Investg - Ok. Vamos passar ao ponto três, que é sobre as perspetivas de futuro, que é eu tentar peceber junto de vós, o que é que vocês no futuro, em termos de futuro, daqui a uns anos, não digo daqui a muitos, quais são as perspetivas que vocês têm relativamente ao Património Cultural Imaterial? O que é que vai acontecer?

F5 - Eu acho que se nós não fizermos nenhum esforço para que o património cultural imaterial se coiso ...

Investg - Se coiso?

F5 - Não se esqueça. Daqui a uns anos ninguém se vai lembrar por exemplo, quando eu tiver um filho e por exemplo, ele for idoso e alguém o entrevistar como eu entrevistei “Então, sabe alguma coisa sobre o Património?”. Se calhar, o meu filho não irá saber o que é, se nós não fizermos nenhum esforço para alertar as pessoas, para aquilo para terem conhecimento disso, acaba por ser um assunto morto.

Investg - Achas que ... então ... qual é a tua perspetiva sobre o património cultural imaterial?

F5 - Acho que sim, se nós continuarmos com a atitude de não alertar as pessoas e isso, será um assunto que irá desaparecer. Por exemplo, tem que se fazer alguma coisa para ...

Investg - Tu achas que o Património vai-se extinguir, é isso?

F5 - Sim, sim, sim.

Alunos - Sim.

F5 - Hoje em dia já não é um assunto muito ...

F13 - Falado.

F5 - Muito conhecido e falado.

Investg - Conhecido nem falado.

F7 - Mesmo que ele se mantenha, vai desaparecer.

Investg - Vai desaparecer!

F21 - E ... e muito em culpa das tecnologias. As pessoas estão sempre em casa, não vão para a rua comunicar e depois o principal problema é esse.

Investg - Achas, então, que também se vai ...

F5 - Eu acho que é e não é! Porque com as novas tecnologias podemos ...mais alguma coisa, por exemplo, no computador, vamos ver umas tradições de uns sítios, mas talvez da nossa terra, nunca estejamos assim abertos e ...

F15 - Eu acho também que nos computadores também não nos interessamos muito em ir procurar informação das terras, nem do património, acho que estamos muito no facebook e jogos e outras coisas e agora mesmo que quiséssemos mudar as mentalidades dos jovens, isso não se muda de um dia para a noite, isto ia levar um tempo e enquanto esse tempo, enquanto demoramos esse tempo e tentar mudar essa mentalidade, o património vai ser esquecido.

F5 - Pois, eu duvido que alguém vá à internet, por exemplo, para ter mais conhecimento sobre o património da sua terra. Acho que ...

F21 - E se houver alguém de certeza que se houver algum dos nossos colegas, pode ser gozado.

Investg - Pode ser gozado?

F21 - Andas a ver essas coisas?

F15 - Ou então é por obrigação, por ... de trabalhos. Algum trabalho que tenha que fazer.

F11 - Tal como aconteceu connosco, se não fosse este trabalho, acho que ... que ... pronto ... que não íamos ligar ao património das nossas terras.

Investg - Mais?

F5 - Eu acho que isso é mais uma tarefa mais da escola, porque não é muito comum falar de património, não é como eu já disse, só fiquei a saber através desta disciplina e deste trabalho, é que eu fiquei a saber o que é que era Património, porque eu também não tinha ideia nenhuma disso.

F15 - E os presidentes de junta acho que também têm um papel importante nesta divulgação, porque acho que devem chamar os jovens de cada aldeia, chamá-los para conhecer mais sobre a aldeia.

F21 - Mas tens de tomar em atenção que quase não há jovens nas aldeias.

F5 - Podes criar um líder em cada aldeia, vá, dentro das aldeias possíveis e fazer tipo uma campanha para dar a conhecer à população mais jovem e mais idosa sobre o património. Acho que era interessante para ser abordado.

F2 - Se não for reconhecido pela sociedade, será esquecido.

F25 - Concordo com eles.

F6 - Também.

Investg - Então é consensual, é geral que daqui a uns anos, se isto permanecer assim, o património vai desaparecer. E acham que os jovens não se interessam minimamente ou interessam-se muito por isto?

F21 - Acho que não.

F7 - Não.

F5 - Eu acho que mesmo assim, apesar de nós queremos fazer mais para saberem, para conhecerem a sua própria terra, acho que se calhar eles nem vão dar importância a isso.

Investg - O que é que é preciso fazer com os jovens?

F5 - A?

Investg - O que é que é preciso fazer com os jovens?

F12 - Motivá-los.

F5 - Incentivá-los.

F21 - Tirá-los de casa.

F5 - Mostrar-lhes que é importante.

F15 - Fazer atividades com eles, que lhes mostrem o que há.

Investg - Só com eles?

F15 - Com eles e com ...

F21 - Com os pais.

F15 - As pessoas ...

F11 - População.

F15 - Com a população.

F5 - O quanto é importante...

F15 - Mostrar os conhecimentos das pessoas mais idosas.

Investg - E relativamente aos saberes dos idosos? Em termos de futuro? O que é que vai acontecer com os saberes deles?

F5 - Eu acho que vão diminuir.

F2 - Acho que vão desaparecer.

Investg - Vão desaparecer?

F2 - Sim.

F12 - Se eles não transmitirem os saberes para pessoas que fiquem, eles vão desaparecerendo.

F5 - Sim, nós daqui a uns anos, nunca vamos saber tanto como eles sabem agora, por exemplo, quando nós ... eu tivermos 70 anos, acho que nós enquanto jovens, não tivermos tão abertos como eles tiveram enquanto jovens, nós também quando formos mais idosos, não vamos ter tantos conhecimentos, vamos ficar mais limitados.



Investg - É geral?

Alunos - Sim.

F11 - Eu acho que se não fosse este trabalho, ia ser pior porque nós agora temos uma ideia nova do que se fazia antigamente das coisas que aconteciam. Já temos algumas bases para depois, um dia mais tarde, também podermos contar e se não fosse este trabalho, não íamos ter nada disso e aí sim, ia desaparecer os saberes.

F15 - Mas também somos uma pequena parte de todos.

Investg - Então, o que é que pode ser feito para que isto não se perca, tanto quanto ao património, quanto aos saberes dos idosos? O que é que se pode fazer? O que é que vocês jovens acham que se pode fazer?

F11 - Divulgar.

Investg - Divulgar?

F21 - Eu acho que devia ser dado nas escolas. Os saberes da coisa ...

F6 - De cada aldeia.

Investg - De cada aldeia?

F21 - Eu acho que sim, como se fosse uma disciplina. Não, não obrigatoriamente uma disciplina, mas que fizesse parte de uma matéria. Acho que é por aí.

Investg - Portanto, que fosse leccionado nas escolas uma disciplina que integrasse essa área.

F15 - Sim.

F5 - Eu acho que sim.

Investg - Mais? Divulgar, mais?

F15 - Fazer campanhas.

Investg - Fazer campanhas sobre?

F15 - Sobre o que é o património, o que existe.

F21 - Trabalhar relações interpessoais.

Investg - O que é que queres dizer com isso?

F21 - Á, como já foi dito, hoje em dia os jovens estão sempre em casa e mal falam e se falam é por computador e eu acho que eles deviam comunicar mais, ao comunicar, talvez davam mais opiniões e se comunicarem é mais fácil chegarem-lhes a mensagem dos idosos.

F5 - Eu concordo que que essa tarefa seja feita na escola, porque acho que fora disso, noutros sítios não ia acontecer nada. Os jovens já estão tão limitados e agora com as novas tecnologias, eles como é óbvio não vão dar importância nenhuma a isso. Com o avanço das novas tecnologias ninguém vai falar do património, nem nada disso.

Investg - A culpa em parte é de quem? Das novas tecnologias?

F5 - Sim, eu culpo um bocado isso, porque antigamente não existia nada disso e as pessoas estavam muito mais ...

Investg - Ligadas?

F5 - Sim. Ligadas ao assunto. Acho que a culpa ...é culpa de cada um porque também tem vantagens as novas tecnologias e desvantagens.

F15 - São boas e más.

F5 - Lá está, essa é uma das desvantagens das novas tecnologias.

Investg - Para vocês, o fundamental é nas escolas?

Alunos - Sim, sim.

Investg - Se fizerem nas escolas?

F5 - Acho que é a única forma.

Investg - E nas escolas, o que é que deve ser feito? Deve ser lecionado.

F21 - E começar cada vez mais de pequeninos.

Investg - Cada vez mais cedo, começar a ...

F21 - Nos infantários, cantarem músicas antigas, fazerem jogos. Eu acho que isso é importante. Começar desde pequenos.

Investg - E acham, o que é que deve ser feito mais nas escolas? Deve ser lecionado e mais? É só lecionar?

F5 - Ou se calhar não lecionar, ó, por exemplo, fazer ou formações assim que sejam uma vez por semana ou uma vez por mês para que as pessoas não esqueçam dessas coisas ou fazer.

F15 - Fazê-los também ...

F5 - Organizar festas tradicionais que englobem aqui na escola. Assim, acho que sim.

F11 - Acho que ia resultar mais a parte das festas tradicionais porque ...

Investg - Festas tradicionais aqui na escola sobre as aldeias?

F11 - Sim, porque eu acho que palestras e formações já é um bocado maçudo.

F15 - Eu também, acho que as formações eram boas porque fazê-los também investigar as localidades.

F11 - Mandá-los para o terreno.

Investg - Investigar? O que é que queres dizer com isso? Ir para o terreno?

F15 - Acho que sim. Era melhor que estar a ver.

F7 - E ver ...

Investg - E ver ...

F7 - E ver um bocado isso, por exemplo, fazer uma exposição e eles verem e ...

Investg - Fazer como vocês fizeram.

Alunos - Sim.

Investg - Ir para o terreno ...

F15 - pô-los em contacto com as situações.

Investg - Colocá-los em contacto com o que existe, com o património e diretamente com os idosos.

Alunos - Sim.

F5 - Fazer uma visita de estudo íamos ao local, depois apresentávamos à escola, por exemplo aquilo que tínhamos ...

Investg - E acham que é por aí que podemos inverter ...

F5 - Se calhar chama mais à atenção ...

Investg - Quem é que tem que se trabalhar? Os jovens?

F5 - Os jovens, sim.

Investg - E os mais pequeninos.

Alunos - sim.

Investg - Desde ...

F5 - Incentivar os mais pequenos para que

Investg - Desde pequeninos, desde pré-escolar.

F21 - E os pais também.

Investg - E os pais também?

F11 - Eu acho que a escola era o único meio que ia poder fazer chegar a informação a esses todos jovens porque é o único sítio onde estão todos os jovens, todos em conjunto.

Investg - Os pais não fazem, é isso.

F11 - Sim.

Investg - E o que estavas a falar, os pais também têm que fazer isso, porquê?

F21 - Sim, porque os pais normalmente quando são pequenos, os filhos guiam-se muito pelos pais.

Investg - Os pais não têm, não falam sobre isso. Vocês já falaram.

F5 - Se calhar fazer uma campanha de sensibilização aos pais para os pais poderem passar aos filhos, transmitir aos filhos isso.

Investg - O Património. Se não for assim...

F21 - Eu acho que deveria ser feito uma coisa que eu tive aqui uma ideia. No ano passado na secundária, houve o projeto Comenius em que havia pessoas de outros países a virem para Portugal para conhecer a nossa cultura. Eu acho que, por exemplo, um grupo de jovens devia ir para uma aldeia e ficar lá ao pé dos idosos, acolhê-los e ficar lá assim durante uns dias e depois contarem a vida. Eu acho que a mentalidade mudaria de certeza.

Investg - Isso era ...

F21 - Sem telemóvel, sem nada ...

Investg - Isso era fantástico.

F7 - Andavam na aldeia ...

F21 - Eu acho que era espetacular.

F15 - Eu acho que isso já fizeram cá em Portugal, uma vez.

Investg - Com os idosos?

F15 - Na serra, nos sítios mais isolados.

Investg - Mas o teu objetivo era ficar lá naquela aldeia ...

F11 - Por exemplo, um mês naquela aldeia e iam viver com os mesmos recursos que tinham lá. Que os idosos os ajudassem e ...

F21 - Viviam como eles ...

Investg - Isso era ...

F11 - Tinham de trabalhar como eles.

F15 - Tinham de trabalhar ... exato.

Investg - Tinham que viver tal como eles viviam.

Alunos - Sim.

Investg - Mais? Acham que também era por aí, que esta ideia ...

F5 - Se calhar era uma boa, uma boa actividade para implementar.

F6 - Sim.

F11 - Sim, eu acho que era mais por essa ideia, por eles iam estar a viver tudo.

F5 - Sentir na pele.

F21 - Eu quero ir.

F11 - Eu também.

Investg - E acham que é interessante isto tudo para os jovens?

Alunos - Sim.

Investg - Acham que eles iam gostar?

Alunos - Sim.

F21 - Eu acho que se lhe propusermos, se isso for um desafio proposto eu acho que eles por desafio, vão.

F15 - Eu acho que havia de haver qualquer coisa, eles iam para lá, mas não iam para lá, devia haver um objetivo que lhe fosse proposto.

Investg - Sim.

F15 - Porque eles irem para lá ...

Investg - O objetivo ...

F11 - Conhecerem a cultura.

Investg - Integrarem-se e conhecerem a cultura.

F11 - Eu acho que ...

F15 - Sim, mas eu acho que só isso não ia ...

F7 - Adquirir conhecimento maior.

F11 - Eu acho que eles iam achar interessante porque pelo facto de estarem em grupo, com os amigos, eles todos tinham de conseguir sobreviver com pouco.

Investg - E acham que eles iam mudar de perspetiva?

F5 - Sim.

F21 - Sim.

F11 - Sim.

F5 - Iam conhecer muito mais e mudavam totalmente de perspectiva.

F11 - porque iam sentir na pele aquilo que os idosos passaram.

Investg - Tipo, desenvolver um projeto numa comunidade e eles tinham de estar lá durante aquele tempo e tinham que alcançar aqueles objetivos que fossem à partida predefinidos.

F21 - E depois cada um contava o que aprendeu nesse tempo.

Investg - E depois, se calhar, na escola, no fim disso corrido e passar e contar a mensagem aos mais ...

F11 - E na escola falarem com os amigos e não sei quê e eles podiam achar interessante e talvez até gostassem de experimentar.

F7 - A experiência.

F11 - Sim.

Investg - E acham que por aí vamos lá?

Alunos - Sim.

Investg - Ok.

### **Pistas para a ocorrência de Desenvolvimento Local**

Investg - Ia-vos perguntar se vocês consideram que os saberes dos idosos contribuem para o desenvolvimento local daquelas comunidades?

F11 - Eu acho que sim.

F7 - Sim, porque com muitos conhecimentos que eles têm, há muita gente que se calhar não sabe e gostava de saber.

F5 - E têm mais consciência das coisas.

F7 - Até porque os conhecimentos culinários e coisas do comer podia chamar muito mais turismo.

Investg - Mais?

F15 - Em termos de Património acho que ia ser uma coisa mais chamativa para os turistas e tudo.

Investg - Ia ser mais chamativo para os turistas como?

F15 - Então, se numa aldeia o Património estiver bem preservado e pessoas que estejam disponíveis para, para contarem os seus saberes.

Investg - Os idosos, neste caso contarem os seus saberes aos turistas?

F15 - Sim, acho que isso ia ser ...

Investg - Achas que isso é uma forma de Desenvolvimento Local de uma comunidade?

F15 - Sim, ia haver muito mais.

F21 - Eu acho que não. Eu acho que falar não servia. Eu acho que os turistas, por exemplo, na altura das vindimas, eles deviam trabalhar as vindimas. Acho que era muito diferente, as pessoas, não é por falar que vais ...

F15 - Sim, mas os patrimónios imateriais, tu não podes trabalhar.

Investg - Sim, à coisas que tu não podes trabalhar, mas a vindima é um evento festivo, não é, que acontece uma vez por ano.

F5 - sim, lá está...

Investg - Desculpa, relativamente aos turistas, tu achas que uma forma de desenvolvimento local daquela região, daquela cultura que é em setembro/outubro, uma forma de desenvolver aquela comunidade, naquele período, seria aproveitar o facto de haver vindimas e ...

F21 - Trabalhar.

Investg - Trabalha, chamar os turistas e vais fazer esse tipo de turismo para essas localidades para desenvolver naquele período, aquela comunidade.

F21 - Participar em ranchos, fazerem os ...

F7 - Trabalhos manuais.



F21 - Sim, isso era bom.

Investg - Trabalhos manuais, sim.

F21 - E porque também depois quando eles fossem-se embora eles de certezinha que iam levar algumas coisas para os amigos e era importante.

F6 - Ia chamar mais as pessoas.

F7 - E se montássemos também uma exposição e se tivesse lá uma pessoa que soubesse Daquilo, um idoso que explicasse o porquê daquele material, o porquê daquele objecto, para que é que servia.

F15 - E mais uma vez as feiras medievais também são importantes, porque divulgam muito.

Investg - Mais?

F7 - Ou então, montar um pequeno para se fazer ...

Investg - Então, os saberes dos idosos promovem o desenvolvimento local das comunidades. Como é que desenvolvem? Por aquilo que vocês acabaram de dizer, pelo turismo, pelos atos festivos que há nas comunidade, mas para isso é preciso desenvolver actividades, certo? Quem é que para além dos turistas, pode ajudar também as desenvolver as comunidades?

F6 - Nós, jovens.

Investg - Nós jovens. Então, o que é que nós jovens podemos fazer para que haja mais desenvolvimento local de uma comunidade.

F7 - Incentivar as pessoas da comunidade ...

Investg - Incentivar as pessoas da comunidade a participar nas atividades de quem?

F11 - da aldeia.

Investg - Da rotina diária daquela aldeia.

F11 - Sim.

Investg - Quem? Os Jovens?

Alunos - Sim.

F2 - Toda a população.

Investg - Toda a população?

Alunos - Sim.

F7 - Toda a população, porque é importante que os idosos também estivessem presentes.

Investg - Mais?

Jéssica – Eu achava interessante.

Investg - O que é que os jovens podem fazer para desenvolver as comunidades?

F5 - Eu achava interessante, por exemplo, nós jovens criarmos um local em algumas terras, em que esse local estivesse como é que eu hei-de explicar, estivessem presentes ou um idoso que pudesse transmitir aos jovens, por exemplo, o património imaterial, sei lá, mesmo material, essas coisas de antigamente para mostrar fotografias de rancho para fazer alguma coisa.

Investg - Então, em cada localidade criar-se um espaço ...

F5 - Cria-se um local que tivesse só

Investg - Um espaço só para ...

F5 - Só para Património, sim.

Investg - Que tivesse exposto Património Cultural Imaterial e onde estivessem idosos e contar e explicar o porquê de aquilo existir.

F5 - Sim, sim.

Investg - Ou porque é que foi construído.

F5 - Os idosos é que, é que ...

Investg - Ok. Certo.

F5 - Eu acho é que os idosos deviam estar dentro desses espaços.

Investg - Os idosos dessas localidades devem também trabalhar, certo?

Alunos - Sim.

F5 - Devem estar por dentro do assunto, porque eles ...

Investg - E os jovens?

F5 - Os jovens também.

Investg - Então, vamos ...

F5 - Para que os jovens se sintam incentivados pelos idosos e os jovens incentivarem outros jovens para que ...

Investg - Sim.

F21 - Ajudarem-se uns aos outros, nós ajudarmos a eles e eles ajudarem-nos a nós.

Investg - E mais coisas que se podem fazer nas localidades para ... para ajudar a desenvolvê-las e a garantir mais qualidade de vida e o seu desenvolvimento?

F5 - Eu pegando na ideia da (F21), achei interessante nessa coisa da vindima. Era ter um ambiente do tipo incentivar o maior número de pessoas da aldeia e ir por exemplo, para a vindima e acho que iam achar muito interessante porque para além de serem bastantes pessoas, não ia criar aquele...

Investg - E o que é que se pode fazer mais, porque aí estás só a juntar as pessoas, certo? Para desenvolveres qualquer coisa, por intermédio das vindimas, o que... que se podia fazer?

F7 - Aprender as cantigas antigas que eles cantam lá nas vinhas.

F21 - Ao mesmo tempo que vão cortando os cachos.

Investg - Mais? Tirando as vindimas. Temos 12 meses. O que se pode fazer nas localidades para promover ...

F5 - Por exemplo, na minha localidade conheço um senhor que faz vassouras. Acho que seria interessante, por exemplo, organizar uma visita com os jovens que os levasse a ver o senhor e também eles ajudarem, acho interessante eles também terem a consciência do que existe.

Investg - Os saberes dos idosos contribuem ... desculpa, diz.

F11 - Ou então, por exemplo, uma vez por mês, haver um workshop de alguma tradição que ... antiga. Na terra dela são as vassouras, então vamos aprender como fazer as vassouras.

F15 - Eu tenho uma tradição na minha família que vai ser de certezinha absoluta perdida. O meu avô é ferreiro, pica foices, em vez de as pessoas deitarem as foices fora porque já não corta, ele pica as foices e elas ficam a cortar muito melhor. O meu pai não aprendeu, o meu irmão não aprendeu, já ninguém sabe. Quando o meu avô morrer já ninguém vai saber. Só ficam os materiais.

F21 - Tens que ser tu a aprender isso.

F15 - (Ri-se).

Investg - Estamos então a falar que os saberes dos idosos contribuem para o desenvolvimento local e aquilo que nós devemos fazer é aproveitar então o que ... melhor que as aldeias têm, os produtos tradicionais chamar os jovens para lá para desenvolverem aquelas actividades com eles. Relativamente ao PCI, acham que ele também é promotor do DL daquelas comunidades?

Alunos - Sim.

F5 - Sim, é muito importante.

Investg - Como é que podemos desenvolver? Como é que podemos potenciar aquela comunidade que tem esse património?

F5 - Talvez se nós fizéssemos algum trabalho e através desse trabalho, como o trabalho que nós fizemos, através desse trabalho, mostrar às pessoas e elas se calhar ficavam mais sensibilizadas. Se calhar chamava atenção das pessoas e elas iriam dar importância.

Investg - Mais?

F2 - Levar as próprias pessoas a conhecer.

Investg - As próprias pessoas a conhecer.

F2 - Outras freguesias e ir ao local.

Investg - Mais? Mais nada? E acham que é importante que o PCI seja assegurado e transmitido às gerações mais novas?

Alunos - Sim.

Investg - Porquê?

F6 - Para não se perder.

Investg - Não se perder. Mais?

F6 - Para ser divulgado um dia mais tarde aos filhos.

Investg - Mais?

F21 - Para eles darem valor.

Investg - E toda a gente concorda com isto?

Alunos - Sim.

Investg - Quem é que pode recriar? Quem é que pode transmitir isto às gerações mais novas?

Alunos - Nós.

F11 - Mais uma vez os jovens ...

F5 - E os idosos.

Investg - Os jovens e os idosos. Como? Como é que agora vocês e os idosos, uma vez que eles são promotores das comunidades, vocês dizem que vocês jovens ajudam a desenvolver essas comunidades, como é que vamos transmitir agora isto aos mais pequenos?

F6 - Aprendendo com os mais velhos para um dia mais tarde ... ensinarmos aos mais novos o que os mais velhos nos ensinaram.

Investg - Como é que vamos aprender com os mais velhos? Onde? Como? Quando?

F15 - Fazendo mais trabalho como estes.

Investg - Fazendo mais trabalhos como destes. Mas se vocês na escola dizem que há este problema, que não se faz este tipo de trabalho.

F5 - Então, deviam alertar também a escola para as escolas trabalharem estes assuntos.

F11 - Eu acho que a família também tem um papel importante.

Investg - A Família? Onde é que está aqui a família?

F11 - Porque ... por exemplo, eu antes de fazer este trabalho, havia almoços e jantares de família e a minha avó, bisavó ...

Investg - A tua avó e quê?

F11 - O meu bisavô. Às vezes também contavam coisas que eles faziam antes e que acontecia e lá está a história de que antes só havia uma sardinha para não sei quantos irmãos. Contavam assim, às vezes e a família também tem um papel importante na divulgação.

F5 - Eu acho que nós devíamos fazer uma coisa interessante para sensibilizar à nossa escola. Temos a nossa turma e íamos a uma determinada terra e tentar saber o maior número de património e depois do que nós retirássemos, expor à escola ou tentar arranjar umas músicas e canções, cestas que eles fazem.

Investg - Ou seja, apresentar tudo aquilo.

F5 - apresentar tudo aquilo que ... e de uma forma interessante ou se nós aprendemos a fazer as mantas que eles nos ensinaram, para nós mostrarmos à escola, à nossa escola, os saberes.

F15 - Eu acho engraçado o que eles fizeram na sexta-feira porque eles divulgam a cultura deles, eles mostraram a gastronomia.

Investg - E o que acontece aos estarmos a promover e a divulgar o que de melhor eles têm?

F15 - Não se vai perder.

Investg - Então, o que estamos a fazer? A promover ...

F15 - O Desenvolvimento Local.

Investg - O Desenvolvimento Local daquelas comunidades. Então, qual o vosso papel aqui? No meio disto tudo, para finalizar?

F11 - É promover o Desenvolvimento Local.

F15 - E transmitir às gerações futuras.

Investg - Promover o Desenvolvimento Local.

F11 - De geração em geração.

F5 - Não deixar que isto termine.

Investg - Têm de ser vocês com os idosos e um papel também importante desempenha aqui a família. O que é que a família pode fazer? Não está a fazer? Afinal onde é que estão os maiores culpados no meio disto tudo?

F21 - São as gerações anteriores, os pais.

F15 - Que não nos divulgaram os conhecimentos.

F5 - Nós até podíamos criar ... eu falo na nossa escola porque nós temos que fazer pela nossa escola ... noutra escola é difícil ... criar, por exemplo, um dia só para o PCI e até convidar os pais para ... os pais e família.

Investg - Para os sensibilizar a eles?

Alunos - Sim.

F5 - E irmãos.

F11 - Para contar coisas antigas que os vamos fazer recordar.

F12 - Agora, até vai haver a feira antiga aqui na escola. Eu acho que todos os alunos deviam vir e ver.

F5 - Com os pais.

F12 - Devia ser uma tarefa obrigatória. Há alunos de várias turmas que não vêm.

Investg - Ok. Para finalizar, concluir então que os saberes dos idosos contribuem para o DL. O PCI contribui para o DL, as pessoas que podem ajudar a desenvolver as

comunidades são os idosos juntamente com os jovens. E o que é que podemos fazer para isso? Criar espaços como disse a (F5) o para mostrar o PCI para mostrar ...

F5 - para não fazer esquecer a ... até a própria terra. Daqui a uns anos pode-se esquecer, assim, aquele local, sitio para lembrar.

Investg - Aquela cultura daquele tempo nunca mais se ia esquecer. Depois a escola, mais uma vez a escola tem que trabalhar. O que é que a escola tem de fazer?

F5 - Promover viagens de estudo ... visitas de estudo.

Investg - Criar ações, atividades que incentivem os jovens ...

F21 - E acho que se os idosos também viessem à escola, também acho que era importante.

Investg - Os idosos devem vir à escola?

F21 - Sim, tipo falarem deles.

F15 - Sim.

F11 - Contar ...

F21 - Contar a vida deles assim de uma forma ...

Investg - Sim, temos de chamar os idosos cá.

Alunos - Sim.